
Natalia Jaster
Tempt
Selfish Myths Book three

Sinopse

Não perca esta versão sexy de Hades e Perséfone!

Faça um trato com o diabo.

Uma vez amei um herói - até que ele se tornou um vilão.

Meu nome é Wonder. Eu sou uma deusa estudiosa e empunhando um arco que passa meus dias imortais tentando esquecer que o demônio existiu.

Eu acreditava que minha história estava enterrada e esquecida. Achei que nunca mais o veria.

Eu estava errado.

Agora, à beira de uma batalha imortal entre divindades rebeldes e governantes celestiais, tenho que encontrar uma maneira de derrotar meus inimigos. A chave está dentro de uma biblioteca subterrânea mágica cheia de corredores tortuosos, livros proibidos e lendas secretas.

No entanto, invadir uma floresta mortal e invadir uma biblioteca antiga não é o problema.

O problema é que terei companhia: o deus diabólico do meu passado.

Seu nome é Malice. E ele tem sua própria agenda comigo.



Havoc Keepers

Tradução: Athenna Keepers

Revisão Inicial: Tori Keepers

Revisão Final: Ailee Keepers

Leitura e Conferência: Ayla Keepers

Formatação: Annah Keepers

Prólogo

Agora ela sabe o que é a perda.

Seus pés descalços afundam na terra, a grama alta faz cócegas em seus tornozelos e pétalas roçam suas panturrilhas. E quando uma brisa agita seu vestido - tingido de verde como o caule de um lírio - a pequena pirueta de ar ondula o tecido, a bainha balançando em um gesto de despedida.

Algo semelhante a adeus.

De todas as palavras proibidas que ela já escreveu, ela nunca escreveu essa. Ela nunca teve um motivo para fazer isso. Não até hoje.

Tremoceiros brotam da paisagem, uma paisagem que não é de sua infância nem da idade adulta. É um reino preso em algum lugar no meio, um pasto de frutas em botão em vez de flores, de raios lunares em vez de raios de sol. Portanto, não é lugar dela.

Não, este é o lugar dele. Ou este costumava ser o lugar dele, quando ela mal o conhecia.

De volta quando ela mal se conhecia.

Ele uma vez rosnou uma pergunta para ela, exigindo uma verdade que ela não tinha sido capaz de compreender.

Quem é você?

Demorou muito, mas ela sabe a resposta.

No entanto, é tarde demais. Ele está muito longe dela, muito longe.

O que ela não daria para ter aquele demônio de volta, para dizer a ele que deseja a luz e a escuridão. Ela anseia pelo rosto do anjo e pelo coração do diabo. Ela deseja dizer a ele que o passado não importa tanto quanto o presente.

Ela quer chamá-lo pelo nome e ser sincera.

Masela não pode. Ela não pode nem mesmo escrever essas coisas no papel para ele, porque ele nunca vai ler essas palavras, nunca nenhuma palavra dela. Nunca mais.

Por que ele se foi.

Ele se foi por causa dela.

E desta vez, ele não vai voltar.



1

O demônio está chorando de novo. O som brilha através do chão da biblioteca, alcançando-a do submundo de seu covil. É um fogo de pincel furioso rapidamente através da sala e tem a textura de uma bolha, o que não deveria ser possível, o calor sendo uma coisa intangível para as divindades.

Mas nada a seu respeito faz sentido.

Wonder endurece, seu dedo preso no título de um livro, a almofada de seu dedo pressionado com força contra as letras em relevo. Ele sempre consegue mexer com as partes atentas dela. Talvez seja por isso que ela não possa ficar longe. Ela não deveria estar aqui a essa hora, escondida entre as prateleiras da não-ficção, o repositório uma tumba da meia-noite.

A luz das estrelas entra pelas janelas altas, iluminando mesas de trabalho, e lendo cadeiras e fios de hera em um brilho metálico e secreto. Dá aos

objetos inanimados uma qualidade trêmula, como se seus gritos os atormentassem também.

A cacofonia constrói um uivo gutural, desgastado nas bordas. Por alguma força da natureza, pica as cicatrizes em seus pulsos.

Suas mãos caem para os lados. Ela nunca mentiu para si mesma antes, e não deveria fazê-lo agora. Ela sabe por que está aqui. Esgueirar-se para a biblioteca a essa hora tem menos a ver com pesquisa, e mais a ver com esses gritos e o sentimento murcho em seu coração.

Sob os apelos ferozes, há tristeza, confusão e delírio.

Por trás de tudo isso, há loucura.

Ela odeia quando ele faz isso. Ela odeia *por que* ele faz isso.

Wonder apalpa as cicatrizes correndo por sua pele. Então ela respira fundo, inalando o buquê de

flores silvestres preso ao redor do pulso - um pacote de eucalipto, jasmim branco e uma única peônia roxa.

Ela sai das estantes contendo livros sobre idiomas, a barra do vestido verde da floresta balançando ao redor dos pés descalços, um som delicado comparado ao tumultuoso que vem de baixo. O arco longo e a aljava das flechas de quartzo batem nas costas dela, quando ela desocupa a seção de quatrocentos anos, atravessa uma divisória na parte traseira do edifício e desce para um buraco.

O cofre é elegante, um lugar onde livros raros devem ser armazenados, mas não são, porque talvez essa sala tenha perdido seu objetivo há muito tempo. Talvez os mortais que administram este repositório tenham encontrado uma área diferente para colocá-los. Como resultado, os humanos raramente passam tempo aqui embaixo.

Mesmo que eles vissem, eles não veriam o que ela vê, uma vez que as divindades e seus bens são

invisíveis para os seres humanos. Assim, eles não teriam a capacidade de visualizar a fogueira que produz um funil de fumaça dos troncos fumegantes. Os mortais também não veriam o telescópio rústico no canto, um modelo de outro século. Nem veriam a cadeira de balanço com o alforje pendurado no ombro, nem a caixa de envelopes manchados de sépia no chão, ao lado dos balancins da cadeira.

Este costumava ser o domínio dele. Agora é sua prisão.

E ele é seu cativo.

Seus uivos se multiplicam e irradiam pela espinha de Wonder. No cofre cavernoso, ela para no último degrau e engole a vista diante dela. A luz lunar pisca pela janela e vaza pelo chão. Na escuridão, um ninho de cabelos dourados se rompe, dourado nas raízes e enrolado com tensão nas extremidades.

Escondido embaixo desses cachos está o rosto dele. Seu semblante de maçãs do rosto tensas e mandíbula quadrada. Ele se senta na cadeira de balanço, com os olhos fechados, os vincos se enterrando em sua carne. Desses lábios retorcidos vem a prova de um pesadelo: rugidos raivosos, como se ele estivesse mais irritado do que traumatizado, como se ele quisesse descobrir o pesadelo, desvendar seus segredos em vez de se recuperar dele.

As juntas da cadeira rangem, suportando o peso de seus movimentos. Seus dedos apertam, aquelas unhas compridas lembrando garras. As dobras de sua blusa de couro mudam, seguindo seus movimentos enquanto ele se debate.

Isso geralmente acontece à meia-noite. Ele grita através de seus pesadelos, e ela capta os sons.

Duas grades brilham dentro da sala. Conjuradas por seus colegas de classe, que pediram ajuda às

estrelas, as grades barricam esse cofre das escadas e da janela do porão, impedindo assim a fuga.

Como uma gaiola. Como uma masmorra.

Como um refúgio.

Wonder se prepara, despejando aquela ideia amaldiçoada de sua mente. Pelo menos as barras oferecem um conforto, excluindo a necessidade de algemas. Esse deus pode ser vilão, mas ela e seus colegas se recusam a tratar qualquer alma como um animal.

Eles até se ofereceram para fornecer uma cama para o prisioneiro, mas ele cuspiu na tentativa deles. Ele prefere a cadeira de balanço, apesar de como ele suporta a falta de conforto, Wonder não pode compreender.

Ela engole, levanta o queixo e corre o risco através da grade empoeirada. Em um movimento rápido, ela se ajoelha diante dele e agarra seus braços, alerta para

os músculos flexionando sob seu aperto. Ela segura a blusa de couro e sacode.

"Malice." Diz ela, recuando enquanto ele se contorce inconscientemente.

"Malice." Ela tenta novamente, afastando suas garras.

"Malice!" Ela exige, apenas para receber um empurrão como sua recompensa.

A força disso a manda para o chão, suas costas saltando no chão, suas armas empurrando. Não é uma surpresa; onde ele é magro, ela é carnuda. No entanto, Malice é atlético sob essas roupas, mais alto e ainda mais robusto que Wonder. Portanto, se for necessário que ela o tire, ele pode tomar uma medida de agressão.

Esse fato é suficiente para tirar a culpa dela. Ele não é quem ela pensa que é, quem ela quer - e não quer - que ele seja. Ele não é bom, nem gentil.

Além disso, ele é um maníaco que a mataria se tivesse a chance. A única razão pela qual ele ainda não fez, é porque está desarmado; seus colegas pegaram seu arco e flecha.

Ele se agita como se restrições invisíveis o prendessem. Suas unhas cortam o braço do assento, essas garras descascam uma fina camada de madeira da superfície. Mais isso, e ele vai se machucar.

Maravilha se ergue. Agarrando os cotovelos, ela o levanta da cadeira de balanço e dá um tapa na cara dele. O estalo da palma da mão estilhaça através do cofre. A cabeça dele bate de lado, o contato o imobilizando, de modo que ela joga o peso dele de volta no assento.

Malice cai. Lá, ele está bem agora, poupou o resto do pesadelo. Ela deveria deixá-lo assim, deixá-lo seguir para um sonho mais fácil, qualquer que seja esse sonho.

Sim, ela deveria sair. Ela deveria sair agora.

Ela espera até que os traços dele relaxem. Perdido no sono, ele se parece... Ele parece ... Parece exatamente como...

A garganta de Wonder está entupida. Agachada no chão, ela pega um envelope da caixa, o papel amarelado pela idade - um dos muitos artefatos que a lembram de outra pessoa.

Alguém que não é ele.

Qualquer semelhança é apenas uma coincidência. Este prisioneiro não é ninguém para ela, nada além de um estranho.

O envelope enruga ao alcance de Wonder. Alisando os vincos, ela enfia o item na mão dele. Dormente, ele se apega ao papel, suas garras se curvando ao redor dele e sua respiração saindo.

Se seus colegas soubessem dessas escapadas e como ela se atrevia a atravessar o véu das barras, tentariam detê-la. Eles tentariam porque se importam e porque são cuidadosos.

Malice não é amigo dela.

No início de seu cativeiro, ela e seus colegas haviam verificado esse cofre em busca de dispositivos perigosos ou desonestos. Confiscar seu arco e flecha tinha sido indiscutível. Mas eles mostraram misericórdia e permitiram que ele mantivesse itens que não apresentavam ameaça, incluindo a caixa de envelopes que continham cartas.

Para estar do lado seguro, suas amigas precisavam ter certeza da inofensividade do conteúdo. Wonder checou as missivas, apenas para descobrir páginas em branco, Malice conseguiu escondê-las de vista. Somente uma tinta específica pode conseguir isso, garantindo a ilegibilidade do papel, a menos que seja lida exclusivamente nos Picos.

Ela balança a cabeça. De qualquer forma, no domínio humano, o conteúdo dos envelopes ficou inacessível. Malice os preza por razões que seus

colegas de classe desconhecem, por razões que invadem sua consciência regularmente.

As missivas contêm palavras mortais? Ou imortais? Eles fornecem iluminação? Conhecimento oculto do qual sua classe se beneficiaria? Ou conhecimento sobre o próprio Malice?

Por que os envelopes são tão importantes para ele? O que mais importa tanto para ele?

Ela observa seu prisioneiro demoníaco embalar o envelope como um bicho de pelúcia, e o vê dormir, e fica assim até que as estrelas se inclinem. Espontaneamente, sua mão traiçoeira se estende, cedendo à tentação. Um cacho dourado se enlaça ao redor de seu dedo, mais suave do que ela imaginara, tão suave para um ser tão severo.

Malice desprezaria Wonder se ele a pegasse fazendo isso. Ele zombava e vomitava insultos elegantes, mas alucinantes. Ele se entregaria ao seu

passatempo favorito, apertando os botões dela, testando quantos ele conseguiria localizar.

Dando aquela volta atrás da orelha, ela solta, porque ela tem que *soltar*. Resignada, decidida, arrependida, ela se levanta. Andando pelo cofre, ela resiste à vontade de olhar por cima do ombro. Ele é o inimigo, uma divindade diabólica. Ser sem armas não o tornou um cativo obediente - ser inteligente o fez.

Malice não precisa de um arco para se libertar. É do seu cérebro astuto e a língua serpentina que ela deve tomar cuidado.

E é apenas uma questão de tempo antes que ele tente algo amotinado.

***

Na manhã seguinte, Wonder desce ao cofre para encontrar o demônio balançando para frente e para trás, as juntas de sua cadeira de balanço rangendo em conjunto.

Na verdade, parece mais uma gargalhada.

Ele é lúcido e está lendo um livro. Uma das pernas se equilibra sobre o joelho oposto, o tomo apoiado no colo, o texto aberto e oferecendo-se aos seus olhos vorazes.

As cinzas enchem a fogueira, a fumaça de ontem extinta. O amanhecer desliza pela janela do porão, expondo as partículas de poeira enquanto a fragrância das romãs se apega às paredes.

Wonder leva um momento para refletir. Tanta coisa aconteceu, em tão breve período.

Este mundo mortal foi governado por eras pelo destino. Abençoados e capacitados pelas estrelas, deuses e deusas egoístas como Wonder dirigem destinos mortais desde o início - sem o conhecimento da humanidade.

Quando atingem a maioridade, as divindades tornam-se arqueiros que exercem emoções humanas através de ataques de flechas.

Esses arqueiros são orientados pelos Guias.

E o Tribunal do Destino reina sobre todos.

De volta aos Picos, o reino de seu povo, Wonder cresceu em uma classe de elite de arqueiros. Ela e seus colegas - Love, Anger, Envy e Sorrow - haviam sido o grupo mais promissor da história até se aproximarem demais da humanidade, desenvolvendo uma predileção proibida por seus habitantes. Através de uma cadeia de conflitos imprevistos, cada um deles começou a questionar o direito de uma divindade de controlar alguém que não fosse eles mesmos. E através de uma cadeia de atos rebeldes, eles se tornaram o inimigo do Tribunal do Destino.

Então aqui estão eles, na Cidade Celestial. É uma paisagem mortal, mas também um refúgio para exilados imortais. Ostracizada dos Picos, Wonder e seus colegas oscilam à beira de uma guerra com seu próprio povo, tudo em nome da humanidade e em nome da igualdade.

Uma batalha do destino contra o livre-arbítrio começou a ferver.

No meio disso, Wonder e seus companheiros renegados devem enfrentar um segundo inimigo: o deus solitário nesta mesma sala onde ela está.

O prisioneiro deles havia sido expulso dos Picos muito antes de Wonder ou seus amigos. Tendo se estabelecido nessa metrópole, ele optou por assombrar essa biblioteca. E desde então, ele passou sua existência causando estragos em outros párias.

Então ele merece esse confinamento. Esse não é o dilema.

O dilema é que ele lembra Wonder do passado dela. Ele a lembra de alguém que ela conheceu e nunca esqueceu. Alguém com quem ela se importou.

Alguém gentil, diferente dele.

Esse dilema a perturbou desde que viu o deus pela primeira vez, um ano atrás, logo após ter chegado a esse lugar.

Pensando melhor, Wonder rompe com esses pensamentos e volta ao presente.

Ao deslizar o pé pelo chão, a cadeira de balanço faz uma pausa e o barulho de estalos para. Uma cabeça dourada sobe da página. Olhos cinza olham em sua direção, foices cinzentas que brilham com o reconhecimento, depois brilham com zombaria.

O impacto inflama sua pele. Mas como ele pode conseguir isso? É imaginação dela? Ou é realmente assim que o calor se sente?

A voz de Malice diminui no espaço entre eles. "Bem, bem, bem. É o meu dia de sorte. Não apenas o sol está ocupado do lado de fora - você sabe, ocupado sendo o sol, fazendo coisas ensolaradas - mas tenho companhia. Manhã agradável para você, Flor Selvagem.

Ele a tem chamado assim, elogiando as flores que ela veste como acessórios. Ela gosta de usar símbolos naturais de sua terra natal celestial, mesmo que não

seja mais bem-vinda nos Picos. Além disso, ela ama o perfume e a flexibilidade das pétalas, produzidas da terra e do solo. São produtos de superfície e subterrâneos.

Huff. O que ela não aprecia é o apelido.

Dando-lhe um olhar de "boa tentativa", ela se aproxima. Seu vestido golpeia as pernas e chama sua atenção. Para sua irritação, o fato dele estar olhando a metade inferior do corpo de Wonder envia fissuras enegrecidas pelo cóccix.

Quão deplorável que ele provoque tal reação. Ela estava preparada para usar seu distanciamento como armadura, quando na verdade ela deveria simplesmente usar calças. Elas são convenientes para desencorajar - e para chutar.

Suas mãos equilibram uma bandeja carregada de refresco: uma tigela de frutas e uma limonada (de Merry) ou chá (de Love). A terceira opção de arsênico

(de Anger), Wonder havia descartado secretamente antes de ir para o cofre da biblioteca.

Sim, os dois deuses da raiva compartilham uma história recente e amarga. No entanto, o conflito entre Malice e Anger está ficando velho, e isso está dando nos nervos de todos. Com o temperamento deles, não se deve brincar com isso, mas destino! Eles devem agir de maneira infantil?

Os pratos tilintam quando Wonder coloca a bandeja na borda da fogueira ao lado da cadeira de balanço, ao alcance de Malice. Ele considera as provisões com um sorriso malicioso. "Você pode querer dar um passo atrás, a menos que queira que seu vestido fique manchado."

"Cuspa sua refeição em mim novamente, e eu vou enfiar o resto no seu esôfago até você asfixiar." Ela avisa.

Ao que ele estala, fechando o livro com uma única mão. “Sua educação deveria ter lhe ensinado os

méritos de estar na ofensiva. Caso contrário, você nunca ganhará um jogo de estratégia.”

"Eu não jogo."

Um sorriso torto em seu rosto. "Eu faço. Na verdade, eu os invento.” Ele indica as provisões. "Sente vontade de jantar comigo?"

"Sou mais inclinada para cerejas e pêssegos."

"Eu não me importaria de provar o que você gosta."

"Morra de fome, por tudo que eu me importo." Diz ela, flexionando as mãos com cicatrizes.

"Por tudo que você se importa." Ele responde, colocando os dedos embaixo do queixo.

Sua voz grossa assume uma nota curiosa e rouca. Com a cabeça casualmente caída para o lado, Malice possui uma beleza conivente que pertence a uma cena de crime.

No começo, sua torção sinistra da boca a atormentava da cabeça aos pés. Agora o impacto se

condensou em alguns pontos escolhidos, pontos inomináveis e imperdoáveis que se contraem e se irritam profundamente dentro dela, causando um tumulto de fricção.

Tudo o que falta são os chifres, enrolando-se como cornucópias acima de sua cabeça. Mas, nesse caso, ele se pareceria com um sátiro em vez de um demônio.

Malice rouba uma romã da fruteira. Equilibrando a esfera corada entre os dedos delgados, suas unhas traçam delicadamente. "Romãs", ele despreza. “Este é um nicho para uma escolha nutricional. O que faz você pensar que eu gosto disso?”

Porque o "lar, longe de casa, longe de casa" deste antagonista - como ele gosta de chamar - cheira a fruta.

"Você gosta?" Pergunta Wonder.

"Eu acho que você gostaria de descobrir." Malice entoa. “Eu acho que você gostaria de descobrir muitas

coisas, muitas coisas e muito. Eu acho que você espera que eu saboreie essas bugigangas gordas. Por que isso?" Sem esperar por uma resposta, ele continua: “Acho que você está procurando uma validação - ou prova em contrário. Contra sua própria natureza, acho que a Deusa das Maravilhas está procurando uma garantia, para que ela não precise se preocupar com hipóteses. Para que ela não precise...” Ele finge contemplar, girando a mão livre. "Qual é a palavra?" Então ele levanta um dedo. "Para que ela não precise se perguntar."

Seus caninos cavam a casca, mordendo a casca da romã. A cada mordida, ela imagina os grãos de vinho estourando na boca dele, o suco escorrendo pela língua. Seria azedo e doce no paladar.

Ele engole. “Diga-me: sim ou sim? Estou certo? Eu gosto de estar certo.”

Como seria maravilhoso enfiar essa romã no esôfago.

Wonder finge um sorriso. "E quantas vezes você realmente está certo?"

Ele para de mastigar. Sua boca cai, achatando-se em uma prancha.

Despreocupadamente, ele joga a romã na tigela como se estivesse entediado com a conversa, a fruta descartada fazendo a bandeja tremer. Reclinado na cadeira, ele muda de tática, brandindo a capa do livro para ela. Sua seleção atual é sobre o mito de Hades e Perséfone. “Romãs que lembram suas bochechas e gosto de travessuras enganosas. Simbólico, então aposto que você sabia o que eu estava lendo. Que atencioso. Mas hmm, como você adivinhou?”

Andrew precisa parar de dar a Malice os livros errados. Cativo ou não, o desajuste apela ao lado livreiro de Andrew, que Wonder não pode culpar, pois ela tem esse fetiche em comum com os dois. Mas algo diz a ela que Malice solicitou especificamente

esse título, o que pode significar apenas problemas, dos quais ela não consegue discernir sua seleção.

Quanto à sua suposição, não. Ela não sabia que ele estava lendo sobre esse mito em particular, porque ela não estava prestando atenção em seu livro enquanto se aventurava aqui na noite passada.

"Você já entrou na seção de romances da biblioteca?" Malice pergunta. “Este conto clássico tem mérito, mas existem algumas recontagens mortais divertidamente pretensiosas do mito. Cristo, é sempre sobre a donzela autoconsciente e mais sábia do que a idade que domestica seu abdutor idiota, mas musculoso. O menino mau, contra a menina boa.” Ele arregala os olhos. “Quem vencerá a batalha? Eles vão foder antes ou depois do clímax?”

Apenas uma palavra se destaca em sua diatribe, e é a última em que ela quer se concentrar. Mas quando ele diz aquela palavra obscena, sacudindo-a

como um vício, ela tem vontade de pegá-la. Portanto, leva um segundo para suas coxas se recuperarem.

Wonder perguntaria para onde ele está indo com essa recitação, mas nunca se pode adivinhar em qual direção seu crânio está apontando. Pode ser aleatório ou muito intencional.

"Você leu esse mito?" Ele pergunta.

"Não vamos fazer isso de novo, querido." Afirma ela.

“Isso significa não. Devo dizer que isso é irresponsável para uma divindade, mesmo que a versão humana da mitologia grega seja imprecisa. Eu teria pensado-"

"Eu li, Demônio."

“Qual interpretação, Flor Selvagem? Alguma modernização ou híbrido arriscado? Ou você é uma tradicionalista que se apega ao que sabe?”

Há uma obsessão atormentadora nos comentários dele, insistindo para que ela se entregue a ele. E não vai funcionar.

Anger e Love se irritam com muita facilidade. Envy não se importa em enfrentar alguém tão bonito quanto ele. Sorrow fica deprimida por esta caverna. Merry e Andrew conversam demais para realizar visitas rápidas.

Wonder é a única candidata equipada para interpretar a guardiã de Malice, o que não significa muito. Um pico de rivalidade erudita se enrosca em sua garganta como uma erva daninha, mas ela se recusa a ser arrastada para outro livro. Não é divertido nem estimulante, no mínimo. De modo nenhum.

De. Modo. Nenhum.

Eles se encaram. Wonder faz o possível para permanecer taciturna, cimentando suas feições em uma máscara. Para todos os efeitos, ele faz o mesmo

com ela, o que é melhor do que ele ter outro ataque colossal quando as coisas não saem do seu jeito.

Pelo menos ele está alegremente inconsciente da noite passada, ignorando seus grunhidos espasmódicos e sua visita. Essa é uma coisa a menos para se preocupar.

Então aí. Ele não sabe tudo. Deixe-o passar a eternidade tentando.

Nesse ponto, ela tem seus próprios botões para apertar. "Seus envelopes." Exige Wonder. “As cartas lá dentro. O que está escrito nelas?”

Seu olhar malicioso desaparece, um grunhido se forma na boca, o que provavelmente é a única coisa que resta dentro dele. Do nada, ele levanta o envelope que ela colocou em sua mão na noite passada, o papel posicionado entre suas garras. "Você quer dizer, cartas como esta?"

Xeque-mate. Seu estômago se agita, um tremor corre por sua pele e suas bochechas ficam manchadas.

Ele sabe que ela estava aqui embaixo, mexendo com coisas que não lhe pertencem.

Ele estava acordado? Ele a sentiu tomar liberdades? Ele a suportou acariciando seus cabelos?

O que mais ele sabe? Ele sabe o quanto se parece com outra pessoa? Alguém importante para ela? Alguém que ela perdeu?

Ele sabe o que é perda?

"Eu..." Ela vacila.

"Você." Ele ecoa entre os dentes. “Sim, você. Eu tenho tantas ideias sobre você. Como eu posso pagar você de volta. Como posso pular desta cadeira agora e demonstrar o que penso de você tocando no que não é seu. Como você nem vê que uma de suas flechas está virada para mim, pronta para roubar, e como estou pensando no melhor lugar para usá-la em você.”

Wonder resiste a procurar a flecha, para empurrá-la para fora do alcance. Se ele realmente se levantar e tentar algo hostil, ela bloqueará seu esforço.

Mas isso seria muito simples para qualquer um deles. Por que quando Malice se enfurece com as palavras, ela tem uma vantagem mais acentuada do que a retribuição física.

Sua voz tira pequenas mordidas dela. “Por outro lado, prefiro prolongar o inevitável e, em seguida, levar algo que é importante para você. Algo precioso. Então eu posso ver como você parece tentada, com seus brilhantes" - ele bate a tigela de romã da bandeja - "encantados" - então a limonada- "olhos” -então o chá- "cheios de dúvidas em vez de devaneios."

Cerâmica e vidro batem no chão e bebidas derramam através das tábuas. Malice dá a Wonder um olhar terrível, que promete que ele cumprirá, e que ele vai fazê-la pagar, também.

Ele já foi o alvo dela. Agora ela é o dele.

E agora ela sabe como é isso.

Era uma vez um mito, ela amava um menino. Aquele garoto tinha cachos loiros e um sorriso encantador, um sorriso benevolente, um sorriso mortal. Ele era diferente, e diferente atraíra Wonder.

Esse tinha sido seu primeiro erro.

O segundo erro foi se apaixonar.

Não tinha sido convencional, visto que ela nunca teve uma única interação física ou verbal com ele. Em vez disso, ela o apreciara de longe, ansiando até que a distância se tornasse intolerável.

E foi quando ela cometeu seu terceiro erro. E esse grave erro lhe valera cicatrizes, uma polpa de explosões estelares esculpidas em suas mãos.

Mas aquelas haviam curado. O garoto não. Não depois do que ela fez com ele, cedendo à tentação e causando-lhe dor no processo. Para uma deusa que certa vez dirigiu os destinos dos humanos, ela selou o

pior tipo de destino para um garoto que não sabia que ela existia, mas que sofrera por causa dela.

Era uma vez um mito que havia ultrapassado seus limites. Ela não pode fazer isso de novo.

Felizmente, ela não precisa. Por que Malice não é aquele garoto. Ele não pode ser aquele garoto mortal de outro século, de outra época, de outra vida.

Eles são idênticos. São imagens no espelho.

Tendo retornado ao salão principal da biblioteca, Wonder para em suas trilhas, porque esse pensamento sempre a força a parar em suas trilhas. Ela fica entre as pilhas, sob cortinas de hera, enquanto as mesmas perguntas incessantes orbitam em sua mente.

Como isso é possível? O destino pode produzir uma sequência, uma renderização tão precisa do passado? Por que o destino faria isso?

Tudo nele é o mesmo, mas nada nele é o mesmo. Por fora, ele é uma réplica. Por dentro, ele é o oposto.

Os traços de Malice são uma coincidência? Ou eles são uma ressurreição?

Como explicar sua residência em uma biblioteca? Como explicar os itens em seu cofre? O alforje, a cadeira de balanço e o telescópio de 1800?

Como explicar os envelopes manchados com a idade?

Como explicar todos esses detalhes e objetos associados ao passado, com aquele outro garoto?

Nada disso faz sentido, não importa quantos textos ela consultou, não importa quantas páginas ela vasculhe, não importa quantas vezes ela implore às estrelas por uma explicação. E embora essa biblioteca mortal seja bonita, também é inadequada para fornecer respostas.

Somente um lugar proibido, repleto de textos proibidos, produzirá essas informações. Somente lá, no coração dos Picos, é possível desembaraçar esses dilemas.

O problema é que ela foi banida. Assim, esse grande marco de conhecimento está fora dos limites, a menos que ela encontre um caminho de volta.

Wonder olha para o seu redor. Por todo o edifício, os clientes humanos andam ou se sentam em cubículos onde digitam em seus laptops. Alguém discretamente abre uma sacola plástica, a dobra deslizando no ar. Outra alma abre o zíper de uma bolsa de lápis. Outra alma vira uma página.

Ela quer dar algumas voltas conciliadoras pelo corredor. Ela quer passear e vê-los refletir e ruminar. Ela quer se distrair.

Ele sabe sobre a noite passada. Ele sentiu meus dedos em seus cabelos.

Cinco minutos atrás, ela o deixou no cofre. Ela se recusou a se desculpar, ao invés disso, levantou-se e marchou para longe como se a revelação dele tivesse sido inconsequente.

Livre do submundo, Wonder se refugia na luz do sol que flui através das janelas e cordas de plantas balançando no alto. Mesmo assim, ela projeta uma imagem dele dormindo, dele descansando em paz, a salvo de pesadelos porque ela esteve lá para detê-los.

Imaginando os dedos com garras curvadas em torno daquele envelope delicado, ela cai contra a estante mais próxima e se dá ao luxo de tremer.

Uma mão aparece em sua linha de visão. Ela pisca para o conjunto de dígitos masculinos que apresenta um livro robusto encadernado em couro, ouro gravando na superfície. É um tomo sobre a história da meditação.

O olhar de Wonder vagueia do título para um par de ombros largos, depois para um semblante

embutido com íris de estanho e coroado em uma espuma de cabelo branco desarrumado. O macho se apoia na prateleira e a olha com um sorriso torto. "Isso parece uma pilha de chato." Diz Andrew. "Mas tempos desesperados exigem medidas desesperadas."

Wonder ri. Andrew é bom nisso, fazendo seus colegas rirem apesar de si. Ele também é bom em encontrá-la, sua sede de narrativa igual à dela, exceto que ele se inclina para o ficcional. Quando ele era humano, ele trabalhava em uma livraria de cidade pequena, imaginando histórias sobre dragões e viagens no tempo.

Em contraste, Wonder frequenta o factual. Eles se harmonizam dessa maneira, e eles tiveram muitas discussões revigorantes sobre isso, já que ambos passam muito tempo aqui, desde que Andrew se tornou imortal.

Isso aconteceu cinco anos atrás, quando ele e sua colega, Love, se conheceram.

Love era uma deusa invisível, e Andrew era um humano inocente, e a amizade deles era precária, na melhor das hipóteses. Sim, os mortais não têm o poder de ver ou ouvir divindades - com uma exceção. Somente a alma mais pura pode violar essa regra. Daí, Andrew. Sua capacidade de enxergar além do mito o tornara universalmente perigoso para sua espécie, portanto essencial para derrotar, em prol da preservação do Destino.

Mas quando Andrew e Love se apaixonaram - um relacionamento proibido - esse vínculo os salvou da aniquilação. É uma história longa, mas, no final das contas, foram necessárias outras séries de eventos para que Andrew se tornasse imortal como Love.

Wonder aceita o livro de meditação. "Vou trocar você, querido." Diz ela, dando-lhe um olhar castigador enquanto estende o volume de Hades e Perséfone, porque, novamente, é duvidoso que Malice

tenha conquistado um título específico de Andrew sem uma agenda.

Isso fica claro quando um tom de azálea rosa corre pelo pescoço do jovem. “Ah, droga. Ele me deu um soco.”

"Isso ainda precisa ser visto."

“O idiota me deu um soco. Eu juro, o bico dele precisa de seu próprio sistema decimal Dewey distorcido. Conversar com ele é como desmaiar com Satanás; aparafusa com a sua mente até que se enrole como um pretzel.”

"Oh, sua hora estava chegando." Ela brinca. "Você era o único que sobrou."

É verdade. Andrew fora o único a quem Malice ainda não havia manipulado de alguma maneira ou forma. Até esse momento, talvez Andrew estivesse imune porque ele era mortal, o que de alguma forma o capacita, tornando-o um pouco resistente à língua do demônio.

De um ex-humano para outro?

É melhor não ir lá. Além disso, Andrew merece mais crédito. Ele é sarcástico e inquisitivo o suficiente para ter prejudicado Malice todo esse tempo. De fato, Andrew conquistou o coração de Love, o que por si só prova sua capacidade de assumir uma divindade.

Além disso, ele está se adaptando à imortalidade. Apesar da inexplicável retenção de seu mancar e do fato dele não ser um deus, ele foi dotado de reflexos tenazes. Ele se move tão rapidamente quanto qualquer outra classe rebelde, capaz de prever a direção de uma flecha e evitar seu ataque. Embora não esteja familiarizado com armas, é essencial que ele se prepare para uma batalha em potencial. Para esse fim, ele optou por uma flecha concedida pelas estrelas e forjada de geada, porque isso o lembra de casa. Com o tempo, ele se mostrará formidável, especialmente com Love como instrutora.

Voltando ao assunto Malice. Felizmente, Wonder teve a presença de espírito de confiscar o título grego antes de deixar seu cofre.

Andrew está prestes a trocar livros com ela, mas ele faz uma pausa. “Se você está pensando no que estou pensando, pode dar uma olhada. Apenas no caso."

Ele tem razão. Wonder deve derramar pelas páginas antes de guardar o título, para que ela o empilhe em cima do livro de meditação.

A luz do sol penetra na pista, atravessando espinhos de livros verdes como um caminho que leva a algum lugar pertinente. Não é nada incomum, um mero fluxo de iluminação. No entanto, o visual é familiar, guiando-a para o passado, para uma época passada, quando ela testemunhou um efeito semelhante em outro repositório.

De fato, a ilusão é idêntica.

Quando Wonder pisca, a trilha de luz desaparece. Que estranho.

Enfim, o livro que ela confiscara de Malice é o único manuscrito com temas mitológicos que vale a pena conferir? Ou ela deve ser completa e expandir sua leitura?

O que Malice disse sobre a seção de romances? Sobre recontagens?

Teria sido uma pergunta aleatória ou duplicada?

Ela faria o melhor para não subestimar o deus demônio. O que quer que ele esteja procurando nesses capítulos - algum tipo de suborno ou manipulação - caberia a Wonder ficar por dentro disso. De fato, ficar mil léguas à frente dele.

A última coisa que eles precisam é que Malice jogue outro jogo mental. Ou, que o Destino não permita, planeje uma fuga que eles nunca viram. Todos eles têm coisas mais importantes para enfrentar.

Coisas como planejar uma revolução.

***

A flecha de vidro passa por seu rosto. Lança o ar, esvoaçando pelo umbigo e esfaqueando a garganta de um carvalho enfeitado com luzes de fadas.

Ela gira enquanto ajeita o arco. Mas é muito tarde. Os reflexos de Wonder ficam atrasados, e o projétil de vidro bate em seu esterno, empurrando-a para a terra, o arco e flecha se espalhando pela colina.

O patamar rasga sua blusa, causando uma fenda no material, uma fenda como uma boca aberta que está gritando. Sua barriga bombeia com o ar, a pele inflada pelo corte do tecido, enquanto a flecha de vidro desaparece e reaparece na aljava do oponente.

Um espécime masculino desliza em direção a Wonder, os joelhos cortando a grama sem problemas. Ele para ao lado dela, inclinando a cabeça em exame minucioso. Ao contrário de seus traços bajuladores habituais, a expressão do deus se distorce

com cinismo, as pregas de sua pele amendoada dificilmente são a soma de diversão. Pelo menos hoje não.

É raro esgotar o senso de humor de Envy. Mais raro ainda para ele não se gabar.

Em vez de se felicitar por vencer essa luta, ele espalma as mãos nas coxas e considera Wonder. Sua consciência é propensa a deriva, o que não é novidade. Mas este é um tipo totalmente diferente de vaguear, porque ela nunca esteve *tão* fora de si durante um treinamento.

A flecha de uma divindade não tem a magia de ser fatal, pois é criada para um propósito diferente. Seu trabalho é infundir emoções nos seres humanos - amor, raiva, tristeza, inveja e admiração, por exemplo -, controlando assim o destino mortal.

É um empreendimento benevolente, não violento. No entanto, isso não significa que um ataque não vá doer, ou que, dada a velocidade certa, o

impacto por si só não pode quebrar um ou dois ossos. Se uma divindade é inventiva, ele ou ela pode manipular o efeito de uma flecha, forçando a arma a ser prejudicial.

Até mortal.

O sucesso de Envy é um lembrete disso. Ele não aponta o óbvio, mas reserva o direito de julgar. Ele estende a mão para ajudá-la a se levantar, um gesto que Wonder bate com força antes de se levantar. No caso de uma batalha, ninguém será um cavalheiro e ninguém será uma dama.

Faz horas desde que ela conversou com Malice. A noite caiu, o firmamento brilhava além de finas folhas de nuvens.

Por trás de Envy, um gemido ressoa de Sorrow, que apalpa seu rosto com uma miséria abjeta, ciente do que está prestes a acontecer.

Uma vez que Wonder está na posição vertical, Envy pula para seus próprios pés. Assim que seu

corpo imponente se endireita, vestindo calças xadrez e uma camisa de botão ostentosa, ele joga seu armamento no chão. "Você está brincando comigo? Ou apenas distraída pelo meu rosto? Escolha sua desculpa com sabedoria."

Wonder bate a mão nele. "Não comece. Estou autorizada a ter um dia ruim."

"E ontem? E no dia anterior?" Ele zomba. "Longe do meu eu bonitão não prosperar em marcar pontos, e roubar o trovão de outro arqueiro, mas essas escolhas fáceis estão ficando obscenas."

"Quer parar de reclamar," Sorrow diz, caminhando até ele em seu colete e saia rasgada. "Escolhas fáceis são exatamente para você."

"O que isso deveria significar?" ele berra.

Enquanto os dois cacarejam, Wonder verifica o rasgo na blusa fora do ombro, a roupa carregada de manchas de sujeira e grama. Suas calças de harém sofreram o mesmo destino, e pedaços de detritos se

prendem à longa cabeleira loira - seus compatriotas chamam de "calêndula" - cachos saindo de seu rabo de cavalo.

O que aconteceu com o buquê dela? A pulseira se soltou durante a luta?

Wonder gira em um círculo completo, mas as flores não estão à vista.

E Envy tem o direito de ficar furioso. A precária capacidade de Wonder de se concentrar está comprometendo seu tempo. Embora não seja totalmente incomum dela, ela sempre se recompõe quando é importante - quando os outros contam com nela.

"Apenas deixe ela." Sorrow fala com Envy. "Desde quando você é tão militante quanto Anger?"

"Anger não está aqui." Envy diz, ajustando seu conjunto. "Ele está ocupado gritando com o céu,

rondando a cidade em busca de recrutas ou dando uma de conchinha com Merry."

A deusa de cabelos roxos bufa e dá um tapinha no traseiro dele. “É por isso que você tem uma atitude? Você está procurando o mesmo sustento romântico?”

Envy lança uma carranca bonita para ela. Ele se afasta do toque íntimo, como se achasse sua tentativa de aplacá-lo repugnante. A surpresa desordena o rosto de Sorrow, e a bandagem colada na ponte de seu nariz enruga - puramente decorativa, ela está usando aquele acessório por mais de um ano - enquanto ela o observa se agachar para pegar seu arco.

A cena expõe uma infinidade de fenômenos, entre os quais a atitude perversa de Envy, os esforços de Sorrow para provocar e a tensão que se forma entre ambos.

Envy, sem vontade de flertar? Sorrow, ferida pela rejeição?

Esta é a primeira vez que Wonder testemunha uma confusão entre eles. Eles se tornaram parceiros da luxúria pouco antes do grupo chegar à cidade. Desde então, o casal não se negou nenhuma vez.

Talvez seja o estresse. Sua classe rebelde treina duro enquanto coleciona aliados em meio aos párias, aqueles que se opõem ao Tribunal do Destino e apoiam o empoderamento da humanidade. Eles começaram esperançosos, mas parece que a tensão de uma batalha em potencial com seus governantes supremos os alcançou.

Sorrow se embaralha, as dobras de sua saia raspando na colina antes que ela se recupere, porque Sorrow sabe como se recuperar de ferimentos. Com uma zombaria, ela sacode as costas da mão como se dissesse, *Bah. Boa viagem*. Ela se afasta, pisando ladeira abaixo, os cabelos lustrosos brilhando sob as estrelas.

Um músculo treme na mandíbula de Envy, mas ele não a impede.

Poderia ser sua primeira briga oficial de luxúria, embora Wonder não soubesse. Ela dificilmente é virgem, mas nunca esteve envolvida em um acordo como o deles. Ela só esteve com outra pessoa, e isso foi um descuido - um que ela não planeja fazer novamente. Na próxima vez que ela tiver um amante, isso significará algo.

Wonder aborda as omoplatas rígidas de seu companheiro. “Oh, Envy. Você sabe melhor."

Ele solta uma risada irônica e sem humor. “Por que você não para de se interessar pelos assuntos dos outros, e em vez disso, lida com os seus? Oh espere. Você precisaria de um companheiro de verdade para isso.”

Ele se afasta, avançando na direção oposta à de Sorrow. Nenhum deles opta simplesmente por desaparecer, escolhendo por abandoná-la.

Wonder se encolhe. Envy está se comportando como um vira-lata, mas ele está certo. Ela se intromete nos relacionamentos de todos porque não tem vínculo próprio.

Parentescos, de fato. Amizades, certamente.

Algo mais? Não.

Ela está no topo do cume, piscando para o nada, pensando em tudo. Seu ambiente se materializa como se tivesse esquecido onde está. Ela se orienta para a extensão da grama, o carvalho central que se ergue orgulhoso, e os dois telescópios brilhantes que esticam o pescoço em direção às constelações.

Os heliotrópios, ultramarines e magentas de um parque de diversões cercam a colina: o Carnaval das Estrelas. É um espetáculo urbano de atrações com temas celestes, onde os passeios etéreos louvam a galáxia e toda a sua majestade. É um lugar bonito, em uma noite bonita. É um esplendor de bulbos, árvores cintilantes e caminhos alinhados com

estrelinhas. Risos exultantes e gritos de alegria brotam das atrações e dos mortais que brincam na área.

A classe deles selecionou esse penhasco como um campo de treinamento adequado, porque os lembra de casa. Crescendo nos Picos, eles costumavam praticar em tal inclinação.

Este é chamado Stargazer Hill, e nasce da terra no nexo do carnaval, enquanto o parque temático brilha no coração da Cidade Celestial. Além do parque, brilha a metrópole mágica, um panorama de edifícios históricos, árvores radiantes e folhagem dos telhados. Desde que se tornaram exilados, ela e seus colegas fizeram sua residência aqui, uma paisagem mortal onde as estrelas brilham mais.

A silhueta distante do repositório de livros atravessa o céu escuro, um punhado de estrelas se flexionando acima do telhado. Em algum lugar daquele prédio há mais livros que Malice desejará ler,

mais livros que Wonder desejará explorar, mais livros que não têm as respostas que ela procura.

Na verdade, pode haver uma maneira de se redimir, um meio de expiar sua inutilidade ultimamente. Embora ela tivesse se metido anteriormente no título da mitologia, existem alternativas para estudar, como Malice havia dito. Ela poderia se colocar em um cubículo e consultar versões adicionais, vasculhando as recontagens pelo que quer que ele tenha em mente.

Em breve, meia-noite chegará. Em breve o carnaval terminará, as lâmpadas fechando como pálpebras. Em breve a biblioteca fechará suas portas.

Não há necessidade de viajar instantaneamente. Se há uma coisa que ela tem, é tempo de sobra para chegar lá.

As horas passam, dissolvendo-se no firmamento. Quando a cidade se aposenta, a biblioteca é toda dela.

O repositório é um abismo, com seis níveis de corredores e pilhas labirínticas que compõem o edifício. Embora seja um edifício histórico, foi modernizado com três histórias originais acima do solo, três histórias contemporâneas abaixo.

Enterrado embaixo de tudo o que está no cofre.

Wonder brinca com guirlandas de hera, enquanto segue seu caminho para o mezanino do segundo andar, depois para o terceiro. Essa missão passaria mais rapidamente se ela conhecesse a seção de ficção, suas listas de reprodução e novos lançamentos. Se isso fosse um teste de sua capacidade de não-ficção, ela seria vitoriosa.

Sua graça salvadora, é que a sessão do romance brota com uma abundância de capas coradas e fontes desmaiadas sobre a realeza da fantasia, highlanders e bilionários. As palavras cursivas, *Duke* e *Scoundrel* , *Arrogante* e *Cruel* , *Espada* e *Série* , circulam pelas lombadas. Algumas das

opções a intrigam, os designs de sobrecapa variando de sedutores a ferozes.

Os dedos dela param em um dos títulos. Não é hora de se enroscar e abrir um conto lento.

Ela examina os livros, os carrosséis organizados por autor e não pelo gênero. Mas ela desconsidera isso, depois de localizar uma exibição especial da mitologia, com base nas recomendações do bibliotecário. As capas são mais escuras, com muito mais luz, arquitetura do velho mundo e personagens de aparência imperial, embora a quantidade de músculos nus e lábios enrugados, seja a mesma de qualquer outro lugar.

Seus pés param ao ver três livros pressionados juntos como ombros. O primeiro sugere uma recontagem de Eros. O segundo, Ícaro.

O terceiro, Hades e Perséfone.

A biblioteca dividiu essas recomendações com base no mito correspondente. No entanto, este trio está fora de ordem, misturado.

Wonder arranca o terceiro título da prateleira. Com uma capa menos luxuosa, sua fachada preta exibe perfis sombreados, o título entrelaçado com flores silvestres e romãs. O plástico do livro estala quando ela o abre, as páginas manchadas de café. Ela se vira para o prólogo - e sua mão congela ao som de uma voz tóxica.

Uma voz que não deveria estar aqui, que não pode estar aqui.

Por que essa voz deve estar trancada no cofre.

"Meu, meu." Malice diz. "Olha quem ficou curiosa."

3

Ela mal tem tempo de se virar antes que ele a atinja. Num instante, as costas de Wonder batem nas estantes de livros. Os títulos tremem. Uma avalanche de ficção cai e atinge o chão, enquanto a capa dura escapa de seus dedos e se junta às vítimas.

O impacto de Malice suga o ar dos pulmões de Wonder, seu antebraço espetando sua garganta. Seu corpo sólido achatado contra o dela, os músculos sob suas roupas flexionando. Aqueles olhos - tons saturados de cinza em seu rosto - perfuram-na, os ingredientes de uma vingança conspirando para alegrar a íris de seus olhos. O caos de sua respiração golpeia seu pescoço, uma corrente grossa fazendo contato com seu ponto de pulsação.

Presa assim, sua forma inunda a dela. E de perto, e por um instante, ela lamenta *aquele* garoto, quer que ele seja *aquele* garoto.

Mas, apesar de ter o mesmo rosto, ele não possui a mesma alma e nunca terá. O luto se transforma em ressentimento, porque esse momento não é motivo para lamentar.

Isso é algo para lutar.

O joelho de Wonder bate entre as coxas. Ele uiva, e ela aproveita a oportunidade para enfiar a palma da mão na cabeça dele. A força disso o faz voar para a estante oposta, a estrutura inclinando-se como um dominó, que atinge outro dominó, que atinge outro, até que a faixa de pilhas bate em sucessão. O chão treme quando os livros de bolso e capa dura despencam, os textos atingindo o chão.

Vagamente, Wonder pondera se uma câmera de vídeo está captando tudo isso. Para o olho humano, as prateleiras tombam por conta própria, perdendo pontos na escala Richter para explicar o fenômeno.

O deus demônio pula, estrangulando-a de volta à posição em que eles começaram. No entanto, essa

estante em particular fica em pé, um sobrevivente solitário que sacode, mas não cede.

Ela deveria ter terminado a tarefa e batido nele quando teve a chance. Em vez disso, o antebraço dele continua sua tarefa, entortando sua garganta e fazendo-a chiar. Seus cachos dourados varrem a bochecha de Wonder, e seus traços se enrugam de prazer.

Ele a enganou. Esta manhã, ele não estava fazendo alusão a uma dica secreta ou clandestina. Não, ele simplesmente atraiu Wonder com a ilusão de uma, manobrando-a como uma peça de xadrez, colocando sua rainha em vantagem estratégica.

Ele esperava que ela viesse aqui. Ele previu que ela morderia a isca de pesquisa, incapaz de ajudar a si mesma.

Mas como ele escapou?

"Boa menina." Malice canta. "Menino mau."

"Como-" Wonder engasga. "Como…?"

"Garota esperta." Ele responde. "Garoto mais esperto."

Essa voz desliza, um zumbido ao longo da concha de sua orelha. Seus lábios se torcem em um sorriso, e sua mão livre prende o pulso dela, um polegar com garras arranhando sua carne. Mais alguns centímetros, e seus quadris se enroscarão entre as coxas dela, embora não seja um movimento lascivo da parte dele.

Wonder se mexe, contorcendo-se entre ele e as prateleiras, lutando por uma vantagem.

“Ela está inquieta. É uma maravilha, ha!” Uma gargalhada demente sai de sua boca, achando o trocadilho estrondoso. “É uma maravilha que você caia tão facilmente. Ou não é uma maravilha. Diga-me, deusa. Isso é uma maravilha? É isso? Hmm?"

"Saia de cima de mim." Ela range entre os dentes.

"Venha agora." Ele persegue, descansando um dedo contra a boca dela. “Você não está impressionada? Ou se você não vai responder, pelo menos me diga o que aconteceu com suas mãos. Toda vez que eu pergunto, você se cala.”

Ela cospe na cara dele. Rindo, ele limpa seu queixo.

Então o humor de Malice cai como uma rocha, e seu braço a martela mais fundo na prateleira. “Não liga para essas perguntas? Então, que tal essa?” Ele exerce pressão, fazendo-a engasgar. "Onde está o meu maldito arco?"

Malice se inclina para ouvir a resposta, como se fosse um segredo.

Perto o suficiente. Os dentes de Wonder atacam, agarram e afundam.

Seu corpo cai quando ele a libera, a fim de agarrar seu lóbulo sangrando. Girando, Wonder sacode um braço, executando um golpe de costas que pega seu

perfil. Malice cai, batendo em cima dos livros. Dobrando-se, ela apoia as mãos nas coxas e nas calças para respirar enquanto o deus da raiva se revira, xingando e se espalhando pelo monte de títulos.

Quatro pares de pés descem pela biblioteca. Dois pares entram em cena.

É assim que a turma de Wonder a encontra e Malice.

Os cabelos brancos de Andrew brilham no escuro. O casaco preto de gola alta pendia dele, escancarado da mesma maneira que a boca. "Puta merda." Ele balança.

Sua amada Love está ao seu lado, uma visão alegre de feições angulares e tranças pretas emaranhadas em um coque preguiçoso. Por baixo de sua jaqueta enorme, um vestido de linho branco drapeado até os joelhos, pairando sobre botas de motociclista. Ela agarra seu arco, uma flecha de ferro

encaixada, mas ela abaixa sua arma quando vê Malice gemendo.

Anger, por outro lado, não abaixa o arco. Ele está lívido, os planos de sua pele oliva esticados. "Que Destinos!" Ele bufa.

Posicionada em um skate, sua amada ilumina o salão com uma aurora de cabelo rosa e um vestido de noiva espumoso, camadas de tule brilhando como um cravo acima dos tênis de cano alto. "Parentes!" Merry pula para fora da prancha, prestes a ir em linha reta em direção a Wonder, o que a colocará a uma curta distância das garras de Malice.

Anger bloqueia Merry, impedindo que sua namorada consiga mais do que um passo. O movimento protetor a ofende, de modo que ela está prestes a passar por seu amante. Mas Anger sacode novamente, protegendo-a dos rosnados de Malice.

"Vocês estão um pouco atrasados, queridos." Wonder chia para os casais que estão boquiabertos.

Ninguém responde ou se move. Ninguém, exceto o demônio, cuidando da orelha carmesim.

Wonder tem duas opções: brincar ou chorar.

Ela odeia as duas escolhas. Ela odeia tudo isso. Ela odeia que ele esteja trancado naquele cofre. Ela odeia o cinza de seus olhos, o inferno de sua voz, a estrutura de seu rosto - a familiaridade e estranheza disso. Ela odeia que ele a tenha enganado. Ela odeia o que o olhar dele faz no coração, no crânio, no ventre. Ela odeia que ele escapou, que ele está preso. Ela odeia que ele sofra pesadelos. Ela odeia tudo, quando nunca odiou nada antes. Ela odeia que ele a atacou, forçando-a a machucá-lo, quando ela não quer machucá-lo - e ela também odeia isso, porque ele não merece nada menos que desprezo.

Ela não quer atacá-lo. Ela não vai atacá-lo. Ela não vai atacá-lo.

"Filha da puta!" Malice se agita para uma posição sentada. "Sua vadia escolástica!"

Ela corre para ele.

Com um grito de guerra, Wonder dispara em direção ao demônio. Malice se levanta, um sorriso antecipado saltando em seu rosto, sua orelha ensanguentada esquecida.

Dois pares de mãos agarram os braços de Wonder, e ela é puxada para trás, os calcanhares deslizando pelo tapete. Merry e Love se apegam a ela, o momento batendo em Wonder com remorso. Ela fica mole, os olhos arregalando-se com a horrenda e emocionante visão de Andrew e Anger restringindo Malice, agarrando seus ombros enquanto ele solta palavrões em seu caminho.

"Quem é você?" Ele zomba. “Quem diabos você é para mim? Cadê meu arco? Cadê? Não toque nas minhas coisas nunca mais! Elas são minhas!"

A mão de Merry afrouxa, e tudo o que Wonder pode fazer é não se arremessar para frente, arrancar as mãos de seus colegas de Malice, para fazê-los parar.

Pare de machucá-lo! Pare com isso!

Ele está doente. Sua mente está doente. Ele não conhece nada melhor!

Não é??

Ainda segura, Wonder consegue dar um passo. Mas então, Merry está lá, girando no caminho de Wonder e apertando suas bochechas, enchendo sua visão com olhos simpáticos.

"Não olhe." Merry sussurra. “Não olhe para ele. Apenas olhe para mim."

Wonder se concentra em sua amiga, que a instrui a respirar, apenas respirar. A testa delas se tocam, com Love abraçando as duas, as fêmeas se tricotando enquanto Andrew e Anger puxam Malice pela esquina, suas ameaças rasgando o corredor, marcando o caminho de volta ao cofre.

***

"Wonder, desça aqui." Anger resmunga no galho de carvalho do qual ela está pendurada de cabeça para baixo, os membros enganchados na casca.

"Deixe-a em paz." Merry espreita, batendo no joelho de sua alma gêmea. "Não é hora de rosnar para nossa parente, tão perdida em seu tempo de aflição."

O arqueiro murmura para si mesmo enquanto segura Merry perto, seus membros presos em volta da cintura dela na grama. Ela acaricia seu braço enquanto ele faz uma meia-lua ao redor dela, colocando-a contra ele, suas costas aninhadas no penhasco de seu torso.

É uma visão agradável, que os amantes conquistaram. Pouco depois de Love e Andrew se tornarem um casal, Anger foi banido. Tendo sido ordenado pelo Tribunal do Destino a impedir tal indiscrição entre a deusa e um mortal, Anger optou por proteger Love e Andrew. E então ele foi punido -

excluído do seu povo e evitado da única vida que ele já conhecera.

Quatro anos se passaram nos quais ele vagou pelo reino mortal sozinho, até chegar à Cidade Celestial, o centro de colegas párias que haviam sido expulsos dos Picos por desobediência ou inadequação. E aqui, Anger conheceu e deu seu coração a Merry, uma deusa desajustada que o inspirou a redefinir o destino e o livre arbítrio.

É aí que entra Malice.

Ele havia sido exilado aqui também, por suas próprias indiscrições nos Picos. Desejando vingança contra seus superiores, Malice tentou manipular Anger para obter ajuda. Quando isso não funcionou, Malice tentou matar Merry e Love, a fim de fazer com que Anger cooperasse.

Malice falhou, especialmente quando Wonder apareceu e o ajudou a frustrá-lo. Nesse ponto, o grupo

deles aprisionou aquele canhão solto por uma questão de segurança de todos.

Wonder olha para os amigos. A visão de Anger e Merry juntos aquece sua alma. Outra visão agradável é Andrew reclinado na colina, com o peso apoiado nas palmas das mãos achatadas, enquanto Love monta-o.

O que não é uma visão preciosa é o terceiro par. Envy e Sorrow separados, ainda sofrendo com a briga anterior. Não deixa de surpreender Wonder como esses dois se tornaram parceiros de luxúria em primeiro lugar. Eles são opostos polares, com suas brincadeiras e fetiches narcisistas por ternos sob medida, e o cinismo e roupas desgastadas de Sorrow.

De todos os que estão aqui, Sorrow se importa menos com o que os outros pensam dela, enquanto Envy alimenta a admiração, pulando de camas femininas para camas masculinas.

Imagine as versões imortais de um playboy corporativo e um gótico da faculdade.

Luzes de fadas entrelaçam o carvalho, os galhos brilhando ao redor de Wonder, esse ângulo invertendo o universo em sua cabeça. É um ótimo lugar, e uma ótima perspectiva, para meditação.

Suas madeixas balançam em torno de seu rosto enquanto ela inspira, expira, inspira.

Como Malice ousa chamá-la de vadia escolástica! Nenhum demônio insulta sua aptidão!

No entanto, a confusão se agarra em seu intestino, quando ela se lembra da surra que ela lhe deu. Quando se trata desse demônio, nenhuma reação a ele é simples, singular ou direta.

Ele está de volta ao cofre, colocado em quarentena como um monstro - como um deus louco. E desta vez, eles realmente, verdadeiramente, permanentemente o algemaram.

Wonder não tinha assistido. Precisando de tempo sozinha, ela se retirou logo após o incidente.

Estrelinhas chiam ao longo de caminhos durante o Carnaval das Estrelas. Brasas salpicam o gramado do piquenique, onde seu grupo se aconchega, cercado por atrações adormecidas. O sol começa a escalar o horizonte, espirrando o céu com luz. Os arqueiros teriam se reunido em Stargazer Hill, que é o local de encontro de rotina deles, mas Wonder já havia se instalado naquele local, invertida como um gambá quando a encontraram.

Cada um deles sabe sobre Malice, o que o rosto dele significa para ela, porque ela não escondeu isso. Consequentemente, eles lhe deram espaço para lamentar o incidente da biblioteca.

Por fim, a paciência de Anger se esgotou. Seus olhos de grafite se revoltam de frustração quando ele tamborila os dedos contra a inclinação de uma coxa tonificada, enquanto seu braço livre envolve Merry. Sorrow se aproxima e evita Envy, que está de costas, girando sua flecha de vidro como um

bastão. Da posição deles, Love e Andrew lançam olhares de lado para Wonder.

Como Malice saiu? É isso que todos estão pensando.

Eles também estão apostando em quanto tempo levará Wonder para tirar o diabo de seu sistema - e volte ao chão. Ela também não tem uma resposta.

Há muitas perguntas a serem abordadas, muitos planos de contingência a serem feitos agora que Malice tem um meio inexplicável de escapar. Um que ele se recusou a compartilhar, não importa quantas vezes os colegas de classe o ameaçassem com ultimatos, tentando ao máximo inovar sem recorrer à violência.

As divindades não são suscetíveis a doenças, nem físicas nem mentais. Em casa, sua espécie não teria problemas em abusar de Malice. Mente distorcida ou não, ele ganharia pouca compaixão.

Mas ter experiência com a execução de tortura, impediu os colegas de Wonder de irem para lá. Todos eles aprenderam a não tolerar tais atos. Então, felizmente, ela não teve que intervir em nome de Malice.

Além disso, há treinamento para dominar, tarefas para embarcar e conhecimento para adquirir.

Como combater o Destino? Como equilibrar Destino e livre-arbítrio?

Wonder aproveitou ao máximo seus recursos limitados, procurando por sabedoria através das estrelas e exilados, mas a classe deles ainda não tem aliados suficientes, nem informações suficientes. Há questões dignas para lidar e há um plano para revisar. Este não é um momento para ficar superficial.

Infelizmente, Envy quebra o silêncio. "Você precisa de uma liberação."

"Pela última vez!" Wonder grita. "Eu não preciso ser depenada!"

"Sinto muito, mas não concordo. Ter um belo pau sobre o qual cavalgar, fará de você uma *maravilha* de bem."

Anger geme e Merry chia. Love olha branda e Andrew apalpa o rosto.

Sorrow faz uma careta como se questionasse como Envy conseguiu colocá-la na cama.

Wonder já teve o suficiente da zombaria incessante do deus, que não cessou em quase quatrocentos dias. Um grão de tempo, sim. Mas hoje em dia, leva alguns segundos para provocá-la.

Ela não se importa que Envy seja grosseiro. Qualquer colisão de ego e angústia que tenha acontecido entre ele e Sorrow, esse é o problema deles. Ele não tem o direito de descontar em Wonder, especialmente depois que ela quase foi estrangulada.

E ele se chama amigo? Pelo Destino, as divindades são egoístas!

"Por que você deve fazer tudo sobre sexo?" Queixa-se Wonder. "Isso não é sobre sexo."

"Isso é porque você é a única que não tem nenhum." Diz Envy.

Ela range os dentes. Por unanimidade, Sorrow e Love se inclinam e dão um tapa em Envy na cabeça, fazendo com que ele solte a flecha de vidro.

"O que?" Ele pergunta inocente.

"Pare de ser um idiota." Love grita.

Andrew balança a cabeça. "Nah, ele não está sendo um idiota."

Envy pisca um sorriso presunçoso. "Obrigado."

"A palavra para isso é Estúpido."

O sorriso desaparece. "Quem te convidou?"

"Quem te baniu?" Andrew e Love retrucam ao mesmo tempo.

“Gracioso, Envy!” Merry diz: “Você não tem compaixão?”

"Francamente, deixo isso para Pity." Diz ele, petulante.

"Wonder foi atacada pelo amor de sua vida!"

Isso cala toda a gente. Wonder nunca confessou amar Malice. Ela confirmou amar um garoto da história, a máscara de quem Malice usa. Existe a diferença de uma galáxia.

Antes que ela possa iniciar um discurso adequado, Envy está caminhando no meio do caminho. Os homens restantes o perseguem. Anger empenhado em controlar a raiva, e Andrew pretendia manter a paz fazendo algumas brincadeiras pacifistas.

Quando toda a testosterona imortal sai da atmosfera, Wonder concorda em cair do carvalho e se juntar às fêmeas. Merry se coloca sobre a grama, convidando Love a descansar a cabeça no seu colo. Love se arrasta como um felino carente até Merry rir, atendendo ao pedido e penteando o cabelo de sua amiga.

Sorrow cai de costas, aterrissando em uma poça de camadas de saia desfiada. Distraída, ela imita o desempenho anterior de Envy, girando uma de suas flechas de gelo.

Wonder é a última a reclinar enquanto observam o céu despertar. Elas formam uma malha de cores, um cata-vento das camadas rosa de Merry, às madeixas de ébano de Love, aos fios roxos de Sorrow, às mechas de cravo-de-defunto de Wonder. Ela reflete sobre a disparidade entre as personalidades de seus colegas, suas roupas e seus vocabulários. Alguns deles se adaptaram ansiosamente ao modelo de moda e discurso moderno de um mortal, enquanto outros se apegam às suas raízes.

"Não dê ouvidos à Envy." Sorrow sorri. “Ele não passa de uma prostituta sexualmente frustrada soprando ar quente. Fale sobre um para os livros de história.”

Há confusão na resposta de Merry. "Oh, mas eu pensei que você estava-"

"Estamos." Sorrow limpa a garganta e altera, “Nós *Estávamos* , mas você sabe.”

"Ele é Envy" Traduz Love.

“Olho errante, pênis errante. Não é um grande arranjo. Nós nunca nos beijamos... O quê?” Ela pergunta quando as três olham para ela. “Beijar não é essencial para fazer o trabalho; é para isso que servem os corpos. É duro e rápido, sem o resíduo de seiva, mas obviamente ele está entediado. E o que eu esperava?” Ela vira o cabelo como se fosse uma questão trivial. “Ele pode fazer o que quiser e com quem quiser. Eu não ligo.”

Um forte aceno de Love. "Você avise ele."

"Brava." Merry ecoa.

"Então não se preocupe." Sorrow garante Wonder. "Ele está apenas lançando julgamentos como se joga seu pau - impulsivamente e estupidamente."

"Eu não amo Malice." Sublinha Wonder.

Não, ela não faz. Ela ama uma pessoa de quem ele é apenas uma falsificação celestial.

Se ela fechar os olhos, verá aquele garoto humano descansando de costas no meio de uma pradaria de flores silvestres. Ele tinha um nome. É um nome estampado em seu coração, um nome que ela não se permite dizer em voz alta há mais de um século.

Desde que ela o perdeu. Desde que ela o destruiu.

Love encara o firmamento. "Nós nos preocupamos, é tudo."

"Mas estamos com você." Merry diz, abandonando o cabelo de Love e estendendo a mão para agarrar as mãos de Wonder. "Sempre."

Sorrow mexe com sua flecha translúcida. “Temos que admitir: para um inimigo, nosso prisioneiro é um idiota erótico. Sua beleza criminosa rivaliza com qualquer Deus próspero nos Picos, e não minta - todos nós fomos submetidos à sua boca desprezível. Se não

fosse para assediar, seria um afrodisíaco. O vocabulário pornográfico do intrometido seria alimento para todas as divindades que se enchem de inveja."

Infelizmente, a avaliação está correta. Entre os homens, Andrew é bonito como um menino, enquanto Anger é uma bela tempestade e Envy é um ladrão apimentado.

Por outro lado, Malice é ... Provocativo.

Sempre que ele abre a boca suja, em algum lugar dos universos, um enigma é publicado, a dinamite explode e os hinos se quebram. Para consolidar sua delinquência, as estrelas o ungiram com traços astutos - um rosto travesso e ondas louras empilhadas sobre sua cabeça como uma farsa. O tirano possui um tipo de atratividade enganosa, do tipo que faz um segundo adivinhar toda verdade existente.

Wonder arrasta a palma da mão pela grama, o que a lembra de que ela ainda não encontrou o seu

buquê. Talvez ela devesse caminhar até Stargazer Hill e procurar. Ela não tinha perdido enquanto treinava?

Pensando bem, ela não se lembra de usar o buquê durante o treino.

Mentalmente, ela refaz seus passos, voltando no tempo, antes da sessão de treinamento, antes de levar as romãs para o café da manhã do cativo, antes...

Seus dedos agarram as lâminas de grama, suas cicatrizes estelares. Ela estava usando o buquê quando enfiou uma rolha no pesadelo dele. As flores estavam amarradas em torno de seu pulso quando ela estendeu a mão para tocar seu cabelo, sem saber que ele estava acordado.

O desviante deve tê-la despojado do buquê por algum truque de mão.

O significado a inunda. Flores silvestres e romãs, uma combinação imaterial neste reino, uma notável em outro.

Quando alguém mói uma pétala e uma semente enraizadas no solo do Pico, a sequência se funde e produz um líquido que abre barreiras.

Chama-se Flora de Asterra .

Embora o Tribunal do Destino tenha enterrado essas informações, Wonder é a única que sabe sobre isso. Ela e mais uma alma, ao que parece.

Em algum lugar do cofre, Malice deve possuir uma romã originária dos Picos. Isso explica o aroma azedo de frutas lá em baixo. E se ele beliscasse o spray de flores reunidas em sua casa, e se combinasse as duas, o resultado desmontaria os bloqueios.

Obstáculos como barras empoeiradas dentro de um cofre.

Foi assim que ele escapou. E se ele tivesse fugido com sucesso uma vez, faria novamente.

E oh, ele quer que ela saiba disso.

Prefiro prolongar o inevitável e depois levar algo que seja importante para você. Algo precioso.

Uma noção alarmante se agacha no intestino de Wonder. Se ele simplesmente não usou a flora de Asterra para escapar pela segunda vez, então ele está esperando por uma mercadoria mais valiosa ... um ativo que somente ela pode fornecer em troca.

Uma ideia do que é penetra, porque ele sabe o que essa descoberta significa para ela. Ele sabe por que ela quer a mistura.

Internamente, ela festeja até que sua classe deixe o carnaval. Então ela comemora o dia todo até meia-noite. Então ela entra no cofre, onde ele se reclina na cadeira de balanço, os tornozelos e as mãos amarrados em correntes de luz estrelada, a cabeça inclinada indiferentemente para ela.

"Cadê?" Wonder exige.

"Cadê o quê?" Malice pergunta, inocente.

Ela prende uma flecha de quartzo e mira no peito dele. "Eu não vou perguntar de novo."

"Sim você irá. Você perguntará mais três vezes. Não há companheiros para apoio?"

"Cadê?!"

"Por todos os meios, vá à caça ao tesouro. Você não o encontrará."

Verdade. Ela e seus colegas podem vasculhar esse cofre e depois toda a biblioteca, mas não encontrarão uma mistura de pétalas e sementes de romã. Malice passou um século e meio morando neste repositório, tornando-se fluente a cada cantinho. Isso significa que ele escondeu a bebida em algum lugar inacessível.

Ele deve ter feito isso antes de perseguir Wonder na biblioteca. Ele havia escondido a romã e o corpete como precaução. Uma moeda de troca para mais tarde.

Por enquanto.

"O que você quer?" Ela exige.

Ele levanta os braços, ilustrando as algemas. "Você sabe o que eu quero, Flor Selvagem."

"Não me chame assim, Demônio."

"Ora, eu quero a mesma coisa que você: fazer um acordo."

"Qual é?" Ela chama.

Suas orbes escurecem, confiantes e maliciosas. E então ele sorri. "Nós vamos nos sequestrar."

4

Wonder fez algumas coisas estúpidas em sua vida, não se limitando a violar regras, o que levou a invadir lugares restritos. Mas a parte estúpida não é que ela realmente tomou essas ações. Não, é que ela acabou sendo pega.

Ela pensaria, mas não tinha tempo para pensar. Por que este é outro momento estúpido, e ela está realmente se cansando disso. Seus dedos sufocam o arco, a flecha de quartzo apontada e acompanhando a respiração dele, enquanto o olhar dele segue o botão pulsante em sua garganta.

Ele se deleita com a expressão dela, com o que quer que isso revele. É uma janela de oportunidade que Wonder se apressa a fechar enquanto ela endurece suas feições em pedra.

Ela o ouviu direito, sobre eles se sequestrarem. Embora ela não tivesse usado tal

hipérbole. "Você está lendo muitos mitos gregos." Diz ela.

"Eu fiquei absorto." Ele reconhece. “Eu sou louco por um virador de páginas, especialmente se houver uma cena de sexo. Cristo, abaixe sua arma. Está bloqueando minha visão da sua boca.”

"Eu devo usar esta flecha para cortar sua língua."

“Você sentiria falta da minha língua. Você sentiria muita falta.” Malice ergue o mindinho, apoiando-o nos lábios. “Quanto aos meus esconderijos, shh. É uma surpresa."

"Eu não *quero* ir a lugar nenhum com você."

Mas ela *tem*. Ela *deve*.

Aparentemente, Malice deve ir com Wonder também. Qualquer que seja seu objetivo final, ele exige a companhia dela, por mais que a deteste. Contra suas vontades, eles terão que fazer isso como uma unidade, ou estarão em um impasse.

Uma visão de casa cresce em sua mente. Ela imagina os Picos, com seus penhascos florescendo, colinas de jacintos celestes sob um céu cheio de libélulas prateadas. Aninhado dentro do vale silvestre desses blefes, há um repositório.

Os arquivos. A grande biblioteca do destino.

Nas profundezas desse repositório imortal há uma adega proibida, um canal de segredos etéreos. Esse é o destino deles.

Primeiro, invadir é ilegal. Segundo, é perigoso.

Terceiro, este deve ser um assunto discutível. Como exilados, eles perderam a capacidade de se transportar para lá.

Mas há duas exceções.

A primeira é quando um exilado tem imunidade. Anger e Love são exemplos disso. Eles sacrificaram certos privilégios mágicos quando se separaram de seu povo, mas desde então recuperaram esses poderes. Como diva de pesquisa dos Arquivos,

Wonder havia descoberto duas lendas, brechas concedidas por estrelas que acabavam beneficiando seus amigos nesse sentido - entre outros aspectos relacionados ao romance.

Mas até agora, Anger e Love não se infiltraram em terrenos hostis, porque a revolução exige previsão e cabeça fria. Nem podem se gabar de seu talento por moderação, e até que aprendam a reduzir seus impulsos de cabeça quente, Anger e Love não estão prontos para fazer essa aposta. Certamente não sem um plano ou uma base sólida - vantagens cruciais para vencer esta batalha.

Como Wonder temia, ganhar vantagem depende de mais do que apenas aliados. Baseia-se em pesquisas adicionais, do tipo limitado aos Arquivos. Se eles querem vencer essa luta, a chave está no repositório.

Isso a leva à segunda exceção, a outra maneira de violar os Picos como um pária. Requer uma mistura que abra barreiras: A flora de Asterra.

Atravessar terras inimigas significa certa desgraça. Eles serão reconhecidos em um instante ao plantar os pés no solo. Sem um contingente por trás deles, é suicídio.

Não que Wonder possa trazer seus amigos para isso. Novamente, eles não têm um plano imediato para tal missão, e dois infiltrados são mais silenciosos que um punhado.

Acima de tudo, eles não conhecem os Arquivos como Wonder. Ela é a única com experiência naquele lugar.

Ela e Malice.

Ele costumava frequentar os Arquivos, um patrão magistral. Ela também aprendeu com os eventos passados, que Malice estava desesperado para retornar aos Picos desde a sua expulsão,

reprimida o suficiente para manipular e pôr em perigo alguém para ter sucesso.

Para quê?

E o que exatamente ela está pensando? Nos Picos, eles serão superados em número e batidos. Eles não podem, simplesmente não podem ... podem?

Um sorriso aparece no rosto de Malice. Ele se recosta na cadeira de balanço, seu suéter de couro ajustado aos músculos dos cordões de chicote e se abre na garganta, com pele de marfim e as sombras das clavículas.

"Não." Wonder força.

"Simmm." Malice murmura, lendo sua mente. "Você não está nem um pouco com saudades de casa?"

"Não vamos durar três segundos."

"Vamos agora. Pelo menos cinco. Tempo suficiente para eu cuspir no chão."

"Estaremos cercados antes que eu possa dar um soco em você."

"É adoração estelar." Ressalta.

Wonder fica em silêncio. Como ela se esqueceu?

A cada dez anos, as divindades nos Picos se retiram para um mês de culto tranquilo, prestando homenagem introspectiva às estrelas. Essa cessação inclui guardiões, bibliotecários e escribas que guardam os Arquivos, que barram a estrutura e se refugiam em suas casas à beira-mar.

As mechas loiras de Malice se espalham por sua testa. Ele cava as unhas no braço da cadeira, como havia feito enquanto estava mergulhado em pesadelos. "Você não me perguntou sobre a romã."

"E estragar a sua diversão?" Ela retruca. "Eu não ousaria."

"Eu gostaria. Desafios são tão ousados. Vou lhe dar a versão resumida. Mesmo antes de ser banido, eu tinha um paladar para sementes de romã." Seus olhos

se voltam para a fogueira, um acordeão de confusão aparecendo entre suas sobrancelhas. "Por alguma razão, elas tinham um gosto nostálgico."

Wonder luta contra o comentário, que a lembra daquele garoto da pradaria. Este detalhe é uma confirmação ou coincidência?

Malice sacode a lembrança. “Vamos apenas dizer que os exilados queimam muitas calorias. Antes do banimento, eu estava faminto, então peguei uma lembrança dos meus auges e a trouxe comigo. Não é adorável quanto tempo leva o fruto imortal para se decompor? A mina tem uma data de validade impressionante. Até hoje, está apenas um pouco maduro demais, com muitas sementes de sobra. Se você for legal comigo, vou deixar você tentar algumas.” Sua voz escurece. "Não seria agradável provar minha semente?"

Se ela não recuar, vai bater na boca suja com tanta força que abrirá um novo buraco no rosto dele. Ela

decide se deve expressar essa ameaça, mas manipular a palavra *buraco* - ou qualquer adaptação desse tipo – para Malice pegar é uma péssima ideia. Ele mastiga e regurgita algo obsceno.

Mas a pior parte é que ela sabia o tempo todo que algo assim iria acontecer. Ela sabia desde o começo que eles precisariam de Malice. Ele tem os meios para levá-la aos Picos, os meios para acessar os Arquivos. E ela pode ser uma diva do livro, mas esse demônio sabe tanto quanto ela, sua habilidade em curar o conhecimento a par do dela.

Ela iria longe sem ele. Mas com ele, ela chegaria ainda mais longe.

Seja qual for a intenção dele, o que quer que ele esteja procurando nos Arquivos, ele também precisa dela. E oh, ela não pode negar. Cheirar todas aquelas páginas novamente, percorrer os intermináveis corredores mágicos, procurando uma maneira de fortalecer sua classe ...

Maravilha rodeia seus ombros. "Quando nós-"

"Agora funciona para mim." Diz ele. “Minha agenda está aberta. Como está a sua, Flor Selvagem?

"Vamos esclarecer uma coisa."

"Apenas uma? Boo."

"Meu nome é Wonder, não Flor Selvagem."

“Terminamos de ser entediantes? Chame-me de louco, mas seus companheiros guerreiros chegarão a qualquer segundo, com muita adrenalina e estragando uma intervenção. De qualquer maneira, é isso ou nada; nós vamos juntos, ou não vamos. Veja com que rapidez o seu grupo se debate em sua campanha por livre arbítrio, humanidade, etc.” O verniz de diversão cai. "Agora se apresse."

Ela pode recusar, mas não o fará. Para a batalha pela frente, ela não pode.

Atrasar ainda mais causará uma conexão de Malice, então ela amarra o arco nas costas e agacha-se. Uma fechadura protege as algemas iluminadas

pelas estrelas. Ela faz os movimentos enquanto questiona sua sanidade mental, procurando opções alternativas que ela pode ter ignorado prematuramente.

Não há nenhum.

Empurrando a ponta da flecha na câmara do ferrolho, ela dá uma reviravolta relutante, o mecanismo sibilando dos tornozelos. Ele brilha, sucumbindo à pressão.

De fato, há outra maneira de abrir barreiras. É chamado de chave maldita. Nesse caso, é a ponta de qualquer ponta de flecha pertencente a seus colegas.

O que ela está fazendo? O que ela está fazendo? O que ela está fazendo?

Ela o está libertando e se condenando. Ela está fazendo um acordo com o diabo.

É o que ela está fazendo.

Outro mal necessário é a proximidade dele, sua forma pairando enquanto ela se ajoelha ao lado

dele. O ar engrossa, forçando seus pulmões a se contraírem quando ela se move para os pulsos dele.

Não adianta, pois ela tem que tocar a pele dele. Ela não pode fazer isso de outra forma.

As juntas de Wonder roçam as dele, seu dedo mindinho esbarrando em seu pulso. Ele mal se encolhe, mas ela finge não notar uma de suas garras se esforçando em direção às cicatrizes, como se quisesse esboçá-las. Mas a ponta do dedo para pouco antes de sua pele manchada, seu dedo se curvando sobre si mesmo.

Se ele entrar em contato, o que acontecerá? Como vai se sentir? Quanto tempo durará o efeito?

Ela abre as algemas que prendem as mãos dele. O grampo cede, seu barulho ressoa pela sala. Ela se afasta, precisando ser a primeira em seus pés.

Olhando para ela, Malice se levanta. Ela se mantém firme, sufocando a flecha no punho. Se ela não for cuidadosa, vai estalar.

O olhar dela cai para onde ele massageia sua carne irritada, a circunferência de seus pulsos maiores do que ela notou. Quando ele passa o polegar pelo pulso, um ritmo semelhante bate na garganta dela.

"Obrigado." Ele zomba, a corrente de raiva se esgueirando em seus cabelos e puxando as raízes.

"De nada." Diz ela, enfiando a flecha na aljava.

A resposta dela lava o ácido da voz dele. “De nada? Onde está a diversão nisso?”

Naturalmente.

Ele se move furtivamente, reunindo relíquias deste lugar, incluindo seu alforje, que ele enche com todos os envelopes de sua caixa. Uma cai no chão por acidente. Por ter uma gula por punição, Wonder se inclina para pegá-la, ofegando quando o aperto dele se aperta ao redor do braço dela, apertando como um torno.

Eles estão agachados, joelhos batendo um no outro. Com a mão livre, ele resgata o

envelope. "Chegue perto destas novamente, e eu vou cortar suas cicatrizes com as unhas."

"Onde você conseguiu papel velho?"

“Conjurei eles nos Picos, quando eu era um jovem arqueiro em treinamento e sofria uma crise de identidade. Você ouviu o que eu disse?"

É um aviso feito de seda da cor de sangue de boi.

Com raiva, ela torce o braço para trás. Deleitando-se com aquele olhar furioso, como se fosse sua última refeição, Malice enfia o envelope na sacola. Desta vez, eles se levantam em uníssono, os movimentos sincronizados com cautela.

Sua resposta explica pelos envelopes antigos, bem como pelo seu precioso telescópio e alforje vintage. Enquanto ela já viu objetos semelhantes antes, os pertences de Malice não são réplicas exatas. Esse fato é tanto um alívio quanto um tormento.

Eles abandonam o cofre, com Malice capaz de atravessar as barras de poeira estelar enquanto acompanhado por Wonder. Eles viajam lado a lado, mantendo um ao outro à vista.

No patamar da escada, Malice joga a cabeça para trás e inala o que ela imagina ser o cheiro de bolsa de estudos. É uma pequena indulgência, um momento de prazer antes que ele continue. Pela primeira vez, ela não precisa se maravilhar com o impulso dele, porque entende esse tipo de adoração dedicada.

A luz da lua cai pelas janelas, envidraçando a folhagem que pendura das estantes de livros. Ele caminha pelo corredor com uma saliência diabólica nos quadris. Wonder se ressentiria desse atributo, mas seu teor esvazia seus pensamentos em um buraco negro. Uma melodia zumbindo desliza por baixo de sua respiração, distraidamente entregue e quase inaudível, mas é o suficiente para quebrá-la. Sua

mente se fragmenta, espalhando-se por todo o corredor.

É só quando Malice para que Wonder percebe que está paralisada, com as botas grampeadas no tapete de lã. Ele a lança um olhar de soslaio. O que quer que sua expressão revele, ele aperta sua mandíbula com rancor, como se ela tivesse acabado de emitir um ultimato.

"Você pode cantar." Diz ela.

"Não de propósito." Ele revela. "Você tem um problema com isso?"

Sim, ela tem. É muito pertinente, milagroso, familiar demais.

Zombando, ele balança o braço, convidando-a para se juntar a ele, e Wonder se recupera de seu estupor. Navegando pelo labirinto de pilhas, leva um tempo para seu estômago se acalmar. Muitas pessoas podem cantar. Não é nada, apenas um acaso.

Quanto tempo eles vão embora? Onde nos picos eles vão se esconder?

Eles vão precisar de tempo. Eles precisarão de um refúgio.

Na rotunda de circulação do salão principal, um globo central pousa dentro de suportes de madeira brilhantes. Malice se aproxima do modelo e dá um tapa, fazendo a esfera girar. Ele estava com tanta pressa, mas agora ele fica!

O que ele está esperando? Onde está o contrabando escondido?

Com um risinho, ele diz: "Você está pronta?"

"Você é idiota?" Ela recusa. "A flora de Asterra."

"Ah sim. Não podemos ficar sem isso." Ele bate no queixo. "Eu poderia jurar, deixei em algum lugar."

Ela vai gritar com ele. Ela estava presumindo que ele os estivesse levando ao esconderijo da mistura.

Mas não, seu esconderijo não está na biblioteca... Por si só. Esse fato se torna uma realidade

pecaminosa, assustadora e escandalosa no momento em que sua mão desaparece na frente do jeans. O queixo de Wonder cai quando ele mergulha e depois retira uma cápsula de líquido.

Ela tem certeza de que seus olhos estão inflados do tamanho de balões. “Esse tempo todo. Esse tempo todo, você tinha no seu...”

"É chamado de pau." Ele fornece. “Isso o torna o esconderijo perfeito, já que minha virilha é o único local que ninguém jamais desejou explorar. E por que não usei a mistura nas algemas e me libertei? Tenho certeza de que você chegou à conclusão de que preciso de você para a viagem, então por que se preocupar em refazer? Além disso, fazer você me libertar foi muito mais divertido.”

Ele abre e mancha uma gota de fluido na palma da mão, pintando uma gota brilhante sobre as linhas da vida. Então ele pega a mão dela e repete o processo. Terminado, ele coloca a ampola no alforje e

dá um tapinha nela. "Vou lhe dar o buquê assim que chegarmos lá."

A cápsula nas calças, as flores e a romã na bolsa. Ele os escondeu à vista de todos. Como uma amadora, sua classe o subestimou pela milésima vez.

Wonder levanta os braços. "Então por que viemos aqui?"

Malice passa os dedos no repositório. "Eu queria me despedir da minha casa, longe de casa, longe de casa, antes de sairmos." Ele aponta para o tapete. "Além disso, estou pensando que este é um local privilegiado para conhecer nossa saída."

"Que tal conhecer seu criador?" Uma voz tempestuosa rosna.

Wonder fecha os olhos. Droga.

Ela não pode decidir se fica aliviada ou consternada, temer pelo bem deles ou pelo boneco irrecuperável que causa o caos ao seu lado. Ousando

espiar, ela encontra sua classe boquiaberta, gritante ou careta, dependendo da fonte.

Anger, Merry, Andrew, Love, Envy e Sorrow.

O grupo forma um crescente, um esquadrão de flechas apontando para Malice, pronto para explodi-lo. Os projéteis de ferro, néon, geada, vidro e gelo não estão blefando. Embora eles não possam matar, um esforço combinado o lançará através do esqueleto do prédio, potencialmente cortando paredes de suporte de carga e demolindo a biblioteca.

Como seus amigos sabiam vir aqui? Isso importa?

Wonder levanta as mãos. "Queridos, esperem..."

Ela engasga quando um antebraço gira em torno de sua jugular, chicoteando-a contra um corpo sólido. Malice se move como uma cobra, apontando uma das flechas de quartzo de Wonder em sua têmpora.

O visual produz uma convulsão, uma premonição unânime de seus colegas enquanto eles seguram o arco e flecha. Empunhadas por arcos, as flechas não perfuram.

Brandido à mão, eles fazem. Ainda não é poderoso o suficiente para matar, mas suficiente para machucar.

No seu tempo livre, Malice pode transformar Wonder em uma almofada, dilacerando-a com muitos cortes taticamente posicionados para fazer a diferença. Suas inalações aumentam. Ela se lembra disso, o tormento de ser pressionada, de ser cortada em cubos.

Suas cicatrizes lembram disso, especialmente quando Malice desliza a ponta da flecha para baixo, para baixo, até as cicatrizes de explosão de estrelas. Um tiro e ele as reabrirá.

Malice suspira. "Abaixe-os, companheiros."

"Você está me fodendo?" Andrew se encaixa.

"E, a propósito, entregue meu arco."

"Uma troca equilibrada." Diz Love. "Seu arco pela Wonder."

"E seu intestino." Acrescenta Sorrow.

"Eu voto nos testículos." Diz Envy enquanto mira. "Mas ninguém nunca me escuta."

"Deixe-a ir, malfeitor." Grita Merry.

"Eu vou. Só não aqui." Assegura Malice. "Agora me passe meu maldito arco!"

Claro. Malice atrasou por esse motivo; não tinha nada a ver com se despedir da biblioteca. Ele quer seu arco e flecha de volta, em um nível kamikaze.

"Largue-a!" Anger rosna.

"Querido." Wonder suspira. "Está tudo bem. Dê a ele."

Anger está prestes a atacar como um rinoceronte. Portanto, ela mantém os olhares de cada colega de classe, implorando. *Confie em mim. Eu tenho um plano.*

A indecisão precede um grunhido de Anger. Para choque de todos, Anger desaparece e depois reaparece momentos depois, percorrendo a rotunda com um arco de nogueira e uma aljava segurando flechas tampadas.

Uma vez que a ponta de quartzo sai do couro cabeludo de Wonder, Anger joga a Malice as armas, que ele consegue pegar com a mão livre.

O fato é que eles acreditaram em Wonder.

Mas então, seus amigos registram a mentira. Plano? Ela ainda não tem um plano.

"Eu te odeio." Ela sussurra para Malice.

Pelo qual, ele ri. “Se vocês nos derem licença, companheiros. Minha parceira perene e eu temos dever de casa a fazer.”

"Não!" Love e Merry gritam enquanto saltam frente, forçando Andrew e Anger a desarmar e prendê-las.

Wonder lança um olhar de aviso, especialmente Anger e Love, que têm o poder de atravessar mundos sem A flora de Asterra. *Não se atreva a nos seguir.*

O pedido afunda, puxando as expressões de suas amigas em caretas.

Para mudar de reino, eles precisam de um portal, um raio de luz celestial. Malice sacode Wonder em um raio de luz estrelando através das janelas. Eles precisam viajar individualmente, de modo que seus braços se levantem ao mesmo tempo, estendendo-se em direção ao raio. É quando o fluido brilhante de sementes e flores começa a dançar entre as palmas das mãos.

Os amigos dela aguardam impotentes quando ela desaparece em outro mundo.

5

Há um flash de luz, um vórtice em espiral tão prismático que ela fecha os olhos com o ataque. Isso é novo, a sensação de cair e subir ao mesmo tempo, como se ela estivesse presa entre o mundo acima e o submundo, ambas as extremidades do cilindro puxando. Ela é uma estrela cadente, em movimento e sem se mexer, mergulhando e subindo.

O turbilhão suga o barulho. Um belo silêncio segue em seu rastro, de modo que suas inspirações e exalações tremulam como asas. É semelhante à meditação, quando toda a consciência se afasta.

E então ela bate no chão.

Uma superfície plana bate nela, dos joelhos ao esterno até o nariz. Ela cai de cara no chão, batendo no solo com força suficiente para seus molares baterem como castanholas.

Não é preciso dizer que ela nunca chegou assim. Ela está esparramada, seus quadris, seu corpo

grudado na terra. A viagem deve ter agravado o equipamento, distribuindo o tiro com arco ao seu redor. Ela deduz isso quando seus calcanhares rastreiam a aljava, batendo algumas flechas perdidas.

Suas narinas se enterram na vegetação rasteira, que raspa o queixo e os antebraços. Sujeira e grama entopem sua boca, as texturas turvas e não grosseiras, com o leve traço de incenso iluminado pela lua. É uma fragrância mais pura e madura do que de onde ela veio. É o aroma da luz das estrelas: de prata afiada e branco fresco.

Wonder cai de costas, espalhada e tossindo no céu cheio de corpos celestes que tilintam. É um milhão de assobios, um milhão de sinos, um milhão de pratos encolhidos por picadas de som que saltam pelo dossel. As estrelas piscam, pairando mais perto do que nunca sobre o reino mortal.

Por que este não é o reino mortal.

Uma libélula adolescente - o comprimento do pé - se acomoda no estômago, com as asas de platina e hélice se abanando. A criatura sai correndo, entrando no abismo antes que Wonder possa acariciá-la. Eles são mais vigorosos e mais evasivos quando jovens. Há muito tempo, perto dos trinta, ela tinha como missão rastrear uma libélula por um dia inteiro, apenas para ver como passava seu tempo.

Jacintos brotam ao seu redor, criando uma tapeçaria de joias. Wonder se ergue, golpeando os cachos na altura do quadril de seu rosto enquanto ela mergulha na vista. É como uma ilha pendurada no meio da galáxia, com luas e planetas balançando ao longe, tão pequenos que ela pode prendê-los entre os dedos.

Abaixo disso, a encosta dos blefes. Mais adiante, no lado oposto da cordilheira, descobriremos cavernas minerais e águas tranquilas, um brilho

plácido de poças escuras sob casas sobre palafitas, onde seus parentes vivem.

Mas aqui no cume, ela está sobrecarregada. Aninhado em algum lugar do vale fica uma estrutura, um santuário de livros. Isolado em um bosque da floresta existe seu lugar feliz.

Os olhos dela ardem, o que é bobo. Se ela estivesse separada disso por algumas centenas de anos, a nostalgia seria justificada. Mas, embora tenha passado apenas um piscar de olhos desde sua visita anterior, ela não esperava ver a estrutura por um tempo muito maior.

Na verdade, ela estava preparada para nunca mais vê-lo novamente, caso sua classe perdesse essa batalha.

Wonder recolhe o arco e flecha e balança para ficar de pé enquanto coloca as armas nas costas. Ela conhece os músculos dessa cordilheira, as articulações de seus ombros; ela costumava meditar neste mesmo

local. Além disso, ela tinha praticado tiro ao alvo com seus colegas neste topo da colina. Mas…

Ela gira, seu olhar dispara através da extensão.

Malice não está à vista.

Eles saíram com tanta pressa, sem se preocupar em chegar a um acordo. O primeiro lugar em que pensara fora óbvio, embora não tivesse chegado tão perto dos arquivos como deveria. Ela estava muito cansada para se concentrar.

E quem sabe em que destino Malice estava pensando? Ele pode estar do outro lado da faixa, em algum lugar ao longo da costa. De brincadeira, ele pode ter caído na cama de Joy, levando a deusa a entrar em um grito agudo. Ou por acidente, ele pode ter pousado no meio de um campo de tiro com arco, ou pior, na barriga do enclave do trono do Tribunal do Destino.

Wonder tira esses cenários absurdos de sua mente. Malice é muitas coisas nocivas, mas um pateta

não é uma delas. Onde quer que estivesse nos Picos, ele havia calculado seu destino com antecedência. O que ele deixou de fazer foi informá-la onde seria!

Usando as estrelas como canais, sua mente o chama, mas ele não responde. Eles estão começando bem. Basta dizer que ela terá que se mexer antes que alguém a veja.

A sobrecarga de violeta indica a noite. Adoração Estelar à parte, seu povo já terá se retirado para contemplação e sono.

Ele *é* o Culto Estelar, certo?

Wonder avalia o céu mais uma vez, a ansiedade vazando em seu peito.

Não importa o que aconteça, é melhor viajar rapidamente. Ela enrola o cabelo em um coque, um ataque de gavinhas selvagens saindo furtivamente. Quanto à roupa, ela fecha os olhos e se fixa em uma alternativa. Na próxima vez que ela olha, pés descalços e um vestido de erva verde substituem

as botas, calças de harém e blusa, a sombra perfeita para camuflar durante sua estada. É uma precaução que Wonder termine com uma capa.

Ela não pode alterar as flechas de quartzo, mas esse disfarce tímido é melhor que nada. O dossel da floresta terá que fazer o resto, protegendo os detalhes que a identificam.

Ela vai esfolar Malice quando o encontrar. E ela o encontrará, ou ele a encontrará, embora prefira ser a pessoa que faz a descoberta.

Pelo menos eles estão indo para o mesmo lugar. Felizmente, ele deve se tornar útil e evitar ser preso ou mutilado. E espero que ela pare de se preocupar com isso, porque fora desta missão, ele não garante sua preocupação.

Wonder desce o precipício. Enquanto jacintos acariciam seus dedos, ela sorri para os talos enrugados embelezados com orvalho e meia-

noite. Quando foi a última vez que ela fez algo simples, como percorrer os campos e colher flores?

Ela fica em áreas densas, voando de árvore em árvore, arbusto em arbusto. Quanto menor a elevação, mais congestionada a natureza se torna, emaranhando-se em nós.

Na base do penhasco, as faias inclinam a cabeça sobre uma avenida que leva à paisagem silvestre. Um humano diria que é a fronteira de uma dimensão das fadas, o que é um bom palpite. Esta região respira magia e majestade.

Seus calcanhares descalços afundam no chão quando ela entra na floresta. Algumas coisas não mudam entre os mundos, como as arcadas tortuosas das árvores, a idade retorcendo os troncos e o musgo bordando os galhos e os sumptuosos tufos de grama. Além disso, as flores silvestres - caules lilás e flores de açafrão.

Enquanto algumas coisas realmente mudam, como os cogumelos de lavanda e a malha de folhas cortadas em ametista. Da mesma forma, o céu violeta - que mudará para o azul da hortênsia pela manhã - e seu panorama de planetas. Os Picos flutuam na galáxia, uma ilhota etérea de falésias, vales, florestas e mares.

Ela sentia falta? Ela se foi há tempo suficiente para sentir falta?

Pássaros lutam de cima. A música acalma seu estômago, diminuindo a pulsação para um ritmo normal. As divindades podem atravessar longas distâncias instantaneamente, mas não curtas. Com alguma sorte, ela chegará aos Arquivos dentro de algumas horas, desde que consiga chegar neste primeiro trecho.

Uma escola de libélulas jovens se mexe entre a folhagem, brilhando no escuro e muito menor do que os mais velhos. Enquanto os raios se filtram através

do crochê dos galhos, os insetos se sincronizam, girando em torno dela. Torcendo, ela segue a coreografia, passando a mão entre as criaturas, fazendo cócegas no ar e provocando-as.

Perto, um galho se rompe. Enquanto a rachadura ricocheteia entre os espinhos, Wonder congela.

Malice? Ela não deixaria passar ele se aproximar dela.

Mas não, ele é muito ágil para abusar tanto quanto de uma ramificação. Ela concluiu isso enquanto avaliava o ritmo dele na biblioteca.

Uma sombra nada em sua periferia. Wonder chicoteia atrás de um tronco, colocando-a de costas contra ele. Esticando o pescoço, ela olha ao redor da curva.

Por mais precária que seja, a paz ainda reina nos Picos, limpa de desajustados e rebeldes como ela. O dilema é que, mesmo que ela encontre um carrinho de criança - talvez um guia ou um arqueiro em

treinamento - e mesmo que esse andarilho não a reconheça ou o arco e flecha de quartzo nessa atmosfera encoberta, eles poderão reconhecer a voz de Wonder. Eles podem se aproximar do rosto dela, perto demais para o conforto.

Ou eles poderiam estar seguindo-a o tempo todo.

Wonder arrasta a língua entre os dentes, seu pulso retomando sua libra. Alguém malicioso a obrigará a entrar em um conflito confuso. Alguém inofensivo considerará sua posição estranhamente paranoica, o que os alertará para um problema. E ela não quer prejudicar ninguém.

Um mapa de seu coração aparece em sua psique, com veias e artérias atravessando como riachos em mármore, cada um representando um momento, uma dor ou desejo inesquecível. Um novo canal rompe esse mapa, fino como uma lasca perfurando os tendões, fazendo-a estremecer.

Então é assim que se sente ao se tornar um estranho, banido de casa.

Os passos ficam mais altos, mais próximos, mais altos, mais próximos. A grama afunda sob o peso da pessoa quando ela se aproxima. Se inocentes, eles devem gritar ou avançar com propósitos confiáveis. Se suspeitarem, eles não farão nenhum.

Wonder interrompe o fôlego. O ritmo do estranho diminui.

Pegando uma pedrinha do chão, Wonder mira e empurra-a o mais longe que pode, mirando o pilar de um tronco. A rocha bate contra a superfície, incitando uma avalanche de detritos, a uma distância segura de onde ela está.

Os passos param. Após um momento de deliberação, a presença muda, atendendo à perturbação. Ele volta em direção à árvore, procurando o barulho.

O tempo diminui, prolongando cada segundo. O coração de Wonder bate dentro de seu peito até a marcha da figura recuar, o som diminuindo e recuando ainda mais na floresta. Um sopro derrama dos pulmões de Wonder, seu corpo caindo.

Por precaução, ela espera um tempo adicional e depois sai correndo. Leve em seus pés, ela salta para a floresta, optando por ficar fora do caminho principal. Girando em torno de colunas e arbustos, os quilômetros se estendem à sua frente.

Quem foi? Alguém que ela conhece? Alguém que a conhece?

Alguém que-

Ela cambaleia para trás, a bolsa do capuz puxada por uma mão.

“Quem estava fingindo?”

Wonder uiva. Ela tropeça em um corpo, e esse corpo se apega a ela, agarrando seus ombros. O agressor começa a girar Wonder, prestes a ter uma

visão completa e estrelada de recursos renomados e proibidos, prestes a fazer uma descoberta inconveniente.

É uma mulher, avançada em anos, pela forma e força dela.

O antebraço de Wonder se abre para cima. O cotovelo dela se conecta com o rosto da fêmea, virando a cabeça para o lado. Grunhindo de choque, a estranha agita, estendendo a mão em direção a Wonder, que abaixa e troca de braços, empurrando o cotovelo oposto contra o atacante.

Um grito de ofensa salta da figura. Infelizmente, é o prelúdio de uma partida.

Elas lutam. Essa deusa é certamente mais velha, o que explica sua velocidade; ela é rápida, enquanto Wonder é ágil. Cada vez que um membro ou conjunto de juntas é lançado na direção de Wonder, ela se esquiva com uma pirueta.

Há algo... Transparente sobre a maneira como essa adversária manobra, como se já tivesse feito isso antes, com Wonder capaz de prever os movimentos e contra movimentos da fêmea.

Talvez a deusa sinta a mesma coisa, porque confusão e hesitação impedem suas ações. Mas isso não a impede completamente, assim como também não impede Wonder. Ela gira dos punhos da deusa e golpeia a palma da mão contra a parte inferior das costas da deusa, empurrando-a para o cano de uma árvore.

A figura se recupera, dando a volta com a flecha na ponta, o material que Wonder não consegue identificar. Plausivelmente, isso significa as sombras selvagens do arco e flecha de Wonder.

O som de um assobio patina em seus ouvidos. Um dardo de movimento corta a floresta.

De um ponto atrás de Wonder, uma flecha passa por sua bochecha e na direção da estranha.

A flecha apunhala sua marca, empalando o tronco entre as coxas da atacante. Mesmo sob a luz manchada, Wonder pode dizer que o tiro desequilibrou a mandíbula da fêmea.

Wonder olha para descobrir o novo componente da flecha. Mas está muito longe, muito estreito e, novamente, muito escuro. Por outro lado, ela tem um palpite.

A estranha lança um som áspero, como se sua dignidade e honra tivessem sido questionadas. A textura de linho faz com que a carne de Wonder pique com uma familiaridade renovada.

O zumbido da corda da fêmea dá a Wonder um único aviso. Seus olhos levantam e encontram o ponto de entrada de uma ponta voadora. Corta em sua direção enquanto ela está imobilizada, com uma faia atrás. Nesse segundo, ela se visualiza subindo, o impacto do golpe a empurrando para dentro do pilar, que é sólido o suficiente para quebrar sua coluna.

A flecha é muito rápida. Ela se move para mergulhar de lado, por todo o bem que isso fará.

Um grunhido de exasperação atinge seus ouvidos, um clarão cinético acompanha o som agravado. A silhueta de alguém entra em sua linha de visão, um homem cujo corpo se move diante dela. Um segundo antes da flecha atingir Wonder, o corpo masculino a bloqueia, empurrando-a e levando o peso.

Ambos batem na árvore. Um ruído gutural sai da garganta da figura, sufocado por trás de sua boca amontoada. Ele se encosta nela por um momento, as mãos apoiadas sobre a cabeça dela, as palmas das mãos contra o tronco. O projétil havia batido entre suas omoplatas, enrijecendo-as como se aqueles ossos tivessem acabado de encontrar a chibatada de um chicote.

Um suéter de couro esfrega contra seu corpete, o material carregando o perfume de livros antigos. Suas

ondas douradas se curvam, processando o golpe. Então seu rosto se levanta, seus olhos inconvenientes prendem Wonder na casca.

Rancor e perplexidade enrugam seus traços. Malice olha como se ela tivesse sido a única a atacá-lo, como se ela o tivesse forçado a protegê-la.

Eles se encararam. A vibração tenaz de um arco quebra o feitiço.

Um olhar malicioso se estende por seu rosto. Ele gira, seu arco solta uma flecha que quebra a que voa na direção deles.

A estranha cobra. Com uma gargalhada e meio desprezo, Malice pula como uma gazela e encontra o oponente no meio do caminho. Wonder quebra sua paralisia para se juntar.

A mais velha é mais poderosa, seus anos eclipsando os deles. No entanto, seus movimentos desconexos sugerem que ela está perplexa com essa demonstração de agressão em uma terra pacífica - e

com a aptidão de Wonder, como se estivesse intimamente familiarizada com as táticas da mulher.

Ela e Malice se movem fluidamente, curvando-se e girando como se praticadas por mil anos. Eles são uma esfera de movimento, orbitando um ao outro. Quando ele bloqueia, ela ataca e vice-versa.

Sua harmonia estupefata Wonder. Eles nunca treinaram juntos, mas ele se move perfeitamente ao redor dela enquanto empunha o arco como líquido, dando cambalhotas e disparando outra flecha, da qual o agressor foge. Ele também está à beira do riso, como se tivesse sido convidado a brincar em uma caixa de areia que planeja demolir depois.

Tão apanhados no momento, Wonder e Malice desviam em uníssono. Eles param, suas armas inadvertidamente apontadas um para o outro. Ele a explode com um sorriso furioso, no qual ela revira os olhos.

Eles voam em direções opostas. Agarrando uma flecha entre os dedos, ele a golpeia no abdômen do estranho, desaparecendo por pouco, mas ganhando uma vantagem. Wonder aproveita a oportunidade para algemar a figura por trás, enviando-a para o chão.

A anciã se dobra e fica imóvel. Mas, felizmente, ela está viva, seus pulmões inflando com oxigênio.

Wonder e Malice correm para trás. As juntas dela gritam, o peito galopa e cada suspiro parece a ponta serrilhada de uma serra.

Malice tosse sangue e raios como se tivesse acabado de ter um orgasmo.

"Sentiu minha falta, Flor Selvagem?" Ele pergunta.

“Seu ridículo filho da puta. Você acha isso engraçado?” Ela retruca, lutando para manter a voz baixa. "A anciã sofrerá contusões e se lembrará desse ataque."

"Então vamos tornar as coisas permanentes."

"Você está falando sério?"

O deus demônio abre os braços e diz: "Não, estou brincando."

Suas narinas se abrem. "Fique longe dela."

É o pedido errado. Zombando, Malice lança uma flecha de nogueira. Em segundos, ele apontou para o corpo caído da fêmea.

"Pare!" Wonder mergulha na frente do projétil, pegando-o no meio do voo, seus dedos segurando o comprimento da flecha, caindo no chão e se recuperando no joelho dobrado. Desgostosa, ela joga a arma no chão, onde ela pisca de volta na aljava de Malice.

Outro tiro através da floresta, que ela lança com sua flecha de quartzo, lasca o ataque de Malice ao meio. Na terceira tentativa, ela rola pelo chão mais uma vez, aterrissando na frente do estranho e cortando outro golpe com o arco e flecha.

Frustrado, Malice mira no útero de Wonder. Ela devolve o favor, concentrando-se no coração dele.

Ofegando, eles se entreolham. Suas flechas podem não ser capazes de matar, mas ele está perto o suficiente para causar dano letal. Com a precisão e severidade certas, ele pode perfurar o crânio da anciã ou torcer o pescoço dela.

Ele pode matá-la. Ele *tentou* matá-la, e eles estão aqui há menos de uma hora.

"Mova-se." Malice fumega. "Ou eu vou ajudá-la."

"Desarme-se." Pede Wonder. "Ou eu o farei."

“Você não ouviu? Você não deveria dizer a um deus da raiva o que fazer. Isso o deixará com um humor vingativo.”

"Eu pensei que você era mais esperto do que isso."

O braço de Malice fica tenso quando a implicação dela afunda. Um ato instintivo de violência provará que seu temperamento é mais forte do que sua

previsão. Se há algo que ele mima mais que seu pavio curto, é sua astúcia.

Mas, sem recurso, ele mantém um objetivo constante.

Wonder faz o mesmo, pensando, chiando, pensando, chiando... inalando. "Espera. Eu sei o que fazer."

"Eu também." Ele lança.

"Você quer ser desleixado ou estratégico?"

Com uma maldição, ele abaixa a arma enquanto ela se agacha para caçar na grama, nos cogumelos e nas flores. O alívio a inunda ao ver uma flor de renda roxa que ela arranca do solo. Ajoelhando-se ao lado da divindade, Wonder desliza as pétalas na boca da fêmea.

Inclinando a cabeça da deusa muda o ângulo da visão de Wonder. E isso muda tudo.

Ela retrocede. Ah não, não, não, não.

Sim, ela conhece essa deusa. Wonder passou cinquenta anos treinando com ela.

Sua Guia parece a mesma, com aquelas covinhas e aquele cabelo cor de salva.

Foi assim que a fêmea se deu o nome, depois de passar seu papel para seus pupilos. Harmonia costumava ser a Deusa das Maravilhas, e agora ela é o Guia das Maravilhas.

Um inchaço se forma na têmpora da deusa, mas por outro lado, não há lacerações ou abrasões estragando seu semblante. No entanto, o rosto de Wonder cai em suas mãos. Ela se permite um momento, depois se recupera como Harmony teria instruído.

De perto, Wonder aperta os olhos e finalmente observa o tiro com arco de marfim preso à fêmea. Se Wonder o reconhecesse antes, ou se a deusa tivesse percebido as flechas de quartzo de Wonder. Como elas haviam negligenciado isso?

Mas então o que? Como Anger e Love, é muito arriscado trazer Harmony para isso.

Resignada, Wonder termina o trabalho, cutucando a flor entre os lábios da fêmea. As pétalas se dissolvem e penetram em sua boca, um agente que repara as feridas ainda mais rápido do que normalmente curam. Ele deve corrigir as evidências, os danos que causaram a ela - e aplicar outro sintoma, não muito diferente da distorção causada por cogumelos mortais. Com alguma sorte, Harmony dormirá nessa parte.

Limpando as mãos, Wonder passa o polegar sobre o queixo da anciã, sussurra que sente muito e fica de pé. No silêncio, Malice olha com um brilho inquisitivo, ao qual ela esclarece: "A deusa pensará que estava alucinando."

“"Ahh. Acho que vai funcionar.” Ele levanta uma sobrancelha em direção à expansão da floresta em

flor, considerando-a como um viciado humano descobrindo uma fazenda ilegal de maconha.

.Antes que ele avance, Wonder ordena: "Nem pense nisso."

"Quem?" Ele pressiona a mão no peito. "Eu?"

"Não estamos aqui para colher drogas celestes."

“Mas isso tornaria o sexo muito mais revigorante. Imagine como isso aumentaria o sabor da porra de sal em um prato.” Seus olhos decadentes percorrem suas curvas. "Um prato fundo, redondo e duro."

Ela não vai - *não* vai - *deixar* que esse comentário grosseiro derreta qualquer região abaixo do seu umbigo. Eles não estão invadindo há muito tempo, e ele já está sendo difícil. Para dizer o mínimo, fazer piadas frívolas e vulgares enquanto em território inimigo é desperdiçada nela.

Isso ... foi uma piada, não foi?

"Onde você estava?" Ela reclama.

"Aqui, ali, em todo lugar." Ele canta.

Deixa pra lá.

Suas flechas reapareceram em suas aljavas. Malice não se incomodou em trocar de roupa, e o alforje é um fardo enquanto ele tem um arco e flecha amarrado à coluna. Se ela desaconselhar a bolsa, ele a ignorará, que é o que ela faria em seu lugar.

O humor do diabo entra em colapso, anotando alguma coisa. Aproximando-se dela, sua cabeça se inclina para estudar sua mão.

Uma fenda de sangue esculpe em seu pulso, em suas cicatrizes. Está seco, o que significa que deve ter acontecido mais cedo, quando eles foram transportados para cá. Foi um passeio acidentado, e eles podem dizer pelas demarcações que não tinha sido das flechas dela, mas dele.

Ele cortou a polpa de explosões estelares.

Wonder engole. Malice lança um olhar de soslaio. "Hmm. Desculpe." Ele diz, soando nada disso.

Ela aponta um dedo para ele. "Você entendeu errado a data. Olhe para o céu. Olhe para o corpo adormecido no chão. As estrelas não mudaram e nosso povo está circulando. Ainda não é uma adoração estelar."

"Ah sim. Posso ter estragado o calendário. Ei, eu não sou perfeito pra caralho, mas o que é uma única noite mais cedo? Haverá, o quê? Um ou dois guardiões vagando pelos Arquivos? Podemos lidar com isso. Melhor ainda, podemos evitá-los. É um grande edifício."

"Seu bastardo."

"Isso exigiria ter um pai, o que exigiria ser humano. Você sabe algo que eu não sei?"

"Apenas se mexa."

Em dois passos, ele a apoia contra uma árvore, envolvendo-a no caos - sua largura e altura, ambas as ameaças estressantes. Ele aparece, apoiando um par de braços tonificados contra a casca de cada lado da cabeça dela, seus músculos se esforçando para se libertar das mangas.

Ele não é robusto como Envy ou amplo como Andrew. Em vez disso, ele é uma aproximação de Anger, alto e cônico, mas capaz de rasgar tudo em seu caminho em pedaços. Mesmo assim, Malice está em uma categoria própria; ele tem a garganta mais esculpida que ela já viu e um torso construído para escalar rochas.

Nem uma palavra. Ele não diz uma palavra para ela.

Ele apenas a nivela com olhos cinzentos, um olhar à beira de retaliação. Wonder ergue o queixo, atordoada ao perceber o quão perto isso coloca seus lábios dos dele. O hálito dele lambe a boca dela, seus

orbes a engolem inteiros, seu volume bloqueando a floresta.

Ela segura o olhar dele, recusando-se a recuar. Ele faria bem em lembrar as inúmeras vezes em que ela limpou o chão com as costas dele, como a noite do ano passado, quando ele atacou Love e Merry, momento em que Wonder o derrubou no chão.

Sem mencionar os eventos recentes, quando ele escapou e a perseguiu pelas estantes da biblioteca. Ela o superou antes e pode fazê-lo novamente.

Por um período medonho, ele se envolve sem pestanejar.

Destino. Como ele faz aquilo?

Por fim, ele se afasta, deixando entrar ar fresco. Ele dá as costas para ela, depois muda de ideia, erguendo um dedo com garras. "Ah, por falar nisso." Retornando para onde ela se arranca do tronco, ele entra em seu rosto, com a boca curvada. "Eu também te odeio."

Ele desliza na floresta, deixando a escuridão consumi-lo.

Sua ferocidade é intolerável, mas também é explicável. Por um lado, ele é o Deus da Malícia. Por outro, certamente ele a odeia. O cativeiro faz isso com uma pessoa.

Mas por que parece que Malice quer punir Wonder por algo completamente diferente?

Parece que suas queixas se estendem além do cofre da biblioteca.

Como se ele a culpasse por mais do que isso. Como se ele tivesse um histórico de culpa a oferecer.

Como se ele soubesse o que ela fez com ele no passado.

E para que ele soubesse disso, ele teria que ser *aquele* garoto.

Libélulas adolescentes nadam entre as árvores. Samambaias tremem e pétalas se espalham para as criaturas em miniatura deslizarem para baixo.

Wonder alcança Malice. Eles andam com um braço de distância, o que não é suficiente.

Já era hora dela parar de se enganar. Como curadora de lendas e brechas celestes, ela é mais sábia do que isso. Ela conhece o poder enigmático das

estrelas e seus infinitos aspectos técnicos. Ela tem o histórico para provar isso.

Isso não pode ser uma coincidência. Seu rosto, seu teor, suas posses e seus pesadelos não podem ser uma coincidência.

Na verdade, ele é *aquele* garoto. Ou ele foi.

Aceitar a verdade atinge suas veias com ansiedade. Ele está vivo, mas não quase o mesmo. Mais importante, ele é depravado, submetendo-se a sonhos horríveis e vivendo uma vida de pária. Se ele estivesse desfrutando de uma vida feliz e malévola como divindade, sua ressurreição traria alegria a ela, e ela ficaria feliz por Malice. Mas essa existência reavivada nada fez além de prejudicá-lo, transformando-o em um monstro que gosta de pôr em risco todo mundo para seu próprio ganho.

A culpa é dela. Se ela não tivesse destruído sua vida mortal, ele não teria morrido, e nada disso teria acontecido.

"Que curioso." Diz Malice, olhando para ela. “Sentindo-se melancólica? Agridoce? Nostálgica? Diga-me, você está relembrando?”

Wonder aperta a fivela de tiro com arco no peito. "O que você está tagarelando?"

"Seus olhos se transformaram em torneiras prestes a transbordar."

Ela passa um braço pelos canais doloridos de lágrimas. "Só porque eu sou a favor de livros abertos, isso não significa que eu seja um."

“Mmm, algo que temos em comum. Você já sentiu saudades de casa? Finalmente está atingindo você que estamos aqui? Como sua alma está lidando? Continue, eu gosto de obter respostas.”

“Você pode consegui-las se calar a boca o tempo suficiente para eu responder. Onde você vai?" Ela exige quando Malice se vira para um bosque densamente povoado de ramificações e um riacho borbulhante.

Ele aponta. "Chama-se esquerda, também conhecida como oeste."

"Eu sei que é oeste." Ela se irrita. "Eu já fiz esse caminho mil vezes."

"Eu também, e a melhor maneira de acessar os arquivos é o meu caminho."

“Precisamos ir para o leste. A seção de economia...”

“Que porra é essa? Você não pode estar falando sério.” Ele lamenta, virando a cabeça na direção dela. “Essa passagem não é confiável e é estreita demais para que meus testículos se encaixem. E para dizer o mínimo...”

"Você considera isso *leve*?"

“- também é a área mais chata do repositório. Uma maldita festinha de livros-razão.”

“Você é um idiota ou um imbecil? É exatamente por isso que é a seção não-visitada com mais frequência. Além disso, é coberto por mais árvores. Portanto, é mais fácil violar a estrutura a partir daí sem ser detectado. Eu sei do que estou falando.”

"Olhe para você. Tão forte como um galo.”

"Eu não estou ficando na defensiva!"

“Não, você está ficando excitada. Não se preocupe, a concorrência também faz isso por mim.”

Pelo bem do destino, ele ri como se isso fosse hilário. É o som mais pretensioso que Wonder já ouviu, irritando sua carne enquanto a rivalidade explode em suas veias. Num futuro próximo, ela precisará de uma concha para retirar a memória de seu lobo temporal.

Por outro lado, ele está certo. O sangue corre pelo couro cabeludo, provocando uma corrida inebriante.

Mmm, algo que temos em comum.

Ah, ele não tem ideia do quanto eles têm em comum. Ela vai contar pra ele? Malice perdeu a maioria de seus direitos, mas não esse. Ele não parece ter ideia de sua vida passada como mortal, mas ele merece saber.

No entanto, ela duvida que ele *deva* saber. Pode enviá-lo em uma queda. Da mesma forma, forçará Wonder a compartilhar os detalhes de seu papel em sua vida anterior, o que o fará desprezá-la mais do que ele já faz, o que dificilmente o induzirá a ser civilizado, muito menos cooperativo.

A rivalidade progride durante sua busca, cada um discutindo sobre os assuntos da pesquisa, clamando pela última palavra. E quando não discutem sobre isso, eles brigam com uma variedade

de outras logísticas, como os melhores cantos para pesquisar dentro do canal proibido da Câmera Oca.

Eles jogam seus conhecimentos um para o outro como dardos, com o objetivo de atingir a verdade e obter pontos mais altos. É uma partida mesquinha para ver quem sabe mais, ganhar o jogo, obter a medalha.

Huff. A única recompensa que ele receberá é uma menção honrosa.

Por outro lado, o que aconteceu com seu decoro acadêmico e investigativo?

Escrever é universal. Em retrospecto, tem sido uma base nas relações de seus colegas, desempenhando um papel na evolução de suas histórias: livros e diários entre Love e Andrew, palavras e letras de neon entre Anger e Merry, bibliotecas e cartas entre Wonder e Malice.

Não que eles sejam um *Wonder e Malice*. A perspectiva lubrifica sua língua com óleo. Ela amava

o garoto que ele costumava ser, não o desviante que ele se tornou. Assim, eles se juntaram às fileiras de Envy e Sorrow, outro casal temporário sem definição ou um futuro promissor.

Os pássaros agitam sua plumagem com joias enquanto cantam uma melodia espectral. O bosque se divide, os galhos desamarrando para revelar um edifício resplandecente. A visão acelera o passo de Wonder e Malice até que eles se escondem atrás dos arbustos.

Aninhados nas faias, os Arquivos sobem da terra, vários níveis de torres interligadas em forma de estrela disparando para o céu. A janela refrata as luzes das constelações. Escadas exteriores sobem ao longo da fortificação de pedra, e cachoeiras descem pelas paredes e patamares cobertos de grama. A estrutura se funde nos galhos envolventes, coalescendo com as árvores como uma extensão da natureza celeste.

É uma ótima biblioteca de florestas e luz das estrelas.

A boca de Wonder se abre em um sorriso. Pelo canto do olho, ela percebe Malice prestando atenção irritante nela. À luz maltratada, o queixo dele bate como se o prazer dela estivesse contaminando o humor dele.

"O que?" Ela pergunta.

"Nada." Ele muda de expressão como ele muda de humor, de forma imprudente e com imediatismo, seus lábios levantando. “Wonder errante. Como você gosta da vista ocidental?”

Maldito seja. Ela deixou de notar a direção em que eles estavam viajando.

Então, novamente, ela dá uma segunda olhada. Examinando o portão reservado por brumas de água caindo, uma tontura presunçosa ilumina sua noite. “Eu não saberia. Você iria?"

Franzindo a testa, Malice estuda a fachada e tira a mesma conclusão. Ela não tinha sido a única a não prestar atenção ao seu destino durante a caminhada.

Esta é a ala norte, a própria estrela do norte do edifício.

Ele amaldiçoa, passando as garras pelo cabelo. "Eu odeio essa entrada."

Isso a anima. “De repente, está crescendo em mim. Por que você não demonstra o quanto você odeia invadindo primeiro? Eu sei que você gosta de vir primeiro. Há algo tão...” Ela o imita, sacudindo os dedos na ruminação -, “primeiro sobre isso.”

Seu rosto se contrai em uma careta. "Muito engraçado, Flor Selvagem."

"Eu gosto de pensar assim, Demônio."

“O que aconteceu com 'querido'? Por que todo mundo tem 'mais querido' e eu recebo seu gêmeo do mal?”

"Você não saberia o que fazer com a alternativa."

"Não?"

Ele simplesmente odeia essa entrada porque não é um desafio, muito menos que o portão leste. Nesta rota, o único julgamento que eles enfrentarão é navegar por um labirinto vertiginoso de corredores que nenhum equilíbrio tem chance. Fácil.

Não que isso fosse fácil. Wonder se perdeu lá precisamente duzentas vezes antes de dominar seu caminho.

Embora a ala leste seja sua melhor opção, a rotação dos mantenedores do Arquivo - os que obedecerem até aqui até a cessação começar oficialmente amanhã - deve impedir uma briga na entrada norte a essa hora. No entanto, Malice está correto. Não pode ser mais do que alguns retardatários, e é uma estrutura grande, de modo que qualquer guardião será indolor para se esquivar.

Pode-se esperar.

Eles correm pelo gramado e param sob as águas enevoadas que ladeavam o portão, onde Malice retira a Flora de Asterra de seu alforje, espalhando o conteúdo sobre a caligrafia sinuosa de barras. É uma fenda limpa, o raio cede com um tremor sutil.

Deslizando para o pátio, eles correm em direção a uma porta dupla pentagonal, onde aplicam outra dose do líquido. Assim, eles entram no vestíbulo, onde uma procissão de lanternas paira sobre a cabeça, cada uma abrigando uma única estrela. Os recortes dos compartimentos emitem fios de luz verde alecrim que ofuscam as paredes das estantes, enquanto as janelas estreitas exibem crepúsculo violeta, os painéis de vidro bordados com folhas do lado de fora.

Wonder lê a mente de Malice, e talvez ele leia a dela. Concordar em uma rota é fundamental, mas antes que eles façam qualquer coisa, eles devem cuidar do básico. Isso inclui alcançar uma zona segura até que o edifício esvazie ao amanhecer.

Rebaixado de um especialista de biblioteca para um invasor de biblioteca. Se ela estivesse sozinha, ela ficaria irritada. Como Malice se alimentaria dessa emoção como se fosse parte de sua dieta, ela se recompõe.

"Quaisquer que sejam os guardas, eles já estão no modo de férias." Ele murmura. "Eu sugiro os beliches nos dormitórios do sul."

Ela ia sugerir a mesma coisa. Os dormitórios do bibliotecário estão mais próximos da área mais vital dos arquivos, o local mais importante para a pesquisa. “Vamos estabelecer regras básicas agora. Este estabelecimento ilustre tem espaço para apenas uma diva - e essa diva sou *eu*.”

"Ahh", ele chama. "Se você tem tanta certeza, um anúncio de serviço público tão flagrante não seria necessário."

Ela fantasia em cavar uma trincheira da floresta, deixando cair suas opiniões dentro dela, enchendo

dinamicamente as fendas restantes e acendendo um fósforo.

Pela primeira vez, ela o considera apenas Malice. Apenas Malice, uma faca insuportável e indispensável. Só ele.

Apressando-se na barriga dos Arquivos, nenhum deles pronuncia uma sílaba sobre quando ou para onde virar. Seus passos roçam o chão, e quanto mais fundo eles vão, mais essa atmosfera brilha. As estantes embutidas contêm pergaminhos sobre as genealogias das constelações, com placas montadas sob cada recipiente. Ela toma nota avançada desta seção, caso seja útil mais tarde.

Excitação bate no peito, eclipsando o medo. Ela nunca teve acesso a esse grau antes, nunca teve a oportunidade de dormir e despertar nas profundezas de seu lugar feliz.

Wonder muda de ideia sobre ser reduzida a um invasor. Ela sempre brincou sobre querer morar aqui,

e isso está prestes a se tornar realidade, por mais ilegal que seja.

Ela não pode esperar para começar. Enquanto eles permanecerem vivos, tudo ficará bem. Está na hora de exercer a positividade que irrita Sorrow e esgota Anger.

À medida que as passagens se expandem para corredores estreitos, ramos e galerias se multiplicam, assim como estudam mandris, lareiras criadas exclusivamente para o ambiente, mesas e escrivaninhas comuns cobertas com velas e cadeiras de veludo grandes o suficiente para descansar.

Eles seguem para outro corredor, em direção a outra ala. De fato, os guardiões restantes devem ter sido reduzidos a um punhado. De qualquer forma, Wonder se treinou, sintonizando-se com o horário deles, além de sua cinética.

É por isso que ela algema o braço de Malice ao mesmo tempo que ele o dela - enquanto o tambor de

botas bate no corredor a partir do quarto de aquisições.

Eles puxam os braços para trás e depois saltam para nichos opostos, pressionando-se contra as paredes enquanto se olham de lado um para o outro através da divisão. Os passos próximos correspondem à batida do pulso de Wonder. Malice olha como se ele tivesse visão de raios-X, identificando a anarquia sob o corpete dela.

Uma ondulação da luz da lanterna pisca no chão, sinalizando uma sombra que se aproxima. O diretor faz uma pausa audível a três metros deles. Tais guardiões são Guias aposentados, impiedosos com vândalos e invasores. Eles têm as armas para aplicar a punição: arco longo, flechas e outras opções afiadas. O barulho de aço sugere que esse diretor carrega uma espada que é curva como um sabre.

Wonder espera, Malice espera, e o guardião espera.

Seu companheiro olha para frente e se afasta, prestes a se arremessar na frente do guardião por nenhuma razão provável a não ser diversão. Wonder faz um movimento rápido e cortante, cortando a palma da mão na garganta, ordenando que Malice pare.

Irritado, ele obedece, mas mostra a língua para ela.

Essas botas atacam, o ritmo relutante, mas desaparecendo da mesma forma, resultando nas enciclopédias e almanaques na seção de referência. Os ouvidos de Wonder se animam, avaliando se o guardião está aguardando, ansioso para prendê-los. Ela e Malice travam os olhos por uma eternidade até que ele pula alto de seu esconderijo, seu surgimento ricocheteando pelos corredores.

Wonder prende a respiração. Mas ninguém volta.

Então ela suprime um rosnado. Para alguém que estava determinado a chegar aqui, ele não está agindo

como se quisesse ter sucesso. Mas quando Malice se comportou de maneira consistente?

Eles continuam migrando de norte para o sul. Sob as lanternas, existem infinitos níveis, categorias e coleções, uma Magnum Opus de textos contendo galáxias de páginas. Eles devem subir para os dormitórios. Em vez disso, eles desviam sem dar voz, deslizando para baixo, para baixo, para baixo de uma escada. Talvez seja um canto de sereia de livro.

Pergunto-me na ponta dos pés, enquanto o demônio ao lado dela desliza ao longo do corrimão. No fundo, eles alcançam outro limiar pentagonal, além do qual uma vista infinita de pilhas aguarda, cheia de magia e mistérios.

É isso. É aqui que ela começará sua busca por respostas.

A Câmara Oca.

Malice mostra os dentes, antecipação e triunfo iluminando seu rosto. E algo mais melhora sua

aparência: esperança. É uma transformação efêmera, rara, mas infecciosa, pois eles trocam um momento de adoração.

Pode-se chamar de parentesco.

Não dura, trepidação pingando na mente de Wonder. Ela tem sua própria busca, mas qual é a dele? Para que ele precisa dela? O que ele quer deste lugar? Por que isso é tão importante para ele?

Até que ponto ele está disposto a ir para obtê-lo?

E ela terá que detê-lo?

7

Nos Picos, alguns tesouros têm aromas discerníveis, enquanto que não teriam no reino mortal. No instante em que Wonder cruza a câmara oca, os aromas míticos de tinta e sépia - que lembram os envelopes que Malice insistira em embalar - envolvem-na como um cobertor velho. Como se ela nunca fosse embora, ela se delicia com seu abraço tranquilizador.

Em vez de alcançar o alto, o salão subterrâneo se aprofunda, seus níveis rolando na terra como uma broca, apertada por grades curvas de corredores. Os recantos e pilhas contêm todos os tipos de textos e relíquias: documentos, panfletos, ensaios, escrituras, léxicos, portfólios, periódicos, manuais, fólios e tomos.

No alto, no topo do funil, há uma esfera. Ele flutua, um globo de estrelas em miniatura e raios de alecrim, uma fonte de iluminação para os clientes.

E para invasores.

Vai dar tudo certo. Tudo ficará bem.

Ao crescer, todo arqueiro é apresentado à Câmara Oca e precisa estudá-la. Construído e modelado pelo original tribunal do Destino da história, é um repositório subterrâneo do arcano e antigo, abrigando volumes de importância trivial, informações que superaram as boas-vindas e sobreviveram ao seu valor.

Se alguém descontar uma certa área proibida.

Uma seção restrita que ela conhece muito bem.

Wonder e Malice estão no parapeito que dá para a esfera e o piso abaixo, todos esses enigmas com potencial para se desenrolar como pétalas. Ela nunca esteve aqui com outra pessoa. Por mais absurdo que pareça, ela compara esse sentimento aos mortais que se juntam aos fandoms, ansiosos para compartilhar sua nerdice por um amor mútuo, o tempo todo protetor dele.

Qual é a seção favorita dele? Onde ele passou mais tempo?

Então e ela? Que tipo de formato a intriga mais? Qual a repele mais?

Wonder coloca uma mecha de cabelos atrás da orelha e depois olha de soslaio, assim que Malice se afasta dela, seus olhos procurando um lugar para pousar. Examinando a câmara, ele se inclina - muito além - enquanto aperta a barra até que as veias do pulso se enchem.

Ela volta ao cenário. Manchas de prata cobrem os cantos e encostas, sugerindo preciosas lombadas de livros, artefatos de épocas passadas.

"Desde pequena, o Arquivo tem sido o meu playground." Ela sussurra. “E meu templo, minha escola e minha casa. Cada parte segura e escandalosa dela.”

"Com quem você mais se importa?" Malice pergunta. "O seguro ou o escandaloso?"

"Estou começando a pensar que eles são a mesma coisa."

"Eu sempre pensei isso."

"À primeira vista das estantes, fiquei obcecada"

"Obsessão é saudável." Com base no sorriso fantasma dele, ela não tem certeza se ele está falando sério ou sarcástico. "A primeira vez que cheguei aqui, fui direto à Câmara e tentei roubar um livro."

"Naturalmente, quando você poderia ter emprestado."

"Onde está a diversão nisso?"

“Por que um texto dessa área? Era da seção restrita?”

“Não, eu invadi esse lugar mais tarde. Mas o resto da Câmara? Esses livros não têm chance; eles são jogados como pilhas de bosta. Gostei da ideia de ler os párias que ninguém mais deu a mínima.”

“Isso foi o que me atraiu também. Os livros que as pessoas subestimaram.”

"Sim. Mas então um escriba me pegou. O filho da puta me agarrou logo antes de eu sair."

A cabeça de Wonder balança em direção ao perfil de Malice. "Você quase conseguiu."

"Eu odeio dizer isso a você, mas quase não conta."

"Bem, eu não tolero roubos, mas em outros aspectos da vida, quase sucesso é melhor do que nunca tentar."

Sua boca se contrai. "Quão didático da sua parte."

Oh, por que ela se incomoda?

Descanso é a ordem do dia. Tem sido uma jornada difícil, então eles saem da Câmara e aproveitam os dormitórios vagos de bibliotecários. Eles sobem a torre norte, que abriga uma espiral de quartos ao longo de sua coluna. Em um patamar, portas vizinhas com alças de diamante os cumprimentam.

Wonder e Malice se separam, cada uma segurando uma maçaneta. Dentro da sala, o teto

brilha com representações de constelações e um prato de vidro diante dela, oferecendo uma vista da floresta. Roupa de cama espumosa envolve a cama, sua estrutura tão esbelta quanto um dedo. A simplicidade é aérea e elegante, com guarda-roupa, escrivaninha e estante.

Wonder pousa o arco e flecha, seus músculos suspirando com a feliz perda de peso. Há muito para explorar, muito para ver e fazer. Mas atualmente, ela está cansada demais para se sentir oprimida por qualquer coisa, e isso é uma dádiva de Deus, considerando quem está abrigando ao lado.

Falando naquele canalha, Malice aparece no arco, livre de sua própria bagagem. Ele enfia um ombro de couro contra a guarnição. "Então é aqui que você vai se despir, hein?"

"Absolutamente." Ela responde com doçura fingida. "Logo após a minha flecha amputar seu pau."

“Aí, isso é grotesco.”

"Vá para a cama, Malice."

Em vez de entender a dica, ele a observa através de íris cinzas.

Ele dorme nu?

Wonder endurece, destruindo o visual antes que ele se implante em sua mente e a mantenha acordada, com os calcanhares empurrando os cobertores. Além disso, ele só quer atenção.

Ela estende a palma da mão para cima, mexendo os dedos. “Chegamos. Entregue meu buquê.”

Ele balança as garras em falsa despedida. "Eu disse que daria a você quando chegássemos aqui, mas nunca dei uma data exata."

"O que isso implica?"

"Eu não sei, mas parece inteligente."

“Eu posso entrar no seu quarto e ter garantias também. Teste-me."

Por que ela não está blefando, aqueles olhos estreitam para fendas. “Eu nunca vou parar de tentar você. Não até você quebrar.”

"Você estará tentando por muito tempo."

“É uma sorte que vivamos para sempre, então. Bons sonhos, Flor Selvagem.”

Quando ele se foi, Wonder empurra a porta e cai na cama. Sim, ela quer seu buquê de volta. E sim, ela pegará à força, se precisar. Mas esse é um plano para amanhã, entre um milhão de planos.

Malice pode ter sua própria agenda para vir aqui, suas próprias respostas a buscar. Além disso, esta cruzada para derrubar a Corte está a seu favor. Ele não disse isso, mas vai ajudá-la - na medida em que tentará usá-la para seu próprio propósito. Caso contrário, esse sequestro mútuo é nulo.

E ele manterá o buquê dela refém até então.

O que ele não entendeu - ou talvez o que ele está contando - é a rebelião dela. Se ele está planejando lançar e assediá-la, ela o lança e o assedia de volta.

Deslizando entre os lençóis de gaze, Wonder inala os lençóis limpos. Como o sono se torna mais fácil com uma corrente de meditação, ela esvazia sua mente até que o mundo recue em escuridão. E pela primeira vez, ela não é atormentada por seus lamentos.

De alguma forma, ela tem certeza: ele não terá um pesadelo esta noite.

***

Ao amanhecer, Wonder bate à sua porta. Então ela bate mais forte, fingindo que é o crânio dele.

Não recebendo resposta, ela assobia. Os guardiões remanescentes há muito deixaram os Arquivos, porque ela os testemunhou pela janela enquanto eles deslizavam na floresta, suas vestes se

misturando na malha. Por isso, ela pode fazer barulho e pressa.

Ela corre para a Câmara oca, onde encontra Malice reclinado em uma mesa compacta logo na entrada, um livro aberto espalhado por seu colo. Ele apoia os pés na mesa, cruzando-os nos tornozelos enquanto inclina a cabeça para ela.

"Atraso no seu primeiro dia?" Ele incita. “Dormiu demais? Cachorro comeu sua lição de casa?”

"Nós deveríamos nos encontrar fora dos dormitórios." Ela reclama.

Como ele ousa partir sem ela. Como ele ousa criar um cronograma arbitrário, agir como uma aluna premiada e depois adverti-la por atraso.

Como ele ousa vencê-la!

Para esfriar seus ânimos, Wonder tece os cabelos em uma trança lateral despenteada. Enquanto isso, Malice raspa suas ondas sujas. Isso é tudo o que é

preciso para eles se extinguirem e seguirem em silêncio.

Por que isso parece estranho?

Malice conjurou novas roupas, depois de substituir o suéter de couro por um Henley que se estica sobre o tronco, esticando os músculos firmes. Infelizmente, ela sente falta da ocultação de roupas mais grossas, seu corpo zumbindo ao vê-lo. Então é assim que Hades olha para o amanhecer, quando ele está livre para passear como quiser.

O traje dela é tão desgrenhado quanto o cabelo dele, e isso parece íntimo demais para ela gostar. Por outro lado, ele não tem vergonha de rolar sobre ela com calma.

De pé ao lado da cadeira, uma mesa de tripé equilibra um bule fumegante de chá de peônia, além de uma fruteira cheia de cerejas inchadas e pêssegos corados. Sem romãs.

O calor serpenteia da panela e corre para o ar. Trabalhador, ele já comprou o café da manhã.

Ela ama a seleção. Na verdade, eles são os favoritos dela.

Ela não mencionara isso recentemente? Deve ser uma manobra.

Wonder derrama uma xícara de chá. Enquanto o equilibra na mão, ela evita as cerejas e pega um pêssego com os dedos livres. "Vamos ao trabalho", diz ela.

Malice desocupa a cadeira. Pondo-se de pé, ele se inclina e morde o orbe apoiado na mão dela, depois passa a boca pela borda do chá, devorando o conteúdo.

Lambendo os lábios, ele coloca o chá de peônia meio vazio na palma da mão. "Eu pensei que você nunca perguntaria." Diz ele.

Ainda segurando a xícara e a fruta, Wonder o vê sair. Então ela considera os refrescos, cada um deles colidido por sua boca... sua língua ...

Ela joga os dois na mesa.

***

Eles começam na seção restrita, descendo ao nível mais baixo do funil, um ponto de fuga na base da Câmara. Lá, uma laje curva os envolve, dando a aparência de um vestíbulo. No centro, um telescópio metálico - um observador de estrelas - aponta para sua própria imagem, uma imagem de espelho pintada em meio a constelações. Fora isso, a parede não possui portas ou ranhuras nas quais uma partição possa deslizar.

Não, este segmento da Câmara não abre por meios convencionais. O stargazer é uma chave, e há duas maneiras de entrar.

Um deles, girando as lentes da mesma maneira, uma manobra que não pode ser dominada por

ninguém além da Corte do Destino, dos detentores de arquivos e dos bibliotecários.

Dois, violando a lei celestial.

É como Wonder - e evidentemente Malice, durante suas próprias estadias rebeldes - costumava entrar furtivamente.

Ele vasculha o bolso para recuperar a cápsula de Flora de Asterra, depois esfrega o líquido na lente, fazendo com que ela se mova e gire como um caleidoscópio. O mural brilha, ganhando vida animada e afinando em uma tela pura de orvalho e estrelas cintilantes. Eles passam pelo véu, uma fina camada de umidade caindo sobre suas roupas.

Exaltada, Wonder inspira a atmosfera. Oh, como a fragrância da tinta antiga permeia os canais, enquanto as lanternas estreladas derramam luz incandescente de alecrim nas faixas. Os faróis iluminam a poeira flutuando no ar, os fios lustrosos e brilhantes.

Hipnotizada, ela e Malice dão um passo hesitante, saboreando essa reunião. Eles andam em direções diferentes, deslizando pelas curvas e passeando pelas pilhas brilhantes. Estes são os corredores do proibido, do tabu, do esquivo. Esta é uma adega ilustre de segredos, muitos guardados pelos vários tribunais do destino ao longo dos tempos, outros escondidos aqui pelas estrelas, garantidos para aqueles destinados a encontrá-los e encená-los.

Ela se acostuma, passando os dedos pelos livros, instruindo-se em particular como antes. *Sinta o pulso de cada prateleira. Aproveite o brilho de todas as estantes. Respeite suas trevas e busque sua luz. Ouça as páginas amassadas. Siga-as. Leia-as.*

Wonder se afasta de um título, grânulos verdes grudados nas pontas dos dedos. Radiante, ela sopra os flocos, fuligem subindo em uma nuvem de poeira de duende - além da qual Malice aparece. Enquanto a nebulosa flutua no chão, ele a observa, e ela o observa.

Ele bate no queixo. "Vamos chegar a isso?"

Ela se endireita. "Nós devemos."

Durante este mês de adoração, eles têm reinado livre, sem a necessidade de escapadas noturnas ou desocupar as instalações em antecipação à rotação do relógio.

É verdade que não é infalível. O Guia da Wonder pode resistir à noção de que ela estava alucinando na floresta. Portanto, Harmony pode insistir em uma inspeção na floresta e nas proximidades. Se ela ou qualquer outra presença inesperada quebrar a tradição e cheirar aqui, Wonder e Malice terão que fugir. Ela conhece o barulho de todas as maçanetas deste lugar, o rangido de todas as dobradiças, a compressão do tapete sob o passo de uma divindade, o eco do movimento nos corredores.

Malice conhece os mesmos sinais de alerta? Será o suficiente?

Agora que o sono está por trás deles, eles terão que resolver essas questões primeiro.

E então começa. A elaboração de um plano de contingência é mais tranquila do que ela previra, em comparação com quando eles invadiram os Arquivos. Parece-lhe que a colaboração indolor em soluções para empresas indesejadas acaba.

No momento em que eles têm métodos de ataque e defesa, eles passam para a investigação. E é aí que as coisas vão ladeira abaixo, as duas se encarando em extremidades opostas de uma mesa comprida, as palmas das mãos apoiadas na superfície.

"Diga-me o que você está procurando e eu direi se vou cooperar." Afirma Wonder.

"Vou lhe dizer quando estiver pronto e você cooperará." ele responde.

“Em outras palavras, você queria muito que eu viesse aqui com você, mas não faz ideia do que

exatamente precisa de mim? Eu duvido disso. Você é Malice."

"E você é uma diva do arquivo. Se eu não consigo descobrir as coisas sozinho, você é meu backup de pesquisa. Além disso, não é a mesma razão que *você* precisa de mim ? Pela pequena campanha de seus amigos contra nossos governantes? Você precisa da minha engenhosidade livresca, caso não consiga! - Encontre as respostas vitoriosas sozinha."

A perspectiva é um soco no ego, mas é bom. Eles se separam, se necessário. Ela não está com pressa de ajudá-lo de qualquer maneira.

Até lá, eles pesquisam separadamente, discutindo sobre quem tem prioridade sobre cada seção. As piores brigas territoriais de gatos circulam pelas áreas que contêm contos folclóricos lunares, a topografia dos Picos - caso haja uma linha, cratera ou portal desconhecido de entrada que o conecte ao reino mortal - a história dos exilados e casos ou

testemunhos astrais inexplicáveis , significando incidentes em que as estrelas desafiaram a lógica. Ela e Malice jogam trivialidades uma na outra, para estabelecer quem é mais merecedor de cada local. Eles disparam pontos de bala como se esses setores fossem exclusivos, sendo leiloados pelo maior lance.

"Quais livros listam os dados mais precisos sobre os padrões climáticos?" Ele grelha.

"Como você pode identificar uma fábula alta, de uma fábula plagiada, de uma fábula autêntica?" Ela retruca.

"Qual milênio viu os mais excluídos?" Ele devolve.

"Que tipo de formato - manuscritos iluminados ou pergaminhos - narra os fenômenos espectrais mais acessíveis?" Ela questiona.

Quando finalmente chegam ao ar, decidem dividir as áreas e depois mudar.

Isso não é tudo. Ele zomba de suas anotações codificadas por cores, uma técnica em que ela se apoia fortemente para que sua mente não se desvie. É melhor anotar as informações antes que elas as percam, eclipsadas por um novo conceito ou consulta.

Em contraste, seu método envolve o caos organizado. Em vez de escrever notas reais em pergaminhos, ele confia no caixão que é seu cérebro, armazenando seu cache lá.

Eles são defensivos sobre seus sistemas, endossando-os com condescendência e superioridade. Nenhum deles vence a rodada, apesar de nenhum deles desistir.

As noites seguintes passam da mesma maneira cruel. Eles avançam pela Câmara, correndo pelas ruas em uma corrida para ver quem pode fazer suas pesquisas mais rapidamente e apresentar os textos mais promissores para seus objetivos. Uma vez, eles andam pelos corredores paralelos, lançando olhares

um para o outro e depois aumentam sua velocidade enquanto procuram livros específicos. Para sua surpresa, eles acabam no mesmo local, derrapando na frente da mesma prateleira.

Suas mãos alcançam o mesmo volume.

Quando seus dedos quase colidem, Malice move os dedos para trás para evitá-la. Então ele balança o braço e gesticula para o título. "Flores selvagens primeiro."

Como se ele estivesse fazendo um favor a ela, jogando-lhe um osso, deixando-a vencer.

Acontece que eles podem estar procurando o mesmo livro, mas não o mesmo capítulo. Nem mesmo a mesma página.

Em outra ocasião, Malice usa um tinteiro para apagar suas anotações codificadas por cores. Mais tarde naquela noite, ela troca os textos analíticos que ele coletou escrupulosamente, trocando-os por livros de economia, já que ele os acha tão chatos.

Aparentemente, eles não estão acima de tentar sabotar um ao outro.

Não escapa à maravilha que tal petulância negue os problemas e os riscos pelos quais passaram para chegar aqui. A vergonha toma conta dela, porque ela se abaixou para este nível. Usar este lugar como uma ferramenta para menosprezar seu inimigo é desrespeitoso com os Arquivos e degradante para seu propósito.

E agora ela sabe como é a rivalidade.

***

E, apesar de tudo, ela não consegue encontrar nada remotamente útil na campanha de seus colegas de classe por livre arbítrio. Atualmente, Wonder fecha um livro e se joga para trás em sua cadeira, posicionada na cabeceira de uma mesa de estudo entre as pilhas restritas. Embora estofado, o assento rígido coaxa com seus movimentos. Ela montou um acampamento no setor de filosofia, longe de onde

Malice espreita as pilhas de história. A pilha de livros sobre a mesa zomba dela, inadequação e frustração fazendo com que seus dedos se enrolem.

O ramo de eucalipto, tremoço e peônia é dela. É o amuleto da boa sorte dela, e ela precisa. E ela é culpada por deixá-lo seguir seu caminho, o que é inaceitável. E porque é inaceitável, a cadeira recua quando Wonder se levanta. Ele está muito fora de alcance, perdido em sua própria tarefa.

Ela será rápida.

Caminhando pela torre até o quarto dele, ela olha pela centésima vez por cima do ombro e passa pela porta. Cheira Malice - a páginas antigas. Mas inconvenientemente, o espaço carece da fragrância de uma romã. Isso não é encorajador, já que o buquê provavelmente está subsistindo com um.

Além disso, ele é uma alma arrumada. A cama está arrumada, o espaço varreu a desordem, exceto por seu alforje e arco e flecha.

Wonder persegue a vizinhança, vasculhando o guarda-roupa e a estante de livros. Os armários e gavetas não produzem nada de importante, apenas folhetos extras e livros descartados. Como ele não escreve anotações, não há nada para memorizar, nem sinal de suas intenções particulares.

Não há sinal das flores, então ela se ajoelha diante do alforje e o abre.

E então ela se lembra dos envelopes.

Wonder para os dedos congelando. Lá estão elas, pressionadas juntas e amareladas pela idade, o pergaminho parecendo macio ... e legível.

Aqui nos Picos, ela poderá ler o conteúdo. E é errado, muito errado se intrometer. Mas ela não deve? Eles compartilham um passado tumultuado, e esse passado consistia em letras como estas.

Apenas uma espiada. Seus dedos tremem enquanto ela levanta um dos envelopes e puxa a aba. Ela engole, retira o papel de dentro e o desdobra.

Imediatamente, Wonder deseja que ela não tivesse.

Por fim, não há como negar, nem refutar, sem chance. Seu coração se agarra quando uma enxurrada de palavras se materializa ... palavras descuidadas e estúpidas. Está escrito em sua caligrafia, reconhecível pelos momentos em que ele vandalizou suas próprias anotações apenas para irritá-la.

Sim, é a letra dele. Mas não é a prosa dele.

É dela.

Estas são as palavras dela, de outro século, de outro lugar. Estas são as palavras que ela escreveu para aquele garoto mortal ... Palavras que ela escreveu para Malice.

Por que ele é aquele garoto. Isso não é mais uma surpresa.

A surpresa é esta: ele se lembra dela.

De alguma forma, ele se lembra dela.

Isso explica por que essas missivas se assemelham às de sua história. Ele deve tê-las conjurado para parecerem assim, transformando-os em réplicas e depois transcrevendo o conteúdo canalizando seus pesadelos. É a única viabilidade, visto que os originais não existem mais, pois Wonder sabe o que aconteceu com eles.

A nota na mão dela é um clone de sua décima segunda carta. E a primeira que ela escreveu? Ela pode encontrar uma cópia nessa pilha?

É por isso que ele está aqui? Para descobrir respostas sobre sua vida passada, por mais que ele se lembre?

A Wonder resiste à tentação de se aprofundar e aprender mais. Ela enfia o papel no corpete e se atrapalha a colocar o envelope vazio de volta na fenda. O alforje está aberto, com a palma da mão suspensa sobre a coleção dele.

Infelizmente, uma sombra se materializa. Paira sobre Wonder, engolindo-a inteira.

"Hmm." Uma voz rasteja por trás. "Grande erro, Flor Selvagem."

8

A luz das estrelas diurna corta a janela. As listras azuis dão à sala um efeito de bússola, os raios de luz e escuridão apontando como mãos. Ela não sabe dizer se sua garganta palpita de remorso, mortificação ou uma emoção frágil ligada às palavras daquela carta.

Se ela se virar, ela o verá de maneira diferente? Ela vai vê-*lo* ? Aquele garoto querido?

Sua silhueta reflete no chão enquanto a folhagem do lado de fora da janela estremece, as folhas com franjas cantando, *Shhh*. Uma libélula jovem voou para dentro dos dormitórios, pousando na mesa e saindo correndo.

Wonder gira, fingindo seguir sua trajetória. O inseto passa pelo quadril de Malice e ela se concentra no entalhe de sua cintura enquanto se prepara. Atrasar ainda mais a fará parecer fraca e dificilmente inocente.

Os olhos dela se arrastam por seu corpo, emoldurado pela porta. Malice fica ocioso no limiar, os braços erguidos acima da cabeça, os dedos segurando a moldura. Isso empurra-o para frente, dando-lhe uma inclinação profunda, uma ladeira precária e escorregadia.

Isso também coloca seus atributos em exibição. Os cumes de seus bíceps e a extensão de seu tronco, acrescentando comprimento e ondulações à sua forma sob os jeans Henley. Destino converteu-o de um mortal corado para um troll volátil equipado de preto, um espécime escuro coberto com cabelos de cores erradas, aquelas ondas imbuídas como se ele fosse um anjo.

Quando ela encontra os olhos dele, ambas as encarnações olham para trás, de modo que seu coração se parte.

É você. É realmente você.

Mas o que aconteceu com você? Por que você está assim?

Como eu senti sua falta. Como eu me odeio pelo que fiz com você. Como eu o desprezo pelo que está fazendo comigo.

Te odeio. Eu te amo.

Eu não te perdoo. Eu sinto muito.

Wonder pode olhar para ele o dia todo. E ela não suporta olhar para ele mais um segundo. É muito. Ela precisa sair daqui antes que ela se dissolva e espirre no chão, cada palavra jorrando dela.

É por isso que ele a trata com desprezo? Mas é ilógico. Malice pode se lembrar de suas cartas para ele, mas ele não pode saber que ela é a autora. Ela era invisível naquela época; eles nunca se encontraram na carne, muito menos em qualquer pretexto. Eles nunca tinham falado uma vez.

Ele se lembra das palavras dela. Mas ele não pode conhecer o rosto ou a voz dela.

Pode? Se ele de alguma forma descobriu que ela é o fantasma, é indetectável. Mas isso é Malice, raramente revelando o que ele quer, sente ou sabe. Há exceções a essa regra, mas não muitas.

Ela fica de pé e combina com a máscara de indiferença, a dormência abençoada que a assombra. Ela se acostumou à sua série imprevisível. Ela captou os sinais de aviso de quando ele atacará, quando provocará e quando se retirará.

Essa calma enganadora sugere o último, mas ela não é boba: ele está lívido.

Seus lábios torcem quando ele torce um dedo, silenciosamente acenando para ela. Se ele quer que Wonder se aproxime, ele tem outra coisa por vir.

Notando isso, ele se afasta das molduras e anda em direção a ela, parando perto o suficiente para que ela veja as manchas carbonizadas em sua íris. E porque ela cruza as mãos na frente de si mesma, ele abaixa a cabeça para examinar as cicatrizes, o que o

inspira a desviar uma unha, fingindo esboçar as marcas de uma estrela. Desde o dia em que se conheceram na biblioteca da Cidade Celestial, ele ficou obcecado com os ferimentos dela, enquanto ela se recusava a dar a ele um único pedacinho de informação. Negar fatos para Malice o leva ao precipício, mas dá poder a seus adversários.

Até hoje, Wonder escolhe o poder. Embora sua pele arrepie com a ilusão de seu dedo a roçando nela.

"A dor não combina com o seu tom de pele." Ele observa em um tom de voz horrível. "Valeu a pena?"

O subtexto de sua pergunta não é difícil de perder. Ele a viu vasculhando seus envelopes, então é melhor não explicar até Malice decidir o que ele quer dizer. Caso contrário, ela se encurralará e dará a ele muita informação para brincar.

A dor valeu a pena?

"Eu não sei." Ela responde, porque honestamente não sabe mais.

Para o qual Malice range os dentes. "Ou você é um exagero, ou você é uma deusa intrometida."

Wonder encontra sua resistência, resiliência brotando das profundezas de seu estômago e saindo de sua língua. “Tem que ser um ou outro? Não posso ser os dois?”

"Curioso. Você tem os Arquivos à sua disposição ... nossa casa, longe de casa, longe de casa. O que o meu alforje pode lhe dar que um milhão de pés quadrados de livros não podem?”

"Onde está meu buquê?"

"Cristo. É tudo o que você quer saber? Tem certeza de que era isso que procurava? Parece-me que você seguiu o perfume do papel. Não poderia ajudar a si mesma, mas para ajudar a si mesma, é isso?”

“Você chegou cedo demais. Não tive chance de me ajudar.”

Em poucas palavras, a negação parece mais culpada. Com Malice, é melhor subverter suas expectativas admitindo.

Ele chama o blefe, passando por ela. Girando devagar, ela o observa se agachar e vasculhar a bolsa. Ele deve ter as cartas organizadas de uma maneira que somente ele possa identificar, caso alguém com curvas decida bisbilhotar.

Wonder se prepara. Ela fez questão de colocar o envelope em seu lugar original, mas puxar um rápido com Malice é um feito desafiador.

Se ele sorrir, isso significa que ele vai atacar. Desarmada, ela vira os olhos para o arco de madeira encostado na coluna da cama dele.

Por fim, ele se levanta. Seus ombros relaxam, junto com a boca dura.

Bom. Ela não terá que usar o arco e flecha nele.

"Você está satisfeito?" Ela pergunta.

Ele passa a prancha do polegar pelo lábio inferior, considerando-a. “Oh, eu estarei. Fique descansada."

"Descansada? Não sou eu quem tem dificuldade para descansar.”

Isso o está pressionando. Ela sabe porque os traços dele espasmam de surpresa - logo antes de ele pegar uma pétala solitária de peônia do bolso. Wonder reconhece esse pequeno símbolo de seu buquê, que ele deve ter carregado, possivelmente por um momento como esse. Girando o botão roxo em seus dedos, ele diz: "E não sou eu quem tem problemas em fazer isso."

Fechando o punho, ele esmaga a pétala.

"Você é odioso, vil...!" Furiosa, Wonder golpeia seus dedos, lutando com ele até que ele expõe a floração, ainda intacta.

Ela para e depois se afasta, lembrando-se de si mesma. Por um segundo, ela esqueceu como a flora

dos Picos são resistentes. Levaria mais do que o seu aperto para murchar a natureza desta terra.

Malice contava com seu esquecimento. "Sua reação foi perfeita." Diz ele, colocando a pétala de volta no bolso.

Wonder passa por ele, apenas chegando à porta aberta quando a voz dele desliza pela espinha dela. "Flor selvagem?" Ele canta, e quando ela não responde, mas apenas olha para a frente, suas palavras lambem suas costas. "Dê uma olhada aqui de novo e eu vou queimar essas flores."

Ela torce no meio do caminho. "Queime-as, e eu rasgarei as cartas enquanto você *descansa*."

As réplicas ganham um olhar protetor dele, um que a adverte contra isso, mas a desafia a tentar. Mas ele realmente faria como ele diz? Ela faria?

Não. Sim.

Ela sai da sala. No entanto, suas ameaças mútuas ecoam pelo resto do dia, até a tarde, quando ela

retoma sua posição na Câmara oca. Curvando-se em sua cadeira, Wonder se inclina, bate os cotovelos na mesa e deixa o rosto cair nas mãos, instruindo-se a respirar.

Ela merece uma medalha por esse desempenho. Convencer Malice de que ela não tirara nada da bolsa dele, depois de admitir que tentara, é uma vitória.

Impedir-se de agarrar sua mandíbula ou de lhe dar um tapa tem um lugar nos livros de história: a deusa bibliotecária florescente com força de vontade intratável. Seria um grande conto.

Falando em textos, ela arrisca uma olhada nos arredores e tira a delicada carta do corpete. O papel voa de seus dedos como uma pluma. Ele pousa no topo do livro aberto que ela estava lendo anteriormente, uma antologia sobre os recursos naturais dos Picos, a química e a biologia de seu ambiente.

Ela simplesmente não pode agora. Ela não pode se incomodar em ler páginas que revelam quase nada, totalizando bobagens.

Wonder se move para recuperar a carta e depois fechar o livro. Segurando a borda do livro de capa dura, seus olhos se prendem à camada de papel sobreposta. A folha de sépia que fica acima do texto do volume fica... transparente.

Ela se endireita, achatando o folheto, pressionando-o firmemente contra o manuscrito. O que era uma folha amarelada há um segundo se transformou em uma superfície pura. Ele apaga o texto original da antologia, permitindo que scripts alternativos se materializem, como se o papel sépia se tornasse um ímã, puxando cursivo escondido para a superfície.

Ela chega mais perto da mesa, a borda pressionando seu umbigo. Não é que a carta de Malice tenha seu próprio tipo de mágica, porque a letra dele

permanece, interferindo nessa nova mensagem secreta. Ela inclina a carta para que apenas suas áreas em branco cubram o manuscrito, para que não oculte o mistério abaixo.

Seu olhar salta através das palavras. Enquanto isso, seu couro cabeludo formiga - uma sensação familiar e atraente, repleta de riscos e recompensas. Ela viveu esse momento duas vezes antes, caminhando em uma linha tênue entre ignorância e descoberta. Nesse labirinto de prateleiras, ela experimenta pela terceira vez.

É uma lenda.

Ela lê rápido, relê o roteiro e depois traduz seu vocabulário celestial. Na história de Love e Andrew, a busca secreta envolvia a união de corações. Na história de Anger e Merry, envolvia ganhar e partir corações.

E o que essa nova lenda compartilha?

Seu dedo percorre o papel por mais uma rodada.

Se uma divindade liberar seu próprio coração, ela se curará de seu maior erro.

A cabeça de Wonder se levanta. Apenas um arrependimento brilha dentro dela. Apenas uma pessoa.

Então, se ela libertar seu coração do passado, ela se recuperará. Ela se libertará da culpa e da dor. Por sua vez, isso a tornará mais forte, não é? Isso a capacitará para quaisquer batalhas contra o destino que virão pela frente.

E a dor pelo fantasma de Malice desaparecerá. Ela vai parar de doer, de amar quem ele costumava ser. Ela vai parar de querer.

Ele não significará nada para ela.

Isso não será um alívio? Isso não seria legal?

Tudo o que ela precisa fazer é liberar seu coração. A questão é, como?

Tem mais.

Há mais porque ela descobre mais.

Às vezes, uma falha na pesquisa se torna uma cratera. Às vezes, o segredo tem mais a dizer, mais cláusulas a serem transmitidas. Qualquer diva respeitável do Arquivo não teria apenas uma lenda pelo valor nominal sem ter certeza de que essa é a extensão dela. Pode haver galhos, uma árvore genealógica de mistérios.

Ela tenta técnicas diferentes: torcendo o papel sobreposto como uma maçaneta que abre uma porta, girando no sentido horário acima do manuscrito e depois no sentido anti-horário. Quando isso falha em abrir um caminho para novas informações, ela pressiona com mais força e direciona o folheto pela superfície, destacando e obscurecendo certas partes. Ela trata a página como um mapa, varrendo a

folha de sépia pela tipografia, indo para o norte e depois para o sul.

Nada ainda.

Mas *tem* algo.

Uma sensação trêmula passa por ela, semelhante a visitas anteriores, quando ela descobriu outros roteiros proibidos. Esta é ela, finalmente em seu elemento. É ela, lembrando como é se aliar a esses livros, a par dos segredos deles. Como ela ama esse sentimento!

Há mais, há mais, há mais.

Ela vai descobrir isso. Talvez não esteja nesta página, mas em outra. Assim começa uma investigação do manuscrito, enquanto ela pula de capítulo em capítulo, repetindo o processo e colocando camadas de papel sobre papel, deslizando a folha de sépia através de barrancos de caligrafia, elevando a escala da tinta. Isso, com a ajuda de uma carta amarelada e desgastada, pertencente a seu rival.

Mas chega dele. Trata-se de dois pedaços de papel reagindo um ao outro.

Wonder quase chega ao final do livro, quando não *tem* mais.

Tentando um último método, ela levanta o papel sépia e depois o libera, deixando-o vibrar no topo do manuscrito como uma pluma de pena. Foi o que ela fez na primeira descoberta, horas antes.

Realmente faz horas?

Sim, tem. Este tomo é grande e pesado, um terreno fértil para o texto. Embora ela seja imortal, a densidade do livro fraturaria seu dedo do pé se ela o deixasse cair. Portanto, demorou um pouco para examinar sua circunferência.

Wonder observa enquanto o papel roubado se joga sobre a antologia, delicadamente como uma pena. No momento em que isso acontece, o texto aparece como algas do fundo de um oceano. Exceto que as frases têm o brilho do ouropel, redigidas com

a mesma caligrafia ágil da primeira parte desta lenda. É a letra das estrelas, emancipada depois de quem sabe quanto tempo.

Sua espécie tem muitas suposições, incluindo que deuses e deusas são incapazes de sentir amor. Mas oh, que mentira. Pois as divindades realmente possuem corações, e esses corações batem, e se contorcem, murcham e crescem.

De fato, é assim que os parentes e amizades imortais começam. Isso gera irmandades e irmandades, se não famílias.

Portanto, a lenda diz que, embora uma divindade possa liberar seu próprio coração, ela também pode recuperar esse coração. Wonder murmura as palavras, jogando-as em sua mente. Recuperar o próprio coração pode significar mil coisas.

Ela se afasta da mesa, sua cadeira raspando o chão. Talvez essa lenda seja capaz de se revelar apenas quando o papel humano faz contato com o

papel imortal? E é uma coincidência que uma carta pertencente a seu antagonista seja a chave desse segredo?

Ela testa essa teoria, arrancando um papel em branco do caderno que havia adquirido nas instalações de armazenamento do arquivo. A página aleatória produz a mesma mensagem, que causa reações simultâneas, sua respiração sibilando enquanto seus ombros caem. Então é coincidência, mas não é. Embora ela pudesse ter usado qualquer papel, destino achou adequado fornecer estas informações por meio de uma folha específica, tão próxima e querida de Malice.

Se uma divindade libera seu coração ...

Se uma divindade recupera seu coração ...

Isso não tem relação com sua missão. Tem? Ou qual é a correlação?

Embora de alguma forma seja importante, se não for para a batalha pela frente, então para os

envolvidos nessa batalha. E de alguma forma indireta, é relevante.

A primeira parte, certamente para ela. Para liberar seu coração, ela deve suportar um teste específico? Resistir a uma tentação específica? Rejeitar um momento específico?

Ela deve pronunciar certas palavras? Realizar certos atos?

De qualquer forma, ela estará pronta. Ela sofreu uma vida inteira de desgosto e tortura. No entanto, aqui está ela, ainda uma diva da biblioteca, ainda uma arqueira e ainda muito inteligente.

Ela pode fazer isso. Ela deve fazer isso.

A segunda parte pode muito bem pertencer à Malice. Para recuperar aquele órgão preto e latejante no peito, que tarefa ele deve enfrentar?

A lenda se espalha pelas páginas, uma declaração sangrando até a borda do manuscrito.

Se uma divindade recuperar seu próprio coração, tudo o que veio antes será reacendido.

Tudo o que veio antes ... antes que ele perdesse o coração ... o tempo antes disso. Será reavivado.

Qual faceta de antes? O que deve ser reacendido?

"A memória dele." Ela sussurra, sua boca ficando seca como uma pradaria.

Se ele conseguir, ele recuperará sua memória. Ele reviverá todas as suas bênçãos - e seus tormentos. Ele se reconectará com todas as memórias, todas e não apenas a felicidade, mas também a fonte de seus pesadelos.

A tristeza e a esperança dessa promessa embaralham-se como um ovo na psique de Wonder. Ela não descobriu nada disso por acidente. E se assim for, Malice merece saber. Se ele não se lembrar de quem ele é, ele vai querer esta oportunidade.

Mas o resultado o fortalecerá ou o destruirá?

E ela? Ao liberar seu coração, ela ganhará algo vital ou perderá algo valioso?



10

Ela acorda com a bochecha nadando em uma poça de baba. Sua cabeça se ergue da mesa, onde seus braços se cruzam como um travesseiro improvisado. O amanhecer nasce pelas janelas, um gradiente de azul de hortênsia que sangra com as tonalidades de alecrim do interior das lanternas estreladas, enquanto grânulos verdes semelhantes à poeira de duendes literários nadam pelos corredores. A última coisa de que ela se lembra é a lenda que liberta clareza de seus olhos, forçando e distorcendo sua visão.

Aqui estão os efeitos colaterais de puxar uma noite toda: baba e roupas sujas que grudam nas costelas e quadris. Wonder está grogue e suja, e ela não poderia estar mais satisfeita com essa onda de nostalgia. Ela dormiria de boa vontade no meio dos livros a qualquer dia.

Uma vantagem adicional é que Malice não está em lugar algum. Ela imagina se ele esteve aqui, ansioso para repreender seus hábitos de dormir e desprezar sua aparência. Ele se alegrava por não precisar ficar acordado para conquistar os Arquivos.

Valentão. Ela é mais dedicada do que isso, e é por isso que encontrou o que encontrou.

Depois de arrumar e colocar os livros onde eles pertencem, Wonder carrega a antologia e a carta para o quarto dela. É hora do rejuvenescimento. Ao chegar do reino mortal, ela vestira o armário do guarda-roupa; vasculhando suas opções agora, ela veste um roupão de seda e depois anda descalça pelo corredor.

O covil de Malice é mortalmente silencioso. Ele deve estar à espreita em uma das alas.

Ela apostaria seu buquê que a porta dele está trancada. Ela confirma isso ao testar a maçaneta.

Descendo a torre, Wonder sai do prédio e entra em um pátio, transformado em uma área de banho

para os residentes. Ela suspira com a bela visão de uma piscina submersa construída no solo e envolta em vegetação, os galhos de um salgueiro enrolados em volta da borda para formar uma cortina.

As mechas do trançado a vapor da água são puramente estéticas, sendo a temperatura um assunto discutível. Mas o efeito é bonito, especialmente abaixo do firmamento repleto de constelações matinais. A fragrância das flores de sabugueiro se espalha pelo ar e os botões de lótus flutuam na água.

Verificando o perímetro, Wonder torce seus cachos em um coque bagunçado, então prende o manto em um galho. Uma brisa dança em torno de seus membros. Ela caminha profundamente, os respingos soam revigorantes. Parcialmente submersa e reclinada contra a saliência, ela coloca os braços e inclina a cabeça para trás, os seios gotejando e franzindo na superfície, as pernas flutuando na frente dela. Todos os dilemas e descobertas desaparecem de

sua mente à medida que ela mergulha na aleatoriedade terapêutica.

Ela sussurra para todas as estrelas do amanhecer que estão ouvindo. “As constelações ficam com sono? Quão embriagado você consegue se livrar do cheiro de flores silvestres? Se um livro contivesse uma vida inteira, quantas páginas teria?”

Eventualmente, ela fica sem perguntas. Flores de lótus nadam ao seu redor, fazendo cócegas em seus joelhos e pousando em seus pés. Ela esfrega uma das flores até que um creme espumante saia do botão, então ela se ensaboa, banhando a pele com sua essência generosa.

Uma brisa se empurra para dentro da alcova, e sua pele escapa do ataque.

Wonder mexe enquanto se abaixa. Uma verificação completa confirma que não há ninguém aqui, porque todo mundo está em retiro espiritual, e ela está isolada nessa estrutura gigante, abandonada

apenas com outra alma. E se Malice estivesse espionando, ela saberia, porque ele se mostraria conhecido. Ele preferia ser um antagonista barulhento do que uma trepadeira silenciosa.

O próprio pensamento de seus olhos em seu corpo molhado produz um pequeno raio de desejo. Proibida e intrusiva, ela dispara através de Wonder até que ela sacode a perturbação.

Não, ele não ficaria boquiaberto. Em vez disso, ele provavelmente roubaria sua túnica e a forçaria a andar nua pelos Arquivos.

Ela termina a lavagem, depois se levanta e sai da piscina. Suas solas produzem sons de nadadeiras contra os azulejos da borda, borrifando as plantas com orvalho. Chegando em direção ao galho onde ela colocou o roupão, ela não sente nada além de ar.

Wonder para. Um grito se solidifica em sua garganta e canhões em sua língua. "Malice!"

Nua, ela entra nos Arquivos, encharcando o chão e os tapetes. As lanternas iluminam Wonder em alecrim, transformando-a em um jardim, enfatizando as pedras dos mamilos e os cachos de cabelo entre as pernas. Se as divindades fossem modestas, essa viagem gráfica seria imperdoável. Mas como nenhum dos dois se aplica, é apenas um aborrecimento grosseiro.

Isso não dissuade Wonder de rasgar uma cortina de linho de uma haste da janela e envolvê-la em torno de si mesma. Quando chega à escada do dormitório, está pronta para atacá-lo. Dobrando a esquina estreita acesa pela luz da manhã, ela para.

Recostando-se contra a parede de passagem, Malice veste uma camisa de couro com decote em V, tão brilhante quanto alcaçuz preto e ornamentada com belos chicotes de corrente. Seus jeans foram substituídos por mangas de ônix, uma escolha habitual nos Picos, enquanto as botas pretas

cravejadas de hardware refletem seus gostos do reino mortal.

Sorrindo, ele ostenta o roupão de seda e acaricia as mangas. "Você tem um gosto feminino."

Ela resmunga: "E você é uma criança pequena."

“Quantas vezes eu preciso lembrá-la? Eu sou o diabo. Eu gosto de ser o diabo. É tão diabólico da minha parte. A propósito, acho que estamos quites agora. E para esclarecer, eu não estava espionando. Peguei essa coisinha delicada enquanto mal via sua cabeça acima da água.”

"Eu não tirei nada do seu alforje."

É mentira, mas ele não sabe disso. Certo?

Malice diminui, ficando estranhamente silencioso enquanto ela se aproxima dele, expondo-se aos raios de luz verde. Os dedos dela tiram a roupa das mãos dele. Para sua surpresa, é fácil de fazer. Ele nem se incomodou em ficar irritado e mantê-lo fora de alcance.

Por quê? Oh, ela vê o porquê.

Os olhos de Malice mergulham em seu corpo, as curvas amarradas em um pano transparente e salpicadas de manchas molhadas. Ele fica atento às contas que lambem o pescoço, os seios bombeando contra o tecido e o rubor da pele. Essa área compacta reduz o suprimento de oxigênio dela, e a respiração dele tem um novo peso, que aumenta em frequência.

Ele está surpreso. Mas o que ele esperava? Ela estar seca e totalmente vestida?

Sim, ele tinha. Ela é uma tola, irritada por ter dominado a lógica. Foi uma brincadeira inofensiva, pois ela poderia ter conjurado um substituto para o roupão. Ela não precisaria ter atravessado os arquivos, despida. Se ela não tivesse perdido o juízo, teria chegado a essa conclusão rudimentar.

Suas feições presunçosas perdem a alegria. Quanto mais seus olhos a observam, mais

aguda é a sensação. Quanto mais gotas se infiltram no tecido, mais gula sua expressão se torna.

Ela sente todos os olhares dele. O tique na mandíbula dele corresponde ao pulso dela. As coxas dela se contraem, uma crueza se formando no momento em que se encontram, como se sua própria sobrevivência dependesse desse momento.

O garoto da história cutuca a vanguarda de sua mente. Há quanto tempo ela sonha que ele a olha dessa maneira, com o tipo de fome desordenada que a faz querer morder alguma coisa?

Aproxime-se. tire a roupa e veja se ele é capaz de corar, como costumava ser.

Malice passa a mão pelo cabelo, e aquelas ondas douradas voltam ao lugar. Infelizmente, um segundo depois, a vulgaridade lava a admiração de seu rosto. Mesmo que ela pudesse explorar suas emoções, ela não precisa - não como o gosto sombrio e indulgente de vinho inunda seu paladar. É um deslize

sensual em sua garganta, manchada de luxúria e lascívia.

A qualquer momento, ele dirá algo perverso apenas para irritá-la.

Malice ridiculariza: “Eu entendo que minha expressão desestabilizou você. Que manhã produtiva.”

Wonder bufa: "Não vou cobri-lo de atenção."

"E eu não vou cobri-la com discrição", ele vomita. "Não é meu problema se seus seios estão encharcados e balançando no meu rosto. Se você não quer que aconteça de novo, então se recomponha e lembre-se da sua magia. Não se torne um alvo fácil. ”

"Chega, ou vou tirar suas garras de você!"

"No meu sono, sem dúvida."

"Pense de novo. Estabelecemos mais de uma vez que posso atacá-lo enquanto você estiver acordado, com os olhos bem abertos. Portanto, siga meu conselho e guarde seu arsenal.”

Deslizando a língua pelos incisivos, Malice empurra Wonder contra a parede. A proximidade faz com que sua camisa escove o pano úmido que mal esconde sua nudez.

Como pode um momento ser irritante e estimulante ao mesmo tempo?

Como alguém pode ser querido, mas miserável?

As pupilas de Malice dilatam. As palmas das mãos dele batem forte e teatralmente contra a pedra de cada lado de sua cabeça. "Mas eu nem mesmo tirei meu arsenal ainda", ele entoa com um sorriso de escárnio, sua respiração como uma garoa nos lábios dela.

Em um flash, Wonder deixa cair o manto e os vira. Suas costas atingem a laje, um som de surpresa saindo dele, que se transforma em um chiado quando ela agarra sua unha mindinho e exerce pressão, ameaçando arrancar a garra de sua raiz.

Houve um tempo em que vê-lo machucado seria impensável. Na maioria das vezes, ainda é. Agora não.

"Vá em frente." Ela fala entre dentes. "Tente."

Ele solta uma gargalhada dolorida. "Então as flores selvagens não gostam de ficar presas."

"Muito mais que o demônio." Ela termina.

Aquelas pupilas encolhem. Soltando-o, ela tira o roupão da escada.

Ele pegou o buquê dela, enquanto ela saqueava seus pertences e depois o negava descaradamente, então talvez eles estejam quites. E como ele disse, ele não tinha espiado enquanto ela tomava banho. Sua boca se contrai sempre que ele não está dizendo a verdade, mas esses lábios não estão fazendo nada disso. Em vez disso, eles estão cerrados.

Wonder passa por ele, subindo os degraus enquanto ele passa por ela, descendo as escadas. No caminho, ele coloca uma argola no dedo, uma chave

ornamentada em pó da lua presa ao anel. Assim como ela pensara, uma chave para o quarto dele. Os bloqueios nos Picos são resistentes à força imortal, o que significa que não são penetráveis com a ajuda de mero força muscular ou de cotovelo.

Por uma boa medida, Wonder toma o chaveiro de Malice enquanto caminha pelas escadas. Sem parar, ela o joga pela janela da escada mais próxima, ignorando a maldição de Malice. Sorrindo para si mesma, ela corre em direção aos dormitórios.

Trinta minutos depois, ela está seca e blindada em um vestido de folha verde tingida. O corpete se forma em V ao longo da coluna, uma faixa envolve a cintura caída e a saia cai em cascata pelos membros. Ela enrola o cabelo em mechas soltas na nuca.

Um pedaço de rebeldia? Os botões de frésia brotam dos cantos externos dos olhos.

As divindades nem sempre são os seres mais maduros do universo. Epicurista, sensual, excessivo, mesquinho, às vezes beligerante e muitas vezes estragados, sim.

Mas nem todos eles. Outros são reais, dignos e pacientes.

Por vergonha. Só porque Malice se comporta de maneira atroz, isso não dá a Wonder a oportunidade de agir da mesma maneira. Ou então, o que ela aprendeu?

Das amigas dela? Da expulsão dela? Da vida dela?

Ela está pronta para ser civilizada. A briga anterior havia sido um acidente, porque se ela quer ter sucesso nessa missão, ela precisa acenar uma bandeira branca, deixar de agir como uma criança com um complexo de competições e incentivá-lo a fazer o mesmo.

Seus pés descalços fazem uma aproximação silenciosa à Câmara oca. Demora um pouco para localizá-lo, mas canais auditivos imortais captam os livros aleatoriamente.

A perturbação vem de três níveis abaixo. A grande escadaria serpenteia ao lado do funil, afinando em direção ao piso inferior, enquanto pranchas e pontes se cruzam sob a esfera astral que paira. No caminho, Wonder se desvia ao longo de um garfo no labirinto de pilhas. Parando nas instalações de armazenamento, ela recolhe folhas de pergaminho, necessitando de suprimentos adicionais de qualquer maneira.

No bairro das ciências sociais, as prateleiras do favo de mel forçam os textos - costumes, leis e comunidade - a inclinar-se, em vez de ficar em pé. Outros volumes se elevam acima, suas ligações se espalham como asas, subindo tão alto que é preciso uma escada rolante para arrancá-las do ar.

Wonder planta os materiais de escrita na mesa de um nicho, mas mantém um único papel entre os dedos. Assim que ela vira a esquina apropriada, há um distinto "Foda-se" do final das estantes. É pontuado por Malice fechando um título, forte o suficiente para causar uma concussão.

Ele fez uma coluna de livros no chão. Esses devem ser os fracassos pelos quais ele passou até agora.

Wonder torce o papel na forma de um telescópio, espreita e finge ajustar o foco. "O que é isso? Há uma estrela que amaldiçoa."

Malice se aproxima dela sem preâmbulos. Com as sobrancelhas franzidas, ele coloca as mãos em seu próprio telescópio, os pulsos tremendo enquanto a aproxima. "E há uma estrela que flutua."

A análise a sacode com uma precisão estranha. Algo diz a ela que ela também acertou o alvo.

"E há uma estrela pintada de preto." Acrescenta ela.

"E há uma estrela coberta de pétalas." Ele diz rouco.

"Uma estrela enganosa."

"Uma estrela intrometida."

Os lábios dele se curvam, e o canto da boca dela se ergue, e risadas relutantes tropeçam em suas línguas.

Seus telescópios falsos se abrem enquanto abaixam os braços. Ele avalia o vestido dela, depois as frésias que ornamentam seus olhos. Um lento gotejamento de constrangimento vaza pelo corredor, embora seja uma espécie de cessar-fogo, pelo menos durante a tarde. Mas ela pode fazer melhor, porque se existe uma maneira de fazer Malice falar, é apertar o botão do livro dele - o pequeno dispositivo egoísta que desencadeia uma reação em cadeia de se gabar.

Wonder sabe, porque ela possui o mesmo botão. Ela não precisa confiar em subtexto ou nuances com ele. Não quando se trata disso.

No passado, Malice descobriu suas próprias lendas aqui. Uma delas havia desempenhado um papel fundamental na história de Anger e Merry. Por acaso ou intervenção divina, essa lenda entrou em choque com a que Wonder havia encontrado, o que também afetou o romance de suas amigas.

"Antes que Anger e Merry se tornassem amantes." Ela começa. “Onde você encontrou a lenda? O que você apresentou à Anger?”

Malice coloca a mão no coração, como se estivesse lisonjeado. Bem, inferno. “Você está interessado nas minhas táticas secretas?”

"Você sabe, é incrível que esses cachos se encaixem em torno de uma cabeça tão grande quanto a sua."

"Estamos comparando notas?"

"Mostre-me o seu, e eu mostrarei o meu."

"Ahh, pesquisa pornográfica." Ele fala em aprovação. “Eu posso ter um tesão. Você pode verificar?”

“Você é sem-vergonha, brusco e desagradável. E a resposta é um retumbante não.”

"Eu estava sendo retórico, apesar de um jogo acadêmico ser bastante excêntrico."

Wonder promete: "Me certificarei de manter a pontuação."

"Não precisa. Eu vou ganhar. O único problema é que não tenho evidências aqui. Eu roubei logo antes de ser banido e, quando a história de Anger terminou, ele confiscou-a de mim. Eu gosto de pensar que ele queria uma lembrança do nosso caso ilícito. Bons tempos."

"Oh." Wonder não sabia que Anger fazia isso. Mas então, ela não pode saber tudo o que todo mundo faz. O rosto dela cai, a intriga junto com ele.

Malice a considera. "Masss..." Ele torce um dedo. "Siga-me."

Ele caminha na direção dela e reivindica a mão dela a caminho da passagem. A palma da mão dele é mais macia do que ela imaginara, mas não menos sufocante, nem menos impressionante. Tocar nele e ser tocada por ele força as pálpebras a se fecharem.

Por um momento. Apenas por um momento.

Felizmente, Malice não tem noção de nada. A esse respeito, esse evento flagrantemente singular, ele não tem ideia do que o contato significa para ela.

Um milhão de dias e noites de querer essa conexão - com seu eu anterior, não com seu eu atual - a agarra pela jugular. A pungência drena sua mente do pragmatismo. Ela se permite isso enquanto as costas dele estão viradas, enquanto ele não consegue ver o dano que causa.

No entanto, ela está imaginando, ou o aperto dele gagueja com sua própria corrente elétrica?

Ele a conduz pelo corredor e desce as escadas do funil, mais uma vez em terreno proibido, até um galho onde torres de livros se erguem do chão, cada uma oferecendo um desafio. Em uma coluna, por exemplo, escolha o título errado e a torre se reorganizará, confundindo o visitante. Os esqueletos e brechas da galáxia permanecem em segredo por um motivo, com a assistência de um armazenamento complexo.

Quanto mais profunda Wonder e Malice entram na área labiríntica, mais suspeita ela se torna, sua consciência está cheia de lembranças. Ela já explorou esse trecho específico antes.

Em outra coluna, Malice lança Wonder. Ela respira pelas narinas e se recompõe logo antes que ele sacuda a cabeça no pilar. "Longe de mim decepcionar." Ele esfrega as palmas das mãos em preparação. "Hmm. Eu acredito…"

O título menos impressionante do grupo, com uma coluna desgastada e uma folha de ouro

desbotada, cabe em sua mão quando ele o tira da coleção. Habilmente, ele folheia as páginas e depois para.

Malice gira o livro aberto em sua direção, para mostrar que uma das páginas foi cortada do vinco interno. Wonder agarra o livro e olha mais para perto, depois espia sua expressão alegre. O orgulho mancha o pêssego de suas maçãs do rosto, uma reação jovem, sinônimo de descoberta de tesouros enterrados. Ela viu isso rubor em uma vida anterior.

"Você cortou a página." Ela observa.

Ele faz um movimento de tesoura com os dedos indicador e médio. “Manicures como esse são práticas para muitas coisas. Mas minha descoberta não foi apenas uma página.”

Não, não tinha sido. Novamente, Wonder tem um pressentimento.

Ele demonstra, puxando uma página aleatória. Nesse ponto, o papel se

desenrola. Estendendo-se do livro, ele se transforma em um pergaminho, rolando como um pedaço de pano no chão. No entanto, nada no texto em si é alterado.

Malice dá outro puxão no pergaminho, e o vinco do volume suga a página de volta ao lugar, lembrando Wonder de um ioiô. "A tática estava certa." Diz ele. “Eu apenas tive que encontrar a página certa. Quando eu fiz, rendeu...”

"Um segredo." Ela termina. "Com uma insígnia no fundo."

Ele inclina a cabeça. "Diga."

Ela bate na capa. "Página duzentos e seis."

Usando o mesmo processo, a folha se desdobra em um pergaminho, exceto que este revela uma mensagem oculta que se espalha pela superfície, substituindo o conteúdo original. É a segunda metade da lenda que juntou Merry e Anger. É a parte que Wonder descobriu.

Malice digitaliza o texto. "Meu, meu. Parece que perdi um lugar." Ele encolhe os ombros. "Então, novamente, eu estava com pressa. Os guardiões acabaram de me pegar em flagrante, então eu não pude verificar o livro inteiro."

"Foi quando você foi exilado?"

"Mais cinco minutos, e eu teria encontrado isso."

"Levei apenas três minutos."

Os olhos dele enrugam. "É mesmo?"

A tarde se transforma, vão de livro a livro, de canto a canto, levando um ao outro para os pontos onde eles desnudaram os mistérios. A maioria tem sido contas tabu, alguns raros mudando vidas. Wonder apresenta um livro diminuto camuflado e enfiado dentro de um livro, dentro de um livro, dentro de um livro. Ele contém uma lista de supernovas esquecidas.

Em um caso rotativo, bem como uma porta rotativa, Malice pesca uma crônica que só renuncia a

seu segredo quando tratada como um flip book na velocidade certa. A partir daí, um código pode ser decifrado sobre como trapacear em jogos antiquados.

Há uma lista dos criminosos mais antigos das estrelas; essas páginas extras brotam quando alguém planta uma semente no vinco do livro de capa dura.

Há um relato dos criminosos perdidos das estrelas que só podem ser lidos sob um fragmento de vidro, como um microscópio improvisado.

Há um manuscrito que manifesta enigmas quando banhado pela chuva, outro que compartilha receitas antigas quando manchado de tinta. “Para ler, você precisa estragar tudo.” Explica Malice.

O concurso não é hostil hoje. É animado quando eles encontram um terreno comum, explorando as pilhas enquanto se conectam sobre locais, histórias e pesquisas.

Biografias de divindades infames, análises psicológicas sobre sonhos e enigmas são o prazer

culposo de Malice. As contas de viagem são o padrão de Wonder para procrastinação.

Torna-se um jogo, e torna-se divertido. Eles chegam ao ponto de oferecer dicas e cuidados um para o outro: quais nichos examinar e quais desconsiderar.

Durante um debate sobre os ativos das bibliotecas humanas, Wonder faz uma pausa perto de um recesso e gesticula em direção a uma área que abriga jornais antigos, onde tiras e tiras intrincadas envolvem os textos. Os fechamentos são tão habilmente confusos que seria preciso paciência para desatá-los. "Eu sempre quis abordar esta seção, mas ainda não me formei." Ela brinca. "Para a minha vida, essas tiras são tão... Malice?"

Ele olha para os livros, uma aparência doentia em sua pele. Seu pé está preso no meio do caminho e seu punho aperta o corrimão.

O olhar de Wonder salta entre o rosto ferido e os livros embrulhados como múmias. "Malice."

No segundo em que a mão dela encontra o cotovelo, ele se encolhe violentamente, o chão vibrando sob eles. Seu queixo se move para ela, seus olhos se fecham. Mas, para sua surpresa, algo em sua expressão deve domá-lo, porque ele se sacode. "Não é nada. Largue."

Ele desocupa o quarto, obrigando-a a correr atrás dele. As horas mudaram rapidamente, o anoitecer os cumprimentou quando eles saíram da Câmara. Malice está estremecido e ela quer sondar, mas não o faz. Ele apenas gritará ou dirá algo sujo.

Raios de lua de estanho absorvem o vestíbulo do dormitório. Eles param no patamar, duas manchas no centro da luz brilhante. Ela quer perguntar, mas ele não está pronto para isso.

Talvez ela também não.

"Eu tenho uma confissão." Ela sussurra, e isso chama a atenção dele. "Eu esqueci de marcar pontos."

Sua boca se levanta com humor. "Preguiçosa."

"Mas não fazemos um time ruim."

"Não é muito pobre."

“Poderíamos ser uma força a ser reconhecida. Mas não chegaremos a lugar algum a menos que...”

A menos que trabalhem juntos, não prevalecerão em nenhum de seus objetivos, nem na campanha de seus colegas, nem no que ele estiver procurando.

Malice traduz seus pensamentos. “Foda-se. Conte comigo, mas ainda sou um pesquisador melhor. Acostume-se a isso.”

"Eu acho que não." Ela declara enquanto ele se afasta. "Malice?"

Ele para e a olha por cima do ombro. "Sou eu."

“Na floresta, com aquela anciã. Por que você ...?”

Por que ele pulou na frente de Wonder quando Harmony deu aquele tiro? Por que Malice se jogou no caminho daquela flecha, e por alguém que ele despreza?

Processando a pergunta, ele fica convencido. "Eu só queria irritar nossa visitante."

Ela não tinha lhe dito que era a sua guia, o que é ilógico. Mas na época, ela precisou lidar com a descoberta primeiro. Em breve, ela o informará.

"Obrigada ... Por irritá-la." Admite Wonder.

"Normalmente não ouço isso." Comenta Malice.

"Seu nome dito sem rancor?"

“Não”, ele responde, “eu normalmente não ouço, *obrigado.* "

“Perdoe minha pretensão, mas a gratidão é conquistada. Requer fazer coisas altruístas para outras pessoas. Você pode tentar preencher essa cota com mais frequência.”

"Onde está a diversão nisso?"

Wonder balança a cabeça quando ele desaparece em seu quarto. Em seu próprio santuário, ela veste uma camisola e calças que apertam os tornozelos, o cetim acariciando sua carne.

Ela afunda no chão, repetindo as brincadeiras do dia. A visão deles explorando a Câmara Oca passa por sua mente, suas piadas fazendo-a rir em voz alta até a noite se transformar em nada.

E então o mundo explode de volta à vida. Um grito agudo corta a paisagem dos sonhos de Wonder e ela cambaleia dos travesseiros de linho, ofegando pelo sono. Ela conhece o som revoltoso vindo do quarto de Malice.

É o som de um pesadelo.

Ela sai da cama, sai do dormitório e corre em direção ao covil. Seus pés descalços batem no chão, cortando através da meia-noite.

Droga, ele se trancou por dentro. Isso não seria um problema se ela estivesse lidando com uma trava humana.

Apertar a maçaneta é infrutífero, a estrutura da porta se recusando a se mexer. Wonder tenta duas vezes, usando vigor suficiente para arrancar uma barreira mortal de suas dobradiças, mas ainda assim, o raio resiste a ela. Além de sua chave de pó da lua ou a Flora de Asterra, não há como invadir o dormitório.

Os uivos aumentam, arranhando sua garganta. Wonder bate as palmas das mãos na fachada. "Malice!" Ela grita. “Malice, acorde! Acorde!"

Qualquer que seja o horror que ele enfrenta, está evidentemente causando estremecimento na

cama. Seus lamentos murcham em choramingos e depois ralam de volta aos gritos. A garganta de Wonder incha quando ela bate o ombro contra a porta, mas o artesanato é sólido demais, impermeável à batida de seu peso. Ela não pode simplesmente deixá-lo assim.

Wonder volta e depois corre para o quarto para recuperar o arco e flecha de quartzo. Deslizando na frente da porta amaldiçoada, ela abre uma flecha. No ângulo certo, com a força certa, atingindo o ponto morto da fechadura, poderia funcionar. Se sua inteligência a levou a este prédio, ela pode levá-la a este quarto abandonado.

Ela deixa voar. Em um espectro de luz, o botão convulsiona.

Ela ataca de novo e de novo e de novo. A fechadura entra em colapso em sua estrutura e a porta se solta da moldura.

Soltando suas armas, Wonder sopra através da divisória, que afina a parede oposta enquanto ela se move para dentro. Ela congela, fechando a boca com o punho para conter um suspiro.

No coração do dormitório, Malice se agita sob os lençóis, o caos trazendo à mente fantasmas e exorcismos. Os espasmos, os braços presos ao peito, cruzaram como se estivessem grampeados dessa maneira. Seu torso nu se contorce sobre o colchão, uma serpente desesperada para se libertar de sua gaiola.

Isso é pior do que as provações anteriores na Cidade Celestial. Mas isso não é nada comparado ao que ele diz.

"É verdade!" Ele grita para o teto. "É verdade! Ela é real, ela é real, ela é real! Afaste-se, deixe-me ir! Ela é real!”

O serrilhado de sua voz tira Wonder de seu estupor. Batendo através do quarto, ela cai na beira do

colchão e se agarra aos ombros dele, puxando-o na vertical. Suas ondas pressionam seu rosto, as maçãs do rosto apertadas. Ele agita, suas garras batendo nela, lutando com aparições.

Ele a chicoteia de lado na cama. Wonder geme, depois o sacode, usando adrenalina para dominar seus movimentos. Agarrando os cotovelos, ela o sacode e, quando isso não funciona, ela recorre à mesma tática do cofre.

Ela dá um tapa em Malice. Isso não funciona. Ele se agarra contra o aperto dela, rosnando de indignação como se contido por algo que não fosse os cobertores.

Em vez de outro golpe, talvez ele precise de algo mais dela.

Wonder suaviza seu tom. “Shh. Malice, shh.”

Segurando seu rosto torto, ela o mantém firme. “É um sonho, apenas um sonho. Você está livre."

Seu corpo cede, os músculos apertados e tremendo, e seu chiado começa a tremer nas bordas. O momento cuidadoso a lembra de lendas flutuando na superfície de uma página, exigindo delicadeza.

Ele se segura, os braços cruzando mais uma vez, para proteção ou para afastar alguma coisa. A visão assustadora dele como um mortal preso dentro de uma cela arde seus olhos. É com isso que ele está sonhando. Agora que ela confirmou quem ele costumava ser, é óbvio.

Tudo culpa dela. Tudo culpa dela. Tudo culpa dela.

Wonder afasta os dedos de sua mandíbula, e é preciso um aperto de aço para tirar seus braços do peito nu, mas ele a deixa.

"Está tudo bem." Ela acalma. "Acorde, Malice."

"Desamarre-me." Ele insulta. "Deixe-me ir."

“Ninguém está te amarrando. Não mais. Acorde agora."

"Eu sou ... sou rebelde ... sou uma estrela rebelde."

Wonder respira fundo. Ele acabou de recitar ... Ele acabou de dizer ...?

Seu rosto se vira para o dela, seus olhos se abrindo e pulando sobre ela. Íris selvagens brilham como pratos, depois maçantes. A atmosfera se acalma, o barulho se dissolve nas paredes, deixando apenas rajadas de ar cansadas. Ele apenas olha para ela. É uma lousa em branco, sedada, mas perdida, e ela não sabe dizer se ele reconhece quem ela é. Ele está inconsciente de suas divagações, apenas parcialmente consciente de qualquer coisa.

Malice se concentra em seus olhos, seu olhar correndo por eles. "Flor selvagem." Diz ele em um tom rouco. "Eu vejo flor selvagem."

As frésias brotando dos cantos de suas pálpebras. Ela havia se esquecido de removê-las antes de dormir.

Wonder assente. "Sim. Você está em casa."

Está? Onde é o lar dele? Onde é o lar dela?

A resposta parece irrelevante fora desta sala. A luz das estrelas os encharca, matizando o mundo em violeta. Ela procura por restos do pesadelo e não encontra nenhum. Seu abdômen nu flexiona com suas inalações, e a visão de um cabelo loiro desaparecendo na cintura baixa de suas calças a surpreende.

Wonder engole. Ela nunca o viu despojado de uma camisa, os músculos esculpidos empilhados e pulsando com oxigênio, tão vivos e próximos. Seus dedos formigam com cento e cinquenta anos de desejo, coçando para moldar sua pele, fazê-lo suspirar e depois transformá-lo em algo flexível e selvagem.

É suicídio ou sobrevivência, mas ela aborda a distância. Com o olhar de Malice preso ao de Wonder, seus dedos se abrem para esconder um cacho atrás da orelha. Ele não recua, então o dedo indicador fica mais ousado, deslizando para dentro da fenda atrás do lóbulo dele.

O queixo quadrado de Malice se inclina, ele disparando em direção ao contato. A tensão irradia de seus ombros, presa entre um protesto e uma permissão.

Então ele volta a estudá-la. "Você está cansada." Diz ele, as palavras sonolentas injetadas com um calmante.

Wonder balança a cabeça. Ela sussurra: "E você está acordado."

A mão dele agarra o pulso dela, trazendo-a com ele para debaixo dos cobertores. Ela permite, atordoada demais para se retirar. É natural, a maneira como ele se enrola na posição fetal e a encara, observando enquanto ela desenha o linho, envolvendo-o em seu tecido. É como se ele nunca tivesse visto alguém fazer isso, e isso o fascina.

Ele não está totalmente presente. Se ele estivesse, ela não podia entender que ele gostaria de ser visto nesse estado, nem de ser mimado.

Um alívio terrível e doloroso flui através dela. É a textura confusa da segurança e a aspereza da perda. Ela sonhava em dormir com ele assim, sentir seu peso arrastar-se pelo colchão, sua sombra abraçando a dela depois de horas de... não dormir. Em cada uma de suas fantasias, eles fazem amor a ponto de doce agonia, depois caem na exaustão.

Nessas imaginações, ela não está assustada e ele não está louco. Pesadelos não podem infestá-lo, e remorso não pode atormentá-la. Naquela outra vida, eles são assim - pacíficos, com o livre arbítrio de amar um ao outro, não o destino de se abominarem.

É verdade! Ela é real, ela é real, ela é real!

Isso deve resultar do passado dele, que também é o passado dela. Ele deve ter falado sobre ela. Quem mais pode ser?

Eu sou uma estrela rebelde.

Essa tinha sido a parte mais excruciante. Ela conhece essa citação, escreveu-a há séculos e releu-a recentemente - na carta que roubara.

A verdade inunda os sentidos de Wonder, puxando-a para o esquecimento. Ela está arrependida quando sua visão diminui. A vida fica embaçada até que tudo o que resta é um conjunto de olhos desonestos, bem abertos e fixos nela.

Os sonhos acenam para Wonder, submergindo-a em um mar de aquarela, onde ela faz piruetas de um esquema de cores para o outro, nadando em sementes e pétalas.

Então, o amanhecer a chama para voltar, sua ressonância tão delicada quanto uma melodia saindo de uma flauta. Faz tanto tempo desde que ela teve visões tão delicadas que Wonder desperta sem esforço. Ela se sente como manteiga, seu corpo envolto em lençóis e a névoa azul vagarosa da manhã.

Um peso se cava ao lado dela, subindo e descendo sob o cobertor, um monte de zumbidos masculinos. Seu rosto é a primeira coisa que ela vê. Os leques de seus cílios dourados se contraem, as escotilhas de suas pálpebras profundas indicando um sono abençoado.

É o rosto de um anjo e um demônio, benigno e maligno. Assim, Malice é uma estrela, pura, mas cegante.

E ele está bem aqui, sua respiração agitando o cabelo de Wonder. Na idade dela, é difícil acreditar que ainda há novas emoções para sentir, muito menos novas experiências para ter. Mas este momento prova que ela está errada. Ela não viu nem experimentou nada remotamente comparável a isso.

E agora ela sabe o que é gratidão.

No entanto, diminui rapidamente, ofuscada pela realidade. Seus pesadelos compreendem os restos esfarrapados de seu passado, um passado que o puxa em fragmentos. Ele sabe que a visão já foi realidade? Ele sabe que realmente aconteceu com ele? Ela ainda não colheu exatamente o quanto ele se lembra.

Independentemente disso, depois da noite passada e de tudo o que ouviu, Wonder precisa contar

a ele sobre a lenda. Se recuperar o coração ao reviver as memórias e a parte de si mesmo que morreu, ele poderá encontrar paz. Com alguma esperança, ele nunca mais gritará novamente, não como havia feito ontem à noite.

Então, novamente, não há garantia. Ela só pode suplicar às estrelas que a lembrança não levará a outros pesadelos.

E amigos ou não, rivais ou não, inimigos ou não, isso terminará apenas de uma maneira. Ou Malice não recuperará sua memória e continuará sofrendo esse trauma, além de desprezá-la. Ou ele recuperará sua memória, uma plataforma para começar a curar, além de lembrar o que ela fez com ele. Nesse ponto, qualquer mancha de companhia desaparecerá e ele se arrependerá no dia em que ela nasceu.

Sempre voltará a odiar.

Mas se Wonder consegue liberar seu próprio coração, como ele se sente sobre ela não importa,

porque ela não se importa. Ela terá se emancipado dessa desordem emocional, sua missão na vida se estreitando à de uma bibliotecária e arqueira imortal, e não de uma obcecada por um garoto morto, nem de uma mulher em luto que une outros casais para compensar a solidão. Ela será forte mais uma vez, bombeada com vigor por essa luta pela igualdade entre reinos.

Há uma falha fatal nesta hora: suas mãos ainda estão entrelaçadas. Enquanto Wonder tenta se libertar, seus dedos se apertam. Ela olha para os olhos dele apenas para descobrir aqueles abismos acordados e penetrantes.

"Dormir é um passatempo inconstante." Malice entoa. "Isso o deixa indefeso e ainda o liberta."

"Quero meus dedos de volta." Diz Wonder. "Deixe-os ir."

“Tenho certeza que sim. É bom ter dedos. Eles são práticos para tocar e acariciar coisas que não lhe pertencem. Coisas como segredos.”

"Você está se referindo a mais do que apenas segredos."

"Você está certa. Estou me referindo à fornicação.”

Ela tira os dedos do aperto dele. "Vejo que o lado do seu cérebro está intacto."

"Vejo que a topografia do seu próprio crânio atingiu a capacidade máxima e precisa ser descarregada."

Malice faz isso sempre que se sente desconfortável, sempre que fica desesperado. Ele lança comentários sugestivos, fazendo os outros se contorcerem para que *ele* não precise. Baseado em sua expressão beligerante, ele sabe que ela sabe.

Seus traços ricocheteiam entre sóbrio, sedoso e feroz, entre severo e mais severo e mais severo. Não é

aconselhável mostrar compaixão ou pena. Mesmo segurando os dedos dela prisioneiros, seus olhos gritam protestos óbvios: como ela não deveria ter invadido o quarto dele, como ele a quer fora daqui para que ele possa estragar e quebrar alguma coisa.

Mas ele está certo. Sua mente está cheia até a borda, cheia de muito dele e não o suficiente dela. E isso, ela não vai suportar.

Wonder encontra seu olhar. "Eu encontrei algo."

Ela diz a ele. Ela diz a ele quando, e como e o quê. Ela conta a ele sobre a lenda.

Wonder omite duas coisas. Um, a parte sobre liberar seu próprio coração. Dois, como ela usou a carta do alforje para descobrir o texto da lenda. Em vez disso, ela substitui esse detalhe por uma folha de papel aleatória.

Quando ela termina, o silêncio de Malice permeia o quarto, amplificando todos os pedaços do cobertor. Se ela lhe der tempo suficiente, ele vai pescar

através de seus pensamentos e se prender aos pedaços que faltam. Ele já está examinando as palavras dela, buscando motivos ocultos ou erros de lógica. É isso que ele faz - pensa demais e complica demais.

Retirando o cobertor, Wonder balança as pernas para o lado. Enquanto ela se levanta, as pupilas de Malice prendem-se à alça da camisola, que deslizou por seu ombro, expondo o cume de um seio. Poucos centímetros a mais, e o broto de um mamilo fará uma grande aparição.

Ela puxa a alça de volta no lugar. Mas isso apenas encoraja o olhar a desviar, uma excursão por suas mechas desgrenhadas, depois continuando pelas planícies de cetim de sua roupa de dormir antes de fazer uma viagem de volta, subindo para as frésias nas dobras dos olhos.

Ela não consegue se lembrar de uma época em que Malice esteve tão quieto. Sem rosnados ou sarcasmo.

"Estou lhe dizendo isso por causa dos pesadelos." Diz ela. “Por que os pesadelos costumam ser sobre medos, culpa ou ferimentos. O que quer que esteja atormentando você, está se alimentando de sua alma, e não começarei no que está fazendo com sua sanidade. Não posso embarcar totalmente nesta missão se seus caprichos continuarem atrapalhando - não quando você considera esta busca um sequestro mútuo, e não com você arruinando meu sono. Se você recuperar o coração, talvez o sucesso o recompensará com um pedaço de ... de quem você era antes desses pesadelos.”

“Este não é um gesto misericordioso ou gentil. É pragmático, então não se preocupe com isso. Lá, eu cumpri meu dever e disse a você.” Ela termina. “É sua escolha acreditar ou não, mas não tenho tempo para ficar esperando. Eu tenho minhas próprias prioridades para invadir.”

Wonder sai do quarto e corre para o dormitório. Ela precisa tirar essas roupas da pele antes de fazer algo estúpido como traçar os contornos do cetim. Destino, é como se ele estivesse cosmicamente ligado ao material, para que ela pudesse sentir seu olhar sobre ela.

Ela rasga a blusa e a calça e depois se veste às pressas, escolhendo calças de harém frescas e uma blusa comum, que não sai do ombro. Para completar o visual, ela coloca o rabo de cavalo com um crisântemo.

Por fim, ela pega seu arco e flecha. Os perigos são abundantes ao ar livre, como em ambientes fechados. No entanto, ela seleciona um perigo em detrimento de outro, porque a pesquisa pode esperar.

Em outras palavras, ela precisa de ar.

Dentro da floresta de palmeiras do vale, o repositório preenche a distância entre os céus e o submundo. As faias escalam o hemisfério enquanto

suas raízes se enfileiram na grama, o meio ambiente meio marco celestial, meio santuário silvestre. É do céu, terra e solo.

Parando sob a arcada de galhos e folhas retorcidos gravados em ametista, Wonder se entrega a uma respiração profunda e espectral. E no instante em que ela entra na floresta, seu humor melhora. Mesmo uma deusa precisa de uma pausa, ou um feriado, ou pelo menos uma sesta.

Cuidado primeiro. Por mais que seja um mês de retirada espiritual, romper o toque de recolher para uma breve sessão de diversão é uma infração menor. Alguém pode participar de um passeio, um vagabundear, ou uma escapada. Ela fica vigilante, examinando a vizinhança em busca de sinais de brincadeiras ou escapadas: o tilintar da voz de uma divindade, risos ou gemidos quiméricos, o estalo da samambaia ou o som de uma corda do arco.

Não há nada além do zangão sereno de libélulas adolescentes, criaturas brilhantes que voam pelos galhos, suas asas de organza vibrando. Em breve, eles crescerão maiores que ela. Por enquanto, eles se contentam em caçar pólen e perseguir a luz das estrelas do amanhecer.

Wonder caminha ao longo de uma de suas trilhas favoritas, que serpenteiam na rede mística de arbustos e flores impressionantes. Seu estômago ronca, porque faz um tempo desde seu último alimento adequado. No caminho, ela recolhe um raminho de açafrão comestível, mordiscando as hastes azedas, as pétalas roxas liberando açúcar em sua língua.

Uma clareira de flores lilás e cogumelos de lavanda se espalha diante dela, a área envolta em cortinas de salgueiro e coberta por ramificações escaláveis. Um riacho esculpe o solo, a água borbulhando sobre pedras e alimentando arbustos de amora.

Sempre que não estava empoleirada na colina do jacinto, ela fazia acampamentos livres aqui, como arqueira-em-treinamento. A vida era simples, embora não tão rica.

Wonder põe os olhos em um nó em um dos troncos das árvores. Não é um desafio, especialmente a poucos passos de distância, mas ela não está com disposição para ser exigente. Batendo seu arco, ela gira o braço e deixa uma flecha de quartzo voar. A ponta bate na casca e desaparece em um raio de luz, a arma reaparecendo em sua aljava.

Depois de algumas rodadas, ela se sente segura e isolada o suficiente para se desafiar. Ela gira e atira, mirando o mesmo local enquanto está em movimento. As libélulas brincam junto, oferecendo-se como obstáculos cinéticos, pulando ao seu redor na tentativa de frustrar seu objetivo. Rindo, ela gira entre eles enquanto atinge sua marca.

Ela perde uma flecha final. Assobia, cortando o ar.

O som dobra no momento em que outro projétil passa por ela, girando por trás. Ele perfura o salgueiro, aterrissando ao lado de sua flecha até o segundo.

Wonder tem tempo suficiente para registrar as penas de peru da flecha à medida que desaparece. Virando-se, ela aponta o arco para a figura escura encostada na coluna de um salgueiro. Uma nebulosa de cabelos dourados cobre sua silhueta sombria quando ele bate o pescoço do cisne de um arco no quadril.

Destino. Se sua postura relaxada depois de tomar a injeção é alguma indicação, ele se move furtivamente.

Ela sempre admirou essa escolha de nogueira por suas armas. A aparência rústica é modesta, um contraste enganoso com seu poder.

O deus demônio a observa. Há algo de convincente na obscuridade de seus traços, ocultos apesar do intervalo da manhã. Contra seu melhor julgamento, este encontro a lembra de cenas de contos de fadas entre uma heroína e um vilão, o primeiro incidente quando eles se encontram. A perspectiva envia um arrepio no umbigo.

"O que você está fazendo aqui?" Ela pergunta.

"Olhando você." Ele murmura. “Chame-me de voyeur, mas está se tornando um hobby. Eu assisti você festejar com as libélulas na noite em que chegamos aqui.”

"Você estava me seguindo?" Ela coloca os punhos nos quadris. “Seu patife. Por que você não se anunciou? O que você estava esperando? Um sinal de fumaça? Pelo que eu sabia, você pousou em mãos inimigas, do outro lado do vale.”

"Tendo caído na cama de Joy, talvez?"

Wonder fica rígida. Ela teve esse pensamento exato quando eles chegaram. "Você é clarividente?"

“Se eu fosse, você saberia. Eu daria a você tanta merda por tudo que passa rapidamente por seu cérebro alegre.”

"Você poderia ter se enganado."

"Cristo. Ficamos nos Picos por apenas um minuto quente, e esse é todo o crédito que você me deu? Eu gostei de espionar sua dança com a libélula, como eu gostei de ver você se banhando no pátio, e também como se você estivesse filmando um momento atrás.”

"Eu pensei que você não me observava na piscina."

“Eu não fiz. E eu fiz. Faça sua escolha."

"Caçando minhas fraquezas?"

"Confirmando seus pontos fortes - e a extensão de seus quadris." Ele traça as curvas dela com a ponta do arco, movendo-a como um lápis de desenho. "Eu gosto dos seus quadris."

Ela prende sua arma. "Você gosta do seu couro cabeludo exatamente onde está?"

Um sorriso vaza de sua voz. “Aponte para o sul. Atreva-se."

“Prefiro apontar para aquela casca que você chama de cérebro. Isso importa mais para você.”

“Mais que meu pau? Talvez seja verdade. Possivelmente verdade. Da mesma forma, eu diria que você valoriza seu próprio cérebro mais do que suas habilidades-alvo. Por outro lado, ambos são igualmente impressionantes.”

"Isso foi um elogio?" Verdadeiramente, a afirmação surpreende Wonder, especialmente quando se curva como uma provocação, no precipício de uma risada. Ela retifica a situação limpando a garganta e gesticulando para a arma dele. "Por que arco e flecha de madeira?"

Malice coloca o arco na árvore e caminha na direção dela, a hortênsia do amanhecer cortando seu rosto. "Por que queima." Diz ele. "Por que quartzo?"

"Por que não?" Ela responde.

"Ah, ah, ah." Ele canta, parando uma polegada dela. "Pode ser resistente ao calor, mas tudo tem seus limites."

"Por que cura."

A emenda dela enruga a testa dele. Ele olha para ela, pensativo. "Isso deve ser legal."

Wonder se esquiva, deslizando ao redor de seu corpo. Despojando-se do armamento, ela o coloca ao lado do dele e escala a árvore mais próxima. Elevada alguns metros acima dele, ela prende os membros sobre um galho e fica pendurada de cabeça para baixo, os cabelos se desenrolando como um estandarte.

Ela não pode dizer por que sempre imaginou essa posição. Talvez ver o mundo de um ângulo invertido torne a abordagem de tópicos sérios suportável.

Diversão brota no rosto de Malice. Acontece que ele é um bom alpinista, instalando-se no galho abaixo dela, onde se recosta contra o tronco. Ele estende uma perna ao longo da casca e dobra a outra.

Eles estudam um ao outro, até Wonder dizer: "Eu posso ver suas narinas, querido."

"Tão imatura." Ele observa. "Você deveria estar mais preocupada que eu possa ver sua camisa."

Suas coxas endurecem sobre o ramo, depois ficam moles quando ela se lembra que a blusa está enfiada nas calças. "Você nunca terá essa sorte."

“Digamos que sua honestidade esta manhã me conquistou. Pergunte-me o que você está morrendo de vontade de saber. Você só tem uma pergunta, então faça uma boa pergunta. Escolha seu 'Que porra é essa' com cuidado.”

"Além disso, nunca tive a infelicidade de conhecer alguém tão condescendente."

"Obrigado."

Quais são os seus pesadelos? Quem eles apresentam? Quanto essa lenda significa para você?

"Isso dói?" Pergunta Wonder. "Dói quando você grita?"

Malice se assusta. "Não o que eu esperava."

Nem ela. O tom da manhã escorre pela folhagem, sardenta na grama.

Sua mandíbula flexiona. "Você não deveria ter invadido."

"Deixe-me adivinhar. Seu ego malévolo não quer que ninguém te veja assim."

"Eu não quero que uma certa deusa floral me veja assim."

"Por que você tem uma reputação ameaçadora a defender? Por que testemunhar o seu lado vulnerável

me dá uma vantagem? Também não estou interessada, Demônio."

"Sim, é inconveniente para minha reputação, mas não é por isso que estou irritado. Eu tenho garras e você tem cicatrizes suficientes. Entendeu, Flor Selvagem?"

O choque lança através dela. As deidades detectam emoções nos seres humanos através de sinais sensoriais - paladar, tato, visão, olfato e som - mas não um no outro. Seja como for, ela sente a textura musselina da vulnerabilidade, ouve o som estridente da confusão e prova o extrato de madressilva do carinho. Durante seus delitos inconscientes na noite anterior, ele poderia ter esfolado inadvertidamente a pele dela ou esmagado um osso. Ele poderia pegá-la de surpresa e fazê-la sangrar.

"Minha vez." Diz ele, inclinando o queixo em direção aos pulsos cicatrizados. " Se estamos ficando reais, então vamos cair na real: Isso doeu? "

Wonder engole. Se ela quer que ele se abra, ela também deve. "Crescendo nos Picos, você ouviu rumores sobre mim?"

“Se eu não estava na solitária, estava nos arquivos. Se eu não estava no arquivo, estava sozinho. O trajeto entre os dois me manteve ocupado. Mesmo que não tivesse, eu não era uma borboleta social, além de meus colegas de classe consistirem em deuses e deusas da raiva - não do tipo camarada que gostava de fofocar.”

Isso confirma o que ela já havia concluído. Ele é perspicaz demais para detalhes para evitá-lo, e ele a está atormentando sobre as cicatrizes desde que eles o trancaram no cofre na Cidade Celestial. Com alguns pedaços de boatos, ele poderia ter chegado à

conclusão certa. Louvadas sejam as estrelas, esses fatos nunca chegaram a seus ouvidos.

Wonder oscila para cima, senta-se na vertical em seu próprio galho e combina com a posição dele. Uma brisa corta a floresta e perfuma a terra com fantasmas de tremoços ausentes, sugando-a para a memória de uma pradaria ocidental.

"Quando criança, desobedeci ao Tribunal do Destino e paguei a penalidade." Diz ela.

Malice olha para ela. "Quem era ele?"

"Quem era quem?"

“A merda pela qual você sacrificou suas mãos? Quem inspirou essa desobediência?”

"Ele era doce." Depois de um momento de hesitação, Wonder vagueia, conjurando aquele rosto vermelho e manchado de lama. "Ele era tão brilhante quanto o sol sobre um campo, e corado como uma rosa, e amava animais."

"Não posso dizer que já conheci um deus assim." Seu companheiro fareja, arrastando-a da visão. “Então esse é o seu tipo? Uma pilha vestal de santidade?”

"Melhor do que uma dor diabólica na bunda."

"A dor é subestimada, especialmente na região pélvica."

"Chegue mais perto, e minha bota vai provar que seus testículos estão errados."

“A que tipo de *chegar* você está se referindo? O técnico ou o carnal?”

Wonder explode em uma gargalhada escandalizada, e Malice balança o queixo, parecendo subitamente sombrio enquanto ouve o som. "Você não pode ajudar a si mesmo, pode?" Ela ri.

"Falando nisso..." Ele indica as cicatrizes. "Ele valeu a pena?"

Sua risada morre e sua boca permanece desequilibrada, sem resposta. *Sim* é muito fraco e *Não* é muito distante.

Malice acena em seu silêncio. “Não responda. Responder a perguntas é chato.”

"Acho que isso nos deixa quites." Comenta ela, considerando que ele não disse se seus gritos doíam. “Você vai seguir a lenda, não é? É por isso que está aqui? Para curar os pesadelos?”

“Ahh, bem. Pesadelos são tão medonhos, tão tenazes, tão noturnos.”

"Responda-me, Malice."

"Mas você sabe a resposta."

Ela faz. A densidade em sua voz diz tudo.

Na iluminação manchada, Malice se inclina para frente. "Deveríamos fazer isso com mais frequência." Um brilho ansioso ilumina seu rosto. “Talvez durante a nossa próxima conversa,

você me conte a outra metade dessa lenda. Você sabe, a parte que tem a ver com você.”

Wonder pisca, prestes a negar. Mas realmente, ela deveria ter antecipado isso, então qual é o objetivo? Claro, Malice descobriria.

Ela levanta o queixo e imita-o. "Mas onde está a diversão nisso?"

Malice sorri. Desde seu passeio pela seção restrita ontem, eles chegaram a uma trégua e concordaram em unir forças. No entanto, ela não pode comemorar porque, se eles cumprirem seus objetivos, o feitiço será quebrado. Ele recuperará seu coração e ela colocará uma coleira no dela.

O único mistério é: quem terá sucesso primeiro?

Mas não, existem múltiplos mistérios, um milhão de mistérios. Um deles ocorre agora, à medida que se sentem à vontade nos galhos, desperdiçando um tempo valioso conversando.

Apenas falando.

Ela não sabe quem começa. Talvez eles simplesmente precisem de um descanso. Mas o que começa como um frágil bate-papo continua como uma discussão, crescendo raízes e trepadeiras. O que é experimental de manhã torna-se introspectivo, à medida que o céu muda de cor com o decorrer das horas, formando um arco no meio-dia. É a semente de um momento empurrando o solo, desenrolando e abrindo os braços.

Eles abandonam lendas, falando em vez de livros e pesquisas, e dos Arquivos.

"O que você ama sobre isso?" Malice pergunta de seu poleiro.

Wonder esfrega o calcanhar contra a casca. “Adoro a possibilidade, a porta de entrada entre o conhecido e o desconhecido. Eu amo que posso ser uma coisa ou muitas coisas. Eu amo que existem escolhas. Adoro a segurança de tomar minhas próprias decisões.”

"Cristo, eu amo a velocidade de um bom virador de páginas."

Ela ri. "Seja sério, pela primeira vez em sua vida esquecida."

“Não é sobre segurança para mim. É sobre risco. Descobrir a verdade pode ser uma bênção ou uma tempestade de merda. Você não saberá até descobrir, mas, finalmente, entenderá com o que está lidando, em vez de manter a vida escondida. Você poderá segurar os fatos na sua mão.”

"E decida o que fazer com eles."

"Exatamente. A propósito, gosto do som da sua risada. Eu poderia lambê-la pela colher.”

Wonder morde o interior de sua bochecha, sufocando uma resposta. Quanto à segurança versus risco, ela suspeita que ele também a entende. Encontrar um refúgio nos livros exige confiança; enfrentar o risco nos livros exige coragem. Ela nunca considerou isso antes, mas cada um tem mérito.

Ela pergunta: "Então você acredita no livre arbítrio sobre o destino?"

“Por que escolher entre um ou outro quando posso ter os dois? Eu posso ser uma confusão de ação e reação, o que é muito mais interessante de qualquer maneira.” Malice conta com os dedos. “Os arquivos provam isso. A humanidade prova isso. Nós desajustados provamos isso. Temos pensamento cognitivo, e temos natureza, e eles coexistem. Não é ciência de foguetes, apenas química.”

"Se isso fosse verdade, encontrar um terreno comum entre escolha e destino não seria tão difícil."

Malice faz malabarismos com isso em sua mente. "Eu acho que não. Mas isso não significa que nunca resolveremos o quebra-cabeça, certo? Vá embora, pequeno idiota." Ele passa a mão, golpeando uma jovem libélula de sua orelha. "Então, o que você odeia nos arquivos?"

Essa é nova, e Wonder se sente culpada quando se debruça sobre isso. "As mesmas coisas."

Malice assente. "Estou contigo."

Eles amam e odeiam os Arquivos pelas mesmas razões: possibilidade e risco. E acontece que eles adoram e detestam suas criações, seus papéis pretendidos como arqueiros. A servidão e o direito dela os transformam em partes iguais servos e superiores de mortais.

Ser classificado como nenhum é melhor. Parece certo.

Surgem inquéritos de Wonder e Malice, uma quantidade impressionante que se empilha sobre os

galhos. Cada dilema é o critério de outro, um pensamento saltando para o outro.

Ele a desafia a questionar: ela valorizaria respostas, verdades, possibilidades, se fossem escuras, imperfeitas ou perturbadoras? De que servem as lendas, se nada ensinam? De que ajuda eles são, se servem apenas para agradar ou mimar? Qual é o sentido do conhecimento, se existe apenas para validar suposições?

Ela o desafia a questionar: ele valorizaria a pesquisa se não lhe desse absoluto? Ele manteria a fé no irresponsável? Ele se contentaria em apenas especular? Ele apreciaria uma lenda, se não tivesse nada a ver com ele, mas beneficiasse outras pessoas?

"Que resposta você está realmente procurando na Câmara?" Espeta Wonder. "Por que isso é tão importante?"

"E quanto a você? Você está buscando neste terreno sagrado as respostas que só quer

ouvir?” Devolve Malice. "Você está procurando o ideal em vez da verdade?"

Eles ficam em silêncio, tropeçando nessas perguntas. Talvez eles estejam cientes de que as respostas viscerais resultarão em brigas, o que profanará o clima agradável.

Brigar não vale a pena arruinar isso, mas Wonder coloca as perguntas de Malice em sua mente, para levar consigo. Ela o sente fazendo o mesmo quando a atmosfera se transforma em um piquenique. Enquanto as perguntas são marinadas, eles pulam da árvore. Em vez de conjurar bebidas, Wonder prefere colher amoras e flores comestíveis, enquanto Malice retira água mineral do riacho depois de esvaziar e lavar a aljava. Enquanto isso, ela o pega olhando para ela através da clareira, e ele a pega também.

O perfume lilás flutua no ar, os cogumelos contêm veneno e os salgueiros balançam como rabos

de cavalo. Wonder e Malice retomam seus assentos, desta vez relaxando um contra o outro no mesmo galho, as pernas cruzando a abertura, as solas das botas batendo. Empregar sua aljava como um recipiente improvisado de bebida faz com que eles riam.

Para compensar as perguntas mais difíceis, eles falam sobre seus títulos e seções favoritos da Câmara oca. Ele exibe uma série de "Esse é o melhor capítulo" e "Eu sei, certo?" e "Você precisa ler esse."

Malice joga frutas na boca e fala com as bochechas cheias. Wonder suga o suco dela, ciente de que os olhos dele seguem o deslizamento de sua língua. O decote de sua camisa cai, revelando suas clavículas e a garganta mais sexy que ela já viu. O pomo de Adão oscila diante dela como uma uva gorda, provocando uma sede que a água não sacia.

À medida que o dia passa, ela se familiariza com os detalhes anteriormente negligenciados. Os pelos

finos dos nós dos dedos, a pulsação do pescoço quando ele bebe, o vislumbre dele fazendo cócegas em uma libélula quando ele acha que ela não está assistindo. A devoção compartilhada deles à leitura e à aprendizagem, a lembrança de livros de capa dura, se abrem em suas mãos e como ele lambe o polegar antes de virar uma página.

Por fim, estão bêbados, embalados pelo borbulhar da água do riacho. Constelações se reúnem, crepúsculo encharcando a floresta com tinta violeta. Para onde foram as horas? É irresponsável e imperdoável desperdiçar tempo. Wonder deveria se arrepender.

Ela deveria.

Malice lança seu olhar ao redor da floresta. "Hmm. Eu acho que sou uma pessoa noturna. A noite é tão escura, tão iluminada pela lua. Já mencionei o quanto a lua é mais sedutora que o sol? Esta é a hora das bruxas, quando as estrelas

estão mais ativas, fazendo todo tipo de coisa brilhante.”

Wonder brinca: "Como brilhar ?"

"Como se estão transando com você." Ele balança a cabeça na direção dela. "Você parece um querubim, sentada ali, bonita e fofa."

“Chega de insignificância. Mas se você me perguntar, você parece um sátiro, sem as buzinas.”

"Eu posso viver com isso. Você já brincou?”

"Não está no seu contexto."

Malice se ergue de quatro e rasteja em sua direção como uma pantera, aquelas calças pretas esticando sobre suas coxas e nádegas. Fixando os olhos nela, ele tira as provisões do galho, descartando-as com um golpe para trás no pulso. Amoras e pétalas derramam-se na grama, convidando as libélulas a se mexerem após as colheitas.

Ele para quando o nariz dele roça o dela, forçando Wonder a se desenrolar de sua expansão,

seu estômago revirando. "Que contexto é esse?" Ele murmura.

"Eu não estou jogando esse jogo com você, Malice." Ela sussurra.

“Claro que você não vai. Exigiria mais palavrões e menos roupas. O que você saberia sobre essas coisas?”

Parece que ele está pescando - ou duvidando, ou ousando - mas que pena.

Wonder cruza os braços, escondendo os tremores.

Malice cede. Ele se endireita, montando o galho, aquelas coxas sólidas se abrindo e apertando a casca. Seus pés balançam para os lados, a pose simultaneamente travessa, cruel e deliciosa.

Ele exige saber se ela é uma pessoa diurna ou noturna. Para ela, é a primeira porque, é quando as flores florescem, e porque é quando um dia inteiro de descobertas se estende diante dela.

Eles se entregam a mais comentários. Malice é especialmente falador, e quando ele não está sendo grosseiro ou conivente, sua eclética linha de pensamento a desvia. É uma característica que seu alter ego não possuía, até onde ela sabe, mas é um lugar encantador para se morar.

Seus joelhos batem quando ele faz uma pergunta em seu caminho. “Então, qual é a outra metade da lenda? E o que é isso para você?”

Wonder observa seu reflexo nas pupilas dele. "Vou lhe contar na próxima vida, quando você reencarnar em algo com bigodes e rabo."

“E presas? Por favor, diga-me que terei presas longas e duras nesta próxima vida.”

"Para compensar a falta de sua língua?"

Em vez de sua proximidade, é o riso que a perturba, parecendo muito ... muito ...

Observando a reação dela, a alegria morre em seu rosto. Com um simples toque, ele enterra o humor em

um caixão, colocando-o sob uma inclinação tentadora. "Não faça isso, Flor Selvagem", ele adverte. "Não me dê esse olhar, como se você gostasse da minha voz."

"Por quê?" Ela suspira - depois grita quando ele passa um braço em volta da cintura dela e a arrasta sobre seu colo. As coxas dela se dividiram em volta da cintura dele, a pélvis balançando na dele.

O grito se agita quando seus quadris emitem um empurrão sutil, mas intencional, enfatizando a crista pressionada contra sua virilha. "É por isso." Ele murmura, o barulho raspando sua carne.

Seu corpo se agarra, seu sangue corre rapidamente para aquele local íntimo, tão perto dele. Mas suas palavras são um blefe. A realidade é que seu comprimento não é totalmente amoroso, nem totalmente despertado. No entanto, seu tamanho dá a ilusão de estar ereto.

Se suas ações fossem genuínas, Wonder quebraria, talvez triturasse Malice e se deleitaria em seu assobio. Mas isso não é uma opção. Ele está apenas usando outra tática grosseira para impedi-la de fazer ou dizer algo que ele não gosta.

O que há na reação dela à voz dele que o ofende?

Felizmente, seu tom permanece firme. "Você está tentando me assustar."

Ele rouba uma pétala de crisântemo do seu rabo de cavalo. A língua dele esfrega a flor em sua boca, onde ela a imagina se dissolvendo dentro dele. "Está funcionando?"

Ela sorri, uma expressão brilhante e durona que fornece a resposta.

Não nesta vida.

Os cílios de Malice se agitam com a incerteza - e depois a ira quando ela sai do abraço dele e o empurra para fora do galho. "Ei!" Ele rosna, caindo de lado em

um galho inferior, seu corpo enganchando-o e poupando-o de um pouso forçado.

Enquanto ele a xinga e olha para ela, Wonder alegremente pula para a grama e se afasta, escondendo um sorriso. Outra rodada a seu favor.

***

À meia-noite, o céu escurece para violeta. Ela luta com os lençóis, as panturrilhas emaranhadas nos lençóis enquanto abrasam sua pele. Algo tão suave não deve ser tão difícil.

Suas tiras de camisola cortam seus ombros, e seus seios esmagam contra o cetim, e tudo parece errado - não é melhor que uma restrição.

Começa a chover, gotas batendo contra a janela, o ritmo batendo em sua consciência. Normalmente, esse clima a deixa adormecida.

Pelo contrário, o fluxo de ar da sala engrossa. Pela milionésima vez, é assim que o calor se sente? Isso é uma dica? A dinâmica da temperatura havia sido um

mistério até Andrew se juntar ao grupo de rebeldes. Nesse ponto, Wonder escolheu o cérebro do ex-mortal sobre as intensidades de calor e frio.

Às vezes, ela está à beira do entendimento. Pelo que lhe disseram, o calor é a congestão de oxigênio, um acúmulo de sangue e pulso - como o que existe entre as pernas.

E entre as pernas de Malice. Ela sabe disso agora também.

Na floresta, aquele fluxo de ar atrevido girou do centro dele para o dela. Maldito incidente por privá-la dos sonhos.

Não é apenas isso. Dois pensamentos irritantes percorrem sua mente.

Primeiro, uma coisa é conhecer o garoto que ele costumava ser, mas outra é conversar com o garoto que ele se tornou. Com quem ela se identifica melhor? Qual deles é mais real para ela?

Qual deles a conhece?

Essa última peça do quebra-cabeça não é realmente uma pergunta. Não se ela quiser admitir.

Segundo, e mais profundo, é o seguinte: ela se divertiu hoje.

Ela teve muita briga, brincadeira divertida. É desconcertante, mas, embora seus colegas de classe conheçam as partes mais grandiosas de sua vida, ela havia dito a Malice sobre as facetas menores, que de alguma forma são cruciais. Talvez mais ainda.

As favoritas dela. Suas escapadas livrescas. Seu ressentimento e gratidão por magia e arco e flecha. Até parte de sua infância havia escapado, junto com as memórias de Harmony, sua Guia.

Estranhamente, Wonder poderia ter continuado. E, estranhamente, ele absorveu tudo com um interesse vazio de artifício ou agenda.

Wonder dispara na vertical. Ugh, o tiro com arco!

Ela tinha esquecido o arco e aljava na floresta. Se Malice fosse um cavalheiro ou deus atencioso, ele

teria trazido as armas para ela ao voltar para casa. Mas depois de empurrá-lo para fora de seu ninho há algumas horas ... bem, ela não o vê desde então.

As armas ainda podem estar lá fora, como muitas evidências. Se outra divindade rompe o toque de recolher e decide dar um passeio à meia-noite…

É improvável neste momento e no meio de uma tempestade, mas ela não pode se dar ao luxo de ser preguiçosa.

Wonder joga as cobertas para trás. Um minuto de passeio inconveniente depois, ela está encharcada.

Nuvens se reúnem sobre a floresta, fazendo com que os riachos cortem e farfalhem a malha das folhas. O ataque reduz sua camisola a um filme, colando o material contra ela enquanto ela pega flores silvestres com os pés descalços.

Ela lança sobre a companhia. Sinceramente. Ela realmente espera que alguém se aventure aqui

durante uma tempestade? Quem se exporia aos elementos a essa hora? Quem desafiaria o toque de recolher ou a lei da natureza em uma noite como essa? Quem seria tão tolo?

Quem seria tão louco?

Os pês de Wonder deslizam na grama. Ela tropeça, suas solas deslizando pela clareira. Sua mão dispara, segurando um tronco de salgueiro para se equilibrar.

Malice está no epicentro da clareira, transformando-se em um alvo visível. Mas esse não é o problema.

O problema é que ele está nu.

Todo pensamento, sentido, razão, lógica, reflexão, contemplação, preocupação, cautela, perguntas e respostas drenam da mente de Wonder. Junto com o dilúvio, a consciência lava seu corpo.

Este seria um momento ideal para entrar em ação e correr atrás da árvore. Mas as estrelas a ajudem, ela não pode se mover. Para onde foram seus reflexos?

Para qualquer divindade comum, a nudez é dificilmente escandalosa ou privada. No entanto, é impossível aplicar essa regra no momento.

Não para ele. Não para isso.

Destino Todo-Poderoso. Ele derramou suas roupas, as roupas pretas uma poça ao lado dele. De costas para ela, Wonder admira a extensão da pele cremosa, os músculos e os tendões ondulando através de uma figura magra, mas tonificada - uma figura encharcada, contas caindo em cascata no pilar do pescoço, as asas das omoplatas e a conicidade da cintura dele. Eles rolam sobre as ondas de suas costas, arredondadas, firmes e lisas. Um par de recortes esculpidos em sua retaguarda, sugerindo como eles poderiam se contorcer enquanto empurravam em um corpo à espera.

As mãos de Malice se estendem para trás e esculpem seus cachos molhados, escurecidos pela chuva. O movimento reajusta a estrutura de sua forma, as linhas e os ossos mudando.

Os pulmões de Wonder param de funcionar. Essa mesma compressão de ar do galho, de sua cama e de inúmeros outros momentos, a incapacita. Além disso, há um influxo de sangue, uma fusão que pode ser semelhante ao calor, que flui no nexo de seus quadris.

Ele está tomando banho. É o que ele está fazendo.

Ele está aqui desde que ela partiu?

E o que está marcando seu bíceps?

A parte superior do corpo de Malice se torce para o lado enquanto ele esfrega a água do antebraço. Em seu estupor, Wonder consegue ver fios finos e pretos passando pela carne dele. É tinta. A imagem de um alongamento aparece em uma extremidade, que se transforma em uma pena na outra.

Quando eles dormiram na mesma cama, ela não tinha visto isso. Talvez ela estivesse preocupada demais com os comentários dele e delirantes. É um design intrincado, criado por um artesão imortal dos Picos ou um companheiro pária na Cidade Celestial.

É uma visão assustadora. Uma tatuagem não tinha adornado seu eu mortal. Essa novidade é todo Malice.

Ela imagina como essa representação iria subir e desmoronar, contorcendo-se enquanto ele leva outra divindade contra a árvore mais próxima, a tatuagem espalhando sua plumagem enquanto seu corpo ondula, a pena rabiscando ritmicamente coisas sem sentido enquanto ele gira.

Wonder se ergue da fantasia. Ele não deveria estar aqui, mas nunca ouviria uma palestra tão frágil.

O arco e flecha inclina-se contra outra árvore, bem onde ela o deixou. Se ela se mover para pegar as armas e se retirar, ele a pegará.

Ela se afasta, saindo na ponta dos pés da cena até sair da periferia dele. Malice termina de lavar as roupas e, quando o faz, ela volta para o arco e a aljava.

Wonder bate em retirada para o único lugar que lhe dá força. Ela percorre os Arquivos e entra na Câmara Oca, desce correndo as escadas subterrâneas e atravessa as passarelas, indo para o nível mais baixo e depois se enfiando na seção restrita. Desaparecendo em torno de uma estante de livros, ela cai nas prateleiras para recuperar o fôlego. Seu corpo umedece o tapete, enquanto outras partes umedecem de maneira mais sucinta.

Sua cabeça gira para trás enquanto engole, encarando os prismas nebulosos de luz verde flutuando acima. "Destinos Amaldiçoados."

"Você esqueceu algo."

Wonder chicoteia em direção à entrada do corredor, um grito agudo na garganta.

Malice fica ali, observando-a enquanto apoia as palmas das mãos em estantes opostas. Ele não é enorme, mas também não é pequeno. E apenas sua personalidade é grande o suficiente para preencher a lacuna entre as pilhas.

Um conjunto de armas de nogueira repousa no chão, encostado nas prateleiras. Quanto ao arco? Ele está preso nas costas, a fivela tensa no peito.

O peito nu.

Por que ele ainda está nu.

Wonder se recusa a desviar o olhar, porque é isso que ele gostaria. Ela mantém sua atenção nivelada com a dele, estreitando os olhos enquanto o inferno se abre dentro dela. Ela inala chuva fresca e milênios de páginas. A Câmara ilumina a forma proibida dele - a grade carnal de seu torso e os pilares de seus membros.

Sua boca dura se transforma em um sorriso de escárnio, mas esse sorriso zombador derrete quando seus olhos abrem uma trilha através de Wonder. Seu traje molhado está colado ao corpo, uma das tiras da camisola desliza por seu ombro e os mamilos se projetam através do material acetinado da peça. E ela não precisa seguir o olhar dele para saber que uma mecha de cabelo muito discreto é visível abaixo.

Dizer que sua expressão se torna selvagem é um eufemismo. Wonder nunca poderia ter previsto o

efeito ardente que ela está tendo nele. Pode exceder o estrago que ele está causando nela.

Apesar de toda coisa travessa que ele já disse, nenhuma vez ela supôs que seu interesse era genuíno. Rotineiramente, ela classificou seus comentários como truques, um meio de desfazê-la, não diferente de qualquer outra pessoa em que ele tenha metido suas garras.

Mas isso ... pode ser? Pode parecer real?

Seu coração está batendo forte por Malice? Ou pelo passado?

O que está acontecendo com ela? O que está acontecendo com eles?

"Se eu esqueci minhas armas, você esqueceu suas roupas." Comenta ela.

"Coloquei a última na minha aljava." Diz ele. “Quanto ao primeiro? Não é o arco que você esqueceu.”

"O que então?"

"Ver meu pau que você estava esperando."

Então ele sabe. Claro que ele faz.

“Você é um idiota por estar lá fora. Sei que isso é redundante, principalmente no seu caso, mas o que aconteceu com você?” Ela acusa.

“Estou mais interessado em como entrar em você. Diga-me o que *você* estava pensando.”

"Repito: eu estava pensando que você é um idiota."

Malice rompe sua posição enquanto desafivela seu arco e flecha. Ele abaixa o arco e a aljava, o peito contraído e a tatuagem tremendo enquanto deixa as armas caírem. Ela está prestes a repreendê-lo por lidar com seus bens dessa maneira, mas então ele se espalha pelo corredor, os ossos do quadril girando em sua linha de visão. É uma sorte que ela seja uma multitarefa, o que lhe permite resistir a espiar abaixo da cintura dele, se afastar do avanço dele e levantar o queixo.

Sua coluna atinge um beco sem saída. O que é espantoso é que ele não faz contato, nem a prende com os braços. Ele apenas aparece lá, a uma curta distância.

De alguma forma, isso o retrata como inacessível. E de alguma forma, a nudez dele a coloca como vulnerável, como se fosse bobo que ela estivesse vestida, como se fosse uma covarde. Adicione isso à lista de razões pelas quais ela o despreza.

"Vá em frente." Diz ele. "Olhe para mim. Veja o que está por trás da cortina número um."

"Não há cortina à vista." Ela zomba. "Mesmo assim, a vista não o torna especial."

"Tsk, tsk. Nem ser puritana. Mas então, eu diria que você não é tão puritana quanto deixa transparecer. Caso contrário, você seria fraca para uma deusa. Ou prove que estou errado. Ocasionalmente, eu gosto de provar que estou errado."

Isso privará Wonder de seu poder restante ou ressuscitará parte dele. De qualquer forma, para que serve? Ela quer isso.

Wonder se permite vislumbrar, deslizando sobre os cachos ensopados e a boca tensa. O tempo todo, ele a observa enquanto ela viaja para seus peitorais, os botões endurecidos e a grade de seu abdômen. Seu pulso acelera quando seu olhar desce pela faixa de cabelo abaixo do umbigo, entre as inclinações dos quadris - até a firmeza entre os ossos pélvicos.

Caros destinos. Os lábios dela se separam por vontade própria.

É sensual, do jeito que sobe, se contorcendo quando a atenção dela chega lá. Seu comprimento solidifica, a ponto de se estender mais. Há uma coluna reta e um pico de inchaço, e é tudo dele.

Quão profundo é o prazer que uma parte anatômica pode provocar.

Como ele é?

Malice cantarola. “Você gostou do que viu na chuva? Você queria me foder?”

A cabeça de Wonder se levanta. Ela olha para ele, sentindo uma impressão rosa nas bochechas, a mesma tonalidade pintada nos lábios dele.

Antes que ela gagueje uma resposta, ele entoa: “Aposto que caberíamos. Aposto que você seria apertada como um tubo ao meu redor. Aposto que você está mais molhada agora do que eu estava lá fora.”

"Como você ousa!" Ela chora.

“Não fui eu quem estava espiando. Você parece virgem, mas não é uma.”

"Eu tenho duzentos e seis."

"E eu tenho cento e cinquenta e seis." Ele balança a cabeça em falso horror. "Sua puma devassa."

"Meus flertes não são da sua conta."

"Quer dizer, é alguém que eu conheço?" Como um mestre de segredos, ele verifica sua expressão, examinando-a até que seu rosto se ilumine. "Anger."

As narinas de Wonder se abrem, mas não tão largas quanto as dele. Ele toma o silêncio dela como confirmação, suas feições endurecem como se ele estivesse prestes a começar uma matança.

Ela se sente compelida a fazer uma ressalva. "Ele não tinha conhecido Merry ainda."

Foi apenas uma noite, séculos antes de serem designados para o reino mortal. Eles estavam sozinhos e com o coração partido por outras pessoas. Naquela época, Anger carregava uma tocha secreta por Love, e Wonder lidava com seus próprios sentimentos não correspondidos por um garoto mortal. E assim, ela e seu colega de classe se refugiaram um no outro.

"Você gostou?" Malice interroga.

É uma coisa horrível de se perguntar. "Deixe-me passar."

"Você fez, não é?"

"Deixe-me. Passar."

"Você gostou muito."

"Sim!" Ela cospe. “Eu dormi com Anger eras atrás, outra vida atrás, e gostei. E então acordei na manhã seguinte e desejei que nunca tivesse acontecido. Por que ele não era...”

Ele não era você.

Mas naquela noite, ela fingiu que era. É a razão pela qual ela chegou ao clímax.

Malice capta seus pensamentos como um perfume. "Por que ele não era aquele companheiro mortal que você ficou obcecada." Ele se aproxima, sussurrando: “E eu? Eu sou outro substituto?”

Ela não pode responder isso. E ele não a deixa.

"Eu também sou culpado." Diz ele. “Eu já vi humanos participando disso antes em parques, clubes

e carros, e no Carnaval das Estrelas. Antes disso, eu assisti arqueiros foderem, alguns deles me convidando para olhar. Preenche o vazio até que não o faça, porque só diz muito sobre o que você gosta."

Seu tom se aprofunda. "Do que você gosta, Flor Selvagem? Eu acho que você quer uma brincadeira doce. Acho que você teve o contrário com Anger. É um visual perfeito, como esse garanhão deve ter jogado você no colchão, o pau dele em forma de pomo e duro como ferro. Você se contorceu e implorou por mais? Ou o orgasmo saiu como um soluço?"

"Tenho pena que você tenha que se esforçar para estar no controle." Diz ela.

A mandíbula de Malice aperta. "Acho que faríamos muito melhor juntos." Uma das unhas arranha a parede atrás dela. "Eu acho que você queria pular no meu pau naquela árvore - isso seria divertido, vendo você gritar para as estrelas, com a boca aberta e se esvaziando de barulho. Acho que

você quis me montar desde o começo, da mesma maneira que eu queria, mesmo quando detestamos a ideia. Eu acho que se eu te beijasse, você me beijaria de volta, deixando meus dentes marcarem você, deixando minha língua foder a sua. Acho que se eu a prendesse às estantes de livros, você subiria nas prateleiras até os livros saírem das fendas...”

Wonder empurra-o, cercando-os até que as costas de Malice se chocam contra a parede. Um grunhido chocado rasga sua garganta quando ele registra suas posições trocadas, que ele é o único preso agora. Ela fez isso na escada do dormitório, e a manobra o calou como antes. De fato, suas pupilas explodem porque isso é mais próximo do que estavam um segundo atrás. Esta é ela, puxada contra a sua nudez da cabeça aos pés.

De repente, seu peito bate contra o dela, rápido e raso. Ele parece jovem. E nervoso.

Ela não se importa. Ela já teve o bastante.

Já era hora dele ficar tão duro quanto pode. Esse ajuste de atitude está atrasado, para ver se ele gosta de ser atraído, para ver se ele pode aguentar. Se ele quer um jogo, ele vai conseguir.

Wonder se curva contra ele, curvas flexíveis moldando-se em ângulos cinzelados, testando o que o contato faz com seu pênis, que não é mais presunçoso. Sua boca fica mais relaxada, suas inalações reduzidas a jorros.

Seus olhos saltam com ansiedade. Que incomum.

"Você fala demais." Diz Wonder. “Você gosta de se ouvir longe demais. Mas agora você vai me ouvir. Insultar meus colegas, zombar dos meus desejos ou abusar das minhas palavras, e assim me ajude, eu apunhalarei você com suas próprias garras. Mostre-me respeito, mostre respeito à minha classe e devolva meu maldito buquê, ou retirarei suas fraquezas das raízes e as deixarei murchar. Vou vasculhar esta Câmara e encontrar todos os fatos que

você procura, e depois vou fazer você se prostrar por eles. Você me entende?"

Malice a encara, seu corpo pressionado contra sua camisola úmida. Pela primeira vez, ele está sem palavras e não se preocupa em escondê-lo.

E então uma declaração desliza para fora dele - uma palavra que ela não esperava ouvir tão livremente. Seu tique aperta quando ele responde: "Sim."

Wonder pisca. Ele falou com humildade, sem disfarce, tão nu quanto sua carne. É um jogo completo de um segundo atrás, com um rubor correndo em sua mandíbula e seus olhos tropeçando por ela toda.

É o semblante daquele garoto.

Mas não é esse garoto. É Malice.

É seu rival, seu adversário olhando para ela como se ele nunca estivesse tão perto de uma mulher, como se ele não soubesse o que fazer. Apesar de toda a sua indecência, a expressão de Malice quase não se

compara à sua indecência, nem às fatias de erotismo que deslizaram entre as rachaduras. Foi-se a sua bravata, deixando para trás os vestígios de uma fraude bem jogada.

Uma noção angustiante drena Wonder do desprezo. Ela afrouxa o aperto nele.

Ele preenche o vazio até que não o faça, porque diz muito sobre o que você gosta.

O discurso de Malice entra em conflito com sua resposta física a ela, as dicas compilando e apontando para uma conclusão insondável. O tempo todo, ele esteve falando com insinuações sujas, como se soubesse do que está falando, como se tivesse experiência.

Na verdade, ele é ...

Não pode ser. Não na idade dele.

Mas então, que divindades cobiçariam um deus hedonista, não importa quão impressionantes fossem

suas feições? Não importa o quão estimulante eles achem seu diabolismo?

Wonder morde seu lábio inferior, uma emoção agitando suas panturrilhas quando seu olhar traça o movimento. Curiosa, hesitante, ela experimenta. Ela desliza uma mecha dourada atrás da orelha dele, uma ministração gentil que o faz recuar.

Sua mente gagueja. Sim é isso.

Por toda a sua profanação, ele se destaca em blefar. Ele não passa de um pretendente, um falso consumado que viveu uma vida menos promíscua do que ele deixa transparecer. Pelo destino, ele é celibatário há quase dois séculos.

É impensável. No entanto, faz toda a diferença.

Seus olhares colidem. Ele brilha com desafio sem palavras, enquanto as pupilas derretidas engolem sua íris e suas pálpebras ficam encapuzadas. Ela dispensa a última hora, afastando a prudência e a lógica em favor desse pedaço pecaminoso.

É verdade que ela teve apenas um homem antes. Mas ela brincou com os outros o suficiente para saber uma coisa ou duas.

Eles trocam respirações quando ela se inclina e sussurra: "Agora, onde estávamos?"

Surpresa espirra em seu rosto. É o único aviso que ela dá enquanto sua cabeça se vira sob a mandíbula dele, sua boca se arrastando pelo lado de baixo para roçar sua carne.

Malice fica rígido. "Merda." Ele assobia.

A exclamação termina com um coaxar, um reflexo ingênuo que provoca um aperto eufórico entre as coxas de Wonder. Sua cabeça gira, arrastada para um vórtice, suas narinas alimentadas pelo cheiro de madeira e chuva.

Enquanto ela o cutuca, Malice estremece. Seus dedos agarram seus lados, para empurrá-la para longe ou se apegar ao equilíbrio, como se o universo estivesse prestes a entrar em colapso. As respirações

maravilhosas deslizam do desajustado quando seus lábios passam por ele, esboçando a suavidade. Sua carne molhada cede à boca dela, uma deliciosa gota de sal vazando em seu paladar.

Os sons que escorrem dele são carregados de epifania, forjados de pura e inofensiva inocência. Nada jamais soou assim, provou assim, sentiu assim. A umidade se acumula no centro dela, e seu comprimento se firma entre os quadris, empalando-se ali para ela se irritar.

Ela quer mais desse atrito, precisa mais da voz dele. Ela vai levar tudo, levar tudo o que tem negado a si mesma. Ela o consumirá como uma pequena deusa egoísta, e ela não se importa, e não se arrependerá.

O aparo de sua língua sai rapidamente. E ela o lambe, juntando outra gota.

Malice aperta, uma convulsão encorpada à medida que seus músculos relaxam, reduzidas a

massa nos braços dela. Sua cabeça cai contra a parede, seus olhos rolando para a parte de trás da cabeça. E é a mais doce rendição.

"Cristo." Diz ele em um gemido estrangulado.

"Isso é tudo?" Ela murmura, a boca afundando na curva da garganta e do ombro dele. “Isso não é como você, Demônio. Você diz muito, para dizer uma coisa.”

"Você diz tão pouco, para dizer uma centena de coisas." Ele grunhiu, sua cabeça balançando para lhe dar um melhor acesso. "Deixa-me louco. Você me deixa louco."

“Você já estava louco antes de nos conhecermos. E são os que menos sabem que esgotam mais a língua.”

"Oh, foda-se."

A entrega dura é uma pulsação dentro dela, uma dor a ser preenchida. É a palavra *Foda* empurrando de seus pulmões.

Eles esfregam um contra o outro, ofegando através de suas confissões. Wonder gira a cabeça para cima, beijando a inclinação entre o lábio inferior e o queixo quadrado. Então ela limpa o queixo, falando contra a crista dura. “Não farei nada disso. Eu não aguento você."

"Sim, você pode. Você resistiu bastante a mim, então pare com isso.”

"Se você insiste."

Com isso, ela torce. A boca dela trava no canto do pescoço dele e começa a chupar.

Malice se dissolve em um gemido, aveludado e voa para as vigas. Ele derrete na fachada enquanto suas garras a penetram, perfurando sua caixa torácica. É uma picada prazerosa que a faz ofegar no canto da jugular dele. Ela o trabalha entre os dentes, depois dá uma volta no local, terminando com um beijo de boca aberta.

E outro. E outro.

Ela devora o pescoço dele, rolando beijos pelas veias. A língua dela mexe, captando o ritmo do ponto de pulso dele, depois migra mais baixo, experimentando sua clavícula com seus caninos. Ele gosta da pontada de dor, então ela presta atenção semelhante ao outro cilindro esbelto até as articulações dele tremerem.

Wonder não pode pensar direito, porque há muito o que assolar, e ela é consumida pelo serrilhado de seus gemidos, os tremores gloriosos destruindo os dois. Ela beija o mergulho esponjoso entre as clavículas dele com a ponta da língua. Seu engolir rouco a fascina, a estimula enquanto ela o acaricia lá, dentro daquele ponto em que se retrai.

Malice hiperventila, como se ele quisesse mais, como se tivesse medo de querer mais, como se não soubesse querer mais.

Wonder murmura contra o inchaço do pomo de Adão. "Você nunca fez isso."

As palmas das mãos dele apertam suas bochechas e a forçam a encontrar seu olhar, que é contorcido pela fúria. Não é uma negação. Mas seu rosto é um selo quebrado, expondo a verdade. Não há vergonha em seu status, mas ele detesta perder essa influência, detesta admitir isso a ela, detesta que seja um fato visível.

Que ele nunca fez nada, com ninguém.

Ele está pronto para atacar a reação dela. Seus lábios tensos a alertam para não sentir pena dele, nem considere isso uma vantagem. Por trás da expressão, porém, há um tremor nas sobrancelhas, uma lasca de timidez.

Esse é o garoto que ele costumava ser.

O coração de Wonder se comprime, porque a visão dele colocando uma frente enquanto está à sua mercê é demais. Ela pode desmaiar, mas vai se arriscar. Então ela faz o que sonha há décadas.

Ela segura o rosto dele e se inclina. “Malice, eu quero sua boca.”

Os lábios dele se separam. Novamente, ele está estupefato - não pelo pedido, mas por sua inflexão. Ninguém nunca o esbanjou com ternura?

Certamente não. Por que fariam?

Agarrando seus ombros, seus polegares deslizam sob as tiras da camisola, aquelas unhas de sabre esgueirando-se pela roupa e roçando seus seios, parando apenas nos mamilos endurecidos. A sensação é um pouco aguda, o ponto excitante de uma faca.

Ela está tonta, caindo contra ele, roçando seus lábios nos dela. É loucura e puro arrebatamento. "Eu quero sua boca." Ela repete. "Dê-me isto. Tire isso de mim.”

A desorganização desse pedido não está perdida para ela, mas é o melhor que seu fluxo nebuloso de consciência pode fazer. Como Malice não protesta, ela

lhe mostra como ela pode ser uma boa guia e que aluno adequado ele pode ser.

Começa quando ela dá um selinho na boca dele, depois outro, plantando duas carícias nas bordas. "Agora você." Ela respira.

Sua boca se torce, covinha cavando em seu rosto. Ah, então ele gosta de saber o que fazer.

Malice segue sua liderança, varrendo os cantos da boca enquanto as mãos deles vagam entre si. A pele formigando, Wonder pede: “Sim, querido. Bem desse jeito."

Continua com outra exploração. Ela o instrui a se separar mais dela. Depois que ele obedece, ela desenha o arco do lábio superior com o seu, e depois o morde.

A cintura dele bate, a sólida evidência de sucesso empurrando contra ela. O resultado é uma inundação própria, que agrada a ele.

Embora ela esteja dominando essa sedução, Malice lambe a costura dos lábios. Ele aprende rapidamente, porque um soluço de desejo sai dela.

Quando ela abre os lábios para ele, seus marfins cortam e lutam pela liderança. Seus incisivos a roçam, o que é demais para suportar.

Wonder se vira para trás. "Dê-me sua língua." Ela instrui, o que pode ter saído como um ronronar oprimido.

Malice atende ao seu pedido. Sua língua cutuca, e seus golpes combinados a cutucam até os confins da terra. Ele a enxuga, e ela se enrola contra ele, e eles se provocam.

Seus corpos emaranham, cantarolando por dentro. Ele mede os quadris dela, e ela passa os dedos pela tatuagem dele. As farpas de seus mamilos raspam os dela, e o que resta das restrições de Wonder fraturam. Ela aperta aquela língua vermelha e suga com força.

Ele estremece. Ela também.

Seus olhos umedecem, e ela vai chorar, e seu coração vai chorar, porque ele é aquele garoto, e ele não é aquele garoto. Ele é Malice e Não Malice. E isso é sublime, é severo e não está prestes a terminar.

"Beije-me." Ela engasga, rompendo.

"Flor selvagem." Diz ele com voz rouca.

“Beije-me como se você me odiasse. Beije-me como se me amasse ...”

Em um grunhido, sua boca bate na dela.

Ela engasga. Seus lábios estão saturados como o resto dele, e são flexíveis, e são pregas de seda. Eles se inclinam sobre ela, entrando e saindo. Ele cruza a boca com a dela, mexendo-os juntos em um ritmo lívido.

Malice se abre e se fecha, inclinando-se ampla e profundamente, tão profundamente que os dedos de Wonder se enrolam. Delirante, ela mia na boca dele. Os braços dela penduram sobre os ombros dele, os dedos passando pelos cabelos dele.

As próprias mãos dele apalpam a parte de trás do crânio de Wonder, prendendo-a no lugar enquanto a língua dele se flexiona nela, sacudindo gemidos dela como seixos espalhados. A textura de seu gemido ondula em sua garganta. Ela se afasta para morder os lábios dele, fazendo recuos lá, porque sim, sim -

"Foda-se, sim." Malice grita, arrebatando sua boca novamente.

Suas mãos correm para as nádegas dela, erguendo-a contra seu corpo nu. O beijo irrompe em um frenesi. Ele pega a boca dela tecnicamente, como se a conhecesse, como se a odiasse, como se a amasse.

Wonder se espalha sob seu beijo, sua língua chicoteando nela, o contato formigando sua espinha. É o movimento da consumação, com sua intrusão encharcada e ritmo de perseguição. Cada impulso sincronizado penetra no ápice de seus membros.

Ele a está ensopando. E sua nudez aumenta sua rigidez, e ela o quer dentro daquele lugar escuro e florescente dela, enchendo aquele canal até a borda. Ela o quer batendo nela sem fim à vista.

Ela vai quebrar, mas ela não pode parar, e ele não para. Ele libera seu traseiro, sincronizando suas intenções, seus dedos se entrelaçando. Wonder exerce pressão, assumindo o controle e prendendo seus pulsos na parede acima de sua cabeça.

Em seguida, suas cabeças se inclinam enquanto eles destroem o beijo de um novo ângulo. A língua dela ondula sob a dele, suas bocas são elásticas, girando uma na outra com movimentos fluidos. O beijo sela seus gemidos, inaudível para um estranho, mas detonando como uma estrela por dentro.

Somente quando uma gota de chuva corta seu perfil e penetra em sua carne, somente quando o oxigênio se torna uma luta, eles se separam.

Suas bocas se deslocam em um chiado coletivo.

Eles caem, a testa dele pousando sobre a dela. Ela está de ressaca, inchada e úmida por ele. E depois de algumas grandes aspirações de ar, ela procura os lábios dele novamente com um gemido necessitado, detestando ficar longe dele.

Malice rosna, a cabeça inclinada para a dela. Eles escovam, desta vez lânguidos e exaustos, à beira de algo comovente e paciente.

Portanto, perigoso.

E é tão querido, e ele é tão querido, e isso é tão querido.

Pouco antes de se conectarem, ela sussurra um carinho. E não é até que ela encontra a ausência dele que ela registra o erro - o que ela disse.

Como ela o chamou.

Malice tensiona. Ela tem um segundo para vislumbrar seus traços afetados, um único momento antes que esses traços corroam.

Ele a empurra para longe. A força disso a faz curvar-se, tropeçando até que uma estante de livros do outro lado do corredor a pegue, quebrando sua queda.

"O que você disse?" Ele pergunta com os dentes à mostra.

Wonder se endireita. Ela coloca a mão na boca, querendo retirá-la, mas não pode. A visão de sua expressão ferida faz com que a palma da mão saia dos lábios. "Eu ... eu ... não ..."

Mas ela fez. Ela recitou a carta que havia tirado dele, a carta que havia escrito para ele, quando ele era outra pessoa.

Querida estrela rebelde

Era assim que ela o chamava.

Era quem ela estava beijando? Malice, ou seu fantasma?

Passando as mãos pelos cabelos encharcados, Malice olha para ela como se ela fosse uma estranha,

ou como se estivesse esperando por isso e planta as mãos em cada lado dela, colocando-a entre os braços. "Quem é você?"

Wonder pisca. "O que você quer dizer?"

"Quem. É. Você?" Ele queima. “Desde o momento em que te conheci, você olhou para mim como se eu a assombrasse, me checou durante meus pesadelos. No cofre da biblioteca, você olhou para cada objeto como se o reconhecesse. A cadeira de balanço, o telescópio, a caixa de envelopes. E aqui, você roubou a carta do meu alforje...”

"Você sabia?"

“Eu pareço idiota? Eu deixei você se safar porque, desde o início, algo estava errado. Você está muito investida, muito preocupada e muito fodida em fingir. Você entrou no meu quarto na outra noite para combater outro pesadelo que nem é seu, e não é porque estava arruinando seu maldito sono.”

"Por que você se importa? Por que você me olha como se importa? Por que desmaio todas as noites apenas para acabar sufocado por lampejos do campo, de cartas antigas, de uma biblioteca em ruínas em alguma cidade remota que nunca vi antes? Por que estou sonhando com envelopes lotando meu alforje, meus braços amarrados em tiras e uma cela com barras? Por que, por que, por que?"

As tiras. Ele parecia tão traumatizado na Câmara, quando ela apontou os diários antigos. Os textos foram enrolados em tiras. A visão deve ter provocado uma lembrança, uma lembrança mortal de incapacidade.

Ele teve um pesadelo na mesma noite.

"Por que as visões são sempre as mesmas?" Ele rosna. “Por que elas se sentem mais do que apenas uma visão? Você quer saber por que diabos eu estou aqui? É por isso que estou aqui. Por que desde o momento em que nasci, metade de mim se sentiu

imortal, a outra metade não. Eu tive esses pesadelos desde que eu era uma merda tentando encaixar um arco de madeira. Por que escolhi a madeira de nogueira? Que divindade idiota escolhe madeira? Por que me lembro de cheiros, sons e gostos que nunca conheci? Por que meu passado não parece meu passado real?"

Ele a encara. "E por que sinto que você sabe alguma coisa sobre isso? Por que mais você agiu de um milhão de maneiras bizarras desde que me viu pela primeira vez? Por isso trouxe você aqui comigo. Então eu vou lhe perguntar novamente, e novamente, e novamente: O que você sabe? Quem é você?"

Wonder se atrapalha por uma resposta. Malice bate as palmas das mãos contra os livros arquivados em ambos os lados da cabeça, exigindo que ela responda. Com um som áspero de rendição, seu rosto afunda contra o dela, suas pálpebras fechando.

"Pelo amor de Deus." Ele implora. "Não me faça implorar."

Um grito de culpa a escapa. As bordas dos olhos dela brilham com aquele beijo adorável e a desolação em seu tom.

O que ela pode dizer? O que ela deve esconder?

O que ele merece? O que ela deve a ele?

Nada. Tudo.

"Tudo bem." Diz ela.

Seu corpo relaxa e ele assente. Mas quando ele se afasta, seu olhar furioso é um ponto fixo antes de seguir para a aljava, a extensão de suas nádegas à mostra, junto com os fios de cabelo nas panturrilhas. Pescando as calças, ele torce o material pelos membros, sem se preocupar em prendê-los. Eles caem na cintura dele, deixando seu torso nu enquanto ele refaz seus passos.

Pelo menos ela não precisa fazer isso enquanto ele está completamente despido. Mas onde ele descartou suas botas, ninguém sabe.

Malice desliza para o chão, reclinado contra a estante oposta. Amassando as pernas, com os dedos dos pés espreitando das bainhas da calça, ele dá um tapinha no chão.

Ela não está enganada pelo convite. Não é um gesto amigável. Do final do corredor, ela combina com a pose dele, abaixando-se no tapete, as solas das mãos arranhando as fibras enquanto eles se encaram pela pista. Seu ataque provocou qualquer afeto que ele começou a sentir, a paixão do beijo deles esquecida.

Ele espera, e ele espera, e ele espera. "Diga-me." Diz ele.

Wonder inala. E então ela lhe diz.

15

A luz celestial da Câmara banha os corredores em verde. Wonder coloca as pernas embaixo dela enquanto olha para os inúmeros livros, se consolando com os títulos frustrados brilhando nas prateleiras. Desde a infância, eles têm sido sua fonte de força, mais do que qualquer arma.

Quem é você?

Essa é uma pergunta que ela sempre ponderou. Desde sua primeira memória, refletir foi um passatempo amado. Então, quem poderia saber como seria perigoso?

Ela certamente não tinha ...

16

Há uma estrela que flutua no céu. Vagueia de constelação em constelação, explorando cada arranjo celeste e ponderando as formas que eles fazem. É um pequeno viajante curioso, um vaga-lume nômade de luz banhando-se nos raios da lua e cometas rastejantes.

Essa estrela muda seu curso com frequência, sobrecarregada pelas possibilidades. Incapaz de permanecer em um único lugar de cada vez, reflete de um planeta para o outro, de uma atração astral para o próximo. Ela quer saber, e quer perguntar, e quer ver, e quer fazer.

Principalmente, deseja pensar. Anseia por pensar.

Infelizmente, ela flutua sem prestar atenção para onde está indo. Em uma dessas ocasiões, um asteroide colide com a estrela e a leva de volta ao local onde começou, direto à sua posição original. De volta em seu berço.

Ela mexe lá, inquieta. Foi quando os cinco membros do Tribunal do Destino a identificaram, capazes de discernir sua natureza agora que finalmente parou.

Apesar de saberem melhor, pensa Harmony, a divertida Guia das Maravilhas, que fica ao lado deles. Que outra arqueira se comportaria assim?

Só pode ser ela.

A futura mentora da estrela sorri com orgulho e oferece uma palma aberta. Do dossel das constelações, esse vaga-lume celestial afunda e assenta nas mãos da Guia. Ela pisca com a luminescência como se estivesse olhando ao redor, como se tivesse acabado de encontrar um novo lugar para explorar.

***

Sentada no topo da colina, Wonder cruza seus pequenos membros, seu colo enrolado em uma saia tecida de pétalas, uma excessiva cabeleira loira derramando do alto da cabeça e cobrindo os quadris. Como as tranças de calêndula, caem em cascata ao seu redor, às vezes é difícil pular a grama enquanto colecionamos flores.

Ela inclina a cabeça. Na base do vale, fragmentos de um marco espreitam para fora da floresta. Deste ponto de

vista, uma série de torres se fundem com as faias e salgueiros.

"Você não está prestando atenção." Harmony repreende carinhosamente, porque isso geralmente acontece durante a meditação da manhã.

Wonder aponta para o prédio, porque um dia ela receberá uma resposta favorável e não vai parar até que o faça. "O que há lá?"

Seu Guia dá um tapinha no joelho nodoso de Wonder, escondido em algum lugar abaixo de todas as madeixas. "Você descobrirá em breve. Salve suas perguntas."

"Mas e se eu esquecer minhas perguntas?" Ela pergunta.

A divindade ri. "Então elas não eram tão importantes e você terá novas. Sempre há algo a perguntar."

Wonder brilha como se ela tivesse prometido uma confecção. "E algo a descobrir. E algo para sonhar acordado."

Alegre, a guia balança um dedo. "E muito tempo para fazê-lo mais tarde."

Obediente, Wonder fecha os olhos e pratica esvaziando a mente e respirando profundamente, o que dura até a próxima brisa agitar seu cabelo e um caule de jacinto fazer cócegas nos dedos dos pés nus.

***

Quando ela é um pouco mais velha, ela ganha seu arco e aljava de flechas.

Seus colegas de classe estavam antecipando esse momento, mas, sinceramente, Wonder antecipou tantas coisas, consultou tantas coisas, contemplou tantas coisas, que ela deve ter perdido o entusiasmo. Ela deve ter perdido em algum lugar entre uma ruminação e outra.

É por isso que Wonder leva mais tempo do que seus colegas para escolher um elemento para suas armas. Love favorece o ferro, trocando olhares sujos com Anger quando ele faz a mesma escolha. Envy escolhe o vidro e Sorrow escolhe o gelo.

Depois de muita enrolação e barulho, e fantasiando sobre as infinitas opções, Wonder decide sobre o quartzo. Ela gosta do brilho, que a lembra de estrelas à deriva. E quando sua Guia menciona que o quartzo é um elemento curativo, bem, há algo precioso nisso.

Há algo crucial nisso, como se Wonder precisasse curar em algum momento no futuro.

***

Além de exercícios de arco e flecha, ocorrem palestras. Ela e seus colegas sentam-se em um enclave, em uma enseada enevoada de cachoeiras. Reunidos em um semicírculo, eles ouvem os Guias e o Tribunal do Destino explicarem um fato importante: a classe de Wonder são os arqueiros mais elitistas e promissores dos Picos.

Termos

como calibre *e* caráter, humanidade *e* destino , *são ignorados. O último pula na mente de Wonder porque* destino *é uma palavra tão bonita. Não pareceria mágico escrito com caligrafia?*

Harmony levanta uma sobrancelha. A reprimenda silenciosa faz com que Wonder endireite e preste atenção, enquanto dirige olhares secretos para seus colegas.

Ela gosta de cada um deles, mesmo que sejam muito exigentes.

Anger tem sobrancelhas apertadas e cabelos longos e castigados pela tempestade. Envy sorri sem falta de vaidade, como se ele fosse feito de caramelo - delicioso e prazeroso. Sorrow morde seu lábio inferior, e seus olhos são da cor das lágrimas. Love tem cabelos pretos e mãos lisas, e Anger continua olhando para Love, e ela o ignora.

De fato, Love - que é a primeira deusa da história a representar essa emoção - para de se concentrar na lição. Isso deixa Anger irritado, mas faz Wonder se sentir menos estranha com seus próprios meandros, o que a faz sorrir.

Geralmente, sempre que Wonder sai por tangentes, Anger perde a paciência. Sorrow aperta a ponta do nariz. Envy faz comentários pegajosos direcionados para o

rubor de Wonder, já que ele adora a atenção e fica irritado quando a perde. Enquanto isso, Love ou ri - ela gosta do que irrita Anger - ou cuida de seus próprios assuntos, muito ocupada contemplando os dedos para se importar.

Durante a instrução, é bom ver outro colega perdido em pensamentos. Dá permissão à Wonder para se rebelar um pouco mais.

***

Ela deveria estar na cama. Ela deveria estar em casa, em sua casa montada sobre palafitas, acima de uma poça de água brilhante. Ela deveria estar descansando em seu refúgio particular, onde eucalipto, trepadeiras brancas e peônias roxas pendem do teto, derramam do peitoril da janela e emolduram a porta da frente.

Mas ela estava imaginando, pensando, debatendo. Ela não tinha sido capaz de dormir ou ficar quieta. Então, por que se preocupar?

Ser um renegado é muito divertido!

Descansando de costas no topo da colina, Wonder consulta a galáxia enquanto lâminas de verde provocam seus lóbulos da orelha. Ela cumprimenta sua estrela de nascimento - uma vez que a localiza esvoaçando sem rumo pelo firmamento - e depois delibera sem restrições.

De sua Guia e viagens ao reino mortal, ela aprendeu as texturas da imaginação, os sons da incerteza e da perplexidade, os gostos da deliberação e do fascínio e as vistas de reverência e curiosidade. Ela estuda os meandros da admiração e a estrutura de espanto. Ela tem dominado como identificar essas coisas, como mensurá-las em humanos, que sinais físicos e verbais procurar.

Mas qual é a verdadeira essência da maravilha? O que significa derivar?

Existe um limite? Existe um fim?

Por que as flores crescem do solo, mas não do céu? Como seria arrancar estrelas de suas raízes, do jeito que ela arranca prímulas?

Qual a distância que uma flecha já voou? Como seria um arco se fosse construído para atirar para trás?

O que é o destino? Tem um oposto?

E o que há no prédio no fundo desse vale?

***

Livros! É uma galáxia de livros!

Wonder para no limiar, a boca entreaberta. O mundo além é um baú de prateleiras verticais e estojos embutidos em nichos em recessão, cada um marcado por títulos de folhas e letras metálicas. Existem coleções de volumes e volumes, pergaminhos e pergaminho, e tantas... páginas ...

Chama-se Arquivos. Escondida dentro da floresta, no centro da bacia, é a grande e etérea biblioteca do Destino.

O edifício é uma divindade, um santuário de palavras, um templo de conhecimentos e histórias e lendas. Vários níveis e escritórios contêm mesas de estudo e cadeiras de leitura. Do lado de fora das janelas, galhos antigos brotam com folhas com ametista. No interior, cheira a tinta e páginas.

É tão atemporal e sagrado como um mausoléu, mas tão vivo. Apenas um outro lugar já foi verdadeiramente o lar de Wonder - a colina do jacinto. Mas aqui está outro refúgio que provoca uma reação intrínseca em seu ventre, juntamente com um formigamento vertiginoso nos dedos.

Dentro desses salões de livros, há mais perguntas e mistérios. A esponja de sua mente absorve o silêncio cavernoso de vozes, o movimento de folhas de pergaminho e o arranhar de penas. Nas proximidades, um bibliotecário gira um atlas e um guarda passa por mapas geográficos, indicando algum tipo de seção de cartografia.

A cabeça de Wonder gira com pura alegria, e seus pés se arrastam inquietos. Oh, ser uma aficionada deste ambiente. Por mais que ela aprecie o poder predeterminado de exercer reverência com seu arco, se ela pudesse ser qualquer deusa, Wonder seria uma divindade das bibliotecas.

Então esse será o segundo emprego dela. E por onde começar?

Harmony se inclina para Wonder e sussurra: "Continue. Dê uma olhada."

O sorriso de Wonder divide seu rosto ao meio. Ela tem mais do que um olhar enquanto corre pelos corredores, perdendo e se encontrando.

***

Mas nem todas as páginas são igualmente acessíveis. Algumas ocultam mensagens que exigem engenhosidade e uma mente maleável para decifrar seu verdadeiro conteúdo.

Melhor ainda. Se Wonder é alguma coisa, ela é uma viajante. Ela é uma curadora que aprecia o esquivo. É por isso que cortar frases específicas de uma página gera uma surpresa ao olhar de Wonder, enquanto ela se inclina sobre uma mesa na Câmara Oca. Lançando um olhar cauteloso ao redor, ela considera seguro e depois observa o restante do roteiro se reorganizar. A narrativa determina que misturar uma semente e uma flor cria algo chamado Flora de Asterra, que abre barreiras.

Wonder sorri. Naquela noite, ela está de humor rebelde. Talvez tenha a ver com suas novas curvas - muitas curvas para combinar com sua altura, peso e idade.

Sob a noite efervescente, ela entra nos Arquivos, rompendo as travas usando essa mistura ilícita chamada Flora de Asterra, que ela mesma misturou. Tudo o que ela quer é passear neste repositório sozinha, tê-lo para si mesma pela primeira vez.

Mas é aí que ela entra em território proibido.

Retornando à Câmara Oca, ela desce sobre a seção restrita sem ninguém lá para impedi-la. O telescópio solitário aponta para um mural, ocultando a entrada. É uma área conhecida, embora não seja frequente - não por aqueles autorizados a fazê-lo.

A Flora Asterra trabalha. O véu puro aparece.

E Wonder avança.

***

A primeira vez que o vê, ela está escondida em um arbusto. Esgueirar-se para dentro e para fora dos lugares se tornou um hobby, que se estende ao reino mortal.

Sua Guia daria ouvidos a isso, não que Wonder planejasse ser pega. Mas as bibliotecas mortais existem exatamente como a seção proibida da Câmara, como outra tentação madura. Ela quer ver essa biblioteca e se recusa a esperar os últimos três anos até ser designada aqui.

Atualmente, é o ano mortal de 1860. A cúspide da guerra se forma nesta terra do sul, mas em uma remota colina da pradaria, parece distante.

Ou talvez este momento abafe todo o resto.

Nos arredores de um rancho, ela estava colhendo tremoços quando viu o cabelo dourado dele. Soltando as hastes, ela despencou e depois se arrastou pelo mato, sujando os cotovelos e as calças.

Agora ela se esconde nos arbustos. Mas, na verdade, ela é velha demais para isso.

E realmente, ela não precisa se esconder. Os humanos não podem vê-la ou ouvi-la.

No entanto, essa figura desconhecida pode ser um espião imortal que está envolvido com Wonder. Ela se considerava sozinha, isolada nesse ambiente vago. Então ela cutuca os arbustos de lado, com cuidado, já que isso é algo que um mortal pode detectar.

O que ela vê faz sua boca se separar.

É um jovem.

Descansando sobre um cobertor xadrez, ele olha para o céu noturno, para as estrelas, em sua casa. Ele veste calça preta manchada de poeira. Ondas loiras despenteadas cobrem seu perfil, que é cortado como um quadrado e sugere um par de lábios rijos.

É um rosto gentil, um semblante humano hipnotizado pelos céus - cético em relação a eles também. Ele inclina a cabeça, fazendo uma pergunta silenciosa, as sobrancelhas franzindo com o interrogatório.

Wonder gosta de sua expressão especulativa. Ela gosta do livro descansando em seu peito ainda mais. Se ela fosse capaz, ela se sentaria ao lado dele, se deleitaria com o choque dele e perguntaria imediatamente o que ele estava lendo. Ela seria indelicada e pegaria o livro para ver o título.

Ela não precisa. A coluna dourada revela que é um texto mitológico.

Ah, e tem mais. Esse jovem é menos do tipo escapista, mais do tipo investigativo. Descansando ao lado de um alforje, uma pilha de capas duras de não-ficção espera sua atenção. É uma coleção ambiciosa. Ele está planejando ler todos eles em uma única noite?

Familiaridade se desenrola na barriga de Wonder.

O incenso de romãs brilha dele. Enquanto ele retoma a leitura, ele folheia as páginas, as unhas arqueadas por mais tempo do que qualquer homem mortal que ela observou durante suas viagens de campo.

No pasto, um cavalo malhado pasta e um trio de cães perseguem o jovem. Um dos animais mastiga o livro do garoto, prendendo-o entre as mandíbulas e disparando.

"Ei!" O mortal ri quando ele se levanta e corre atrás do cachorro.

Wonder coloca a mão na boca para reprimir uma risada antes de lembrar que ele não pode ouvi-la. Por causa disso, uma onda de decepção desliza por seu peito e seus ombros caem. Uma perda inexplicável consome Wonder enquanto ela testemunha a cena.

Ele pega o livro e depois se ajoelha para acariciar os cães que se reúnem alegremente a seus pés e babam nas bochechas. Mas não é até ele cantarolar para os animais que a palma de Wonder cai de seus lábios.

Sua pele é linda. É espectral, feita de luz das estrelas e algo enterrado no subsolo.

É quando ela sente uma sensação impossível. É quando o coração dela muda de forma. É quando dá um aperto firme e permanente.

***

O arquivo humano é tão singular!

Wonder se destaca por trás do jovem, que frequenta a biblioteca local. Deve ser o centro de atividades nessa paisagem da pradaria, considerando o tamanho modesto da cidade. O repositório não mede mais do que uma casa humilde, com telhas e um telhado inclinado, a vizinhança cercada por romãs.

Está quase na hora de fechar, o sol mergulhando atrás das colinas. Dicas de luz das estrelas polvilham a área, fazendo com que alguns dos livros encadernados em verde brilhem como uma trilha.

Como uma trilha para uma resposta, uma revelação para uma investigação desconhecida.

Quebra-cabeças maravilhoso à vista. É um mero truque de iluminação? Ela está projetando? Ou é uma previsão? Algum tipo de prenúncio ou sinal?

Melhor palpite, é devido a suas tendências nômades. Ela pisca para fora do transe.

Wonder levou meia dúzia de visitas para descobrir que ele é um bibliotecário, um conhecedor como ela. E ele é bom em seu trabalho, sorrindo para os clientes, conversando com eles sobre a guerra e sobre se alistar, corando com as meninas da moda que ostentam seus guarda-sóis e brilham com seus xales enquanto passam.

Ele é bonito, como um raio de sol, e elas sabem disso.

Uma delas tem um nariz como um alfinete. Wonder quer enfiá-lo profundamente no rosto da garota, para que se forme uma cratera. Mas o jovem não se entrega a debutante além de um flash bonito de dentes afiados.

Os caninos assustam a garota de nariz empinado e ela sai correndo. Seu rosto fica tenso, rosa cortando sua mandíbula. E agora Wonder realmente quer revidar contra a mulher que o fez se sentir constrangido.

Em vez disso, Wonder o sombreia.

Com o tempo, ela volta, criando o hábito, descascando as camadas. Ele é um local respeitado que se ajoelha nos bancos da igreja, ensina crianças que moram no rancho

onde ela o viu pela primeira vez e aluga um quarto embaixo da biblioteca. Ele é dono de um telescópio que espia pela janela da frente do repositório. Ele monta esse cavalo malhado e coça três pares de orelhas de cão de caça.

Ele adora conhecer segredos, mistérios e brechas. Ele adora livros. Ele adora ler.

E Wonder o ama.

***

Não é o que isso é? Não é amor? Não é?

Ela pode não ter educação sobre essa emoção, e pode não existir entre divindades, mas com um humano?

Certamente, é isso que os mortais sentem. Certamente, isso é amor.

Sim, deve ser. Então aí. É isso.

Mas querer um humano é proibido. É arriscado e contra a lei celestial.

Wonder é apaixonada demais para se importar. O sentimento é suave, gentil e querido. É uma segunda pele,

um forro privado costurado sob sua carne, isolado das regras.

Depois de vários meses pesquisando métodos para contatá-lo, ela encontra um pergaminho na seção restrita da Câmara. Diz que, se um humano e uma divindade se apaixonam, eles se vinculam e essa divindade se torna mortal, o que significa que eles podem ficar juntos.

Juntos.

Ela nunca gostou do conceito de alguém. Como é isso? Vale a pena?

Mais uma vez, como ela pode se comunicar com ele? Talvez seja simples.

Ela usa tinta e papel mortal para compor uma carta. Elaborando o que deveria ser uma declaração perfeitamente estruturada, ela se desvia para um fluxo de consciência.

Ele tem um nome que se revelou quando uma professora idosa da escola e seu marido - que é velho demais

para lutar na guerra – derrubaram seu chapéu e o apanharam para ele.

Mas Wonder não se dirige ao jovem dessa maneira. Ela tem um apelido mais adorável em mente.

Querida estrela rebelde…

Batendo com força, ela contrabandeia a carta dos Picos e a coloca no alforje.

***

A recepção dele não é o que ela espera.

Ao pôr do sol, a cor laranja corta as nuvens. Sentado na varanda da biblioteca após a hora de fechar, ele descobre o envelope em seu alforje. Sob uma árvore de romã, Wonder se inquieta e o observa vasculhar o conteúdo.

Um rubor rasteja ao longo de sua garganta, o que deve ser um bom sinal.

Não é. Ele olha em volta, sua expressão normalmente doce se enrugando, como se achasse que alguém estava brincando com ele. Seus olhos brilham, parecendo foices. "Muito engraçado", ele grita para o

panorama. rasgando a nota, ele a enfia no bolso e entra no quarto.

O coração de Wonder seca como uma flor. Ela tenta se consolar, porque pelo menos ele não havia destruído a nota, mesmo que estivesse tentado.

***

Outra carta. E outra. E outra.

Ela tenta, e ela tenta, e ela tenta. Ela oferece uma dica de quem ela é e diz a ele que ele é magnífico. Ela adora o som da voz dele e quer saber qual é o seu livro favorito.

Por que ele gosta de romãs com seus ovos? Por que as unhas dele são afuniladas?

Ele nunca responde. Em vez disso, ele estuda e depois armazena as cartas em um livro.

O espanto cruza seus traços, e a apreensão brilha nos olhos, ficando mais pigmentada a cada dia, sombras roxas da privação do sono vazando por debaixo das pálpebras. Ele examina os livros de capa dura com um zelo que perturba os estreantes da biblioteca. Ele interroga aquelas que uma

vez gostaram dele, como se elas pudessem ser as culpadas desta pegadinha.

***

Isso dificilmente é um bom presságio para seus deveres. Ela erra cada alvo durante toda a prática de tiro ao alvo, se contorce durante a meditação e ataca seus colegas.

Isso desperta suspeitas de seus colegas de classe. Quando Love pergunta como Wonder pensa que tocar um humano seria, Wonder apenas dá de ombros. Ela não está interessada em tocar.

***

As cartas o consomem. Quando ele conclui que elas não são o produto de uma façanha perversa, ele se manifesta sobre isso, irritando os habitantes locais, alegando que há uma mulher fantasma chamando por ele.

Eles a ouviram também? Eles sabem quem ela é?

Uma vez, ele grita no ar, chamando por ela enquanto vagava pelas estradas principais. "Quem é você? O que

você é? De onde você é? Cristo, me responda! Por que você não me responde, hein? Eu disse quem é você?"

Wonder grita em seu ouvido: "Estou aqui! Eu estou bem aqui!"

Depois, ocorre-lhe que ela pode escrever para ele em tempo real enquanto ele está assistindo. No entanto, isso seria um perigo ainda maior, pois ela não pode confiar em si mesma para não se deixar levar mais do que já tem. Ela pode revelar muito do seu mundo.

Ele persegue a paisagem da pradaria até que não seja mais tolerável. Os habitantes da cidade se reúnem. Temerosos, eles mandam chamar um regimento de médicos que arrastam o jovem pela poeira.

"É verdade!" Ele grita com os médicos, se debatendo contra eles e levantando areia. "É verdade! Ela é real, ela é real, ela é real! Afastem-se, deixe-me ir! Ela é real!"

Wonder leu muitas palavras em sua vida. O manicômio *é um deles.*

Suas posses - incluindo as cartas - queimam em uma pilha, a fumaça soprando do nexo. Eles o empurram para dentro de uma carroça barrada, enquanto um vereador tranca as portas da biblioteca.

Wonder implora para que parem, parem, parem.

"Pare!" Ela lamenta, correndo para a frente. "Solte-o!"

Mas antes que ela possa rasgar a fechadura da dobradiça da carroça e libertar o jovem, um par de mãos poderosas se aperta nos ombros dela e a puxa para trás.

Ela luta, mesmo que essas não sejam as mãos de um colega de classe ou de Harmony. Não, estas são as mãos de um soberano celestial.

***

Seus problemas recentes ultimamente a denunciaram.

Ela chamou a atenção de seus colegas. E chamou a atenção de sua guia. E, embora não tenham relatado nada, sua preocupação não passou despercebida por outros muito mais poderosos.

Enquanto Wonder estava ocupada desafiando a regulamentação, o Tribunal do Destino ordenou uma busca em sua casa. Foi assim que encontraram a tinta e o papel mortal.

Harmony a havia descoberto primeiro e ordenou que Wonder destruisse as evidências. Mas Wonder não fez, apesar de prometer, e a Guia acreditou nela.

Wonder confessa tudo, uma vez que eles ameaçam punir seus colegas de classe e a si mesma. Para esse fim, os governantes ordenam que seus colegas executem a tortura, amarrem Wonder e cortem aquelas mãos ofensivas e obstinadas. Na frente da congregação das divindades, ela luta contra as amarras, enquanto uma lâmina corta sua pele, o sangue brotando como pétalas, tão vermelho quanto as romãs.

Ela vê as formas das explosões estelares, uma prévia de como as cicatrizes serão. Foi por isso que ela escolheu o quartzo para o arco? Por que isso vai curar suas mãos mais tarde?

O tempo todo, seus amigos usam expressões atormentadas, sofrendo indiretamente através desta introdução à dor física. Eles mutilam suas mãos, cada movimento forçado. Dói, e lateja, e ela grita.

Por favor não mais. Por favor, dói.

Dói, dói, dói!

Lágrimas perfuram suas têmporas e se infiltram em sua linha do cabelo. Ela imagina o jovem, o bibliotecário amado que possui seu coração, aquele que nunca a conhecerá da maneira que o conhece.

Onde ele está? O que esses médicos estão fazendo com ele?

Sua amiga, Love, não aguenta mais e se joga na frente de Wonder, bloqueando o golpe da faca de Envy. Por um instante, todos os quatro colegas de classe parecem aliviados pela interrupção. Mas então Anger, com relutância, arrasta Love para fora da sala enquanto ela grita e grita, o deus da raiva impedindo seu protesto de causar problemas aos outros.

A pedido de um membro do Tribunal, ele continua.

A Guia de Wonder assiste com um queixo trêmulo, olhando periodicamente para seus superiores com reflexos de fúria. Então Harmony encontra os olhos de Wonder e mantém o olhar, ensinando Wonder a respirar, a esvaziar sua mente como elas praticaram.

Ela pode fazer isso. Ela sobreviverá.

Mas esse garoto irá?

***

Anger bate em sua porta no meio da noite. Grogue, Wonder responde e mal tem tempo para processar quando a boca dele bate na dela, roubando a respiração em um beijo feroz.

Ela sabe o porquê. Apesar do delírio, ela sabe como Anger olha para Love e como a deusa não olha para ele.

Wonder conhece essa agonia não correspondida. Ela está sintonizada com essa dor no coração, essa solidão. Então, em um gemido desesperado, ela abre os

lábios para Anger, deixando-o dobrá-la com a língua. Ela o beija de volta, e é bom, e é reconfortante.

Em sua mente, ela vê cachos loiros, bochechas coradas e íris cinzas. Um zumbido tenor e unhas arqueadas virando uma página.

Imaginando aqueles lábios rijos, ela se rende. Juntos, eles tropeçam na casa dela e batem à porta.

Na manhã seguinte, ela acorda ao lado de Anger, que fica ao seu lado. Eles se encaram até a boca dela tremer e os olhos embaçarem. A culpa do próprio arqueiro reflete de volta para ela quando ele apanha a primeira lágrima com o polegar.

"Eu sei." Ele sussurra, então segura Wonder enquanto ela chora.

Isso nunca acontece novamente.

***

Quando ela é maior de idade, ela serve ao reino mortal. Naquele momento, o jovem se foi tendo perecido no manicômio.

Wonder soluça em seu túmulo e traça o nome em sua lápide.

Com o passar das décadas, ela o procura no rosto de todo homem humano agraciado com cachos ensolarados. Mas não adianta, porque ela nunca encontrará o rosto que está procurando.

Então ela desiste.

***

Cinquenta anos depois, durante um intervalo da servidão, ela volta aos Picos para um intervalo. Lá, Wonder se encolhe na cadeira de leitura. Os arquivos não estão ocupados hoje, pois a calmaria lhe deu tempo de percorrer a área restrita da Câmara Oca e furtar um ou dois textos.

Na pretensão de inocência, ela saiu da seção e escolheu discretamente esse assento, enfiando o material de leitura.

Uma inclinação de luz alecrim cintilante das lanternas e da esfera aérea da Câmara se espalha pelo espaço, manchando uma seleção de livros ... como uma trilha. O espetáculo lembra uma biblioteca humana, de uma época em

que ela testemunhou um efeito semelhante ao espionar um certo jovem.

De todas as coisas para lembrar, por que isso? Ela balança a cabeça, depois faz uma pausa, sua nuca formigando com o conhecimento dos olhos de alguém nela.

Olhando para cima, ela examina os corredores. Não há ninguém por perto. Mas ela percebe um movimento repentino em sua periferia, um fio de cabelo dourado desaparecendo na esquina, escapando à sua atenção.

Seu coração se contrai. Ela está prestes a se levantar e seguir o estranho, mas algo mais chama sua atenção pelo livro no colo. É uma série de palavras que se materializam sob a inclinação certa da luz mística.

Wonder se endireita. É outra lenda - algo sobre uma divindade conquistando o coração de outra divindade.

Quando acaba, Wonder não tem mais fôlego, não há voz. Talvez ela também não tenha coração. Ela pode ter apenas sacrificado. Esse é o preço de dizer a verdade - seu crescimento exuberante e se espalhando como uma selva, as ervas daninhas da história sufocando o que resta de botões e pétalas.

Sentada nesta artéria proibida da Câmara Oca, a mente de Wonder drena, derramando sobre o corredor. Sua psique se cansa de vagar, de se arrastar aqui e ali. Ela só tem energia para duas emoções: arrependimento e perda. Um deles penetra nos poros dela e o outro cava um buraco no estômago.

Uma vez, ela descobrira sua primeira lenda, um pergaminho sobre um humano e uma divindade se apaixonando. Não tinha funcionado a seu favor.

Inicialmente, ela não contou a nenhum de seus colegas sobre esse pergaminho - até que Love conheceu Andrew. Embora a lenda não tivesse

ajudado Wonder, ela queria acreditar que poderia ajudar sua colega de classe.

E teve. Isso dera a Love e Andrew um futuro.

Desde aquela primeira descoberta, Wonder adquiriu um gosto por desenterrar essas maravilhas. Sua paixão por isso acabou levando a outra lenda, que uniu Anger e Merry.

Do outro lado dela, Malice permanece quieto. Seu silêncio é o barulho mais alto que ela já ouviu, mais abrasivo que seu temperamento, suas ameaças e seus gritos durante pesadelos.

Quando esse deus não fala, tudo é possível.

Quando sua mente se esvazia, tudo pode acontecer.

Sim, se ele tivesse ouvido falar da tortura de Wonder por outros arqueiros e do garoto mortal pelo qual ela arriscou tudo, ele poderia ter ligado os pontos aos seus pesadelos. Felizmente, como ele dissera uma vez, a história de sua indiscrição nunca o

alcançara. Ele ser do tipo estudioso e não social - virador de páginas e não fofoqueiro - havia trabalhado a seu favor lá.

Seja como for, o olhar de Wonder faz uma viagem íngreme dos dedos dos pés nus até os joelhos, do umbigo à mandíbula frouxa. Por fim, ela pega os olhos dele, aquelas cinzas girando, o vórtice a sugando.

Seus antebraços pendem frouxos sobre os joelhos. Somente as fornalhas contorcidas em suas pupilas contradizem a expressão entorpecida. Era isso que ele queria, não é? Assim como ele havia se desabafado anteriormente, esta é a informação que ele estava procurando: a raiz de sua existência.

Por favor, diga alguma coisa.

Por favor não fale.

Malice obriga e recusa. Descansando a parte de trás do crânio contra as prateleiras, ele levanta um dedo e o esfrega de um lado para o outro no

queixo. “Parece que você realmente fez um número nesse companheiro. Ele deve ter sido um inferno de tentação.”

"Eu o amava." Diz Wonder.

Esse dedo para. "E agora?"

“O coração não funciona assim. Isso não para simplesmente-não com ele.”

“Você tem certeza que foi amor? Primeiro, não crescemos em um mundo confuso onde as divindades forneceram exemplos monogâmicos para aprendermos. Segundo, fomos criados para acreditar que as divindades não podem sentir amor de qualquer maneira. Terceiro, você nunca compartilhou um momento tangível com ele. A admiração era unilateral e à distância, então como você sabe o que sentiu naquela época?”

"Eu apenas *sei*. " Ela defende, espinhos disparando em suas bochechas.

"Então deve ter sido torturante, ver sua torta-de-barra-doce-de-deus-da-biblioteca ser transportado assim, enviado para uma lata maluca."

"Não chame assim." Wonder envolve os braços em volta dos membros revirados. "Eu teria tomado o lugar dele, se pudesse."

Malice raspa a língua entre os dentes, testando o peso e a profundidade de um milhão de respostas plausíveis. Nesse ponto, ele assente. "Então, o que aconteceu comigo?"

Você morreu.

Mas ele sabe disso agora. Não é isso que ele está perguntando.

Ele quer uma visão do manicômio e o que aconteceu com ele lá. Ignorando os detalhes de sua morte prematura, ele quer ter acesso aos anos de sua detenção.

O que aconteceu com Malice naquele lugar?

Wonder não sabe. Ela sente, em vez de ouvir, ela mesma dizer isso a ele. Ela suporta a dor surda em seu estômago e os movimentos flexíveis de sua língua.

Tecnicamente, a resposta dela é a verdade. Por ter sido apanhada pelo Tribunal do Destino e por ter sido fortemente monitorada até sua missão no mundo mortal, ela não estava lá para ver o que eles fizeram com ele por trás daqueles muros.

Não a extensão disso, pelo menos.

Mas ela sabe como terminou.

"Você reencarnou." Diz ela. "Você se tornou…"

Malice aponta um polegar no peito. "Eu me tornei isso."

Ele renasceu como uma divindade, mas seus traumas passados vieram com ele, amaldiçoando-o de uma nova maneira. Quaisquer que sejam as monstruosidades que atingiram Malice no manicômio, elas continuam a atormentá-lo na vida

após a morte, deslizando em seus pesadelos e amarrando-o.

Então, em vez de se transformar em um deus, ele se transformou em um demônio.

Há uma textura emborrachada em suas palavras, mas falta acusação. Ele a culpa por seu destino, do jeito que ela se culpa? Ele lamenta a vida que ela roubou dele?

Se ele faz, ele não está mostrando.

"Hmm." Malice cantarola. “Não posso dizer que nada disso desperte minha memória, exceto os pedaços que rastejam através dos sonhos. Agora está claro por que me tornei fã dos Arquivos e depois estacionei minha bunda na biblioteca da Cidade Celestial. Em ambos me sentia seguro - os únicos lugares que faziam sentido, onde eu me sentia mais como eu.”

“Quando o Destino me baniu, e eu encontrei minha nova casa, longe de casa, longe de casa,

conjurei meu alforje, a cadeira de balanço e o telescópio antigo, e os usei para equipar o cofre da biblioteca. Eu pensei que fazer réplicas dos flashbacks me ajudaria a descobrir as coisas na minha cabeça, ligar os pontos - não que eles fizeram. Eu devo ter canalizado minhas raízes mortais sem perceber."

"Ah, e os envelopes. Aqueles eram mais fáceis de conjurar, não tão fáceis de preencher as páginas em branco. Demorou um pouco para repetir os pesadelos e relembrar cada frase que você escreveu, mas quando um exilado tem a eternidade para transcrever." –ele levanta os braços – "Que é o tempo?"

Wonder enrola uma mecha de cabelo atrás da orelha dela e percebe suas próprias ondas espalhadas pelo rosto, despenteadas e tão lentas para secar quanto suas madeixas. "Se eu soubesse o que aconteceria, nunca teria escrito para você."

"Acho que você achou o bibliófilo em mim irresistível. De volta a você."

"Então você escolheu o sarcasmo."

“Você quer que eu tenha um episódio ao invés? Apenas diga a palavra e você terá uma amostra do que está acontecendo sob a minha pele. Se eu fosse você, aceitaria um elogio sobre a alternativa. Os elogios são gratuitos. E eu não estava sendo sarcástico. Por mais atraente que eu encontre seus quadris, seria preguiçoso da minha parte salivar sua beleza em vez de seu intelecto, o que é mais delicioso. Tenho certeza de que essa é a chave do seu coração.”

"Malice-"

"Estou certo? Eu gosto de estar certo.”

Claro, ele está certo. "Malice-"

"Esse sou eu." Ele confirma, ressentimento contaminando as palavras. "Fico feliz em saber que você ainda está ciente disso."

Wonder se encolhe. "O que isto quer dizer?"

“Os locais me enviaram para aquele buraco do inferno, não você. Você não me matou.”

Ele está errado. Há mais que ela não compartilhou, um adendo à história, um detalhe que ela não suporta admitir. O egoísmo dela não deixa.

Ao longo dos casos, as gravuras introduzem histórias e as fontes apresentam crônicas. É uma colisão de textos, ladeando Wonder e Malice dentro deste corredor.

É justo que ela tenha se exposto aqui, protegida dentro dos muros da Câmara. É seu confessionário, sua graça salvadora.

É a vida dela. E é dele.

É uma existência de irregularidades de ambos os lados. Ela o detesta por usar seus amigos como peões e depois tentar erradicá-los. Mas ele não teria feito isso se não tivesse renascido, e ele não teria renascido se ela não se intrometesse em seu universo, dando-se o direito a isso, marcando-o com influência imortal.

Talvez estar contaminado com o resíduo de uma divindade o tivesse prendido entre mundos, e é por isso que ele se transformou após a morte. Talvez isso o tivesse ligado ao mundo imortal, a uma vida após a morte imprevista. De qualquer maneira, ela havia desempenhado seu papel e deveria pedir desculpas aos colegas pelo efeito dominó.

Mas eles não são os únicos.

Wonder sussurra: "Sinto muito."

Quando Malice apenas a olha, ela se levanta. No humor atual, eles precisam ficar sozinhos. Ele precisa absorver essa história a fundo, assim como ela.

Parando do lado de fora do corredor, ela olha por cima do ombro. Ele provavelmente não esperava que ela fizesse isso, porque ela pega o tique de sua mandíbula, sua bobagem substituída por um olhar furioso voltado para o local onde ela estava sentada.

Seu corpo se contrai quando ela fala. “Você me perguntou uma vez. Eu não respondi então, mas vou agora: sim.”

"'Sim.' Que palavra ousada e permanente - ele comenta sem encará-la. "Sim, o que? Sou todo ouvidos, Flor Selvagem.”

"Sim, você valeu as cicatrizes."

Ele pisca. As pregas em sua testa desaparecem, assim como as covinhas fracas em torno de sua boca, todo o rosto perdendo o vinco. É um perfil bruto e raro, de vulnerabilidade.

E sim, ela vê. E sim, ele deixa.

E sim, sim, sim. Ela duvida que ele já tenha ouvido aquela única palavra usada em conjunto com ele.

Wonder se afasta, passeando por bancos de conhecimento. Quanto mais longe ela fica, mais sua jornada pelo território proibido a fortalece. Ela é uma

árvore que derrama suas folhas, abrindo espaço para uma nova folhagem que brotará e alcançará a lua.

Ela cobre cada centímetro deste lugar, penetrando mais fundo nas raízes restritas da Câmara. No momento em que o oxigênio retorna para ela em pulmões cheios de segurança, sua camisola está seca e apenas as pontas de seus cabelos permanecem úmidas. Que estranho que ela se sinta mais à vontade em meio a textos revolucionários e escandalosos. Ela não é a única, e enquanto pensa sobre isso, seus olhos ardem com a necessidade de liberação.

Wonder rastreia cada volume. Aqui é onde ela encontrou a solução para a felicidade de Love e Andrew, e a chave para o futuro de Anger e Merry. O lembrete a enche de espanto, além de ciúmes e tristeza.

Quando será a vez dela? Ela precisa de alguém para chamar de seu? Ela sobreviveu tanto tempo sem um parceiro, não é?

Alguns dos livros são quadrados, outros retangulares, outros circulares. Quem primeiro pensou em moldá-los dessa maneira? Quem primeiro pensou em encaderná-los em couro e esboçar títulos ao longo das espinhas?

Se ela fosse um livro, que tipo seria? Que segredos ou revelações ela continha? Que palavras ela colocaria dentro de si mesma?

E há quanto tempo ela está vagando?

Por um tempo, porque ela o ouve chegando, abrindo caminho pelos corredores. Ela se vira. Virando a esquina, Malice segue em direção a Wonder. Com os olhos fixos nos dela, ele tira uma cadeira de leitura fora de seu caminho, lançando-a no chão.

Ela mal tem tempo para fomentar outro pensamento antes dele agarrá-la pela cintura e levantá-la contra si. "Foda-se." Ele rosna.

E então seus lábios esmagam os dela.

Wonder suspira, ou talvez seja um soluço, e talvez ele não tenha sido o único estendendo a mão para um abraço. Naquele milissegundo antes de capturá-la, talvez seus braços já tivessem se erguido para ele, desesperados para se arrepender ou se render, ou ambos.

Qualquer que seja o som irregular que ela faça, ela abre a boca e a boca dele se abre. E então, eles trabalham em conjunto. Inclinam-se e ajustam-se, apertando os lábios. E barulhos mais irritantes se agitam, propícios um ao outro, um emaranhado de confusão, fúria, culpa e desejo.

Este beijo reprimido é uma tábua de salvação e um castigo. É um refúgio e um sequestro.

É o ódio e talvez uma semente do oposto - um enigma desconcertante que as divindades não deveriam sentir. Talvez isso seja algo que se esconde em uma fenda entre o passado e o futuro, algo que tem a ver com o coração. Não importa o quão quebrado, de alguma forma esse órgão ainda funciona - ainda libras, libras, libras.

O pulso dela está totalmente vivo. É selvagem, batendo do peito dela no dele.

A ponta da língua molhada e irritante de Malice sacode a curva dos lábios de Wonder. Em resposta, ela se desenrola sob aquela boca faminta, se espalhando por ele, por si mesma, por isso. A língua dele a examina com golpes rápidos e frenéticos, e as mãos dela rasgam os cabelos dele, agarrando as raízes e se segurando como se ele fosse uma borda, como se ela estivesse pendurada em um poço sem fundo - se ela soltar, ela cairá por toda a eternidade. .

Então ela combina com o ritmo dele, sua própria língua se curvando, estabelecendo um ritmo.

Um gemido apaixonado viaja da garganta de Malice para a dela. Isso lembra Wonder do calor indescritível, um elemento que é impossível para eles sentirem, apesar de dicas se contorcerem ao longo de seus corpos, emitindo amostras espessas de ar, irradiando especialmente de suas virilhas. A densidade dela gira no centro de suas coxas, que se esmagam contra as dele.

Ele está ereto, esforçando-se contra o umbigo, e ela gosta.

Não, ela adora. O fato dela o afetar dessa maneira incita orgulho e possessividade.

O que mais ela pode tirar dele? O que mais ela pode dar a si mesma? O que mais os corpos podem fazer um pelo outro?

De quantas maneiras? Por quanto tempo?

No meio do êxtase, ele soa igual ao seu eu mortal? Isso importa?

Consumida por essas perguntas, ela gira em seu corpo, curvas se ajustando aos músculos. Frustrada com tudo, consigo mesma, com ele, ela solta. Suas reservas se dissolvem, os livros se dissolvem e o quarto se dissolve, todos eles substituídos pelas palmas das mãos dele reivindicando proximidade com a cintura dela, a boca dele grudando na dela. Ela cede a um século e meio de desejo, de desejar que as coisas fossem diferentes.

Quando ela o faz, o poder inunda suas veias. Ela a encharca como uma tempestade no solo.

As unhas de sabre de Malice picam nos lados dela, o que a faz gritar contra os lábios dele, o que o faz sorrir nos dela. Ele provavelmente fez buracos na camisola e quebrou a pele dela. No entanto, o ataque dele não doeu mais de um segundo, com um raio de prazer formigando em sua espinha - carne picando de

suas solas nuas até a parte de trás do crânio. Era bom, incrivelmente, pertinentemente bom.

Como ela gostaria de mordê-lo por isso. É o que ela faz, arrancando a boca e prendendo o lábio inferior com os dentes, com força suficiente para tirar sangue, o cheiro de cobre vazando pela língua. Lá, agora eles fizeram um ao outro sangrar.

Eles estão quites.

Como se estivesse lendo sua mente, Malice meio estremece, meio ri. Ele agarra suas bochechas e toma seus lábios novamente, mas sua diversão altera a inclinação de sua língua, a ponta deslizando pelo céu de sua boca. Faz cócegas e irritações, um punhado dos dois em rápida sucessão.

Ah, estrelas. Ela o está beijando, e ele a está beijando, e não é nada como ela imaginou. Não, é melhor. O beijo continua ampliando e aprofundando.

Malice joga a cabeça para longe dela. Eles ofegam, e suas mãos se agarram, cavando. O peito

dele se agita enquanto os pulmões dela se agitam, rajadas de oxigênio a atravessam.

Seus olhos delirantes encontram os dela, e ele pergunta: "Sim ou não?"

Ela lhe deu um *sim*, depois outro *sim* hoje à noite. Mas resta mais um.

Wonder assente, murmurando sua resposta, e é o suficiente.

Malice anda para trás, caminhando tão rápido que seu traseiro bate em uma estante de livros, fazendo a estrutura balançar. Como ele recupera o equilíbrio, ele agarra suas costas e a arrasta do chão.

As pernas dela dobram-se de cada lado dos quadris dele, os calcanhares são apoiados na borda de uma prateleira, empurrando os livros para dentro do recesso. Alguns outros títulos desalojam e caem de ambos os lados de Wonder e Malice, os textos antigos batendo no chão em nuvens de poeira estelar verde.

Destinos eternos! Eles podem ter danificado alguns dos volumes preciosos!

Wonder se sente compelida a repreender Malice, mas então sua testa pressiona a dela, seus olhos engolindo sua visão. A camisola se amontoa ao seu redor. A pélvis dele desperta o nexo entre suas coxas, os jeans grossos esfregando sua carne sensível e descoberta, criando um atrito que puxa outro suspiro dela.

Para alguém sem experiência, suas ações revelam confiança e instinto. Ela pode se relacionar. É o despertar, esse desejo que as divindades sabem satisfazer.

No entanto, ela criou um monstro. Porém, certamente não é a primeira vez.

É por isso que Malice se apega à concha de seu corpete - e a torce. Em um movimento aproximado, as costuras da roupa rasgavam o meio do decote até a

barra. Ele exagerou, porque cambaleia com o esforço, quase a deixando cair.

Wonder instintivamente aperta a nuca. Seu espanto reflete em suas pupilas, a excitação disparando através dela, acumulando-se em seu corpo. Seus seios e as dobras de sua barriga balançam contra seus peitorais e abdômen. Avaliando o material rasgado pendurado em seus ombros, seu olhar escurece enquanto desliza na coluna de pele nua. A extensão considerável de suas coxas queima em torno de sua cintura, apertando as calças baixas.

Malice parece que quer devorá-la. Como ele vai.

A boca dele mergulha na curva do pescoço dela, marcando-a com beijos abertos, passando a língua contra o pulso dela. Wonder arqueia, seu couro cabeludo atingindo a prateleira acima, um gemido escorrendo de seus lábios enquanto ele desenha suas clavículas com os dentes. Os dedos dela puxam seus

cachos dourados, e ele estremece, e ela percebe que ele gosta disso - tanto quanto ele gosta dos seios dela.

Os lábios dela se separam em um grito silencioso no instante em que a cabeça dele afunda. Enquanto esfregava e beliscava a enseada de seus seios, as lâminas de suas garras traçam a circunferência de seus mamilos, uma leve provocação que atravessa sua corrente sanguínea, de modo que ela se contorce contra ele. Seus mamilos endurecem, o prazer tremendo dos picos quando ele os raspa suavemente.

Wonder cerra o punho na boca, sufocando a oitava de sua resposta.

Amaldiçoando, Malice afasta o pulso, desbloqueando o som. E por que ela não deveria ser barulhenta? Não há mais ninguém aqui.

E então sua boca mergulha, aperta em torno de um mamilo e suga.

Wonder se solta, seus gemidos girando para as vigas. Provoca Malice para experimentá-la com mais

força, puxando seu pico para o canal apertado e encharcado de sua boca, sua língua sacudindo o nó.

Então ele se move para o outro seio, e ela não é nada além de som, o que acelera a cada puxão requintado.

Ela está úmida, mais do que nunca. Ela está pronta.

E agora é a vez dela. Respirando superficialmente, Wonder se abaixa, trabalhando em seu jeans. Malice arrasta a boca do mamilo, o rosto frouxo de êxtase. Ele a ajuda, seus dedos se atrapalhando com pressa.

Quando o material se prende à cintura, eles manobram o jeans o suficiente para libertá-lo. O comprimento de Malice se estende das calças, subindo por ela, ficando tenso por ela.

Recentemente, Wonder tinha estado a par de um vislumbre disso. Mas agora ela saboreia a vista,

quando ele está prestes a preenchê-la, para se esconder dentro dela.

Por um instante, a autoconsciência mútua surge. No entanto, ela ainda está molhada e ele ainda está duro. E no primeiro deslocamento acidental de seus quadris, a ponta dele cutuca os cachos dela, apagando a hesitação como uma vela.

Uma palavra desarticulada borbulha de sua boca. Um atordoado desliza dele.

Eles travam os olhos enquanto rolam suas pélvis para a posição, precisando de alguns ajustes sutis. O coração de Malice bate em seus seios, e seu pulso martela em seu torso. Um turbilhão de nervosismo, ansiedade e egoísmo sobe em seus membros e corre pelo estômago.

É uma prévia de coisas mais excessivas por vir.

Wonder chora e comemora.

E então ela dobra os joelhos, as pernas abertas para acomodar o corpo dele, os calcanhares apoiados

na estante. Malice reclama seus pulsos, levanta os braços acima da cabeça e algema as mãos lá.

Ele se prepara, seu eixo na beira da entrada dela. Sua língua palpita ao longo da orelha dela, então ele murmura: "Eu vou estrangular você profundamente nesses livros."

"Eu vou deixar." Ela sussurra.

Malice lhe dá um olhar diabólico, nem um sorriso nem um olhar. É tudo ou nada.

Eles balançam ao mesmo tempo. Ele estala os quadris, assim que ela sacode os dela. O comprimento dele a atinge e ele o enterra inteiro. Eles se flexionam contra a estante de livros, suas bocas trêmulas, penduradas, entreabertas pela penetração quando dois gemidos chocados colidem.

Com as articulações tremendo, Malice corre os lábios contra o queixo dela. "Você está bem?"

"Estou agora." Diz ela.

Ele concorda. "Bom."

E então ele empurra.

Wonder grita, seu corpo saltando para cima. Malice rosna algo contra sua boca.

Oh, destino, ele está dentro dela. Tão profundamente dentro dela.

Ela não pode deixar de balançar os quadris, exigindo mais. Sem preâmbulo, ele obriga, estabelecendo um ritmo primitivo e chicoteado. Ele se agita contra ela sem cálculo.

E ele se move como uma virgem, provando que nunca fez isso antes - mas também dando a impressão de que ele tem. Por que o que Malice não tem em sincronicidade, ele compensa com resistência, ânsia e intuição. Ele mede os sinais rolando em seu rosto e ouve suas reações. Olhando entre os corpos corados, ele se vê desaparecendo dentro dela, depois verifica o rosto de Wonder mais uma vez.

Ela o ajuda, sinalizando a profundidade, o ângulo e a cadência que a fazem gemer. E cresce, eles fazem. E porque o fazem, Malice aumenta ainda mais.

Ele entende. Suas ministrações ficam mais ousadas, avançando e localizando os pontos carnais. Seu traseiro bombeia, empurrando sua pélvis nela, infundindo ambos com adrenalina e uma onda de sensações.

Perdida nas rápidas projeções de seu corpo, sua mente se dissolve.

E é aí que eles realmente ficam barulhentos.

Seus gemidos expressam admiração e falta de arte, que borbulhava em seu sangue, envolvendo-os como uma droga. Wonder fecha os olhos enquanto luzes iridescentes giram atrás das pálpebras. Nesse ritmo intenso, ela vai explodir como uma estrela e detonar a galáxia.

Ou eles vão destruir a pobre estante de livros.

Uma série de sons encorajadores cai dela, embora ela não possa identificá-los. Tudo o que ela sabe é que Malice gosta do que ele ouve.

Ele diz: “Isso mesmo, Flor Selvagem. Tire isso de mim.”

"Malice." Ela lamenta. "Continue fazendo isso."

"O que? Isso?"

Quando ele cutuca um lugar em particular, ela implora: “Sim. Mais."

“Quanto mais? O que você gosta?"

Ela não pode responder, não à beira de um orgasmo. Constantemente, ele corre naquele local, um botão que os faz cantar. A cada soco de seus quadris, seus gritos se ampliam.

É agitado, o jeito que ele carrega nela. E é devasso, como ela o inunda.

Toda vez que ela chama seu nome, em sintonia com seus impulsos, Malice aumenta o ritmo. Ele fica

galopante, fica mais duro. É como se ouvi-la assim o alimentasse.

Wonder agarra sua boca e o beija, provando seus gemidos. O impulso de sua língua acentua o impulso de sua cintura, trabalhando em conjunto enquanto se montam.

Ah, mas é melhor ele não parar. Ela o espancará se ele o fizer.

Não é até Malice dar uma risada rouca que Wonder percebe que falou em voz alta. Olhando para o rosto perverso, ela ri com ele. Encontrar algo engraçado em um momento como este, enquanto no precipício do clímax, a atordoa. Seu humor compartilhado é sinuoso, parcialmente trabalhado, parcialmente desviado. Somente com esse desajustado ela pode entender essa transição.

Assim mesmo, a alegria gagueja em gemidos inquietos enquanto eles giram pelas prateleiras. Como o esforço, em vez do calor

implausível, faz com que as divindades suem, a condensação se espalha pela pele, transformando-se em névoa.

Em algum momento, seus dedos rendem acima. Enquanto ele a pegara nas prateleiras antes, ela assume a liderança e aperta as mãos dele, prendendo-as a ela.

Wonder ama a sensação íntima de seus seios pressionados contra ele. Ela adora descobrir uma marca de beleza em seu cotovelo, a maneira como um único cacho flui sobre sua testa quando ele se move de uma certa maneira, e como é emocionante sentir as finas plumas de cabelo saindo do abdômen até a pélvis.

Ela adora saber que é a única pessoa que já o ouviu assim, drenada de intelecto e malevolência. Ela ama que ele não se importe se ela o domina ou se ele a domina. Ela ama suas coxas flanqueando sua

cintura, uma vez que revolve dentro dela. Ela ama como eles se encaixam.

Ela ama que está demorando uma eternidade para chegar *lá* . Ela ama a impaciência dele.

Malice respira fundo. "Vamos lá, Wonder."

O demônio acelera, empurrando-os para a beira de um penhasco ou para a beira de um planeta. Ventilando de prazer, Wonder estala os dedos. Ela o deixa ir, permitindo que ele segure sua parte traseira e segure-a no lugar, para melhor entrar nela.

Fixados assim aumenta a experiência, permitindo que ela se concentre completamente em seus impulsos. Cegamente, Wonder agarra sua cabeça, suas unhas embutidas em antologias de couro. Uma vez segura, ela começa a gritar.

E ele também.

De repente, essa ambição os alcança, transformando seus corpos no universo. Uma chuva

de meteoros de liberação corre através de Wonder, pululando de seu núcleo até as pontas de seu ser. É o ataque de uma estrela cadente, a magia de bater as páginas.

Malice congela, ficando ainda dentro dela. Sua boca procura e encontra a dela - e então com um puxão violento, ele se estilhaça como vidro, seu grito se estilhaçando em uma centena de fragmentos que cortam seus gemidos, perfurando seu coração.

Porque agora ela sabe como é fazer amor.

Ao menos uma vez.

Eles caem contra a estante. A cabeça de Malice pousa no ombro dela, e a bochecha dela pousa na têmpora dele, e as palmas das mãos dele tocam a bunda dela, e os dedos dela deslizam pelos cabelos despenteados. Ela quer tocá-lo em todos os lugares, quer ser tocada em todos os lugares.

As prateleiras refletem as luzes lunares, semelhantes aos fios cintilantes de uma piscina de água. Transforma a sala em algum lugar fluido, como se Wonder e Malice estivessem flutuando em um mar de estrelas. Enquanto ela gostaria de tê-lo em cima de um canteiro de flores, ela gostou de consumar enquanto está cercada por livros.

Consumação. Malice dificilmente chamaria isso. Ele usou uma palavra mais desordeira.

Não é de admirar, o que cria um equilíbrio encantador entre eles. Ela aprecia isso.

Ela também não tem ossos. Embora ao contrário da última vez que ela fez isso, ela não está saciada. Como um coelho no cio, ela o quer novamente.

O tempo é passageiro, então ela procura a retaguarda dele, saboreando sua forma arredondada e textura firme, as covinhas se abrindo para os lados.

Os ombros de Malice ondulam com humor, e ele fala sem fôlego contra a clavícula dela. "Eu disse ... você poderia ... acariciar minha bunda?"

A sola dela viaja pela coluna da panturrilha dele. A voz dela é tão sinuosa quanto a dele, levantando uma resposta. "Estou com ... vontade...de ser uma deusa."

"Continue assim, e vou estar com vontade de foder uma."

Ela sente um rubor subir pela garganta. "Você acabou de fazer isso."

"Hmm, isso é verdade." Ele se levanta, puxando o ar. "Foi bom?"

"Foi eternamente bom."

“Eu gosto de ser bom com você. Diga-me mais, seja específica sobre suas necessidades de sereia. Eu quero saber tudo."

"Eu não sou tão experiente, lembra?"

“Estou planejando mudar isso. Vou negociar mais barulho, mais anarquia, fora dessa boca macia.”

Wonder não pode evitar o nó agridoce na garganta. Ele ainda tem *esse* rosto, mas ele não tem mais *essa* alma, mas fatias do passado permanecem quando ela considera sua adoração por todas as coisas escritas nas páginas. Ainda tem isso.

E aquele dia na floresta, quando ela o vislumbrou brincando com as libélulas adolescentes, provocando-as enquanto passeavam pela cabeça dele. Sim, ele não perdeu sua afeição por animais, seu respeito pela natureza ou sua voz cantante.

Não obstante suas falhas mercuriais, este pária renascido vive no momento, age com ousadia sem ser tolo e nunca assume que é mais sábio do que qualquer outra pessoa. Ele lambe os lábios depois de mastigar bagas, não inventa desculpas por seu comportamento, não se compadece de si próprio e quer pertencer. Ela notou o último, desde os momentos em que ele observava a camaradagem entre seus colegas.

Ele é um mosaico, um retrato feito de pedaços lascados, distorcido de perto, mas lindo como um todo, quando você dá um passo atrás e lhe dá espaço.

Os músculos de Wonder doem profundamente. Que extravagante ser envolvida em alegria e melancolia. Ela também pode ter deflorado duas pessoas ao mesmo tempo, dando-lhes o coração com um gemido, traindo-as com um suspiro.

Mesmo assim, ela ri quando as pontas dos dedos de Malice localizam um ponto delicado sob o tríceps. Ele fica furtivo, beliscando seu ombro

enquanto cutuca os vincos e dobras de seu corpo, procurando as áreas que a fazem sorrir. Isso é novo, ao saber que ele é brincalhão depois do acasalamento, mesmo quando estão suados com a transpiração.

Além disso, ele permanece firme, o comprimento dele fixo dentro dela. No rescaldo, ela havia antecipado a partida dele de seu corpo. Ela previra seu próprio pânico e afastamento, esperando que eles voltassem a si.

Ouvir que ele deseja uma segunda brincadeira provoca uma emoção traidora. Ela traça a tatuagem dele, passando a mão no bico e na ponta manchada de tinta da pena.

Malice levanta a cabeça rebelde e se inclina para um beijo. Ela vira de volta, feliz por provocar, mas também curiosa. "Quando você conseguiu essa marcação?"

"Tem uma queda por minha tatuagem?" Ele sorri, piscando incisivos cinzelados. "Eu gosto do que você gosta."

Wonder varre o cabelo da testa. "Desde quando?"

"Isso não é óbvio?"

Seu tom de glamour deixa claro o que ele está se referindo. O fato dele estar enraizado dentro dela tem tudo a ver com isso.

Ele dá um selinho nos lábios e muda de posição, reajustando a posição dela nos braços dele, aproximando-a. “Podemos falar sobre o fato de você ter roubado minha virgindade em um domínio proibido? Isso leva a invasão em uma seção restrita a um nível totalmente novo. Que irritante da sua parte.”

Wonder ri. "Eu não roubei, seu canalha."

"Não, você roubou outras coisas."

Seu tom sensual escurece. Ele pode estar falando da carta do alforje, mas sua resposta parece direcionada para outro lugar.

Wonder iria pedir-lhe que ele elaborasse, mas Malice lança a tinta um olhar de soslaio. “Alguns arqueiros dos Picos são artistas poderosos. Eu tive essa depois do meu primeiro pesadelo.”

"Oh..." Wonder hesita no design. "Doeu?"

"Sempre preocupada com todo mundo mais que você." Afeto e prazer residual enchem o inferno em seus olhos, revelando brilhantes anéis de cinza. “Aposto que não doeu tanto quanto suas cicatrizes. Sempre que olho para elas, fico chateado com o universo. Diga a palavra e eu arrancarei as entranhas do Tribunal.”

“Você faria isso sem eu ter que dizer nada. Não que eu aprove.”

“Não me subestime, Flor Selvagem. Sua aprovação significa mais do que você imagina.” Ele

traça a mandíbula dela com o nariz. "Não doeu tanto quanto o pesadelo." Ele coloca um mindinho contra os lábios dela, impedindo-a de demonstrar simpatia. “Shhhh. É preciso mais do que uma referência verbal para me provocar.”

"Não, não é. É preciso uma sílaba.”

“Ok, claro, mas eu prefiro te foder sem sentido novamente a ter um colapso. Mas isso significa estar em minha capacidade total.”

"Esta é uma mudança repentina de coração."

"É?" Ele conta. “A angústia é um afrodisíaco. Nós estamos nessas preliminares desde que você apareceu na Cidade Celestial, parecendo um magnífico palácio de merengue, todas as curvas e açúcar. Você se fixou em mim como se eu realmente significasse algo para você. Eu nunca tinha me enfurecido tanto na minha vida ou ficado tão excitado.”

Wonder suprime um sorriso. "Você mal me conhecia."

“E isso importa porquê...” Quando ela lhe dá um olhar evidente, ele diz: “Você não coloca muita importância no apelo sexual da animosidade, muito menos na sua inteligência maravilhosa. Além disso, eu poderia ecoar o mesmo por não me conhecer. A propósito? Ecoar é divertido, ouvir a si mesmo reverberar em um abismo.” Ele uiva, o som trêmulo através da Câmara, mergulhando no chão e subindo até o teto. "Ouviu isso? Você deveria tentar."

"Para dizer o mínimo, meus pulmões estão esgotados."

"Falando em esgotamento, tenho uma ideia."

"Dormir." Ela traduz.

Malice dá uma mordida de amor no pescoço. "Você leu minha mente."

Ele carrega Wonder do corredor, embalando-a para ele enquanto viaja nu da Câmara Oca. É anarquia, mas ela está assustada demais para protestar.

A camisola dela pode ser uma amostra esfarrapada pendurada em seus ombros, mas ela não vai descartá-la aqui e também não devem deixar as roupas dele para trás. E o arco e flecha? A desordem dos livros?

"Malice", ela repreende. "Eu posso andar."

"Uau." Seus olhos se arregalam com descoberta falsa. "Então eu posso."

"As armas-"

"Eu vou buscá-las mais tarde."

"Você não pode chegar à torre enquanto ainda está..."

“Oh, é melhor você acreditar que eu posso. Se você não se importa, eu vou ficar assim pelo resto da noite. É tão aconchegante dentro de você. Eu posso relaxar e ler um livro.”

A boca dela cai aberta - e então ela late com uma gargalhada. Um momento, ela pode prever o que ele dirá. O próximo, decididamente não.

Isso é insano, deixando para trás a prova de sua residência, mas a indiferença de Malice tem tanto a ver com a razão quanto com o descuido. Quais são as chances de alguém aparecer durante a Adoração Estelar? Quais são as chances de alguém visitar os arquivos, muito menos a seção restrita da Câmara?

Malice a puxa da área, migra através de passarelas e sobe escadas, emergindo no vestíbulo principal dos arquivos. A nudez deles, além do fato dele estar alojado dentro dela, faz com que as gargalhadas de Wonder dobrem.

A testa dela cai no ombro dele, as articulações se soltam, o corpo tremendo de humor escandalizado. Essa jornada é ridícula, cômica e bastante doce. Ela não pode acreditar que eles estão fazendo isso, nem pode entender o que aconteceu nas últimas horas.

Entre risadas, a viagem a faz empurrar contra ele, o atrito induzindo gemidos de Malice, choramingos

de Wonder. Eles chegam a um sofá de veludo em meio a recontagens escritas de sonhos. Eles saltam sobre as almofadas, Wonder jogando a cabeça para trás e rindo enquanto ele devora o pescoço dela. Ela raspa seus cachos, arqueando as costas e tremendo sob a boca dele até a exaustão os forçar a cair. Foi quando Malice se afastou dela, o lugar íntimo que ele havia preenchido de repente vazio.

Ela se despe da camisola rasgada, deixando-a cair no chão. Juntos, eles torcem, enredando seus membros como videiras. Ela esconde o rosto na garganta dele, e os lábios dele esmagam o topo da cabeça dela, o que inspira outro trago sentimental.

Segurança. É assim que se sente.

Algo fenomenal aconteceu hoje à noite. Muitas coisas infinitas.

Ela teme aonde isso vai levar de manhã. Mas, por enquanto, ela afunda nas almofadas, pressionando os dedos contra os dele.

A respiração dele mexe os cabelos dela quando ele murmura: “Sua mente é um caleidoscópio, girando e jogando prismas em todo o mundo. Você pode puxar uma dúzia de perguntas não respondidas a partir de um único momento. Você dança com libélulas e gosta de seus amigos, porque é leal e encontra a felicidade através dos outros. Seus olhos mudam de tonalidade, dependendo do livro que você está lendo. Você é a pessoa mais inteligente que eu já conheci.”

Wonder exala. Parece que ele a mediu mais do que ela pensara. Desde o início, assim como ela estava compilando detalhes sobre ele, ele estava fazendo o mesmo com ela.

"O que você quer mais do que qualquer coisa?" Ele pergunta. "Não se segure, ou eu saberei."

"Perdoar-me." Não há resposta, pois eles permitem que a resposta simplesmente exista. E então ela sussurra: "Você?"

"Para me conhecer."

"E do que você tem mais medo?"

O peito liso de Malice sobe e desce. "Mesma coisa."

Wonder assente. "Sim."

A mesma coisa.

***

Suas pálpebras batiam como asas. O espaço ao seu redor é uma aquarela de imagens sem bordas, ondulando a princípio e finalmente solidificando-se em móveis.

Wonder dá um tapinha no sofá, roçando as almofadas de veludo. Então suas pálpebras se abrem. Nua e de costas, ela fica boquiaberta no teto e experimenta uma onda de pânico.

Isso tinha sido um sonho?

A dor entre as pernas dela testemunha que não tinha sido, levando Wonder a fechar a boca. Há evidências adicionais na forma de um membro mais

grosso contra o dela, estendendo-se do lado oposto do sofá. A outra perna bate como um telhado, com o pé masculino achatado na almofada.

Wonder se equilibra nos cotovelos e examina as estantes, meio-dia bocejando pelas janelas. Ela observa seu arco e aljava apoiados em uma estante de livros.

Quando Malice pegou as armas?

Ele descansa em frente a ela, com as costas apoiadas no braço do sofá. Ausente, ele desenha os dedos dos pés dela enquanto um livro aberto repousa na palma da mão livre, a cabeça inclinada para as páginas. É uma visão de dar água na boca, aquele torso nu e aquelas ondas despenteadas. Ele narra em voz alta, proferindo em voz baixa para a assembleia de libélulas juvenis voando ao seu redor.

Lendo. Ele está lendo para elas como se elas entendessem.

Wonder esmaga os lábios, reprimindo um sorriso quando ela recebe outro flashback dele, perseguindo três cães através de uma colina da pradaria, depois esfregando o flanco do cavalo e alimentando com uma maçã.

Ela estica o pescoço em direção ao título.

Não a tempo, porque seu sorriso diabólico se aproxima dela, e ele sussurra para seus convidados: "Finalmente porra. Ela está acordada, companheiros."

Sem outra saudação, ele continua lendo. *"A história diz que uma estrela já vagou no céu, procurando sua partida desonesta e rebelde. Por fim, quando se conheceram na galáxia, sua colisão acordou uma tonelada de constelações sonolentas e de ressaca, e então ..."*

"Não é isso que o livro diz."

"Detalhes, detalhes."

"Deixe-me adivinhar. Gênese do destino e das divindades?"

“Gosto de me lembrar como tudo começou. Agora me ‘deixe adivinhar.” Ele lambe o polegar e vira as páginas. "Sua parte favorita é a página mil e um?"

Wonder ri enquanto ele dramaticamente limpa sua voz. *“Alguns atribuem a aurora do destino a uma chuva de meteoros. Quando se chocou contra as estrelas adormecidas, elas acordaram de seu sono eterno, piscando de surpresa e abrindo-se como fendas na escuridão. Seu esplendor se espalhou pela galáxia, espalhando-se através do universo, mais brilhante que qualquer planeta.”*

“E foi sua luz incomparável que lhes deu ação. E foi a ação deles que lhes deu autoridade. Isso marcou o início de uma era - as estrelas evoluindo com a capacidade de pensamento e intenção. Eles começaram a se perguntar, isso foi planejado? E assim começou o conceito de destino ...”

Wonder se encolhe de lado como um caracol e ouve o resto. Passariam eras antes que as divindades surgissem, uma solução forjada assim que as estrelas

começaram a antecipar uma virada nas marés celestes: a iminente ascensão da humanidade.

Como ela leu esse texto dezenas de vezes, sua mente muda de rumo e ressuscita na noite passada. Ela e Malice haviam realizado um ato arrebatador, perturbando os corpos um do outro a ponto de parecer estúpido. Seus membros já zumbem quando ela visualiza os quadris dele entre as coxas.

Isso é saudável? Isso é comum?

Ela deveria meditar, mas não pode. E como uma deusa, além disso, como colega de classe de Envy promíscuo, ela deveria saber as respostas. Wonder conheceu muitas histórias gráficas, além de sua própria experiência limitada. Mas ouvir sobre orgasmos versus realmente recuperar-se de um problema alucinante é outra questão.

Ela se aperta em muitas áreas privadas para contar. Malice ficaria encantado consigo mesmo, mas ele não teria chegado lá se não fosse por ela. Ela

começou o primeiro beijo, instruindo-o, e ele calou a boca rapidamente, caindo sobre ela como mingau.

Huff. Ela está registrando quem dominou quem? Esta não é outra rivalidade.

É feliz. É estressante.

Esta manhã? É intimamente simples, talvez um pouco tímido, pois eles se entreolham e desviam o olhar. Talvez eles precisem desse respiro.

Terminando a leitura, Malice se torce, seus músculos ondulando enquanto ele pega uma crônica de uma pilha no chão. Wonder avalia a seleção. Conhecendo-o, ele reunira esse esconderijo do nível proibido da Câmara, cada candidato uma escolha perceptiva. Ele considerara as metodologias de pesquisa dela e as suas.

Embora cada opção apele para Wonder, ela seleciona um livro circular e se espalha nua. As horas passam, letárgicas e não refinadas. Em algum

momento, as libélulas de platina se dispersam, dificilmente entretidas pelo silêncio.

Os olhos de Malice examinam a crônica, enquanto Wonder dobra e desdobra uma página específica, atenta à lombada do livro. Limitado pela ligação do pergaminho, ela testa se alguma variação do origami pode alterar o conteúdo e gerar um mistério. Então ela tenta segurar o livro na janela de ângulos sem fim, no caso de palavras clandestinas serem incorporadas no papel.

Seu pulso fica com cãibras e, sem desviar o olhar do livro, Malice massageia o ponto ofensivo para ela. Abaixando o tomo, Wonder espia por cima da borda e o estuda. Assim como seus traços faciais, ele manteve outras características de seu passado, como sua incapacidade de ler em voz alta por muito tempo, sem que suas cordas vocais cedessem; um deus comum não sofreria tal doença, muito menos

qualquer outra doença. As divindades não nascem com deficiências nem são suscetíveis.

Depois, há Andrew, que ainda manca apesar de sua imortalidade. Ele pode não ser uma divindade, mas ele e Malice vivem como produtos de dois mundos.

"Não é ruim quando livros encadernados em pergaminho lhe pregam peças?" Malice comenta, ciente de que ele está sendo vigiado.

"Eu conheço os sinais." Diz Wonder. "Eu tentei expor a página à luz, uma lufada de ar e até isso." Ela indica as linhas de dobra do seu desastre de origami. "Mas não há nada."

"Então siga em frente."

"A tinta poeira estelar muda de tonalidade na metade da página."

“Isso não garante nada. Pode ser um acaso.”

"A tinta não muda assim, a menos que haja uma fenda no papel, o que pode indicar um segredo."

“Ou poderia ser um fio de luz comum. Pode não ser nada.”

Um fio de luz. Isso lembra a trilha brilhante que ela testemunhou duas vezes em sua existência, em duas outras bibliotecas: na vida passada de Malice e na Cidade Celestial.

"O que você está lendo, espertinho?" Pergunta Wonder.

"Uma história oral de foder." Responde Malice.

Assustada - e intrigada -, ela dá um salto à frente e pega seu livro, derramando sobre diagramas de órgãos genitais, além de posições eróticas que confundem um contorcionista. “Onde você achou isso na câmara? Entre os textos sobre psicologia celeste primitiva?”

Malice recupera o título dela, sua garganta produzindo um som irritante, como se ela tivesse perdido um ponto. “Não foi com os livros de 'estojos'. Tsk, tsk.”

Wonder estreita os olhos. "Comportamentos sociais astrais."

"Mais quente."

"Anatomia e fisiologia eternas."

"Muito quente. Impressionantemente quente."

"Antropologia mítica."

"Quente. Tem calor."

Wonder borbulha com alegria. Ela perguntava como Malice sabe o que é "quente", mas depois lembra que ele sabe. Ele costumava conhecer muito bem.

Por um segundo, ela quase se esqueceu disso.

No entanto, em algum nível intrínseco, ele ainda compreende a sensação de calor. Ela faz uma anotação mental para saber mais sobre a temperatura mais tarde. Para saber o que é o calor de Malice? Essa inteligência seria uma iguaria.

Na verdade, ela não espera. "Como é a sensação?"

O rosto de Malice se eleva, inclinando-se para ela. Oh-oh. Ele não pode estar falando sério!

Novamente?

Ele joga o livro por cima do ombro, o livro encadernado com um soco. "Por que ler ou falar sobre calor quando você pode demonstrá-lo?"

Wonder ri enquanto ele se arrasta pelo sofá e a ataca. Seus braços e pernas o recebem, saboreando o peso do corpo dele sobre o dela. A língua dele lambe a costura da boca dela, depois varre para dentro, batendo contra a dela até que ela esteja desorientada.

O livro de pergaminho também cai no chão. No entanto, foi quando Malice se afastou, logo depois que eles começaram. Muito cedo para o gosto de Wonder.

Pairando sobre ela, ele olha para baixo, seu rosto o epítome da intenção perversa. Ele está feliz, como se um peso tivesse sido levantado.

Ele também está excitado, suas pupilas famintas eclipsando o cinza quando ele pega o traseiro dela em suas mãos. "Entããããão, recapitulando?"

Wonder não consegue tirar as mãos dele, seu toque vagando sobre a pele e os ossos. Depois de tudo o que fizeram, suas amigas ficariam horrorizadas, ofendidas. Mas seu coração é outra questão, tumultuando-se dentro de seu peito porque ela ama o que eles fizeram e teme o que eles fizeram.

Ela hesita. "Deveríamos-"

"Não, não deveríamos." Ele rosna.

"Tudo o que confessei ontem à noite, tudo o que você aprendeu ... o passado ... o presente ... e temos as lendas a descobrir ... uma missão a cumprir."

“Cristo, flor selvagem. Você nem pode esperar até eu tomar café?”

Eles estão acordados há um tempo e não há café nos Picos.

Mesmo assim, Wonder pergunta. "Sem pesadelos?"

Ele enrola uma mecha de seu cabelo de calêndula ao redor do seu mindinho. "Nenhum."

"Como você está se sentindo? Alguma coisa que eu disse tocou uma campainha? Alguma lembrança clara?”

Não é isso que ela chamaria de andar sozinha. Isso cai porque agora que ele sabe quem ele era, talvez ele se lembre mais.

Deliberadamente, lentamente, Malice desenrola o fio amarelo em torno de seu dedo. Ele se ergue acima dela, os joelhos perfurando crateras no veludo. E então ele inclina a cabeça, o que não é bom.

Sua voz corta como uma lâmina. "Você está esperando para me curar ou ressuscitá-lo?"

Na ponta dessa lâmina está o ressentimento. E a verdade é que ela não pode responder.

Malice vê isso. Seu queixo bate quando ele se desembaraça dela.

Wonder se ergue e agarra seu braço. É preciso esforço, mas ela o torce para encará-la, depois aperta

seu rosto descontente. "Você está esperando me punir ou me redefinir?"

O desvio dela tem o efeito desejado. As narinas de Malice se alargam e depois voltam ao normal. "Eu chamaria isso de empate."

"O que estamos fazendo?" Ela pergunta enquanto a testa dele pousa na dela.

Malice traça seus lábios com os dele. "Estamos fazendo um acordo."

Mas com Malice, as palavras nunca são sobre o que parecem ser. E com Wonder, os pensamentos nunca são estagnados, nem interpretações.

Portanto, não é um acordo. É uma declaração.

É uma bênção. É elementar - tão penetrante quanto o vento, a chuva e o granizo, tão intenso quanto a luz do fogo, tão profundo quanto a água. Ele surgiu do nada, sem aviso prévio, mas está se formando há séculos, levando séculos para se manifestar.

É dar e receber, receber e receber. É assim que eles sempre trabalharam, sem meio, se desviando de um extremo ao outro.

Eles retomam suas posições anteriores no sofá, as pernas dela se estendendo de um lado, as dele do outro, entrelaçando no centro. Wonder se estica nua, enquanto as calças de Malice caem sobre seus quadris. Ele esfrega sua panturrilha quando ela

estremece sem motivo, então ele recupera o livro decadente e lê em voz alta novamente, recuperando a voz. E ela cutuca o lado dele com o dedo, e ela ouve.

Logo, eles trocam de papel enquanto a voz dele falha mais uma vez, o que é um som muito fofo ... terrivelmente mortal.

Depois de terminar o capítulo, ele se sente à vontade para abordar sua vida anterior, e ela se sente à vontade para contar incidentes de sua educação, arrancando-os aleatoriamente da memória. Suas lembranças trabalham em conjunto, apoiando-se como vigas cruzadas.

Quando ele compartilha um segredo, ela compartilha um de volta, do grandioso ao simples. Quando ela expressa um favorito ou menos favorito - cor, livro, bebida, flor - ele retribui. Quando Malice aceita uma confissão de Wonder, ela aceita uma confissão dele.

E quando ele joga o livro pela segunda vez, ela abre os braços.

E quando ele se debruça sobre ela com um gemido, ela arqueia com um suspiro.

E enquanto sugam a respiração um do outro, eles sussurram: "Sim."

O *sim* continua.

Durante esse interlúdio, Wonder está ansiosa. A certa altura, ela se afasta para encarar a boca inchada e os olhos encobertos. Ela e esse deus demônio, haviam sido insaciáveis pela metade da noite anterior. Eles não podem ter mais para se expressar fisicamente, pelo menos até hoje à noite.

Verdadeiramente, eles precisam trabalhar. Eles precisam se acalmar.

Ela agarra sua mandíbula e o puxa de volta para ela.

Eles não fazem amor, mas tentam tudo menos que isso, até se desgastarem.

É assim que os dias se sangram. Eles estão aqui há duas semanas, um piscar de tempo, a meio caminho antes do fim da Adoração Estelar. Assim, sua janela de oportunidade está diminuindo, deixando apenas uma quinzena de espaço.

Eles tiram o máximo proveito de maneiras obedientes e imprudentes, uma fusão de justificativa e estupidez absoluta - sóbrio e bêbado com esse acordo, com esta declaração, com o que quer que seja.

Manter distância é inconcebível, tanto quanto manter a roupa. Essa barricada caiu, uma pilha de entulho em seu rastro.

De manhã, eles remexem no repositório, procurando fósseis de informação. À noite, eles desfilam nus pelos arquivos, correndo para ver quem pode chegar primeiro a uma seção designada. Eles planejam uma caçada, atribuindo um ao outro os títulos mais obscuros e depois disparando em direções opostas.

Geralmente, essas competições seguem. Malice descarta sua busca e ronda em busca de Wonder, e ela é mais esperta do que ele, sabendo os lugares ideais para esconder-se ou enganá-lo. Mas de alguma forma, em algum lugar desse paraíso, sempre culmina com o encontro entre eles. Esses jogos terminam com Malice erguendo-a nos braços e estendendo-a sobre uma mesa, as pernas apertadas em volta da cintura ou Wonder empurrando-o em uma cadeira e montando-o.

Isso não é tudo. Eles gostam de surpreender um ao outro.

Uma tarde, ela é estudiosa e diligente em uma mesa quando a cabeça de alguém afasta os joelhos sob a mobília. Tempos maravilhados em choque - e então ela aperta a crônica que estava pesquisando, enquanto Malice se inclina sob o vestido cor de pinho e desliza entre as coxas. Os cachos dele fazem cócegas na pele dela, e sua língua curiosa entra em um vale de

sensação, e Wonder se foi. Automaticamente, as pernas dela se prendem aos ombros dele e caem nas costas dele, e ela agarra a crônica, seu conteúdo se abre para o teto - assim como ela.

A espinha de Wonder se encolhe, a cabeça balançando para trás, a boca incontrolável. A cadeira range, e faz muito barulho neste salão, mas nem de longe tão alto quanto ela.

No momento em que Malice termina, ela está chiando, e seus olhos brilhantes surgem debaixo da mesa.

Ela planeja vingança, espreitando-o mais tarde, da mesma maneira, com os joelhos enterrados no corredor felpudo do chão. Malice está escaneando um diário, mas a virada da página cessa quando ela agarra os botões dele. Ele larga o livro, o livro encadernado bate na madeira com um estrondo. Ela ouve um trago sem palavras, que se transforma em algo feroz no instante em que seus lábios encontram

uma compra. Ele tem um gosto imoral, e é como se ela sentisse o que ele estava sentindo, entendesse os gemidos agudos. Espantada, delirante, ela o encoraja com cada colo de sua língua, cada bocado de pressão ao seu redor.

A intoxicação prevalece em várias áreas da Câmara Oca, além de algumas nos Arquivos. No entanto, eles raramente se sentem saciados. Há muito o que aprender e descobrir com seus corpos.

É uma nova forma de tutela. Seu vocabulário imundo aprimora suas travessuras, mas nunca se volta para um território lascivo. Pelo contrário, é sedutor, travesso como Malice recita o que ele planeja fazer com ela. É atraente a facilidade com que ela o silencia, pegando seus lábios, dividindo-o e enrolando sua língua na dele. Ela nunca se imaginou capaz disso, nunca percebeu se juntar a alguém assim, selvagem e vagando pelos corredores, exposta ao perigo e escondida dele.

Eles não deveriam estar fazendo isso.

Eles não deveriam estar fazendo mais nada.

Suas aventuras levam a fragmentos de afeto. Malice pega a mão dela e enlaça os dedos enquanto eles descem uma escada. Wonder passa a palma da mão pelas costas dele quando ela passa por ele. Esses golpes aleatórios de intimidade, toques e beijos e relações sexuais deslizam entre as rachaduras de sua missão.

No entanto, seus ataques de intimidade não substituem sua dedicação. Na verdade, esses flertes aumentam a produtividade.

Quando ele não consegue encontrar um livro, ela o procura para ele.

Quando ela não consegue se lembrar de um fato, ele a lembra.

Quando um deles localiza um detalhe em potencial que pode explicar por que Malice reencarnou - como exatamente aconteceu? Por que as

estrelas permitiram que isso acontecesse? - Eles informam ao outro.

Inquestionavelmente, o Tribunal do Destino não sabia da vida passada de Malice. Caso contrário, eles o teriam banido mais cedo, apenas por esse motivo. Para sua espécie, os humanos são inferiores. Não para Wonder, Malice ou seus amigos, mas para muitos outros. Mesmo que Malice não seja mais mortal, seus governantes teriam visto sua existência um insulto, um acidente de nascimento. A menos que as estrelas comandassem o Tribunal de outra maneira, elas teriam jogado Malice dos Picos sem pensar duas vezes.

Malice e Wonder alternam entre encontrar respostas para ele e respostas para ela. Quando cada um deles tem uma teoria sobre o destino e o livre arbítrio, sobre divindades e humanos, sobre vida e morte, eles comparam notas. Relatos históricos de sua cultura, análises de combate, pontos fortes e fracos da

imortalidade e mortalidade, sua união com as estrelas e mapas dos Picos.

A maior parte delas já sabem e procuram revisar, caso tenham perdido alguma informação durante sua educação. E algumas delas revelam joias escondidas, como técnicas de seleção de alvos, a essência do compromisso e a coreografia da negociação.

Mas falta uma brecha, um ingrediente-chave que eles ainda precisam descobrir.

Seus dias são compostos por suspiros e brigas, debates e risadas. Wonder medita, Malice quebra algo em um ataque de frustração. Ela se afasta, ele calcula. Ela repreende, ele fica sarcástico. Ela o coloca em seu lugar, ele a faz rir.

Eles caminham para o abismo da Câmara. Eles ressurgem, vasculhando os Arquivos. Aparecem no ar, praticando arco e flecha na floresta ou fazendo o clímax entre si contra uma árvore.

E sempre, sempre, sempre, eles têm algo a dizer um ao outro.

***

Ela geme enquanto é amarrada contra a balaustrada com vista para o quarteirão das aquisições, seu traseiro rolando na virilha de Malice

Ele morde o lóbulo da orelha dela. "Curtiu isso?" Ele pergunta, ar soprando dos lábios e deslizando pela nuca dela.

Para enfatizar, ele inclina seus movimentos em tal posição que Wonder fica sem fôlego. "Assim", ela verifica, suas coxas se afastando mais para acomodar cada entrada e retirada.

Por trás, ele envolve Wonder, seus braços flanqueando os dela enquanto a move. Os nós dos dedos dele se flexionam nos dois lados das mãos dela, as duas garras sufocando a grade. O ritmo de seus corpos a agoniza, uma exploração prolongada quando geralmente é uma corrida apaixonada, como

se eles ficassem sem excitação ou se perdessem um ao outro a qualquer segundo - como se tal rapsódia nunca ocorresse novamente. Seus quadris giram em figura oito, caminhando por si mesmos e adotando uma abordagem consciente, procurando um ao outro como enigmas, reunindo conhecimento a cada impulso.

Ele, enchendo-a. Ela, cercando-o.

Plantar o calcanhar direito no degrau inferior da balaustrada permite que ele varie a penetração, atingindo áreas delicadas que a fazem cantar, sua voz tremendo pelo repositório. O torso dele esfrega a espinha dela, e a cabeça dela bate nas clavículas dele, os seios empurrando para cima.

Ele murmura: “Olhe para você, tão feliz. Posso te fazer mais feliz? Hmm?"

Apesar das palavras confiantes, Malice está em busca de uma resposta. Ele gosta de ser instruído,

gosta de procurar dentro dela, puxando esses sons dela.

Ela gosta de fazer o mesmo com ele, então bate os quadris para trás, incitando um gemido rouco. A testa dele pousa contra o pescoço dela em súplica, aquele teor saindo de sua língua e afundando em sua cabeça. Ele se agacha, lutando para manter o controle sobre o parapeito enquanto lança os quadris para frente, combinando com o deslizamento vagaroso de sua própria forma.

A imortalidade os fortalece. Caso em questão, eles estão nessa escapada há trinta minutos, e estão fortes o suficiente para que Wonder se prepare para mais uma ou duas horas dessa loucura.

"Por favor." Ele implora em sua carne. "Por favor, diga."

"Sim." Ela diz. "Sim, assim."

Isso o estimula e ele segura seus seios. E eles continuam fazendo isso e aquilo e mais.

Em breve, eles precisarão comer e beber - e acalmar o destino. Ainda não, no entanto. Seus gritos convulsionam quando uma brisa desliza pelo corredor, cortando golpes e lanternas.

As exibições públicas são comuns em ambientes casuais dos Picos, mas não em instituições formais. Malice e Wonder seriam esfolados, degradados, julgados. Seriam considerados degenerados, desajustados.

Eles seriam chamados defeituosos. Eles seriam comparados aos humanos, com suas imperfeições e padrões duplos ... e corações.

Bom para Wonder. Ela não está desistindo desta versão de sua alma.

Mas ela promete limpar a balaustrada com um pano mais tarde. Ela fará Malice ajudá-la, como tem feito em todos os cantos que eles corromperam.

Do lado de fora dos painéis de vidro, as constelações brilham, comemorando o fim do

dia. Tinha sido produtivo na seção de artes e recreação até Malice lhe dar aquele olhar. Ou talvez Wonder tenha sido a culpada, quando ela avaliou a figura dele enquanto ele penteava seus cabelos, a ação puxando sua camisa esticada através do penhasco do peito. Talvez tenha sido quando ele a pegou admirando-o assim.

"Esse olhar errante." Ele elogiou, jogando de lado sua escolha de material de leitura.

E este é o resultado.

Entre miados, Wonder expressa um desejo. "Em algum momento ... precisamos ... fazer isso ... em uma cama."

Malice levanta a cabeça, um sorriso ondulando em sua voz. "Agora, onde está..."

"...a diversão nisso?" Ela termina.

Em um grunhido de indignação fingida, ele muda de ideia. Wonder grita quando ele a puxa, a envolve no meio e a arrasta contra seu torso. Ele passa

a carregá-la de volta para o dormitório assim, suas pernas caindo, seus risos ecoando pelos corredores, enquanto o talentoso tenor de Malice sussurra uma melodia travessa em seus ouvidos.

No quarto dela, eles despencam no colchão em um ataque histérico. Wonder aterrissa acima de Malice, os membros dela na cintura dele, o estômago bombeando. As madeixas dela se espalham por toda a pele úmida dele, e suas mãos se abraçam em ambos os lados da cabeça de Malice.

Wonder o bebe. Ela conta as maneiras pelas quais esse demônio se tornou querido para ela, como quando ele produz livros sobre tópicos sobre os quais ela pensa, ou quando ele a mima com amoras pela manhã, como eles decidiram compartilhar a cama.

Ele não teve um pesadelo desde então. E ela dorme a noite toda.

Desafiando sua natureza, eles descansam todas as noites, dormindo nus e emaranhados juntos. Uma

vez, ela despertou para a boca dele em seu peito. Outro amanhecer, ele acordou para ela montando seu abdômen. Tantas provocações e tentações neste quarto.

No entanto, esses eventos específicos não levaram à consumação. Eles se exercitaram em vários cantos, exceto em seus aposentos.

Até agora.

Gotas Celestiais entram no dormitório e borrifam a roupa de cama. Wonder inala o perfume da faixa das glicínias presa em seus cabelos, o único item que ela está usando.

"Eu sou viciado em você." Diz ele, agarrando seu rosto e dando-lhe beijos inquietos em sua têmpora. "Sua mente." O interior do seu bíceps. "Sua irritação." A polpa de suas cicatrizes. "Sua resiliência."

Wonder bica seus lábios. “Sua ousadia. Sua sinceridade. O seu humor.” Ela se inclina para trás para olhá-lo. “Gostaria que você pudesse ver onde eu

morava aqui. Minha casa do outro lado do vale, sobre as piscinas tranquilas. Meu local de meditação favorito, onde meu guia me ensinou a arte da respiração. Eu gostaria de poder ver onde você morava aqui também. Todos os lugares que são importantes para você."

"Realmente?" Malice pergunta. "Você quer dizer isso?"

Claro. Por que não?

Em um galho do lado de fora da janela, a semelhança de um rouxinol mortal canta uma melodia.

Os olhos cinzentos de Malice saltam por toda a Wonder, não como cinzas, mas brasas - desesperados e erráticos em seus movimentos. Ele procura um sinal em seu rosto, algum tipo de verificação.

Aqueles olhos brilham, tomando uma decisão. Esgueirando-se debaixo dela, Malice sai do quarto e volta com o alforje pendurado no

ombro. Wonder fica de pé, curvando as pernas para o lado enquanto ele joga a bolsa no cobertor. Sentado na borda do colchão, ele empurra o alforje em sua direção.

Wonder olha para ele, duvidosa.

Ele acaricia sua mandíbula, sua voz abafada. "Você apenas vai lê-las nas minhas costas."

O pulso dela dispara. No que diz respeito à carta roubada, ela ainda não a devolveu, nem ele pediu.

O mesmo pode ser dito sobre seu buquê.

Malice a observa com uma expressão plana. É nula de vitríolo ou proteção, no entanto, ele oscila à beira de uma conclusão.

Seus pulmões se expandem e se liberam. Com os dedos trêmulos, ela abre a bolsa e retira os envelopes manchados de sépia. Ela começa no começo, no dia em que o assombrou. Pescando o papel gasto, ela o desdobra, o som cortando o quarto.

Malice estremece. Ele chega mais perto, os ombros se tocando.

Os dentes de Wonder doem, e seu peito dói, e tantas dores. Mas essa reação é justa, e ela quer forçar, porque quer se ouvir recitar as palavras que uma vez escreveu. Ela nunca teve a chance de falar em voz alta.

Pensando nisso, a ansiedade a atravessa. Mas, por alguma razão, o rosto de Malice cai quando ele percebe.

"Querida estrela rebelde ...", ela começa. *"Andei vagando, vagando por esse universo, procurando um destino que eu poderia chamar de meu."*

"Por fim, suspeito que o tenha encontrado", diz Malice de memória, como se ele não tivesse pedido que ela narrasse. *"Eu suspeito que eu possa ter encontrado em você."*

Ela cora com a presunção da carta. Enquanto as palavras tremem no quarto, ela cai no passado. Ela, sentada em casa e compondo esta carta, seus desejos

vazando para a página. Era ela e não ela, escrevendo para um garoto que estava lá e não lá.

A composição é pueril, ou talvez ingênua seja uma avaliação melhor. Mas é viva e sem desculpas, cada frase subindo para a próxima. As emoções não têm verniz, artifício, tão intensamente elas existem.

No entanto, não é exatamente como Wonder se lembra de ter se sentido. É um pouco sem graça em comparação com o ciclone de respostas que ela já experimentou em torno dele.

Ela abaixa a carta e também recita de memória. *"Você não me conhece, nem eu, mas espero que isso mude."*

"Que este seja um desejo realizado, e não perdido." Malice acrescenta, então pega a missiva dela e coloca na mesa de cabeceira. *"Eu não aguentaria o contrário."*

"Receio ter falado rápido demais." Diz Wonder. *"Por favor, continue, para que eu possa me apresentar. Eu sou*

um morador invisível, portanto você não pode me ver como eu posso ver você ."

"No entanto, a visão de sua vida me levou a alturas." Ele rasteja em sua direção, e ela se reclina embaixo dele.

"Eu tenho me escondido, assistindo você." Ela suspira, separando seus membros.

"Mas não tenha medo." Entoa Malice, as pálpebras pesadas enquanto ele coloca as coxas em volta da cintura e posiciona seu comprimento na entrada dela. *"Eu não vou machucá-lo."*

Wonder arqueia, soltando um gemido prazeroso enquanto ele empurra lentamente, executando um único golpe paciente. *"Eu nunca..."* Ela geme para o teto. *"Eu nunca faria isso."*

"Acredite em mim." Ele insiste, seus quadris montando em um ritmo sensual.

"Não sou tímida. Mas a invisibilidade é entediante, e por isso estou reduzida a esta carta ..." Ela suspira

enquanto o comprimento dele a procura, deslizando até o punho. *"... e espero expressar minha admiração, dizer que estou aqui, que compartilho seu amor por livros e leitura, mesmo que eu seja diferente, mesmo que eu seja um ser divino e você seja humano, mesmo se viermos de reinos separados. "* Ela se agarra às costas dele, estimulando-o mais rápido. *"Você é magnífico, e eu adoro o som da sua voz, e gostaria de conhecer o seu livro favorito, e gostaria de lhe contar o meu. Anseio por saber sobre o seu mundo. Anseio por ser sua amiga."*

"Sua aliada." Ele arfa.

"Sua confidente." Ela diz.

"Sua estrela."

"Seu destino."

Sem fôlego, ela beija os lábios dele. Incansável, ele beija de volta.

Eles gemem, prestes a explodir quando ele atinge um ponto estreito, o que acelera o ritmo e empurra as profundezas da entrada.

"Responda a esta carta," ele grita, mergulhando dentro dela, *"e eu lhe direi mais, e você saberá mais, e fundiremos mundos."*

"Você e eu."

"Uma estrela errante."

"E uma estrela rebelde." Ela grita.

Ele parou. Suspenso acima dela, seu corpo trava no lugar como se açoitado por um chicote.

O súbito intervalo tira Wonder do seu delírio. "Malice?" Ela se levanta, olhando para ele. "Malice, o que é isso?"

A cabeça dele cai na curva do pescoço dela, e então se inclina instantaneamente para cima. Ele aperta o rosto dela, em parte ofuscante, em parte implorando quando as brasas fogem de seus olhos, deixando para trás uma superfície limpa de detritos. Essas não são as pupilas do demônio que ela conheceu.

Elas são os olhos de outra pessoa.

Ela congela quando a clareza olha de volta. Malice olha para Wonder como se a visse pela primeira vez, ou de um ângulo diferente, em uma inclinação diferente da luz das estrelas.

"Eu lembro." Diz ele.

Uma vez que as palavras são ditas, elas não podem ser levadas de volta. E enquanto Malice deveria estar aliviado por pronunciá-las, e enquanto Wonder deveria estar aliviada por ouvi-las, eles se entreolham em tumulto.

Eu lembro.

Em anexo ao seu anúncio está um ligamento do conhecimento. Eles ouvem as margens remanescentes de cada sílaba, uma reverberação de som permeando o quarto até os ossos.

Para não falar da angústia interna de Wonder. A visão de sua memória ressuscitada, limpando o filme em seus olhos e descascando uma camada de seu rosto, deveria ser um triunfo. E pode ser, dependendo de quais lembranças surgem.

Ou pode ser uma farsa, se outras visões se recuperarem.

Malice ainda está dentro dela.

Tanto ele como o outro garoto estão dentro dela. Na verdade, ele é o mesmo, não está mais separado por imagens perdidas ou sensações abstratas.

Os membros de Wonder permanecem atados em torno de seus quadris nus, que há muito deixam de procurar por esse zênite de prazer. As palmas das mãos dela agarram a parte traseira dele, os seios dela encostam no tronco dele e os trabalhos de respiração deles. Amarrados um ao outro assim, eles tremem.

Wonder encontra um ponto no tempo para refletir. A nudez deles convocou essa reviravolta? É feliz? É por acaso?

"Como?" Ela pergunta, pela primeira vez não confiando em si mesma para descobrir a resposta.

A expressão confusa de Malice permanece nela. As unhas dele perfuram os lençóis de cada lado da cabeça dela, as pontas esfaqueando o colchão e criando fendas. Como se houvesse algum poder inato

nele, ou como se ele soubesse, ele diz: "Por que eu ouvi você".

É isso? Ao contrário de seu eu mortal, ele pode ouvi-la. Então isso aconteceu porque ele finalmente a ouviu narrando em voz alta os escândalos e desejos de seu passado? Isso foi feito?

A recitação verbal dela havia desencadeado essa ressurreição, a escrita e a voz trabalhando em conjunto para ativar a mudança? Essa combinação havia se tornado uma força mágica, alcançando assim a mão na fonte da mente de Malice e arrancando as raízes mais profundas?

Deve ser. Afinal, é o elo que faltava entre Malice e Wonder. É o único esforço que ela fez e falhou na época: comunicação.

Ela, falando as palavras. Ele, absorvendo-as.

Ela se atreve a tocar o lado do rosto dele. No reflexo, ele se contrai do contato, então ela se afasta, as mãos pousando cuidadosamente na cintura dele.

"O que você lembra?" Ela pergunta.

"Tudo." Ele grita, empurrando a resposta, terminando a tarefa.

A atrocidade de seu tom não é dirigida a ela, mas aos fatos. Ele se lembra de tudo, tudo o que aconteceu durante a tentativa dela de cortejá-lo.

E tudo que aconteceu com ele depois.

É agora ou nunca.

Malice muda, um lembrete de que eles ainda estão intimamente unidos. Ele se afasta, mas permanece acima de Wonder, entrelaçado com ela enquanto arrasta levemente o mindinho sobre sua bochecha.

Ela engole, fazendo aquele dedo tremer. "O que aconteceu com você?"

Imagens inconcebíveis piscam diante dele, suas inalações ficando rasas até que ela agarra sua cintura com força, sufocando o ataque. Apesar da tensão em suas articulações, seu corpo se acomoda contra o dela.

"A cela estava escura." Diz ele. “Tão úmida quanto a merda. E os sons eram um estrondo. Eu ouvi pessoas gritando, tantas pessoas gritando.” Ar patina entre os dentes. “E então eu estava gritando também, porque eles estavam me amarrando, me atrelando, me prendendo. E eu não pude sair disso. Chorei ... Lutei de volta, arranhando-os e desejando ter garras para destruí-los.”

"Eles quem?"

"Os doutores." Ele se contorce de pensamento. “Não, não eles ... Os guardas. Seus rostos ficaram borrados juntos, e eles me amarraram a uma cama. Durante dias, as pessoas me cutucaram até eu parar de chutar. Eles fizeram perguntas, muitas perguntas, e alguns deles tentaram ser legais, tentaram ouvir, mas não entenderam, e isso me deixou furioso. Eu ficava dizendo a eles que você era real, você era tão real, se eles apenas olhassem para

suas cartas. Mas é claro que não podiam, porque eu escondi os envelopes em um livro."

E esse livro havia sido jogado pelos habitantes da cidade na pilha de chamas, pouco antes da carroça do manicômio chegar para buscá-lo.

Sua voz falha. "Por um instante, eu tinha esquecido isso."

Um soluço sai de Wonder. "Malice."

"Deixe-me terminar. Eu preciso terminar." Os olhos dele brilham. "Nem todos os médicos foram imparciais e nem todos os guardas foram brutais. Alguns se importaram, outros me trouxeram cobertores e falaram gentilmente. Mas ainda assim, havia um punhado que olhava carrancudo o que eles não podiam entender ou controlar. Quanto mais tempo eu estava lá, mais eu temia. Quanto mais eu temia, mais me enfurecia. Quanto mais eu me enfurecia, mais os machucava de volta. Quanto mais eu fazia, mais frequentemente eles me chamavam de

possuído pelo demônio. Quanto mais eles diziam, mais eu acreditava neles.”

“Eles bombearam merda - eu não sei o que - na minha garganta. Por semanas, por meses. E tudo o que eu pensava era: o que aconteceu com a biblioteca? O que aconteceu com meus cães e meu cavalo? O que aconteceu com você? Onde você estava? Onde você foi? Eu berrei para eles tirarem as amarras. Eu queria ir para casa; era o que eu continuava dizendo. 'Há uma deusa da biblioteca, eu sou um deus da biblioteca e quero ir para casa'.”

"Sinto muito." Chora Wonder, as palavras magras e instáveis em seus ouvidos. "Eu sinto muito."

"Pelo que diabos?"

“Eu escrevi essas cartas. Eu aterrorizei você. Eu contaminei sua mente.”

“Porra, me escute! Suas cartas não me mandaram embora!” Ele arrebata o rosto dela. "A minha fez."

Wonder tensiona em seus braços. Dele ... O que?

Malice assente. “Pense, minha Flor Selvagem errante. Eu era um pesquisador mestre até então. Eu não estava com medo ou nojo de você ... Tudo bem, talvez a princípio. Mas depois? Não. E por que? Por que eu descobri quem você era. Mesmo assim, eu gostei de descobrir as coisas.”

"Isso é impossível. Não há texto remotamente próximo de revelar a verdadeira mitologia.”

"Estou reencarnado." Afirma ele brandamente. “Love teve uma rápida passagem como humana, Andrew caiu na toca do coelho da imortalidade, Anger reiniciou seu poder, Merry sobreviveu a um fracassado nascimento de deusa do amor e Sorrow transou de boa vontade com Envy. Fale comigo sobre o impossível.”

“O conhecimento foi meu segredo desde o início. Entendi o essencial, li nas entrelinhas e tinha uma obsessão pelas estrelas. Eu saí o suficiente para saber que você era inofensiva, de alguma forma parte

do céu, mas real na terra. Então não foram suas cartas que me deram, Flor Selvagem. Foi a carta que escrevi de volta para você."

Ele escreveu para ela?

Todo esse tempo, ela o achou enojado e petrificado por suas travessuras. E embora ele possa ter estado no início, seus sentimentos mudaram. No final, ele queria conhecê-la, entrar em contato com ela em troca.

Malice segura seu olhar. *"Querida Estrela Errante, é um prazer conhecê-la. Ou seja, não foi um prazer a princípio, mas agora percebo que você é real e não estou mais assustado. Embora eu deva dizer, é uma pena que eu não possa te ver, do jeito que você pode me ver. Também estou imaginando que não posso ouvi-la, já que gritei, mas não recebi nada de volta. Não parece justo. Mas as histórias sempre começam quando as coisas não são justas, não é?"*

"Então, como é ser um ser divino invisível? Quero dizer, além de tedioso como você disse. Você pode sentir o vento? Você pode segurar um livro em suas mãos?"

"Você mencionou gostar de ler, certo? Se você está me observando há um tempo, acho que isso significa que você está me seguindo na biblioteca. Vou te contar meu livro favorito, se você me contar o seu primeiro."

"Ah, e se você me informar sobre esse outro reino de onde você é. Eu, com certeza gostaria de saber mais. Eu gosto de saber coisas."

"Suponho que você é imortal. Eu não me importaria de tentar isso, vivendo para sempre. Talvez as estrelas se alinhem, e isso acontecerá um dia."

"Ou talvez você possa me ajudar com isso."

"Mas de qualquer maneira, sim. Eu serei seu amigo."

Apenas por favor escreva de volta,

Sua estrela rebelde.

Wonder bate uma mão e a pressiona contra a boca, reprimindo o choque enquanto Malice se lembra

de colocar aquela única missiva em seu alforje, esperando que ela a encontrasse.

Em vez disso, crianças encrenqueiras colocaram as mãos nele enquanto tentavam saquear o saco por dinheiro ou uísque. Um dos jovens era filho do prefeito. Isso, e o espetáculo que Malice já vinha fazendo de si mesmo na cidade desde que Wonder entrou em seu mundo, motivou os habitantes da cidade a entrar em ação.

A dele se tornou a única carta sobrevivente. Tinha sido entregue como prova de sua insanidade, enquanto todo o resto havia queimado naquela pilha.

Wonder se concentra em suas armas, depois na lavagem da luz das hortênsias na sala, no cacho da natureza do lado de fora da janela, no aroma de romãs e livros antigos. O punho dela abandona a boca, o coração batendo no esterno. “Mesmo que minhas cartas não o tenham enviado para lá, mesmo que eu

não tenha enviado você para o manicômio - eu ainda o mantive lá. Por que eu tentei te salvar."

Malice faz uma pausa, seus cabelos dourados brilhando ao redor do rosto.

Wonder explica. Após sua indiscrição e subsequente tortura, o Tribunal a manteve sob vigilância. No entanto, ela encontrou um pouco de tempo para fugir, com a intenção de libertar Malice. O manicômio mais próximo ficava em uma cidade, a cerca de trinta quilômetros fora da cidade. Ela concluiu que Malice devia ter sido levado para lá.

Mas seus heroicos atos só pioraram as coisas. Localizando sua cela, ela o espiou através das grades. Wonder não sabia o que eles haviam feito com Malice até aquele momento, mas, ao chegar, ela viu a palidez de sua pele, os hematomas na pele exposta e a expressão vaga em seus olhos quando ele olhou para o teto da cama dele.

A visão de uma dúzia de fivelas e correias quase a erradicou.

Malice estava trancado por três anos até então.

Wonder abriu a porta e rasgou suas amarras tão facilmente quanto papel. Malice não se encolheu apesar da invisibilidade dela, nem do fato de que as restrições dele haviam cedido presumivelmente do nada.

Ajoelhou-se, sussurrando pedidos e carinhos. Suas pupilas tremeram, parecendo sentir sua presença, e sua mão se levantou como se tocasse o que ele não podia ver.

Um alarme soou. Wonder voltou ao trabalho libertando-o. Mas em segundos, os guardas apareceram a tempo de testemunhar as amarras se soltarem na velocidade da luz e ostensivamente por mágica - ou satanismo.

Wonder agiu impulsivamente, não se dando a vantagem de planejar. Ela não tinha planejado um

meio de realmente controlar Malice, seus dedos deslizando através dele como água.

A pressa a deixou desleixada, causando sua queda. Objetos inanimados são um jogo justo para as divindades; os próprios humanos não são. Portanto, a sala não possuía aparelhos tangíveis que ela poderia ter usado como arma, e ela não foi capaz de estrangular os guardas ou médicos com as próprias mãos. Ela apenas continuou passando por eles.

Seu arco e flecha tinha sido temporariamente confiscado pelo Tribunal, então ela não podia atirar nos mortais com uma dose de temor para distraí-los. Antes que ela pudesse correr para o corredor e tomar uma alternativa improvisada – uma arma, um pedaço de vidro - os enfermeiros haviam invadido o quarto de Malice.

Foi quando ele saiu do transe e começou a lutar. Deveria ter levado milissegundos a Wonder para localizar um método de defesa adequado no

corredor. No entanto, o desespero havia prejudicado suas faculdades, impedindo-a de agir com rapidez suficiente.

Então, quando o bibliotecário da pradaria que roubou seu coração tentou causar danos corporais aos seus captores, eles revidaram. O canivete teria incomodado uma deusa. Para um mortal frágil, foi muito pior.

O sangue de Malice cobriu o cabo, a lâmina alojada em seu estômago enquanto ele afundava no caixão dos braços dos guardas. Se Wonder estivesse de posse de seu arco e flecha, ela o teria derrubado. Em vez disso, caiu de joelhos e o viu morrer.

Os guardas o deixaram, correndo da sala para evitar serem pegos por seus superiores. Gritando, Wonder tinha dado uma palmada em seu rosto sem sucesso. Ela tentou, mas não foi capaz de embalar Malice, não foi capaz de confortá-lo na morte.

Bem ... Ele não tinha sido chamado de Malice. Não naquela época.

Esvaziando-se da história, Wonder afunda na cama enquanto Malice a estuda. "Lembro-me de uma brisa quente e uma luz cintilante quando aconteceu." Ele reflete. “Como um guardião se ajoelhou na minha frente. Foi o mesmo sentimento que tive toda vez que reli suas cartas.”

Ele recorda a fatia na barriga, a camada lisa de vermelho e um perfume metálico. "Apesar de toda essa merda, eu senti você lá comigo." Diz ele, acariciando as lágrimas de Wonder. "Eu senti você lá, não querendo deixar ir."

Na verdade, ela o sobrecarregou, em vez de deixá-lo descansar em paz. Como ela suspeitava antes, a corda havia sido amarrada com muita força. Ele morreu inexplicavelmente ligado a uma divindade e sem fechamento.

No entanto, ele não parece furioso por ela ter interferido, nem acusador de ter selado o destino dele. De fato, os garfos e as trincheiras do rosto de Malice mal atribuem sua morte a ela. "Diga-me quem eu era." Ele pede.

Wonder está tão cansada que sai sem esforço. “Você era inquilino das pradarias no século XIX, vivendo à beira da guerra. Você administrava uma biblioteca cercada por romãs, com um telescópio mirando pela janela. Você era gentil com os clientes e vivia abaixo do nível, em uma sala com uma cadeira de balanço. Você gostava de ler sobre nascimento, morte e lendas, e eu lembro de pensar: 'Oh, como os olhos dele brilham em mitos'. Você tinha três cães e um cavalo, a quem adorava. Você carregava um alforje por cima do ombro direito, mas escreveu com a mão esquerda. Você tinha uma voz grave.”

Ela beija o interior do pulso dele. "E seu nome era Quill."

"Quill." Ele repete. "Sim, é isso. Exceto que você nunca me disse seu próprio nome."

"Eu tentei te salvar."

"Eu tentei te responder."

"Mas estamos aqui agora. Estamos bem aqui."

"Nós estamos?" Ele desenha. "E quem sou eu? Bem aqui?"

Wonder o considera. "Você é…"

Ela pode saber os detalhes de quem ele costumava ser, mas nunca conhecera aquele garoto. Não como ela o conhece hoje.

Portanto, essa solicitação deve ser simples de atender. No entanto, Wonder gagueja, e o olhar de Malice escurece. "Língua presa, hein? Que tal uma pergunta mais simples: quem você quer? Eu ou ele?"

Mais uma vez, sua boca fica entorpecida.

E com uma fenda de seus olhos, Malice diminui o silêncio dela até a cartilagem. "Isso foi o que eu pensei."

Assim, seu peso se foi, seu perfume se foi e sua voz se foi. Mas é somente quando a porta se fecha que Wonder percebe que ele se vestiu e se despejou do quarto, sua ausência produzindo uma mistura de emoções que dificilmente correspondem. Seu útero sofre cãibras, e os dedos dobram-se nas articulações, formando declives acentuados. Por fim, uma densidade sufocante cheira em suas bochechas.

Talvez seja semelhante ao calor, uma mistura visceral e indireta dele e dela. É a tristeza de Wonder, a inveja de Malice e a raiva deles.

Cada momento que ela se atrasa está um passo mais perto de perdê-lo novamente.

Ele quem? Malice ou Quill? O passado ou o presente?

Não importa qual, ele se preocupa mais com a resposta dela do que ela pode imaginar.

Wonder se recompõe e pula do colchão, indo direto para o guarda-roupa, onde enfia os braços

através de uma blusa sem-ombro e calças de harém, e depois pisa em botas. Ela recolhe o arco e flecha por nenhuma outra razão senão chamar a atenção dele. Se necessário, ela atirará uma flecha de quartzo, se isso significa que ele lhe dará um segundo para processar - um segundo para ser ouvida.

A propósito, seria um alívio para Wonder alvejá-lo por submetê-la a seis mil dramas desde sua reencarnação, esperando que ela o adorasse da maneira que adorara seu antecessor. Por que? Algumas brincadeiras carnais?

Seu coração dói, cada batida bombeia uma percussão de vergonha e saudade. Seus interlúdios não tinham sentido. Nem um único.

Wonder desce dos dormitórios. Nos corredores, as lanternas tremem enquanto medos, afetos e ressentimentos se misturam dentro dela, de modo que ela é incapaz de conciliar a pergunta dele e sua

reticência. Ela não consegue perceber Malice e Quill como separados.

Por outro lado, ela também não pensa neles como iguais.

Ela acalenta ainda que prejudicou Quill.

Ela odiava ainda se deitar com Malice.

Ternura, angústia e preocupação se chocam. Malice acaba de se lembrar dos horrores de seu passado. Ele não está em condições de lidar com nenhuma resposta dela, não quando o mistério de sua existência mal afundou.

O que ela pode dizer para ele? O que ela precisa em troca?

Perdão? Uma desculpa? Ambos? Nenhum?

Ele está bem?

Estroboscópios de verde etéreo embelezam a Câmara Oca, e o abismo suspende a respiração. Os títulos gravados cortam as espinhas dos livros, o roteiro piscando. Wonder segue o enxofre pungente

do descontentamento, o paladar do gengibre de um rancor, que barricam a textura escorregadia e subjacente da mágoa.

Essas sensações estão fluindo dela ou dele?

Wonder aumenta seu ritmo, caminhando para a seção restrita. Ela se dirige para o local onde eles colidiram, onde tudo mudou entre eles, onde ele ficou nu depois de uma tempestade, e ela expôs seus segredos, e eles se levaram a alturas sem precedentes.

Ela vê Malice rondando pelo corredor. Suportado por enigmas e brechas, ele segue em frente sem destino.

"Malice!" Ela late ou chora. É um pouco de cada um.

Ele para, as placas dos ombros fixando-se no lugar, como se as palavras dela o tivessem pregado dessa maneira. Ele está parcialmente vestido, com os pés descalços, o peito descoberto e o jeans caído na cintura.

Como ela, Malice carrega suas armas, o arco de nogueira e aljava batendo contra sua espinha. Ele recolheu o arco e flecha de seu quarto para o mesmo propósito? Alvo ou impedi-la? Para chamar sua atenção, como se ele nunca tivesse feito isso antes?

Tudo o que ela sabe é que funciona nas duas contas. Por que no mesmo instante em que ele se vira, sua flecha está presa e fixada nela, ela o coloca na linha de visão, a ponta da flecha de quartzo apontada para seu coração.

Eles se encaram, o aperto dela tremendo tão visivelmente quanto o dele.

Segundo a lenda, se ele se lembra, isso significa que ele restaurou seu coração. Não é?

Então, por que parece que tudo e nada mudou?

Eles abaixam suas armas. Quando Wonder abre a boca, os lábios magros de Malice se comprimem. Aproveitando o arco e flecha, ele se vira

e continua se afastando, recuando sob as lanternas estreladas.

"Malice, não." Diz Wonder, com a voz embargada enquanto ela afasta o arco. “Não, espere, por favor. Por favor, não vá!”

Ele para, seus músculos tensos. Ela se aproxima dele, assustada ao encontrar os olhos fechados. Movendo-se na ponta dos pés, ela o abraça, porque se ela não pode responder à pergunta dele, ela pode pelo menos mostrar a ele que a resposta importa tanto para ela.

Malice se encolhe quando a boca dela esmaga a dele - e então ele a agarra, as palmas das mãos agarrando a parte de trás do crânio dela enquanto os lábios se fundem. Em um gemido rouco, sua língua acaricia contra a dela, e Wonder entra em sua boca. Ela puxa as ondas douradas quando ele a beija loucamente, e ela a ele.

Mas antes que ela pudesse cavalgar completamente no beijo, se deliciando com a torta de sua língua, Malice se vira. Ele engole, sibilando contra a boca dela. “Agora fique de lado, Flor Selvagem. Antes de dizer algo, que me arrependa.”

"Por que não diz meu nome?" ela pergunta. "Você já fez isso?"

Uma vez ele tinha. Uma vez, no meio do êxtase, bem neste local.

Nem antes nem depois. No entanto, ele não é o único que gostaria de ser conhecido por quem ele é.

Os olhos cinzas de Malice a cortam com tristeza. Suas garras roçam suas bochechas, então ele a deixa ir, seu toque caindo.

Wonder está prestes a protestar quando ela observa a direção do olhar dele por cima do ombro. Ela gira, com a cabeça inclinada para o lado. Ela não revisitou esse corredor em particular

desde que se renderam ao desejo mútuo, não desde a primeira vez que fizeram amor.

Livros haviam caído das prateleiras durante a união. Fiel à sua palavra, Malice havia arrumado a área depois, juntando as evidências de volta aos casos. No entanto, ele deve os ter colocado fora de ordem, porque um livro está brilhando - não que os textos façam isso para indicar desordem ou desorganização.

A noite impulsiva deles havia desalojado algo. Evidentemente, eles haviam ignorado isso durante as consequências.

Wonder e Malice trocam um olhar, depois se aproximam do volume, sua coluna tremendo como uma constelação de alecrim. Ela pressiona os dedos no livro, o que faz com que outro título fique verde.

Franzindo a testa, Malice repete a ação com o próximo livro, invocando mais um volume para brilhar do outro lado do corredor. O pulso de Wonder

aumenta à medida que ela se lembra de incidentes anteriores quando experimentou esse brilho, nos quais piscadelas de luz haviam animado um caminho de livros.

Duas vezes, em bibliotecas humanas. Nunca aqui.

Ela considerou esses eventos ilusões de ótica. E talvez eles fossem.

Mas não este.

"É uma trilha." Diz ela.

Eles correm de texto em texto. Em toda a seção restrita, cada coluna inflama um parceiro no momento em que Malice ou Wonder fazem contato. Embora esses títulos aleatórios não façam sentido como uma unidade, o resultado é uma rota que leva a ... onde?

Em uma prateleira esculpida na parede, eles alcançam o tomo final. Wonder o agarra e, ao lado dela, Malice para.

Passos pisam na direção deles.

O olhar de Malice traça o som, depois cai sobre ela. "Não é uma trilha."

Não, Wonder percebe. Não, não é uma trilha.

É uma armadilha.

A trilha de livros que eles deixaram para trás brilha, sua luminescência salpica na pista, marcando um caminho fosforescente para seus ocupantes. É um alarme etéreo e silencioso se aproximando graciosamente deles. Presumivelmente, o visual foi projetado para cativar e hipnotizar os espectadores a ponto de esquecerem de fugir.

Os alertas podem realmente encantar? Eles podem desmantelar a consciência?

Existe beleza na captura? Que outras armadilhas existem nesse funil? Como eles evitaram isso, deixaram de saber sobre isso?

Quem inventou a primeira armadilha da história? Foram as estrelas?

As armadilhas são destinadas ou feitas pelas próprias mãos? Por quê-

"Pelo amor de Deus." Malice pronuncia baixinho. "Pare com isso."

As palavras abafadas tiram Wonder do transe. Uma legião de pés voa através da Câmara, o ritmo unânime. No reino humano - onde todas as fundações naturais estão menos equipadas para lidar com isso - isso causaria convulsões nos marcos.

Nos Picos, o ambiente é muito mais robusto, capaz de suportar a carga. A emboscada iminente reverbera, tecida à luz das estrelas e composta de figuras à espreita.

Wonder e Malice entram em ação. Ele pega o volume da mão dela e o coloca de volta na prateleira. Ela aperta o pulso dele e o puxa para a pista mais próxima, que serpenteia mais fundo na área. Enquanto eles passam por colônias de pergaminho e sequências de revestimento, seus dedos se tecem com os dela, seu aperto praticamente esmagando seus ossos. Ela o aperta de volta, não quer deixá-lo manter o aperto mais apertado, muito menos assumir a liderança.

Seu perfil se transforma em um olhar furioso. Ela ria do absurdo desse momento porque, para dizer o mínimo, a rivalidade deles com o heroísmo é desproporcional ao momento. Sem mencionar, é completamente idiota. Brigas sobre quem pode salvar quem não tem lugar enquanto estão sendo perseguidos.

Certamente, os perseguidores identificarão Wonder. Tolamente, ela deixou seu arco e flecha para trás.

As armas de nogueira de Malice esmagam suas costas. E se ele for forçado a exercitar o arco longo, seus perseguidores saberão com quem ela esteve em conflito.

Wonder mede a cinética daqueles que estão atrás deles, cada atacante possuindo qualidades únicas. Agilidade de borboletas, solas abaladas e exalações ofendidas, diversão letal e foco imperturbável.

Seu pulso fica selvagem, golpeando sua carne. Ela sabe quem está atrás deles.

Malice também, porque suas garras perfuram a carne de Wonder e a pressionam mais rápido, ou talvez ele esteja reagindo à aceleração dela. Ela não pode mais se diferenciar.

Malice jura baixinho. "Foda-me."

"Você precisa?" Wonder repreende, porque eles ouvirão a abrasão inconfundível de seu tom. Além disso, palavrões não realizam nada além de desperdiçar oxigênio.

No entanto, ele é Malice. É por isso que ele responde à palestra dela com uma gargalhada enfurecida, o som arrebentando as algemas e saindo da garganta. Em resposta, Wonder bate o quadril estreito com o substancial.

Que caminho seguir?

À medida que avançam, inclinam-se para diferentes passagens, puxando uma para a outra e

trocando olhares certos, você está errado. *Nessa direção* e *Não, nessa direção* e *Confie em mim* e *eu sei do que estou falando* e *ouça, pela primeira vez* .

Em um impasse, eles se alinham.

Qual é o significado disto? Desde quando a seção restrita possui armadilhas?

Essa área havia sido concebida pelo Tribunal do Destino original, para esconder segredos que eles não queriam que a população descobrisse. As estrelas podem ter permitido, visto que a Corte agiu principalmente fora de proteção, mas as estrelas também plantaram seus próprios mistérios aqui. A disparidade é que os últimos mistérios foram feitos para serem encontrados, por isso não faz sentido para as constelações designar uma armadilha.

Mas faz sentido que o Tribunal faça isso, especialmente após as explorações anteriores de Wonder e Malice. Os anciões devem ter projetado esse laço como uma precaução adicional, e somente

aqueles com acesso devem saber como evitar a armadilha.

Assim, os livros haviam acionado uma sirene mística.

Avaliando a geografia do setor, Malice e Wonder se consultam. Empurrando seus membros, eles giram em direção a um beco sem saída, depois mergulham em um deslizamento de quadril pelo chão, agachando-se enquanto se movem em direção à prateleira inferior de uma estante de livros embutida que os engole por inteiro. Eles passam e disparam ao longo de um canal horizontal. Rapidamente, eles param de patinar, a artéria os deposita dentro de uma sala embutida.

Pulando na vertical, eles passam por caixas de manuscritos iluminados, pigmentos de trevo e íris brilhando nas sombras. É uma galeria secreta com páginas de textos proibidos e notórios, cujos cantos

inferiores estão marcados com emblemas de autenticidade.

Deseja saber a maneira mais bem-sucedida de caluniar injustamente um governante? Interessado em atormentar os mortais? Ansioso para descobrir como trapacear na prática de tiro ao alvo?

Pode-se avaliar as respostas aqui.

O deslize de convidados indesejados é suficiente para fazer Wonder e Malice atravessarem a barreira. Tanta coisa para enganar os agressores.

Uma porta que leva de volta aos níveis superiores fica no extremo oposto da galeria. Enquanto eles voam em direção a ele, os ouvidos de Wonder se animam com o zing de uma flecha. Sem olhar para trás, ela desvia do caminho, esquivando-se do projétil, que despedaça uma caixa, o vidro explodindo em diamantes.

Os calcanhares dela deslizam. Cada centímetro dos arquivos é sagrado; profanar a estrutura ou seu

conteúdo faz fronteira com o sacrilégio. Como eles ousam!

A ponta de flecha azurita que desaparece com o impacto confirma a identidade dos inimigos. O toque de uma corda faz Malice xingar. Ele se vira e deixa uma flecha de nogueira voar, com os olhos cheios de ira.

Sua flecha lança pela sala, interceptando o caminho renovado da azurita. Infelizmente, ele está preso demais bloqueando um voo para perceber a outra zunindo em sua direção.

Wonder bate Malice, seu peso batendo no dele, suas articulações batendo no chão e seus dentes batendo. Eles caem, os membros emaranhados, uma exibição de manuscrito os protegendo do esquadrão de tiro.

Malice se levanta para sentar, suas costas apoiadas no pedestal da caixa enquanto Wonder se agacha na frente dele. Ar atravessa seus pulmões

enquanto ela avalia a situação, olhando de sua futura alma gêmea para seus futuros captores.

Um homem com traços de falcão e longas tranças caminha ao lado de uma beleza de pele de ébano em um vestido de borboleta. Uma fêmea andrógina de renda espumosa se aproxima, cercada por outra deusa com mechas roxas semelhantes aos cabelos de Sorrow, e um homem encapuzado com sobrancelhas inclinadas.

Todos os cinco membros do Tribunal do Destino entram na galeria, brandindo flechas de azurita, pérola, cristal, ágata roxa e rocha de lava. Armas que, ao contrário das de divindades mais baixas, podem matar.

O Tribunal deve ter suspeitado que isso poderia acontecer, que Malice ou Wonder desafiariam a lógica - assim como a sanidade - e buscariam os meios para retornar aqui. Ou isso, ou os governantes aumentaram a segurança por reflexo. Qualquer que

fosse o motivo, eles haviam conseguido isso de maneira inteligente, instalando o tipo de armadilha que espera até que os infratores tenham suas defesas abaixadas.

Existem duas maneiras de sair daqui. De volta pelo canal ou pela porta, a última com a qual Wonder e Malice estavam contando. Se eles destruírem os invólucros para assustar o Tribunal, eles poderão fazê-lo. Eles apenas têm que...

"Não vai funcionar." Malice arfa, sua respiração deslizando por sua mandíbula.

O olhar de Wonder desliza do espetáculo cruel para o privado diante dela. Seu peito bate ao ritmo de suas exalações, outro sinal de que ele não é tão robusto quanto um imortal comum. O fantasma humano à espreita dentro dele se torna claro em momentos como estes. Embora Wonder ofegue também, seu demônio está duplamente cansado.

Ele range os dentes. “Quando se trata de distrações, um é melhor que dois, especialmente com esses companheiros. O problema é que eles esperam que fiquemos na porta.”

Ela balança a cabeça. "O que então?"

"Retroceder. Isso atrapalhará o objetivo, já que eles não o esperam.”

"Seus reflexos expiarão isso."

Ele sorri. "Não se alguém for uma isca."

Os olhos dela se arregalam. "Malice-"

"Você sabe quanto tempo eu te queria?" E agora ele parece venenoso, com o rosto franzido como um pedaço de pano. “Desde o primeiro momento em que te vi na Cidade Celestial, meu corpo gritou e berrou. Eu não sabia o que diabos estava acontecendo comigo. Desde então, toda vez que você entra em um quarto, eu quero gritar com você e beijá-la, fazer você sangrar e fazer você gozar. Eu queria te punir e te abraçar, como se eu fosse duas pessoas diferentes.”

Os contornos suaves de sua confissão colidem com o gosto ácido da bateria. “Você ainda está na minha lista de merdas por me substituir por ele. Eu ainda estou na sua lista de merda por ser um filho da puta. Se não estivéssemos sendo caçados, eu ainda iria me afastar de você, assim como você deveria se afastar de mim. Mas parece que apenas um de nós vai sair.”

"Malice, não-"

"Eu odeio isso." Diz ele, pegando a mão dela e pressionando seus lábios nas cicatrizes da explosão de estrelas. "Odeio tanto eles." Ele olha de lado para ela. "Agora vá se foder."

"Não!" Ela grita, saltando para frente para roubar seu arco, tomar seu lugar, roubar-lhe o livre arbítrio e, portanto, selar seu destino para melhor desta vez.

Malice pode ser um ex-humano, e ele pode carregar parte dessa vulnerabilidade residual com ele, mas nesse segundo, ele é mais rápido que ela. Afastando-se por trás do invólucro, ele mira e

atira, fazendo com que fragmentos de vidro detonem no caminho do Tribunal e os ceguem.

Esta é a parte em que ela deveria correr, fugir para a segurança. Esta é a parte em que ela deveria honrar sua escolha, por isso não é em vão. Esta é a parte em que ela o perde novamente.

Wonder se joga no turbilhão de vidro e flechas, fechando a porta e se dirigindo para o limiar do canal de onde eles vieram.

Mas o problema é que ela nunca foi boa em ouvir Malice. Ou qualquer um.

Depois que ela passa pelos governantes, Wonder volta a dobrar. Ela desliza para trás da deusa teia de aranha e golpeia o pé na espinha dorsal da fêmea.

No caminho da deusa, Wonder passa o arco longo de pérola, com a flecha ainda encaixada. A arma é mais pesada que a de Wonder, forçando seus braços a deslizarem momentaneamente.

A sala se torna um prisma, um caleidoscópio giratório como lascas de vidro. É uma onda quebrando em terra, fragmentos translúcidos brilhando como gotículas. O efeito lança partículas de cores de gemas pelo espaço e ilumina pedaços de papel de trevo e íris.

Atacar ou ser atacado. Sacrificar textos ou ser sacrificado.

O Tribunal tomou sua decisão. Embora discutíveis, essas relíquias são tabus supostamente menos valiosas do que todas as outras nos principais arquivos. Os soberanos da história as esconderam, mas podem ser reescritas, se necessário.

Seu povo não pode ser substituído tão facilmente. O Tribunal acredita que Wonder e Malice estão aqui com um objetivo traidor: traição contra seus superiores, anarquia contra sua espécie. Para esses governantes, os dois são perigosos.

Ainda assim, o massacre literário é um visual triste que define os dentes de Wonder. Então, além do campo minado de vidro, há tremulações nos cabelos de Malice, sua tatuagem, seu arco. Confiando na adrenalina, ele desvia uma série de ataques.

Saturada em crostas brilhantes de azul, uma flecha azurita voa em direção ao seu deus demônio. Wonder rosna e aponta. O arco é estranho, forçando-a a se ajustar, fazendo-a se sentir uma amadora.

Ela não tem tempo para se recompor completamente. Seu tiro rompe o projétil de azurita, cortando seu comprimento pela metade. O dono da arma de nariz de falcão tropeça e depois a rodeia, chocado até perceber que é Wonder em vez de seu camarada.

Eles ficam boquiabertos.

Ela mergulha na aljava de pérolas da deusa caída, se ergue sobre um joelho dobrado e solta quando ele

a atinge. O olhar dele visa estripar Wonder, mas ela se levanta e se arqueia, empurrando-se sobre uma caixa que abençoadamente ainda está intacta- por um segundo.

Então mais gritos de vidro cortando o ar.

Wonder pousa e abaixa uma flecha de rocha de lava, balançando a parte superior do corpo sob sua trajetória. Ela bate à direita e bloqueia uma flecha de ágata, depois uma de cristal. De repente, ela é o alvo principal de todo governante presente. Jogando-se no chão, ela dá um salto e sobe, o cotovelo inclinado e batendo na jugular da fêmea pálida de renda. A deusa afunda, jogando bolinha no deus encoberto enquanto Wonder geme, o vidro mordendo seu lado.

Cadê Malice?

Uma flecha de ágata explode atrás dela, bloqueada por uma arma de nogueira, poupando Wonder de sofrer o golpe. Onde quer que esse exilado

esteja, ele a coloca em sua periferia. Ele a vê, mesmo que ela o tenha perdido de vista.

Wonder recupera outra flecha, mas resmunga quando a fêmea negra de fio de borboleta a puxa para trás, jogando Wonder no chão. Páginas esmagam sob seu peso, e a aljava estremece com o impacto. A boca da deusa se abre para revelar caninos enfurecidos.

Wonder rola, evitando o punho da anciã, que perfura um monte de pergaminho. Agitando os membros para frente, Wonder se levanta e bloqueia outro golpe da deusa, que consegue brigar sem rasgar o vestido. É surreal, a visão confusa dessa mulher a cobrando, quando ela uma vez encorajou Wonder a ter fé em suas habilidades. Todos esses soberanos e servos ilustres das estrelas já a apoiaram.

Talvez essa ferida apareça no rosto de Wonder, porque a deusa faz uma pausa, tremendo de hesitação enquanto se defronta. Há um milissegundo de arrependimento porque os parentes se tornaram

inimigos. E por um milissegundo, Wonder pensa em como chegou a isso.

Por que deve continuar assim? Nenhum deles quer lutar, e esses governantes mais queridos nunca conheceram a guerra. A sua é uma mitologia pacífica há eras, por mais preparadas que sejam para o contrário.

A deusa pisca, depois desvia o arco em direção a Wonder.

O que essas figuras lhe ensinaram? O que o Guia e os colegas ensinaram a ela?

Aguentar.

Um segundo toque ressoa por trás, uma arma forjada de nogueira. Esperando até que a flecha de pérola esteja prestes a arremessá-la, Wonder gira para o lado, deixando passar pelo nariz e rachar em pedaços reluzentes enquanto a flecha de nogueira de Malice o atravessa.

Piruetando, a parte de trás do braço de Wonder espetada no perfil da deusa, fazendo com que a fêmea solte o arco longo. Wonder o pega e aponta para o deus encoberto que se aproxima de Malice.

"Eu não faria." Uma voz feminina adverte.

Mantendo a arma, os olhos de Wonder disparam em direção a governante andrógina em renda fosca. Posicionada atrás de Malice, ela coloca sua flecha de cristal na nuca dele, uma expressão plácida no rosto. Enquanto isso, a deusa teia de aranha festeja, e o deus falcão com tranças aponta para Wonder, ao lado da fêmea cujo cabelo complementa a ágata roxa de seu arco e flecha.

A arma de nogueira de Malice está no chão, em meio às baixas da galeria. Seu queixo trava, e seus olhos irritados se erguem para o céu, mas se ele está irritado com Wonder ou a figura que o aprisiona continua a ser visto. Barras vermelhas cruzam seu

peito, braços, garganta e bochechas, vermelhas vazando das tiras em sua pele.

Wonder tensiona, seu lado ardendo. Sob a blusa rasgada, ela sente a cintura escorrendo da peça da caixa que a perfurou.

O aperto dela treme. A deusa pálida está blefando?

"Pare, deusa da maravilha." Ordena o soberano. "Estou falando sério."

Não, ele não está. Os compartimentos do cérebro de Malice são importantes demais para serem eliminados, pelo menos até que o vasculhem em busca de respostas.

Wonder desliza o olhar, fixando o arco de pérolas no deus encoberto. Que teimosa, mas o canto da boca de Malice se arrasta para cima.

No entanto, Wonder deve saber melhor. A deusa que o aprisiona sacode a cabeça, emitindo um

lembrete silencioso, mas crucial: eles podem não matar Malice, agora que o têm.

Mas isso não significa que eles não causem danos.

Sem desviar o olhar, a fêmea usa a ponta da flecha para bater em uma lâmina de vidro saindo do peito de Malice. A lâmina afunda no meio de sua carne, abaixo de seu coração. Com um uivo gutural, ele se levanta, seus olhos furiosos revirando.

De alguma forma, ele permanece em pé, tremendo de esforço.

Pandemônio rasteja pela garganta de Wonder, mas ela esmaga os lábios para reprimir o protesto. Seus braços despencam quando ela abaixa o arco, jogando-o no chão. O governante teia de aranha o tira do chão e inspeciona os entalhes em seu ramo de pérola.

Nesse ponto, a palma da deusa bate contra o lado do rosto de Wonder.

Nos seus dois séculos, Wonder recebeu precisamente três bofetadas.

Uma vez por Hope, porque Wonder estava sonhando acordada enquanto passeava direto para a linha de fogo da arqueira durante a sessão de treinamento de outra classe. Desnecessário dizer que o fluxo de consciência de Wonder a havia direcionado para o caminho de uma flecha de opala, interrompendo a mira de Hope e fazendo com que a fêmea disparasse acidentalmente em seu próprio guia, inadvertidamente arrancando o mentor de seus pés e derrubando o vento dele.

Outra vez, fora a Guia de Wonder, logo após Wonder reaparecer de uma de suas excursões não autorizadas ao reino mortal. Harmony estava esperando enquanto Wonder flutuava em uma nuvem em sua casa. Dizer que a expressão da Guia se alternava entre lívida e aterrorizada é um

eufemismo. A anciã que educara e inspirara Wonder desde seu início sabia o que sua carga estava tramando, embora não por intuição. Não, era porque Wonder havia deixado um rastro de evidências em sua casa: rascunhos de suas cartas ao humano chamado Quill.

Surpresa, Wonder abriu a boca para explicar. O estalo da palma de Harmony a silenciou, e o brilho de culpa repreensiva nos olhos da mentora depois manteve Wonder em silêncio. "Você achou que eu não reconheceria seus movimentos?" A fêmea disse, depois apontou um dedo solitário. "Nunca mais."

Wonder assentiu enquanto segurava sua bochecha, sabendo que ela não manteria sua palavra.

E aqui nesta galeria de manuscritos profanados, ela experimenta sua terceira onda de choque. Uma coisa é ser atingido por uma colega arqueira ou um guia. Outra coisa é ser o destinatário da mão de um governante.

Os episódios anteriores haviam jogado a cabeça de Wonder de lado. Mas esse tapa nocauteia o esqueleto, sacudindo sua caixa torácica e empurrando sua mandíbula. Isso transforma seu rosto em uma estrela explosiva, bolas de luz aparecendo diante de seus olhos, seu corpo torcendo sob a força.

Ela cambaleia, mas recupera o equilíbrio, se endireitando assim que os pontos desaparecem de sua visão. No fundo, um protesto rasga pelo espaço, a voz despida através de um ralador de queijo e descascando nas extremidades.

Wonder se concentra em Malice. Com o rosto franzido pela dor do vidro encravado no peito, ele vomita veneno sem sentido, os olhos assassinos em direção à deusa teia de aranha que havia atingido Wonder.

A fêmea não lhe dá atenção, apenas espera Wonder se recompor. Não é um longo intervalo, porque Wonder entende por que a governante

atacou. É uma ofensa grave lidar com a arma de outra divindade, ainda mais grave quando é o arco de um membro do tribunal, punível de muitas maneiras vis para contar.

Wonder também pode ter cuspido na deusa.

É por isso que Wonder inclina a cabeça, reconhecendo o erro. Ela pode discordar desses governantes, pode detestá-los por desfigurar a Câmara e estender a violência contra aqueles com quem se importa, mas ela não perdeu o respeito por suas armas.

A beleza de ébano faz uma pausa, seu perfil se inclina enquanto ela olha para Wonder. Uma centelha de intriga rasga os olhos de cobre da fêmea, diferente de tudo que Wonder já viu nela. Depois disso, um filme sutil de arrependimento reveste os olhos da governante.

Wonder conhece os sinais da indagação, o momento em que perguntas imprevistas fervem à

superfície do crânio, sejam aleatórias ou antes inativas. Sabe-se que essa fêmea canta canções de ninar para jovens imortais que não conseguem dormir. Apesar de sua reação cruel a Wonder, ela tem um lado empático. E antes de sua ascensão, ela tinha um título diferente.

Ela costumava ser o Guia da Maravilha. Isto é, até que ela avançou para o papel de governante, com Harmony ocupando o lugar da deusa. Essa é a evolução hierárquica dos picos.

Era uma vez, essa grande figura tinha sido um Guia. Antes disso, ela tinha sido uma arqueira como Wonder.

Ela tinha *sido* Wonder.

Tinidos de vidro, cutucados pela deusa de cabelos roxos. Vidro crepita, desmoronando sob o peso do pé do deus trançado. Quedas de vidro, esbarradas pelo deus encoberto, assim como a fêmea geada apontando sua flecha de cristal para Malice.

No semiescuro, o papel tremula como se fosse empurrado por uma brisa, pintando imagens e textos brilhando, vivos, apesar de terem sido rasgados.

Cercado pela bagunça, todo mundo espera, debatendo como proceder. Por alguma razão, Wonder suspeita que não tinham previsto capturar sua presa. Eles esperavam um truque astuto e uma fuga.

Wonder e Malice os desgastaram tanto assim? Isso é remotamente possível para qualquer arqueiro?

"Que pena." Diz a deusa roxa, observando a cena.

"É malditamente repreensível, é o que é." Resmunga o deus encoberto, suas sobrancelhas dando uma guinada acentuada para pior. "Se vocês dois não fossem inimigos, felicitaríamos sua proficiência."

"Nunca em nossa existência nós...", o deus trançado se interrompe, suas narinas de falcão queimando. “Parece que nossa disputa com você e

seus colegas no ano passado não diminuiu. Deveríamos saber que não terminaria naquela biblioteca mortal, por mais que esperássemos que você visse o motivo."

"Nesse ponto…", a deusa geada sugere, picando a carne de Malice com a ponta de sua flecha, para a qual ele aperta os olhos, "finalmente, ele aprendeu a ficar em silêncio. No entanto, você conseguiu isso, Wonder?"

"Você me deu crédito muito cedo." Prevê Wonder.

Porque três, dois, um: "Vá para o inferno, companheiro." Malice grita para o governante, bem na hora.

A deusa se move para empalá-lo, torná-lo mudo.

Mas ela para quando a deusa teia de aranha olha para Wonder. "Você está apaixonada?"

A pergunta sai da governante e lança pela sala, mantendo a língua de todos. A palavra é uma força

em si mesma, imprópria para a boca da anciã, grande demais para ela suportar, maciça demais para seus companheiros pegarem. Vindo dela, tem uma forma alienígena, uma textura escorregadia e um corpo translúcido, sem composição visível.

O deus trançado hesita. O deus encoberto faz uma careta. A deusa púrpura está horrorizada, os olhos saltando entre os ocupantes da galeria. A deusa fosca ergue uma única sobrancelha que não atinge sua linha do cabelo, como se estivesse olhando através de uma lente, procurando por um objeto que não estivesse lá.

O coração de Wonder bate contra seu esterno.

Ela está apaixonada? Por quem?

Por ser uma consulta tão inconcebível vinda de um soberano, Wonder falha em aplicá-la a qualquer pessoa. Que um membro do Tribunal solicite fronteiras no reconhecimento, uma disposição de acreditar que tal emoção pode ser possível em meio a

sua espécie. Ou essa deusa está apenas brincando com Wonder.

A palavra está pendurada em um gancho. Ela espera ser arrancada, ser reivindicada por uma alma corajosa.

Maltratada, machucada e sangrando, Wonder pega a palavra e a aperta com força. Ela está apaixonada? Por ele?

Ele, ele, ele?

Qual ele?

É a mesma coisa que Malice perguntou a ela. *Eu ou ele?*

Ela sente o fogo do seu olhar. Seus olhos se voltaram para o deus demônio, o sátiro acadêmico, o pária enlouquecido que se tornou seu amigo e amante.

Malice, que acha sua inteligência bonita. Malice, que a inspira tanto na escuridão quanto na leveza. Malice, que trata cada um de seus

pensamentos como livros, individuais e infinitos. Malice, que não se detém.

Malice, que a faz gritar. Malice, que a faz rir.

Seus olhos brilham como fornalhas, como se ele não quisesse que ela respondesse. O olhar de Wonder desliza sobre suas feições, deslizando para o pulso rápido em sua garganta. Ela daria qualquer coisa para ver esse pulso bater por toda a eternidade.

A atenção dela volta para os lábios dele, retendo o fôlego - e crença. Ele acha que sabe o que ela dirá, como ela responderá, porque como ela pode responder de outra maneira? Quem amaria uma alma negra como a dele?

Você está apaixonada?

Encontrando seus olhos, Wonder sussurra: "Eu ..."

“Confusa demais para responder? Tudo bem.” Diz a deusa. "Por que eu não estava perguntando a você."

Wonder vacila, arregalando os olhos para a soberana. Então, a quem essa mulher estava se dirigindo?

Oh. É quem.

A deusa mantém um olhar firme em Wonder, mas sua pergunta se volta para o único outro exilado na sala. Os lábios de Malice se abriram, se separando em confusão. Ele franze o rosto como se não entendesse.

Mas faz sentido. O que quer que as divindades acreditem sobre o amor, elas consideram Wonder suscetível. Ela faz parte da classe de elite que incluiu a primeira deusa do amor na história; com o passar do tempo, seus colegas têm revelado uma propensão para sentimentalismo. O destino supõe que seja devido à influência de Love ou porque cada membro de sua classe - Anger, Envy, Sorrow e Wonder - são um componente fundamental da emoção.

Mas Malice não faz parte da classe de Love. Entre ele e Wonder, ele é o menos provável de emitir esse tipo de afeto.

Wonder o observa chegar à mesma conclusão, um rosnado saindo de sua boca. Aquelas esferas cinzas vacilam, lutando com a noção.

"Desculpe. Eu não entendi a pergunta." Ele mente, e para seu problema, a flecha de cristal pressiona nele. A arma está prestes a quebrar a pele, pedindo que ele mostre obediência, então ele oferece uma manivela escassa da cabeça, um breve aceno de cabeça.

"Desculpe-me?" A deusa teia de aranha diz. "Eu não ouvi isso."

Por fim, ele fala, desviando o olhar de Wonder. "Sim." Ele morde.

A boca de Wonder se abre, aterrissando em algum lugar no chão.

Malice a ama.

Certamente, o ódio evaporou, substituído por camaradagem, respeito e desejo. Mas isso?

Alegria e medo criam raízes em seu corpo. Ela deveria se sentir insultada por ele só poder confessar seus sentimentos ao apontar uma flecha - mas isso é Malice. Ele preferia cortar a língua em câmera lenta, ou doar seu córtex cerebral para pesquisas, do que expor uma vulnerabilidade.

Ou existe outra razão? Wonder tem um palpite, que causa uma pontada no peito, nas mãos, em tudo.

Dos governantes, a repulsa e a negação se unem. Somente a deusa envolta em feltro de borboleta assiste a cena constantemente. Ela permanece assim, perdida em pensamentos enquanto os membros do Tribunal empurram Wonder e Malice contra os únicos dois pódios restantes.

Limpando os detritos, os anciões os empurram para o chão e os prendem aos equipamentos. Eles usam amarras em vez de algemas empoeiradas, mas

não importa. Esses arreios são igualmente impermeáveis à força de uma divindade.

A deusa teia de aranha sugere uma conferência, e os outros concordam. Eles deixam seus prisioneiros montados nos compartimentos, cercados por dunas de vidro e manuscritos.

Wonder adivinha. O Tribunal do Destino permitirá que eles vivam e, em seguida, procurem informações, principalmente segredos desenterrados da Câmara, além de quaisquer planos revolucionários que a classe de Wonder tenha planejado.

Os governantes se preparam para os jogos mentais de Malice, suas meias-verdades sarcásticas e seu léxico pornográfico. Eles vão apelar para o estado de espírito nômade de Wonder e tirar proveito dos sentimentos de Malice por ela.

Se o Tribunal acredita ou não no amor, isso é imaterial. O ponto é que Malice faz. Contra sua vontade, ele entregou ao Destino uma moeda de troca,

um meio de mantê-lo na linha. Se tudo se resume a isso, eles devem torturar Wonder, a fim de obter respostas dele.

Eles podem fazer o mesmo com ele, fazê-lo assistir enquanto a cercam. Independentemente de essas afeições serem reconhecidas pelo Tribunal, as ações de Wonder e Malice implicam carinho e conexão. Nesta sala, eles tentaram se proteger, e não por dever.

Após a partida do Tribunal, o silêncio cresce espetacularmente alto. Em frente a ela, Malice olha para um ponto por cima do ombro. Sua lesão no peito escorre, mas pelo menos a deusa geada havia retirado o vidro pouco antes de desocupar a galeria.

Mesmo assim, Malice estremece, sangue brotando da ferida. Ele passa a língua pelos dentes, manchado com pontos vermelhos, como se estivesse comendo demais romãs.

De extremidades opostas, os pés roçam no meio, as solas da bota contra as solas nuas. Wonder se fixa na visão enquanto o órgão mais vital dentro dela fica selvagem. Se ela não cuspir, vai adivinhar a si mesma.

Ela pergunta: "Você quis dizer isso?"

"Eu disse para você ir embora." Ele murmura. “Não?"

“Você não ouviu, querido? Eu não sou boa em seguir ordens.”

"Se você tivesse, você teria ido muito tempo."

"Se eu tivesse, você estaria morto há muito tempo."

“Eu já estive morto uma vez. Eu posso lidar com isso."

O que ele não pode lidar são as amarras. Malice luta contra elas, sua respiração desenfreada porque elas restringiram seus braços. Ele pode entrar em pânico em breve, se revoltar contra o universo e se machucar ainda mais.

Gentilmente, ela esfrega o pé no dele até ele afundar, seu crânio batendo no pódio, suas inalações saindo à noite. Depois de alguns momentos, ela tem certeza de que ele não terá um colapso. Embora, para mantê-lo assim, ele precisará de uma distração.

Wonder sussurra: "Malice, olhe para mim."

Ele faz, estreitando o olhar. "O que?"

"Você. Quis. Dizer. Isto?"

“Você precisará ser mais específica. Quis dizer muitas coisas, e também muitas coisas. Estou cheio de significados. Eu gosto de significados.”

Ela sorri com carinho, infelizmente, porque ela sabe o que ele está fazendo. "Você quis dizer isso."

“Quis dizer o que? Com o que você se importa?"

"Eu po-"

"Oh, eu tenho certeza que você faz."

Seu sotaque aponta direto para o passado - para Quill, não para ele. Sua suposição está correta? Se a

deusa tivesse solicitado uma resposta de Wonder em vez de Malice, o que ela teria dito? Sim ou não?

Amar Quill não é o mesmo que desejá-lo.

Desejar Malice não é o mesmo que amá-lo.

Então qual é? Qual encarnação?

A dor aumenta o rosto de Malice, seja por seu refrão ou por sua lesão. Seu pescoço balança quando ele se afasta, dando-lhe o perfil. "Eu acho que compartilhar você com meu fantasma está bem."

"Malice-"

“Quero dizer, longe de mim negar a uma deusa voluptuosa seu ménage à trois. Será como fazer coisas desagradáveis com gêmeos.” Ele improvisa. “Ou podemos dividir nossos horários. Você pode me conseguir nos fins de semana e depois viver com meu falecido sósia durante a semana. É claro que tocá-lo será um problema.”

"Malice-"

“Transar com ele, um problema ainda maior, além do fedor. Ouvi que cadáveres cheiram mal, e quem sabe em que condição meu antigo pênis está. Mas, huh, talvez encontremos uma lenda para corrigir isso, algo que ressuscita cadáveres e repara a deterioração erétil. Ou podemos tentar uma sessão.”

"Malice-"

“A menos que você queira enlouquecer e adicionar ex amantes à mistura. Tenho certeza de que Merry não se importará se Anger atender seu chamado de sereia. O que é um pequeno harém reverso entre amigos?”

"Malice!"

"Wonder?"

Ela engasga com a forma de seu nome nos lábios dele. Apesar de seus olhos artísticos e tom sarcástico, ele só a reconheceu assim uma vez antes. Como ela deseja ouvir esse som novamente, e novamente, e novamente.

E assim, Wonder sabe. Ela interpreta mal seu coração há dois séculos, tudo porque ela vem de um mundo que não conhece melhor, cresceu com pessoas que nunca se identificaram com ele, muito menos o valorizaram. Mesmo enquanto testemunhava os laços entre suas amigas, Wonder não tinha aprendido.

Ela entende agora. Havia carinho, admiração e aflição da parte dela.

Mas não tinha sido a maior das emoções, afinal. Não naquela época.

Ela sorri para Malice. "Eu te amo."

Todos os sinais de zombaria caem do rosto de Malice. Suas feições desmoronam e suas sobrancelhas se franzem.

A declaração é demais para ele?

"Sinto muito." Ela corre. "Eu pensei... No meu quarto, você me perguntou ... Eu pensei que você queria saber."

Como ele não responde, ela começa a desviar a cabeça, até que a voz dele a alcança. "Diga de novo." Ele murmura.

O fundamento é fraco, mas abatido. O pulso de Wonder gagueja enquanto ela traça os contornos dele, todas as sombras e destaques. Todo ele.

Ela diz de novo. "Eu amo você, Malice."

"Você tem certeza?"

"Você tem?"

A dúvida permanece em seu tom. No entanto, ele olha para baixo, e seus lábios se contraem, a sugestão de uma covinha impressa em sua bochecha.

Oh, para o inferno com cativeiro. Desafiando suas ligações, esse destino sombrio e um pico de pressentimento, ela gosta muito desse momento. De fato, é provavelmente o favorito de todos os tempos.

Quando ele sentiu as agitações? E como? E porquê?

"Você tem algumas explicações a dar." Diz Wonder, entusiasmo emaranhado de apreensão.

Malice a espia por baixo de seus cachos. "Primeiro, temos que fugir."

"Preciso lembrá-lo, estamos sem armas e amarrados."

“Hmm, existe isso. Mas adivinhe? Dizem que recuperei minha memória. Você sabe o que isso significa? Isso significa que eu posso fazer isso.” Ele dá um puxão serpentino, e as amarras se soltam, seus braços caem livremente ao lado do corpo.

As amarras não estão quebradas, pois isso é impossível para qualquer divindade. Pelo contrário, elas estão desembaraçadas.

De pé e passando as mãos, Malice diz: “Aparentemente, tenho experiência com restrições, manicômios e tentativas de fuga. Chame-me de um paciente diligente quando não estava sedado.” Ele

mexe os dedos com garras. “Além disso, isso ajuda. Elas são boas para desfazer nós.”

Uma risada espantada e horrorizada tropeça fora dela. Claro! As tiras usadas neles podem ser imunes à força de uma divindade, mas não à lógica de uma divindade. Em outra vida, Malice aprendeu a manobrar com essas restrições; não que ele o tenha resgatado no final, mas talvez deva hoje.

Ele se ajoelha diante dela. "Diga por favor, bonita."

"Desamarre-me." Ela comanda. "Agora."

"Tanta coisa para torção."

Wonder ri quando ele a libera, e juntos eles se levantam. A subida acontece tão rapidamente que esbarram uns nos outros. Agarrando os antebraços um do outro e se firmando, eles caem em um concurso de encarar. Wonder levanta a cabeça, e ele baixa a cabeça, e é um tipo diferente de olhar, despojado até o centro, sem sobrar camadas. Ela explora suas

características, quando ele embarca em sua própria busca. Esfarrapados e sangrando, eles abandonam a rivalidade. Além disso, eles dispensam animosidade, culpa e culpa.

Olhos ardendo, ela dá uma risada rápida, que ele combina.

É assim que se olha para alguém que você ama.

É assim que se sente ao ser amado de volta.

Eles nunca descobriram uma brecha ou segredo para ajudar sua campanha por livre arbítrio, mas pelo menos descobriram isso. E talvez isso, por si só, seja uma força. Como Love e Andrew, e Anger e Merry, esse vínculo pode fornecer poder a Wonder e Malice.

Se tiverem sorte, e se as estrelas os apoiarem, e se trabalharem juntos, eles poderão sobreviver a isso. Eles podem sobreviver o tempo suficiente para pesquisar mais. E a partir disso, eles vão lutar ainda mais.

Procurando sua expressão, Malice tira alguns pequenos cacos de vidro de suas madeixas. Em troca, Wonder abre a blusa e rasga o comprimento da bainha, depois a enrola no peito dele, sentindo o olhar dele acariciar sua cabeça inclinada.

Seu corpo se encolhe quando dói, então Wonder é cuidadosa. E quando ela olha para ele, ela reconhece a expressão extasiada, tendo sido treinada para reconhecê-la.

"Ninguém nunca fez isso." Diz ele.

Ela engole o nó na garganta. "Agora você tem."

A experiência é mútua para ela. Com alguma esperança, eles vão fugir. E então eles terão muitas chances futuras de curar um ao outro, apresentando-se à ternura, aprendendo como é ser cuidado e como retribuir o gesto.

Malice a agarra pela cintura. Puxando-a contra ele, ele esmaga seus lábios com os dele, beijando-a às pressas antes de soltar. Pensando duas vezes, ele se

aproxima para outro beijo, mas Wonder se inclina para trás. Por mais que ela queira prová-lo completamente, eles terão que esperar.

Mais tarde. Em breve.

A maneira como eles entraram nesta galeria os jogará no colo do tribunal. Possivelmente, outros se juntaram aos governantes, guardiões e arqueiros espalhados pelos Arquivos quando a caça começou.

Ela pega lanças de vidro, pega a mão dele e entra pela segunda saída, do outro lado da porta. Isso leva a um túnel de lanternas, através das quais eles atravessam e depois sobem correndo pelas escadas. À frente, outra porta espera no patamar, então eles trancam - depois batem na divisória, cambaleando pelo impacto.

Malice empurra o botão, usando força bruta para tentar tirá-lo do soquete. Quando isso falha, ele bate a mão contra o edifício. "Que porra é essa?"

"Eles devem ter tomado precauções." Supõe Wonder.

Acima, o alecrim derrama das lanternas. Malice cai contra a parede do corredor e inclina a cabeça, segurando os cachos e arrancando-os das raízes - não exatamente uma de suas respostas padrão durante momentos de cálculos severos. Ele deve estar perdido.

Wonder anda pelo pouso estreito. *Pense, pense, pense.*

Ela faz uma pausa, estalando os dedos. "E se nós-"

"...empurrarmos." Diz Malice, agarrando-a na parede oposta enquanto a porta geme.

Eles se preparam enquanto a saída se desenrola. Malice se vira, bloqueando Wonder. Em protesto, ela desliza para o lado dele, recusando-se a ser protegida, brandindo os cacos de vidro que ela coletou.

A porta se abre, um espectro de luz inundando o interior. Do além do véu, surge o arco e flecha de marfim e uma cortina de pelo de sálvia, seguido por um rosto mais velho que olha para Wonder com uma mistura de reprovação, exasperação e orgulho.

É o mesmo semblante de décadas de treinamento e meditação. A última vez que Wonder viu isso, ela andara furtivamente pela floresta até os Arquivos, e atacara essa fêmea, não reconhecendo o oponente até que ela deixasse a fêmea inconsciente.

Sua Guia sustenta um conjunto de arco de quartzo. "Você esqueceu isso."

A lança de vidro atinge o chão, a arma improvisada escorregando da mão de Wonder. Ela pula para frente e joga os braços em volta da anciã, envolvendo-a em um abraço sufocante. "Harmony!"

"Wonder." Diz a Guia, abraçando-a e depois se afastando para oferecer a Wonder o arco longo e a aljava. "Eu o encontrei antes do tribunal."

"Como você sabia…"

Diversão leve brilha nos traços de Harmony enquanto ela fala palavras familiares. "Você achou que eu não reconheceria seus movimentos?"

Durante a batalha na floresta, Wonder e Harmony vacilaram, registrando vagamente as singularidades das táticas de combate uma da outra. Depois que Wonder enfiou aquela flor na boca de Harmony, a Guia deveria ter despertado pensando que ela tinha alucinado.

Wonder deveria saber melhor, para não subestimar sua mentora. Em algum momento, a anciã deve ter concluído quem a atacou.

"Eu queria me convencer do contrário." Diz a Guia às pressas. “Mas o alerta confirmou o que eu suspeitava depois que você me nocauteou. Uma brecha na Câmara durante a Adoração Estelar poderia ser apenas você.” Ela olha para Malice. “Eu não acredito que já cruzamos o caminho, mas você parece

familiar. Melhor guardar explicações para mais tarde. É uma maravilha que eles não tenham ouvido você tentar arrombar a porta.”

Wonder tira suas armas. "Nós não tínhamos..."

"Isto?" Harmony sustenta uma cápsula de fluido de semente e flor.

Rapidamente, a Guia explica que o Tribunal a chamou, confiando que ela seria capaz de procurar Wonder com mais sucesso do que qualquer outro, caso Wonder se tornasse a invasora. Harmony havia encontrado o líquido enquanto vasculhava os dormitórios, fingindo caçar junto com todo mundo.

Rapidamente e brevemente, Wonder divulga que Malice criou a Flora de Asterra, permitindo que eles violassem os Arquivos.

"Mistura perceptiva." Elogia a anciã, entregando a mistura a Malice.

"Eu gosto de percepção." Ele olha para Wonder. "Sua Guia é a que você pegou na floresta?"

"Eu esqueci de mencionar isso?" Wonder pergunta.

Passos correm pelo nível, pontuados por gritos. De fato, os detalhes podem esperar. Wonder, Malice e Harmony se espalham pelas pilhas, dois níveis acima da seção restrita. Eles correm pelos corredores exatamente quando uma voz grita e a primeira corda do arco vibra.

Eles ordenam que Wonder e seus companheiros parem. Eles rugem avisos e pedidos, porque danos suficientes foram causados ao solo sagrado. Escalando esse conflito, em vez de se render, põe mais em risco os Arquivos.

Quão respeitosos deles finalmente se lembrarem do valor desse marco.

É hipócrita depois de deixar a galeria de manuscritos iluminada em ruínas. No entanto, esse episódio foi um caso isolado, não um motim completo. Talvez o Tribunal não deseje colocar esta área em risco adicional e agora se esforça para obter um resultado pacífico, para preservar o meio ambiente da melhor maneira possível.

Wonder concorda. E ela obedeceria se seus colegas não estivessem contando com ela, se ela não soubesse o que aconteceria com Malice e Harmony se os pegassem.

Ela passa por compartimentos cheios de livros, folhas e gravuras mostrando um milhão de letras de cada lado. Dentro do funil labiríntico, a primeira vibração das cordas do arco anima os ouvidos de Wonder. A reverberação assobia pelas pistas, reforçada por passos carregados com a velocidade dos asteroides.

A arma pronta fervilha como um objeto em chamas. É o barulho de uma flecha de lava cheia de vida. Quando Wonder se empurra sobre uma cadeira, ela vê o ancião encapuzado em sua periferia, o arco longo dele mirando.

Ela mergulha, esquivando-se do projétil que desliza no ar. Dando uma cambalhota ao lado de sua mentora, elas saltam sobre os joelhos dobrados e disparam, uma sincronização de flechas de quartzo e marfim que bloqueiam mais golpes e derrubam duas almas.

Flechas de ágata na distância, golpeando do lado de fora. Uma perna de mesa de ferro oscila no caminho da flecha, destruindo-a de Wonder e Harmony. Malice derrapa na frente delas, empunhando o membro da mobília quebrada como um taco, girando-o nas mãos e depois entortando os dedos livres no inimigo, acenando para que tentasse novamente. Seu olhar malicioso oscila à beira da sanidade, provocando a legião de membros do tribunal, guardiões e arqueiros.

Wonder faz uma contagem rápida, seu olhar saltando de um rosto para o outro. Ela reconhece o diretor do repositório que sempre lhe mostrava onde encontrar os melhores mapas e recantos de leitura.

E há Hope e Joy, que ela conhece desde a juventude, que devem estar nos Picos por um intervalo de servidão. Isso explica a incapacidade de seus colegas de classe de abordá-las e recrutá-las como planejado originalmente. Isso explica por que

seus colegas chamaram as duas e não receberam resposta.

As arqueiras usam túnicas à luz das estrelas e perneiras à luz da lua, enfeites de folhas e pedras preciosas tecidas em seus cabelos. Elas se preparam, se escondendo antes de exercitar o arco e flecha.

O Tribunal escolheu esse meio de defesa seletivamente, alistando indivíduos com quem Wonder tem uma conexão, aqueles com quem seria doloroso lutar contra. E enquanto a visão produz um problema em seu intestino, também bombeia suas veias com energia desafiadora.

Levantando-se, Wonder puxa a cintura do jeans de Malice até que ele se torce. Eles continuam correndo com Harmony, esquivando-se de flechas implacáveis de rochas de lava, ágata, cristal, azurita, pérola, mármore, cobre e uma dúzia de outras fontes. A Câmara espasma de cima para baixo, com títulos batendo um contra o outro.

À frente, a pista se divide em três como as pontas de um garfo. Por instinto e sem tempo para escolher, cada um deles segue um caminho diferente. A Wonder percorre o corredor central enquanto danifica a brecha. Por que eles não ficaram juntos?

Entrando no quartel de livros sobre a ética das constelações, ela conduz seus agressores para o oeste. Chegando à passagem correta das pilhas, ela empurra uma sequência de títulos, cuja ordem faz com que as estantes girem como portas, reorganizando suas posições e alterando o layout ao redor.

Baseado nos grunhidos, ela pegou seus adversários de surpresa, cercando-os com becos sem saída inesperados. Embora eles devam conhecer esse truque, não o haviam antecipado.

Wonder bombeia seus membros, voando pela nova rota. Os agressores deslizam dentro e fora de sua visão, sombras brandindo armas de arco longo,

flechas e lâminas. Localizando sua presa, eles cantam ordens e clamam instruções.

Ela não pode ouvir sobre o barulho. Nenhum eco de tenor ralado ou voo meditativo. Sem marcha latejante ou êxodo gracioso.

Onde eles estão? Cadê Malice? Onde está a Harmony?

Um arqueiro em treinamento irreconhecível vira uma esquina, bloqueando o caminho de Wonder. Ela corre na direção dele, depois desliza no quadril, arrancando o arqueiro de sua posição antes que ele solte sua flecha. O homem tomba, e o arco e flecha, que não lhe pertence.

Wonder se levanta e golpeia as armas no momento em que Malice se materializa. Tendo emergido de sua rota, ele pega o arco de nogueira e estremece quando Wonder os joga em seu caminho, então ele examina as penas de peru das flechas se esticando. O tribunal havia dado a esse arqueiro

desconhecido por segurança, ou insultado Malice até que ele se zangasse o suficiente para cometer um erro?

Cantarolando em apreciação, Malice esmaga o calcanhar na jugular do homem. “Boa tentativa, companheiro. Mas você mexeu com a deusa errada das flores silvestres.”

"O prazer é meu." Diz Wonder.

As flechas chovem de baixo e de cima. Malice pega a mão de Wonder, e eles se apressam ... Para outra prateleira? Por quê?

Tropeçando na frente de uma estante cilíndrica, ele reorganiza três títulos, fazendo com que degraus se sobressaiam do mobiliário e forme uma escada que serpenteia ao redor da coluna. A subida leva à rede de pontes no centro do funil.

Mais tarde, Wonder o lembrará de esclarecer como ele descobriu isso. Enquanto isso, ela experimenta uma onda de gratidão e uma pontada de

inveja. E ele deve ver, porque ele a favorece com um sorriso presunçoso, ao qual ela faz uma careta.

"É melhor você não estar anotando pontos." Ela declara.

"Quem? Eu?" Ele pergunta, inocente, enquanto coloca a mão no peito, os dedos abertos. Ele balança a cabeça em direção aos degraus do livro. "Vamos lá."

"Não." Ela diz, resistindo ao seu aperto. "Harmony. Eu não vou deixá-la!

“E eu não vou te deixar, porra! Mova-se!"

Outro ataque de flechas a força a entrar em ação. Eles sobem os degraus do livro e atravessam uma ponte, a rampa levando a outras escadas e níveis. Movendo-se em sintonia, desviam, agitam e bloqueiam ataques. Uma flecha de cristal atinge o ferimento de Malice, reabrindo-o para que ele sangre. Uma azurita corta a bochecha de Wonder, cortando sua carne. E amaldiçoe as flechas dos

governantes, as únicas capazes de perfurar carne quando atiradas de um arco.

Wonder e Malice chegam ao nível superior. Ao lado da saída, eles notam o Tribunal do Destino vigiando a distância, cada membro postado ao longo da circunferência das grades do funil.

Explosão. Eles nos cercaram.

Os soberanos empatam. Um círculo de flechas está em alerta.

Wonder e Malice tentam correr, o que leva os soberanos a atirar, o que força outro fogo cruzado. Valeu a pena tentar. Parando e se posicionando lado a lado, eles perdem seus próprios projéteis, quartzo e nogueira voando e bloqueando. Então eles trocam de posição, curvando-se e alinhando suas espinhas novamente, continuando a impedir ataques. A cada brecha curta no conflito, eles se aproximam da saída.

A deusa teia de aranha chama a atenção de Wonder com aquele brilho sempre presente de intriga. A fêmea não está atirando tão agressivamente quanto as outras, nem tão rapidamente.

Ela quer falhar?

O olhar frenético de Wonder se liberta, remexendo no abismo salpicado de luz verde da esfera aérea.

Onde está a Harmony? Onde ela está?

Wonder vê um brilho de marfim, o arco longo nas mãos de sua mentora. Nos pés aéreos, a anciã rouba atrás do deus encoberto, colocando o braço em posição para impedir o governante - para proteger Wonder.

O que Harmony não vê são os olhos do governante inclinando-se para baixo em consciência. Wonder sente suas pálpebras incharem. Não, ela não!

O macho gira, seu arco longo preparado e pronto. Wonder solta sua flecha antes que o deus rodeie Harmony completamente, a ponta de quartzo saltando no cóccix do macho. Enquanto a flecha não pode cortá-lo, sua magnitude o deixa desequilibrado. Seu peito empurra para fora e sua coluna se curva em um arco, a colisão arremessando seus braços para cima e para trás quando ele solta a flecha.

O arco balança, enviando o projétil de rocha de lava para o voo vertical. É uma estrela cadente, subindo, subindo, subindo. Tudo cessa, incluindo os movimentos de todos os combatentes, dezenas de cabeças inclinadas para seguir a trajetória da flecha.

Se fosse uma arma de arqueiro, poderia não ter consequências. Mas como a flecha de um membro do Tribunal, infundida com maior poder, é terrível.

Wonder e Malice apontam seus arcos para atacar, para atrapalhar o projétil, mas é tarde demais. Eles

assistem, impotentes, enquanto a rocha de lava navega no coração da esfera astral e desaparece com um clarão.

Wonder e Malice se abraçam. Eles se jogam através da ponte e mergulham para o patamar, atingindo o chão enquanto a Câmara treme - e depois treme.

O mundo explode em um prisma de luz estelar e luz lunar, filamentos prismáticos brilhando no globo aéreo. A Câmara ronca, com estantes viradas e segredos caindo no chão. O teto racha, fazendo com que os pedaços caiam enquanto os níveis se dobram, se dividem e rugem.

Uma mão com garras agarra a dela assim que o chão desaparece embaixo deles.

Ela pula com os pés descalços por uma colina florescente de jacintos, sua doçura permeando o ar. Seus dedos estendem a mão e arrancam caules delicados, colhendo flores até que ela tenha um ramalhete, um ninho compacto de botões que ela embala nas mãos. Que dia glorioso para colher flores, com o hemisfério brilhando e a grama orvalhada brilhando.

As flores mortais podem coabitar com as imortais da terra e dos picos, da luz do sol e da luz das estrelas? Isso é possível? Essas flores podem inalar o mesmo ar, prosperar sob o mesmo céu, enraizar-se no mesmo solo?

Enquanto ela pondera isso, a colina se desfaz e depois se solidifica novamente, transformando de um reino para outro. Agora, o penhasco se torna um pasto da pradaria, a elevação cai enquanto os jacintos se transformam em tremoços.

Outra adição é a romãzeira, com globos de frutas caindo dos galhos e as folhas batendo palmas como pandeiros. De algum lugar distante, cavalos relincham e cães latem, e asas de libélula tamborilam contra a corrente.

Estrelas penetram no firmamento, cacos de vidro piscando com mistérios, os planetas inchando na galáxia como se estivessem prestes a explodir. Tudo parece perto o suficiente para tocar, mas isso não deve ser viável aqui. É uma ilusão mística, de fato. Não é?

Se ela perguntar às constelações onde está, elas não responderão. Elas a trouxeram para este lugar, mas agora ela deve descobrir o resto por si mesma. Que gesto generoso, um abraço entre o destino e o livre arbítrio, dois mundos se unindo.

Mas como? Como esses reinos conseguiram isso?

Em algum lugar próximo, as páginas se agitam quando uma pessoa folheia um livro, as ações são ágeis e zelosas.

Apenas uma alma deplorável lê um texto dessa maneira.

Ela se vira, mas ele não está em lugar nenhum. Ela grita o nome dele, mas ninguém responde.

Ela está chamando o nome certo, não é? Ela está gritando pela pessoa certa? O nome certo? O nome dele?

Os céus escurecem, apagando as estrelas. Quanto mais ela grita por ele, mais escuro fica - obsidiana enterrando a escuridão da noite. Sua voz rasga uma fenda nas planícies. Tremores empurram quando o chão se abre e se enterra no cume, um bolso de nada se espalhando embaixo dela. Isso acontece tão rápido que ela grita, incapaz de pular por segurança.

A cavidade a engole inteira, o vento a açoita enquanto ela cai em um poço sem fundo, um submundo de papel picado e cinzas. Ela arranha o ar, não conseguindo pegar nada, para parar a queda.

Vagamente, ela se lembra de um conto mortal que lembra esse momento, algo mítico. Ela espera que uma figura vestida de ébano se materialize e a capture, arrastando-a com ele enquanto ele ri e a força a entrar em outro universo. Algum deus que irá alimentar suas sementes azedas e fazê-la acreditar que ela quer estar com ele, roubando-a do livre-arbítrio.

Mas não, ele não faria isso. Não mais.

E ela não o deixou. Porque ela o pegaria primeiro.

Terreno irregular e ônix aparece do nada, surgindo em sua direção - ou esperando que ela aterre. Pouco antes dela bater no chão, seus olhos se abrem.

Wonder tosse. Ela fica boquiaberta diante de um teto rasgado, com os braços e os membros nos quadris, o corpo distorcido sobre um monte de papel e pergaminho. Inclinar a cabeça produz um crânio latejante e articulações estridentes. Quando ela aspira

ar, a poeira estelar desliza por sua garganta, derretendo a secura.

Wonder contempla as vigas. E ela se lembra.

A flecha de pedra de lava. A esfera astral. A Câmara Oca.

Isso cedeu. Eles haviam caído.

"Malice." Ela resmunga em pânico.

Um conjunto de juntas acaricia sua têmpora, depois a lâmina de uma unha delicadamente delineia sua bochecha. Torcendo a cabeça, ela pisca quando um rosto estremece à vista.

Aqueles olhos cinzentos inteligentes e cachos dourados enganosos. Aquela boca dura e suja.

Malice a encara, seus olhos embaralhados de preocupação. “Shh. Estou aqui, Flor Selvagem.”

Wonder salta para uma posição sentada, abraçando-o. Seus braços nus a envolvem, segurando-a enquanto ela treme. Afastando-se, ela inspeciona os

cortes e contusões espalhados pelo corpo dele, mas ele está inteiro.

Mexendo os dedos das mãos e dos pés, ela também está intacta, embora ensanguentada. Não muito longe, armas de quartzo e nogueira estavam espalhadas, rachadas em partes, mas reparáveis.

É quando a atinge, pavor e dor batendo em seu peito. "Não." Ela grita, cambaleando a seus pés.

O que ela vê apaga o pensamento e a fala de sua alma. Sua boca se abre e seus olhos ficam nublados com a visão.

Malice também levanta. Juntos, eles observam os níveis aleatórios e as passagens inclinadas, o esmalte verde da poeira estelar e os restos de pergaminho. É um terreno baldio de lendas. Escondidos entre os ultrapassados e os proibidos, eles se esconderam, esperando serem encontrados.

Agora há apenas ruína, detritos de papel e tinta. Pedaços da esfera central repousam em várias

áreas, cada uma piscando com luzes mornas como corações lutando para bater. Em meio à destruição, pedaços do globo lutam para sobreviver.

A mão de Wonder dispara para a boca, os ombros balançando em um único soluço. A Câmara Oca é um navio afundado, uma cidade caída do conhecimento.

É o fim.

Mas onde está Harmony?

Onde estão os guardiões? Onde estão Hope e Joy?

Wonder deseja gritar, chamar sua mentora, se não por voz, e sim pelas estrelas. Mas ela não tem cordas vocais e não tem poder. Esses privilégios desapareceram sob a carnificina, porque é demais, demais.

Os joelhos dela dobram. Ela cai no chão, as páginas flutuando ao seu redor. Ela vasculha, arrancando folhetos e pedaços como flores, tentando remontá-los, transformá-los em livros de capa

dura. Seus movimentos aumentam, agitados e apressados, pegando a bagunça. Ela tem que corrigir isso, ela precisa corrigir isso, ela *irá* corrigir isso.

Malice fala com ela, mas ela balança a cabeça. Ela pode juntar tudo de novo. Ela pode fazer isso.

Agachado, ele pega as mãos dela, fechando-as com as suas. "Olhe para mim."

Ele conhece esse sentimento enlouquecido, e ela empunhou flechas contra esse sentimento enlouquecido. Wonder cai, os itens recuperados caindo de suas mãos. Ela se inclina e começa a balançar para frente e para trás, passando os braços em volta dos joelhos.

Não, não pode ser. Não este lugar.

Se ela chorar, será verdade.

Os braços de Malice atrás dela, envolvendo-a em si mesma. Sua testa pressiona a nuca dela, seus músculos em convulsão. E juntos, eles continuam balançando.

Na sua visão periférica, um ponto com alecrim salta pelas ruínas. Wonder olha para cima, varrendo os cabelos do rosto. Ela traça a iluminação, cujo caminho leva a um livro sobrevivente espalhado sobre uma pilha, com o conteúdo exibido.

É o mesmo livro que eles descobriram horas atrás, o que havia iniciado os outros para inflamar, para desencadear a armadilha. É um dos livros que foram substituídos quando ela e Malice fizeram amor contra as prateleiras.

Ele pulsa, invocando uma centelha familiar de sensações dentro dela. "Malice."

Ela não precisa dizer mais nada. Ele segue o olhar dela.

Recuperando e, em seguida, segurando suas armas, ela rasteja em direção ao livro, e no momento em que coloca os dedos nele, outro brilho sai dos escombros, vindo de mais longe. É a armadilha, ainda ativa.

Ou é outra coisa?

Wonder tropeça em seus pés. O mesmo processo se repete, com ela e Malice cuidando da sequência de livros, mancando sobre pedaços de madeira e ferro e vidro e papel. Quando eles chegam ao local que antes era a seção restrita, encontram o mesmo livro final, esfarrapado, mas ainda encadernado como os outros.

Brilha como se os tivesse esperado. E de todos os candidatos, Wonder e Malice não deveriam ter subestimado o poder concedido pelas estrelas desses livros. Sim, eles formaram uma armadilha nas mãos do Tribunal do Destino.

Mas isso não é tudo.

“Ele *é* uma trilha.” Respira Wonder.

Ela olha para Malice, que encolhe os ombros. "Que diabos nos resta a perder?"

Ela pega o tomo quebradiço, mas brilhante. O texto brilha, trechos aleatórios e frases destacando,

ficando mais saturados que o resto, destacando-se para revelar ... uma lenda.

Wonder examina o conteúdo, com Malice lendo por cima do ombro. Suas cabeças se inclinam para cima ao mesmo tempo, chegando à mesma conclusão. Um lampejo de esperança brota em seu ventre, porque é isso.

"Isso é ...", ela começa.

"... o caminho para vencer", ele termina.

É a resposta que eles estão procurando. A solução para a expedição, o caminho para equilibrar o destino e o livre arbítrio. E a resposta é tão óbvia, tão simples que sua boca se levanta em um sorriso choroso, apesar da desolação.

Os lábios de Malice entortam, refletindo seu sorriso. Seus olhos passam por ela enquanto o som de escombros se movendo chama sua atenção. Wonder endurece, sentindo a aura de desilusão, assim como Malice detecta a aura de raiva.

O horror inunda seu olhar. Ele agarra a cintura de Wonder e a gira, a rotação cortada por um sopro limpo de ar.

Malice a puxa com força. Seu corpo se rompe, desmoronando como uma corda de arco. Ele olha para Wonder, as unhas cravando em seus quadris, como se ela fosse a única coisa que o segurasse na posição vertical.

Confusa, Wonder procura seus traços atordoados. Uma das mãos dela repousa sobre a coluna inferior dele, onde um fluido espesso vaza sobre os nós dos dedos. É um gotejamento lento - da ponta da flecha passando pelas costas dele, um tiro destinado a ela.

Sua ponta se projeta do peito de Malice, direto em seu coração.

A arma é feita de rocha de lava, ejetada do arco longo de um superior: um tiro que pode perfurar.

O vermelho papoula cobre a ponta da flecha, ravinas escorrendo como tinta pelo torso de Malice e poças onde o umbigo de Wonder pressiona o dele. A partir daí, o fluido escorre por sua blusa e calça, espalhando-se em grandes flores.

O projétil finalmente desaparece, reaparecendo limpo na aljava de seu proprietário. Nesse ponto, três entidades caem no chão.

O primeiro é o do tiro com arco de lava, o arco longo escorregando das mãos do governante, suas sobrancelhas inclinadas se achatando em choque, porque não é todo dia que um superior fere fatalmente um inferior, seja a vítima um exilado, ou um rebelde, ou um arqueiro . Na verdade, isso nunca aconteceu durante o reinado deste Tribunal.

A Câmara Oca é uma ruína, e a anarquia é abundante, e assim o deus procurou vingança. No entanto, seu rosto fica frouxo, horrorizado com sua própria fúria. Uma coisa é disparar em defesa de si mesmo, dos Picos, do mundo deles. Outra é atacar um arqueiro desarmado nas costas, um jovem com menos de duzentos anos de idade.

A segunda entidade a cair é o livro ao alcance de Wonder. Por causa de Malice, ela precisa das duas mãos para equilibrá-lo contra ela. Como resultado, o volume brilhante atinge os detritos, um farol destacando-os.

Wonder leva um segundo para processar sua falta de equilíbrio, seu aperto desleixado e o sangue pulverizado em suas roupas e rosto. "Malice…?"

Seus olhos percorrem os dela, inundados de afeto, os olhos cinzas começando a embotar.

O terror toma seu esterno, o medo abre sua boca. "Malice!"

A terceira entidade a cair é ele. Ela grita quando ele resiste ao seu aperto e cai mais forte nela. Eles caem no chão, encolhendo-se acima dos destroços.

Ele cai no colo dela, a cabeça apoiada na dobra do braço dela, mais gotas vermelhas dos lábios. Frenética, Wonder limpa o sangue do queixo e do peito, mas há muito, muito, e simplesmente não para.

Chorando, ela rasga a manga da blusa, seus movimentos de pânico não conseguem impedir a hemorragia. "Não!" Ela implora por entre os dentes. "Malice, não!"

Ele apenas olha para ela, medindo aquela cor horrível, seus pulmões congestionados.

Enquanto os segundos passam, passos se aproximam. O ritmo consciente de sua guia é acompanhado pela marcha hesitante de seus governantes. Wonder solta um aviso, uma série de ameaças que são audíveis para eles, mas não para

ela. Suas orelhas estão entupidas, como se estivessem cheias de algodão, para que ela não pudesse se ouvir claramente.

Mas ela não se importa, contanto que afastem o destino.

Dedos com garras gravam seu queixo, o toque trêmulo a trazendo de volta para ele. Os traços espásticos de Malice estremecem de dor, suas narinas espalhadas por ar. Ele respira fundo, "Merda, isso ... Dói."

"Você vai ficar bem, vai ficar bem, eu prometo." Ela muda de rumo e apela para os rostos sombrios que a cercam. "Socorro!" Ela implora. "Por favor, ajudem-no!"

O pedido termina com um grito agudo, um som que cai pelas ruínas. Uma sombra cai ao lado dela, sua forma se expandindo quando Harmony se ajoelha, mantendo ainda uma distância respeitosa. A fêmea

pega o olhar desesperado e aterrorizado de Wonder e balança a cabeça suavemente.

A morte está fora das mãos de uma divindade, não importa quão supremo seja seu poder. Wonder vê a verdade negra na expressão de todos os governantes, suas cabeças inclinadas em um cessar-fogo coletivo.

Wonder balança a cabeça para frente e para trás em negação. Sua boca se apoia para reter uma resposta, um grito arranhando sua língua. Não, não, não, não, não, isso não está acontecendo. Isso não pode estar acontecendo!

Eles apenas se encontraram, apenas começaram a se conhecer. Eles deveriam ter tempo agora, tanto tempo.

Malice luta para pescar a Flora de Asterra do bolso, onde ele a enfiou depois que a mentora lhe deu. Empurrando-o na mão de Wonder, ele trabalha

com as palavras: "Eu quero minha casa... longe de casa ... longe de casa."

Wonder assente rapidamente, depois olha para Harmony, que inclina a cabeça. Ela o seguirá. Mas, primeiro, ela indica um feixe de luz estelar filtrando-se pelo teto quebrado, vindo do nível principal do Arquivo.

Malice deve viajar por conta própria, mas com sua força fracassada, ele precisará de ajuda para estender a mão. Trabalhando rapidamente, Wonder coloca o líquido nas mãos dela e de Malice, depois enfia os dedos e os segura no portal.

O mundo gira em um disco de luas e estrelas, empurrando-os para cima até que a sucção cesse. Eles sacodem, ainda no chão, exceto que este piso se estende por um vestíbulo com um globo modelo no centro. A cena oscila à vista, estantes e mesas de circulação cobertas de hera, títulos embrulhados em plástico, computadores revestidos em uma parede e

um quebra-cabeça meio acabado espalhado por uma mesa comum.

O retorno é perfeito em comparação com a partida anterior de Wonder e Malice. A biblioteca da Cidade Celestial os envolve no aroma da mortalidade - polimento de café e móveis. É noite, as portas trancadas. Mas não está vazio, porque uma figura com cabelos brancos despenteados corre em direção a eles, depois derrapa até parar.

"Puta merda." Andrew assobia. "Love!"

A deusa está ao lado dele em um milissegundo. Ela olha boquiaberta para Wonder e Malice prostrados no chão, suas roupas ensanguentadas e rasgadas. Love está prestes a surgir para ajudá-los, mas Wonder grita: "Não!"

O olhar de Love brilha com pena inexplicável e choque explicável, mas ela obedece. Olhando pela janela, ela fecha os olhos. Minutos depois, sua classe aparece, brandindo armas, mas abaixando-as quando

chegam à cena. Há espanto, mas não há espaço para alívio.

Os lábios de Anger se separam em confusão. Merry cobre a boca com as mãos, os olhos arregalados. Andrew agarra os ombros de Love por trás, ancorando-a. Inveja, com a arrogância limpa de seu rosto. A boca de Sorrow se abaixa, porque ela conhece esse sentimento melhor do que ninguém.

Ela sabe como é a angústia.

Wonder não pode prestar mais atenção. Não quando Malice desliza seu lóbulo da orelha, depois extrai algo por trás dele. Em seus dedos, ele segura uma fenda de papel rasgado para a inspeção dela, uma lembrança do colapso da Câmara Oca.

"Você tem ... uma lenda no seu cabelo." Ele suspira.

"Malice." Ela resmunga. "Malice, não."

"Diga-me ..." Ele lambe os lábios. "Diga-me quem eu sou."

Ela respira fundo, varrendo cachos dourados de suas sobrancelhas. “Você é um pária e um estudioso, um vilão e um herói. Você carrega um arco de madeira de nogueira e o cheiro de livros antigos. Você é cauteloso e engraçado. Você lê para libélulas e tem um desenho no braço. Você gosta do sabor das sementes de romã e mora nas bibliotecas. Você é meu amigo.” Ela soluça. "E eu te amo."

Ele suspira, exausto. "Era o que eu esperava."

É isso que ele sabe agora, e ela também. Uma vez, eles se perguntaram o que queriam e mais temiam. Ele disse para se conhecer, e ela disse para se perdoar.

São essas fraquezas e erros, esses pontos fortes e momentos redentores que eles enfrentaram. Ela nunca havia realmente compreendido o furo e a pressão do amor até agora. Só se tornou possível quando ela se aceitou, se amou.

Uma regra tão simples, que não precisa de lendas ou mitos. Pode-se encontrá-lo incorporado em um

milhão de livros, um milhão de parentescos. No entanto, é tão difícil de alcançar.

É uma notável semelhança entre divindades e humanos.

E agora Wonder decifra o significado da lenda. Liberar seu coração significa perdoar a si mesma pelo passado. E, para fazer isso, ela deve se estimar.

E finalmente, ela tfaz.

Ela se perdoou pelo que fez com Quill.

Através do amor imperfeito, ela tocou seu próprio valor. Ela se despediu da história e abraçou o presente, soltando um garoto e abrindo os braços para outro.

E Malice? Recuperar seu coração não significa questionar ou explorar quem ele já foi. Não, significa avaliar quem ele é hoje. E ele faz.

Eles se entreolham, compartilhando essa percepção, compartilhando-a tarde demais.

O corpo dela grita para as estrelas, por favor, não o leve, não o tire dela. Mas o destino não pode responder a esse desejo mais do que o livre arbítrio.

Os lábios de Malice enrugam, seus incisivos afiados saindo. Wonder congela, observando com os olhos arregalados enquanto os dele flutuam do rosto dela para a janela mais próxima, para uma visão das constelações. "Wonder..." Ele arrasta o punho dela para a boca e fala contra as cicatrizes da explosão de estrelas. "Eu vejo minha estrela."

Então seus olhos deixam de se mover, e eles brilham, e a luz os deixa. Esses olhos escurecem, as pupilas desaparecem. Ele relaxa nos braços dela, seu corpo cede como uma pena. Sua expressão se acalma, sem ver nada.

E então o aperto dele afrouxa, liberando a mão dela.

Do crescente de arqueiros ao seu redor, alguém grita, outro geme e outro amaldiçoa. O resto

permanece impotente e tristemente silencioso. Na periferia dela, eles largam as armas e criam um anel ajoelhado em torno de Wonder e Malice.

Ela ficou boquiaberta com o rosto sem vida dele, com os olhos vazios. Ela o sacode com ternura, violentamente. Não faz diferença, porque não há cura para isso, nenhuma lenda para reverter isso, nenhuma segunda ressurreição na qual confiar.

Ele se foi.

Eles tiveram sucesso em sua missão, mas ele se foi. Eles revelaram a resposta para esta batalha, mas ele se foi. Eles se apaixonaram, mas ele se foi.

Essa flecha tinha sido planejada para ela, mas ele se foi.

Não há mais ninguém que ela queira, mas ele se foi.

Um grito silencioso separa sua boca, suspensa por um instante. Então ela aspira o ar e solta, o som

desconexo saindo de seu ventre, de suas costelas, de sua garganta, de sua alma.

O coração de Wonder se despedaça em sua língua. Seu lamento atinge o telhado.

O barulho é encorpado e implacável, saindo dela várias vezes. "Não!" Ela uiva. "Não, não, não!" Lágrimas cortam seu rosto enquanto ela se lança sobre Malice, balançando a cabeça em seu peito.

Soluços guturais rasgam a atmosfera, derrubando as estrelas de suas vigílias. Movendo-se para frente e para trás, Wonder se esgota no barulho. O tempo todo, ela esmaga sua boca chorosa em suas ondas douradas, inalando flores silvestres e romãs.

E o perfume eterno dos livros.

Ela não para quando o fole pica nos pulmões. Ela não para quando seus protestos não o trazem de volta. Não, ela só para quando sua garganta seca, seus uivos vazando para pequenas amostras de ar.

No entanto, ela continua balançando. Ela descansa a cabeça no peito de Malice, abafando os sons dos arqueiros conversando, com ela ou entre si, não importa. Então ela começa a cantar coisas que Malice não pode ouvir, sussurrar lendas secretas, murmurar as notas que eles escreveram nos arquivos e os textos que digitalizaram na Câmara.

Talvez ela pareça uma deusa enlouquecida. Talvez esteja tudo bem.

Wonder recita em seu ouvido, que ainda é macio e maleável. Sua pele mantém o rubor como se estivesse vivo. Mas é uma mentira, e ela odeia o engano.

A discussão ao seu redor se amplia. Seus colegas chamam, suplicando, questionando, advertindo. Deixe que eles continuem, por tudo que ela se importa.

Quando ela não responde, os passos se aproximam, os saltos das botas batendo contra o chão da biblioteca. O eco ressoa pelos corredores, através da casa do deus demônio.

Sua casa, longe de casa, longe de casa.

Será a casa dela também. Ela vai morar aqui, assombrar este lugar como ele.

Esses passos teimosos prosseguem, mesmo quando ela se retrai da vibração. Um espectro se intromete, alto e varrido pelo vento. Ocultando-se ao lado de Wonder e Malice, a silhueta masculina escurece o vestíbulo já escuro, ousando apagar as manchas de luz das estrelas.

A cabeça de Wonder se levanta e ela mostra os dentes. "Você fica longe dele!" Ela rosna para Anger. “Não toque nele!"

A alma gêmea da raiva o puxa de volta. Até a agridoce Merry, junto com Love sentimental e a Sorrow empática, têm o bom senso de ficar longe.

Quem sabe o que Envy e Andrew estão fazendo? Wonder suspeita que o último esteja balançando a cabeça para desencorajar ainda mais Anger. O ex-mortal tem experiência com luto, tendo perdido sua mãe. Considerando que Envy é inequivocamente perdido, porque ele nunca avaliou nada além de seu próprio reflexo.

No entanto, para todos os efeitos, eles se preocupam com Wonder.

Wonder. Não Malice.

Nenhum deles irá lamentá-lo, porque ele tinha sido horrível com eles. A noção enche a boca de

Wonder de bile, seu paladar atacado por um sabor salgado.

O ar sopra, empurrando as estrelas que brilham pelas janelas. Outra visão se aproxima, juntamente com outro par de pés. Wonder percebe a distinção: a marcha aérea e o desânimo contemplativo. Ela vislumbra quem lhe ensinou tanto - como mirar, como ponderar, como refletir, como estudar, como descobrir.

Mas não como amar alguém, nem como perdê-lo.

Harmony se ajoelha. Em um raio de luar, a simpatia enruga as sobrancelhas da mentora, entendimento brilhando em seus olhos. No instante em que seus olhares se encontram, Wonder solta outro soluço, deixando a anciã abraçá-la, porque não há problema em sentir isso, não há problema em desencadear.

Como os humanos suportam esse sentimento? Como seus corações continuam

batendo? Como eles suportam? Como pode uma alma ser tão forte?

Por que deve doer? Por que tanto? Não pode ir embora?

Por favor, faça isso desaparecer.

Mas sua mentora não pode fazer isso, nem as estrelas. Não é assim que a mágica funciona.

A deusa se retira, olhando até Wonder conseguir se endireitar sozinha. O tempo todo, ela se recusa a deixar Malice, colocando-o mais perto.

Silenciosamente, Harmony apresenta alguns itens, colocando-os ao lado de Wonder. Isso inclui o livro que ela deixou na Câmara - a resposta para a campanha deles -, além do arco feito de madeira de nogueira.

Ao retornar ao reino mortal, Wonder não pensou em trazer nada além da Flora de Asterra de Malice. Isso e suas próprias armas, apenas porque o arco e flecha de quartzo estava amarrado nas costas.

Incapaz de resistir, Wonder estende a mão. Temendo e esperando que esteja certa, sua mão rouba a aljava de flechas, da qual ela recupera um envelope sépia contendo um buquê. É um raminho de eucalipto, trepadeira branca e uma única peônia roxa, preservada com a réplica de uma carta que uma vez ela escrevera para ele.

A primeira missiva tola, egoísta e sem vergonha que Wonder já escreveu para Malice. O que eles haviam recitado um para o outro enquanto balançava sobre seus lençóis.

O resto das cartas foram deixadas para trás nos dormitórios, incluindo a nota que ela roubara dele, mas não essa. Ele enfiou essa carta solitária no arco e flecha durante o impasse no quarto dela, antes que ela o perseguisse. Ele mantinha a nota perto, tão perto do buquê de flores, tão perto dele.

Inúmeras reações giram dentro dela, quatro acima de tudo: maravilha, pelo tempo que

compartilharam; inveja do tempo que haviam perdido; amor, de conhecê-lo; tristeza, desprovida dele.

Então uma quinta emoção aperta como um vício em torno de seus pulsos, abrindo as narinas e travando a mandíbula. Um reflexo de espelho de sua expressão venenosa e vingativa aparece nas pupilas da Guia. A qualquer momento, Wonder esmagará o corpete em suas garras.

Cuidadosamente, ela pressiona as flores e o envelope nas mãos flácidas de Malice e o coloca no chão. Ela se move com cerimônia, fazendo um punho trêmulo antes que ela possa suportar fechar suas pálpebras, fechando-as para sempre. Então os nós dos dedos dela afastam os cachos do rosto dele e o sangue da bochecha dele.

Terminada, ela beija o queixo obstinado dele.

Então ela se levanta.

Sem precisar adivinhar, Wonder sabe como ela é. Como ela nunca usou um rosto tão assassino, é possível que suas feições deixem todo mundo imobilizado. Então, antes que eles possam detê-la, ela atravessa a biblioteca com olhos encobertos e um pulso lívido. Enquanto arranca a cápsula de sementes e flores do bolso, sua mente se concentra em apenas uma coisa, um propósito, uma retribuição. Ela martela em direção a um raio de luz das estrelas, pronta para manchar a mistura na palma da mão e retornar ao inimigo. Os governantes que tiraram a felicidade dela.

Uma enxurrada de atividades segue por trás. Seus colegas gritam, rugem, gritam.

"Wonder! Wonder, pare!

" Wonder, não!"

" Wonder!"

O mundo treme quando o braço de Envy passa por sua cintura. “Ah-ah-ah. Não tão rápido, minha ninfa.”

"Saia de cima de mim!" Ela vomita. “Sai fora, porra! Eles o pegaram! Eles o tiraram de mim!”

"Querida, este não é o caminho." Resmunga o deus, lutando com ela. “Você de todas as pessoas sabe disso. Vamos agora, precisamos de você.

"Eu o tinha!" Ela grita. "Eu o tinha, e ele se foi!"

É um pandemônio, todo mundo emitindo declarações e avisos de lobby, tudo sobreposto a bobagens. Envy segura Wonder enquanto ela se debate, para que qualquer um que se aproxime dela receba um arranhão, um chute ou uma bola de saliva.

Harmony derrapa na frente dela. "Olhe para mim." A fêmea instrui, segurando o rosto sibilante de Wonder. “Olhe para mim, Wonder. Olhe para mim e lembre-se de quem você é. Lembre-se de quem ele amava. Tente lembrar-se."

Wonder fervilha, mas ela olha, olha e olha.

E, finalmente, ela se lembra.

***

Três horas depois, o corpo de Malice repousa sobre a superfície de madeira de uma longa mesa de estudo. Ladeado por estantes de livros, ele ainda segura as flores e o envelope no peito, mas Wonder o cercou com mais flores do lado de fora, e ela colocou o arco e flecha no quadril.

Ele precisa de tudo perto, tudo ao seu alcance, caso ele precise deles. Ele pode querer cheirar as flores ou conspirar para roubá-las dela. Ele pode pedir que ela releia a carta, para que também queira isso. Ou ele pode desejar um livro, ou pode querer traçar uma de suas flechas de nogueira.

Ela decide trocar de roupa, mas isso ocultaria a maneira como ele morrera, e ele desprezaria isso.

Quanto a si mesma, ela se refrescou - com a ajuda de Merry, Love e Sorrow - depois que se

acalmou. Incapaz de suportar o sangue dele, Wonder conjurou um vestido verde suave para substituir suas roupas sujas, e ela escolheu os pés descalços sobre as botas.

No momento, a raiva sai dela, deixando uma abençoada dormência em seu rastro. Ela se empoleira na beira da mesa, reorganizando constantemente as flores silvestres de Malice, incapaz de acertá-las. Se ao menos ela conseguisse acertar os buquês.

Talvez ela devesse começar de novo.

Corpos a aglomeram, um anel de estrelas se aproximando. Love e Andrew, Anger e Merry, Envy e Sorrow. E Harmony.

Eles são solidários com ela. Eles se levantam e esperam.

Carregada pela atenção deles, Wonder os olha furiosamente e, quando o faz, seus olhos lacrimejam. Entre eles, ela vê memórias e amizade. Além disso, ela vê compaixão.

Merry, com seus olhos sentimentais. Love, com o queixo firme. Andrew, com seu rosto altruísta. Anger, com sua lealdade turbulenta. Envy, com sua tenacidade suave. Sorrow, com sua severa resistência. E Harmony, com sua paciência calmante.

Eles não tinham conhecido o resto de Malice. Nem eles realmente o conhecerão, se Wonder não compartilhar o que aconteceu nos arquivos. Há muito a dizer, e eles estão aqui para ouvir.

Então, Wonder conta a história dela, a história dele, a história deles.

No final, eles entendem um pouco mais. Andrew, que conhece o luto. Love, quem conhece a metamorfose. Sorrow, quem conhece a privação. Envy, quem conhece a rivalidade. Merry, quem conhece a alienação. Anger, quem conhece a perturbação.

Harmony, quem conhece sua pupila.

Sim, e terminou dolorosamente. Mas valeu a pena.

Ao ouvir o mito da evolução de Malice, de mortal para imortal, de sua redenção, de seu sacrifício por Wonder, as divindades inclinam a cabeça, porque nunca tiveram a chance de conhecer a pessoa que ela ama. E quando cada arqueiro adiciona uma flor com pétalas em forma de estrela ao arranjo, ela finalmente parece certa.

***

O corpo de uma divindade não murcha como o de um mortal. Assim, a pele de Malice permanece manchada de vibração, esperando que um raio de luz das estrelas o atraia, para levá-lo aonde os imortais vão a partir deste ponto. Com base no firmamento e no local em que o colocaram para descansar entre os livros, restam algumas horas para que a luz mude em sua direção.

Depois disso, ele simplesmente desaparecerá.

Eles poderiam realocá-lo a todo vapor e acelerar a despedida, mas ele merece ficar em paz, e Wonder anseia por esse intervalo. Sozinha, ela vigia Malice, deleitando-se com o rosto adormecido dele até então. Ele pode descansar sem pesadelos, sem precisar que ela os mantenha afastados.

Ela promete ficar bem aqui até ele ir. Mas seus ouvidos se animam com a tensão que vem da seção de religião, onde seus companheiros se reúnem em uma onda de discórdia. Quando ela contou sobre ela e Malice nos Arquivos, ela divulgou os detalhes dessa nova lenda, a que ela descobriu antes dessa flecha de lava ... Antes de Malice ...

Ela despeja a visão de sua mente, desejando arrancá-la com as unhas.

Evidentemente, seus colegas de classe e Guia ressuscitaram o assunto, inquietos demais para adiar. Wonder se resigna a deixá-los falar, mas os grunhidos de Envy aumentam outro decibel e se

chocam com o riso de escárnio de Sorrow, no qual todo mundo empurra o par. Uma briga subsequente implica que Andrew e Merry estão tentando encurralar o grupo do lado de fora, fora do alcance da voz de Wonder.

Nesse ritmo, eles interpretarão mal as descobertas de Wonder e Malice. Sem ela lá para ter certeza, eles podem se lembrar dos fatos errados, mutilando e deturpando os detalhes, estragando completamente a lenda. Eles não?

Em troca desse texto, Wonder sacrificou o amor. Se eles não tivessem seguido essa trilha, Malice estaria vivo.

Mas então, eles não teriam encontrado a resposta. É melhor que sua vida não seja em vão, começando por acertar os detalhes. Além disso, ele odeia pontas soltas e imprecisões.

Igual a ela.

Wonder verifica o céu, assegurando-se de que isso levará apenas um momento. Inclinando-se, ela brinca com seus cachos dourados, em seguida, beija seus lábios. “Eu já volto.” Ela promete. “Não vá a lugar nenhum.”

Ela localiza seus amigos nas duas centenas, nas pilhas da mitologia. Envy e Sorrow se plantaram em extremos opostos do espaço, firmando todo mundo entre eles. Com base nos braços cruzados do possível casal, eles não aceitaram bem as notícias.

Anger já fez um ponto pertinente: talvez quando mais divindades aprenderem a amar, o destino fará a ponte com o livre arbítrio.

Ele tem razão. O amor universal é a resposta. Em todas as suas formas e configurações, em todas as suas capacidades e tropos, de cada ângulo e raiz, é a inspiração última.

A próxima pergunta é a seguinte: por onde começar? Como isso começa? Com quem?

A partida de Love e Andrew foi a centelha da revolução, que cresceu desde Anger e Merry. E agora, ela vive do vínculo entre um deus pária vilão e uma deusa floral errante.

Como proceder a partir daí? Isso depende de Envy e Sorrow.

De acordo com essa nova lenda, se duas divindades puderem escolher o amor ao invés da luxúria, elas se tornarão uma força de influência, junto com as pessoas mais próximas a elas.

Como membros da classe de elite, o primeiro anel de emoções que incluiu o próprio amor, os cinco arqueiros originais são uma base. Inicialmente, são as almas mais capazes de sentir amor.

Envy e Sorrow são os únicos dois restantes. Se eles puderem progredir para algo mais significativo, seu relacionamento selará esse vínculo.

Estranhos para amantes, amigos para amantes, inimigos para amantes, aliados para amantes.

É o amor de vários ângulos e o passo final para capacitar seu grupo rebelde, cuja composição criará um despertar, que estimulará muitos a considerar algo notável.

Eles vão começar a dizer, *e se...*

E se todas as divindades puderem sentir amor? E se eles não forem tão diferentes dos humanos, afinal? E se eles são semelhantes no coração? E se isso significa que eles são iguais?

Como isso informará o destino e o livre-arbítrio? Como isso mudará o equilíbrio?

Se imortais suficientes considerarem isso, eles podem começar a acreditar. E se eles acreditarem, a dinâmica mudará, assim como os papéis e poderes de todos os seres.

Mas a inspiração acontecerá magicamente? As pessoas simplesmente agirão e, assim, mudarão?

Ou a classe de Wonder será obrigada a solidificar a inspiração de alguma forma? Eles precisarão dar mais um passo cumulativo? Qual será esse passo?

Enquanto isso, e se ainda vier para a batalha?

É para isso que eles devem estar prontos.

Harmony procura controlar o argumento à medida que as vozes colidem, cada pessoa destacando pontos vitais. Andrew acusa Envy e Sorrow de serem egoístas. Eles o acusam de ser um ex-mortal. Love se irrita com eles por insultar seu namorado e, portanto, encarrega Andrew de acalmá-la.

Merry assobia para eles pararem, enquanto Anger late para eles ficarem quietos. Ambas as táticas trabalham em conjunto, cortando a comoção.

Como o livre arbítrio é tão confuso quanto o destino, Envy tem uma resposta definitiva. "Isso não está acontecendo." Ele se revolta. "Eu e ela? Não está acontecendo fora da foda."

"Você pode dizer isso de novo." Sorrow resmunga.

"Pelo amor do destino, Merry." Envy geme para a deusa amuada e decepcionada. "Pare de me olhar assim."

"Mas é trágico." Lamenta Merry. "Quanto você está perdendo."

“Querida, que tal uma reciclagem? E ouça bem, porque só vou dizer uma vez: não tenho nada contra foder, mas a única pessoa que estou interessada em amar sou eu mesmo.”

"De qualquer forma, não podemos controlar como nos sentimos." Acrescenta Sorrow. "E ninguém tem o direito de nos fazer sentir nada."

Wonder se inclina contra uma estante de livros e limpa a garganta, fazendo com que as sete cabeças desviem seu caminho. "Você ouviu o que acabou de dizer?" Ela responde.

Eles olham para Wonder. Em cada rosto, os vincos de preocupação se suavizam, ilustrando alívio por sua chegada e comportamento calmo. Mas há apenas uma expressão que ela daria qualquer coisa para ver - um sorriso diabólico concordando com ela.

Por um momento, o peito de Wonder dói com o próprio comentário.

Por que é algo que Malice teria dito.

E é verdade. Envy e Sorrow estão corretos. Seja ou não pelo acerto de uma flecha, ninguém pode controlar sentimentos. Não é uma escolha, mas também não é um destino.

Independentemente disso, eles podem aprender a se amar, não importa o quanto resistam. Todo mundo espera que sim, porque muitos futuros dependem disso. Não é justo para o casal em questão, mas esse é o preço de quem eles são.

No entanto, o que se pode controlar é como se reage a tais sentimentos, desde que os camaradas fiquem fora do caminho. É exatamente por isso que ninguém pode dizer à Envy e Sorrow como, ou quando, ou por que mudar. A classe deles pode incentivá-lo, mas no final, depende do par.

Principalmente, depende deles. Isso é destino e livre arbítrio.

Pelo bem de ambos os reinos, eles podem pelo menos tentar ver quais emoções surgem de seu relacionamento. Esse tinha sido o ponto de Wonder. Infelizmente, ele não produz o efeito desejado, porque depois que o grupo termina de dar uma olhada consoladora a Wonder, o argumento é retomado, retomando o ponto em que parou.

Por mais que Anger se estrague e Love pise com o pé, pronta para dar um soco na cabeça do casal, isso vai dar certo. Envy e Sorrow continuam a se opor, e a classe continua a se agrupar contra eles, e Wonder continua a observar.

Brinco de argola de Anger balança em irritação. O vestido fofo de Merry brilha como um lustre pendurado em seus tênis, seu rabo de cavalo rosa pulando no lugar. A camisa branca de Love é um pouco grande, desafiando a roupa curta que ela costumava usar. Andrew reclina-se contra uma

estante e cruza os braços, murmurando ironias e obscenidades moderadas.

Vaidoso como sempre, Envy tira seus suspensórios ostentosos. Sorrow ajusta um alfinete de segurança no colete, os lábios pintados de roxo em um biquinho.

Wonder reflete. Por todos os seus séculos de vida, ela e seus amigos são muito jovens. No entanto, para armar-lhes o poder das emoções, assumir que eles sabem alguma coisa sobre essas emoções simplesmente aprendendo técnicas e sinais sensoriais, acreditando que essa é a extensão necessária de seu treinamento e experiência? É uma falha significativa de seu tipo. Concluir que é tudo o que é preciso para entender a humanidade, muito menos a si mesmos, é um fracasso egoísta.

Para que esse equilíbrio entre destino e livre-arbítrio se manifeste, ele precisa de diversidade. Não apenas de imortais como sua classe e ex-mortais como

Andrew. Não apenas de arqueiros e exilados ativos como Merry.

Mas todas as idades. Desde jovens a anciões.

Portanto, ela está feliz por ter Harmony aqui. Durante esses procedimentos, o Guia normalmente interpõe e compartilha sua sabedoria. Seja como for, ela tem outra preocupação principal. Deixando os arqueiros resolverem isso - para *aprender* como resolver isso - a Guia se aproxima de Wonder, preocupação gravada em seu rosto.

"Seria pretensioso aconselhá-la sobre esse tipo de recuperação." Ela murmura enquanto os outros brigam. "No entanto, tenho fé em uma verdade: um dia você ficará bem novamente."

“Algum dia.” Wonder ecoa, mesmo que ela duvide, mesmo que ela acredite.

Algum dia, ela poderá reconhecer o valor desse caminho, criado por suas ações e reviravoltas da vida. Ela faria tudo de novo, apenas para ter aquele

tempo fugaz com Malice? Claro que ela faria. Mesmo que ela não pudesse mudar nada, ela mudaria.

Então sim, é uma união de destino e escolha também.

Wonder une as mãos a Harmony, apertando os dedos. Enquanto o fazem, a atenção da deusa se direciona para outro lugar, suas feições relaxando, depois elevando em renovada fortificação. "Algum dia." Ela respira. "Enquanto isso, hoje..."

Ela inclina o queixo e Wonder se vira, seguindo o movimento. A disputa da classe diminui em silêncio. De cada canto e em várias curvas, figuras aparecem com arco e flecha nas costas e cabeça inclinada inquisitivamente. Arcos e flechas da terra e do céu, de calcário e mármore, de pedras e gemas e de outros tesouros variados.

Alguns rostos são macios e corados pela juventude, outros cinzelados e polidos com maturidade. Alguns usam argolas de folhas, outros

usam tranças ou clipes de metal. Suas capas de tecido em estrela, batas líquidas e couros macios com fios de lua mudam com seus movimentos. Os visitantes brilham como raios lunares, trazendo consigo o aroma de cavernas enevoadas e falésias florescendo.

As fragrâncias dos picos.

Em torno de Wonder, sua classe se reúne, observando a aproximação das divindades. Os recém-chegados fazem uma pausa, um punhado olhando curiosamente, porque ainda não têm idade para conhecer o reino mortal, outros dificilmente lançam um olhar passageiro à biblioteca, porque serviram a muitas paisagens humanas.

Entre os convidados - alguns irreconhecíveis - estão Hope e Joy, cada mulher acenando para Wonder e sua classe.

"Isso é ..." Anger diminui, sabendo como qualquer um deles o que é *isso*.

Finalmente, é para isso que eles estão se esforçando. É para isso que eles estão fazendo campanha.

Wonder examina esses rostos, e ela pensa no combate dos Arquivos, na destruição da Câmara Oca e na morte desarmada de um pária. Com isso, o aperto em sua alma diminui, mesmo que apenas por esse momento.

Ela fala de seu coração, do lugar onde reside Malice. "Esta é uma aliança."

***

Isso é o que é. Esses deuses e deusas dos Picos viajaram para cá, desafiando o destino para ficar do lado de um pequeno grupo de rebeldes celestes.

Embora Hope estivesse presente para testemunhá-lo, nem ela nem Joy tiveram que relatar uma palavra; no entanto, as notícias de eventos recentes haviam viajado rapidamente. Uma população substancial dos Picos despreza Wonder e

Malice por invadir o solo sagrado durante a Adoração Estelar. Da mesma forma, a população os culpa pela queda da Câmara.

Enquanto outros - que já estavam questionando suas posições, especialmente depois de ouvir as histórias infames dos respectivos romances de Love e Anger - condenam o Tribunal do Destino por derrubar um deus indefensável. Não importa o quanto Malice tenha sido anarquista, atingir uma divindade desarmada e atirar nas costas dele é desonroso.

No ano passado, a turma de Wonder implorara aliados, progredindo com párias na Cidade Celestial. Quanto aos residentes dos Picos, eles não haviam recrutado tantos, a maioria dos candidatos estava se protegendo ou não atendendo à ligação.

Mas agora isso. Por trás de Hope e Joy, estão dezenas de arqueiros, aqueles que ouviram as

histórias de amor, destino e escolha. Realidades que podem ser possíveis para todos.

Há muito a transmitir. Por sugestão de Anger, a convocação decide mudar de local, concordando com Stargazer Hill, onde os participantes podem se espalhar ao redor da árvore de sicômoro, sob o crepúsculo e em meio a um carnaval de estrelas adormecidas.

Wonder escolhe ficar para trás com Malice. Ela se juntará à assembleia mais tarde, quando ele desaparecer.

Ao sair, eles respeitam o exilado caído, passando pela mesa de Malice e inclinando a cabeça. A visão descasca lágrimas dos dutos de Wonder. Enquanto ela acompanha as massas e depois para no limiar da porta dos fundos da biblioteca, Harmony beija sua bochecha, Merry a abraça e Wonder recebe acenos de apoio do resto. Ela os observa viajar para a Cidade

Celestial, uma coleção de renegados sangrando com a noite e indo para o parque temático cintilante.

Seu peito palpita. O ar muda, junto com a luz escura do céu.

A consciência e o medo a atravessam. Ela corre pelos corredores, passando por livros e trepadeiras de hera. Ao dobrar a esquina, seus pés batem, uma lamentação subindo até as bordas da boca.

Malice se foi.

***

Agora ela sabe como é a perda.

Seus pés descalços afundam na terra, a grama alta faz cócegas em seus tornozelos e pétalas roçam suas panturrilhas. E quando uma brisa agita seu vestido – da cor verde de um caule de lírio - a pequena pirueta de ar ondula o material, a bainha batendo em um gesto de despedida.

Algo parecido com o *adeus*.

De todas as palavras proibidas que ela já escreveu, ela nunca escreveu essa. Ela nunca teve um motivo para fazê-lo. Não até hoje.

Tremoços brotam através da vista, uma paisagem que não é da infância nem da idade adulta. É um reino pego em algum lugar no meio, um pasto de frutas em vez de flores, raios de lua em vez de raios de sol. Portanto, não é o lugar dela.

Não, este é o lugar dele. Ou esse costumava ser o lugar dele, quando ela mal o conhecia.

Quando ela mal se conhecia.

Uma vez ele rosnou uma pergunta para ela, exigindo uma verdade que ela não tinha sido capaz de entender.

Quem é você?

Demorou muito tempo, mas ela sabe a resposta.

No entanto, é tarde demais. Ele está muito longe dela, muito longe.

O que ela não daria para ter esse demônio de volta, para dizer a ele que ela quer a claridade e a escuridão. Ela anseia pelo rosto daquele anjo e pelo coração do diabo. Ela deseja dizer a ele que o passado não importa tanto quanto o presente.

Ela quer chamá-lo pelo nome e dizer a verdade.

Mas ela não pode. Ela não pode nem escrever essas coisas no papel para ele, porque ele nunca lerá essas palavras, nunca nenhuma palavra dela. Nunca mais.

Por que ele se foi.

Ele se foi por causa dela.

E desta vez, ele não vai voltar.

Ela se inclina e pega uma flor em miniatura do caule de tremoço, observando as pétalas saltarem contra a corrente. Fechando os olhos, ela inala uma romã e um livro antigo. E ela percebe, ele pode ouvi-la, afinal.

Se ela falar, ele pode ouvir. "Malice." Ela sussurra.

Mas o que ela não espera é uma resposta. "Você lembrou." Uma voz diz por trás.

A flor vibra de sua mão e flutua no chão. Como uma pena ou uma flecha, ele navega e depois pousa, apanhado pela grama alta que balança através do pasto, o mato de lâminas verdes e tremoços criando uma onda.

Os dedos descalços de Wonder se espalham pelo solo fresco, acolchoado na terra. No entanto, o mundo se inclina como um planeta derrubado em seu eixo, tons florais espalhando cores e dimensões por toda parte. Ela pondera se seus pés podem criar raízes e se enterrar aqui, e se isso for possível, e quanto tempo pode levar.

Talvez ela esteja se tornando uma flor silvestre ou uma árvore de romã. Ou talvez ela esteja ficando louca como ele já teve, porque ela não pode ter ouvido aquela voz. Não é tão claro, nem tão perto.

Quão forte é a imaginação? Quão feroz?

As ilusões se tornam reais?

Uma sombra toca a dela na colina, as bordas duras dele se misturando com as curvas dela, suas silhuetas se fundindo sob os contornos turvos das nuvens flutuantes. A forma masculina atrás dela se ajoelha para recuperar o pedaço de tremoço caído. Levantando-se, ele desliza as pétalas ao longo da borda do lóbulo, causando uma reação em cadeia na espinha.

"É melhor você se concentrar." Ele murmura, colocando a flor atrás da orelha dela. "Ou você perderá algo delicado."

A respiração dele desliza sobre os ombros dela, seu tom rouco arrancando seu coração. Os olhos de Wonder se fecham e sua boca se abre para provar o som. "Isso não é real."

"Hmm. Posso listar meia dúzia de lendas que não deveriam ser reais, sem mencionar algumas histórias de amor e uma reencarnação mais experiente. Por que você não medita sobre isso e olha para mim?”

"Malice?"

"Wonder?"

"Você é um fantasma?"

“Não mais”, ele diz, “por mais sexy e pervertido que isso fosse. Mas você pode me chamar de deus. Ou melhor ainda, me chame de Hades. Eu gosto de ser chamado Hades.”

Parece que ele está a centímetros dela. Mas ela não vai virar, ela não pode virar, ela nunca vai virar. Se ela o fizer, e se esse momento desaparecer?

E se não?

E o que ele disse um segundo atrás? Antes que ela largou o tremoço?

O oxigênio gagueja por entre seus lábios. “Você disse que eu lembrava. O que você quis dizer? O que eu lembrei?”

“Para voltar.” Ele responde.

Ela esperava que ele dissesse que se lembrava do nome dele ... o nome de sua vida atual, não o anterior.

Mas não. Não é isso.

Na biblioteca, Wonder beijou sua boca sem vida e jurou voltar da reunião com seus colegas de classe. Ela jurou vê-lo desaparecer, insistindo que voltaria logo.

Mas a declaração dele está errada, porque ela não cumpriu essa promessa, porque ficou sem tempo. Ela não tinha?

"Eu disse para você não ir a lugar nenhum." Ela acusa.

"Eu não fui." Um sorriso malicioso preenche seu tom. "*Ele* fez."

E não é preciso ter habilidade para saber a quem ele está se referindo. Ela foi criada com admiração, reflexões e enigmas. Ela passou a vida meditando e descobrindo. Ela cresceu colhendo mistérios e traduzindo segredos.

Oh estrelas, ela sabe quem ele quer dizer.

Mas como ela não considerou isso? Talvez ela não tivesse ousado. Pela primeira vez, ela não havia arriscado esperar o implausível.

A primeira vez que ele morreu, o destino prendeu sua alma, enjaulando-o entre sua morte mortal e o domínio de um imortal. Somente ao restaurar seu coração - valorizando-se e abraçando o amor - ele restaurou o passado. E somente quando pereceu pela segunda vez, ele realmente se libertou disso.

Malice não desapareceu. Quill sim.

Por fim, seu antigo eu, é uma memória genuína. Por fim, o garoto chamado Quill descansa em paz.

Finalmente, ele é apenas Malice. E ele está muito vivo.

"Você desapareceu." Testemunha Wonder. “A mesa estava vazia. Você se foi."

"Eh. Por um tempo." Ele fornece. "Eu estava sonhando com livros e então ouvi você sussurrando para mim. Você saiu depois disso, mas já estava voltando, porque eu ouvi você. Então, sim, você manteve sua promessa. E exatamente quando seus passos vindo para cá reapareceram na esquina, o som de você se dissolveu e eu estava sonhando novamente. Quando finalmente acordei, a biblioteca estava vazia e eu ainda estava na mesa, sozinho e grogue como a merda. Uma espécie de ressaca de morte. "

"Droga, como você pode brincar sobre isso?"

"Cristo, vamos lá. Você não me conhece agora?"

Apesar de tudo, Wonder ri fracamente.

Ele estava sozinho porque a classe dela viajara para Stargazer Hill. Em sua dor, ela veio aqui em vez de segui-los.

E por que aqui? Por que essa colina da pradaria de sua vida passada, o ambiente que ainda existe sem

mácula e inalterado? Dizer adeus a todos os lugares que o levaram. Mesmo tendo sido Quill nesse cenário, essa existência acabou por transformá-lo em Malice, o desajustado que abalara seu coração e depois o transbordara. Ela veio aqui para deixar cada pedaço dele ir.

Por isso ele sabia onde procurar.

"Você está..." Wonder se interrompe. "Você está aqui."

"Se está tudo bem com você." Diz Malice. "Caso contrário, eu posso apenas..."

Em um meio soluço, meio rosnado, ela gira.

Lá está ele, pairando sobre ela em um suéter de couro preto que se mistura ao jeans. Ele está livre de arco e flecha e sapatos, os dedos nus batendo nos dela. E há aquela coroa de ondas douradas e bagunçadas. A boca dura e imunda e o queixo astuto.

Aqueles olhos maníacos que não são mais cinzas. Em vez disso, são de um cinza sedoso, um

espelho do céu nublado ou um cofre subterrâneo. Transfixados por ela, brilham com uma emoção complexa - a mais complicada e confusa de todas.

Ele apresenta o buquê que ela deixou com o corpo dele e o prende no pulso. "Eu disse que eu devolveria eventualmente." Somente esse exilado pode gerenciar um sorriso igualmente agridoce e desonesto. "A propósito? Eu também te amo."

Wonder se lança para ele. Batendo os punhos no peito dele, ela bate nele, chorando e engasgando - e depois passando os braços em volta do pescoço dele. "Malice." Ela chora. "Você voltou para mim."

Ele a esmaga contra ele, os braços em volta da cintura dela. "Parece que eu sempre vou." Ele pega o rosto dela e levanta a cabeça, as lágrimas se fundindo enquanto ele fala contra a boca dela. “Você está na minha cabeça. Você está no meu peito, minhas costelas, minhas pontas dos dedos. Você está lá desde

o começo, antes de eu pôr os olhos em você. Você esteve lá. Eu sempre voltarei para você, Wonder. É melhor você acreditar que eu sempre voltarei."

Mal terminando a frase, a boca dele aperta a dela. E não importa que ele nem sempre possa voltar, que ele pode não ter tanta sorte na próxima vez. Não importa, porque eles não estão planejando uma terceira vez. Ele está tão vivo, e ela está tão viva, e eles estão aqui.

E isso é agora. Não então, mas agora.

Isso é real, com suas bordas imperfeitas e desvios requintados, com seus submundos eruditos e colinas errantes. É tudo o que ela quer, tudo o que precisa.

Sob esse céu mortal, eles começam de novo.

Arrastando as palmas das mãos na parte de trás da cabeça dela, Malice prende Wonder no lugar enquanto seus dentes mordiscam sua boca, então seus lábios a abrem. Eles se inclinam para um beijo. Ele é ácido no paladar, como uma fruta dura e carmesim, e

talvez ela seja doce como um broto, ou talvez eles tenham o mesmo sabor.

Seus lábios se dobram, se espalhando e rolando juntos. A língua dele passa por ela, golpeia nela, a ponta cavalgando ao longo de sua própria língua. Eles se enrolam, varrendo em um ritmo delirante - uma coisa viva, suspirando e fervilhando.

Um gemido desliza pela garganta dela, e ele a pega. Por sua vez, ele emite um ruído gutural, a vibração brilhando através de sua carne, irradiando para o núcleo. Ela sente esse som flexionar entre as coxas, causando um aperto nos músculos.

Quando sua língua molhada acaricia sua boca com um ritmo áspero, ela se entrelaça com ele. Os dedos dela caem nos cabelos dele, e uma das mãos dele se apoia em sua nuca, a outra caindo nas nádegas. Seus corpos se fundem, sua ampla forma aconchegando-se na angular dele quando eles se

lançam no beijo. Os dentes raspam, os lábios tremem e as línguas sondam.

Ofegando por ar, Malice recua para descansar a testa contra a dela. Aqueles olhos de bronze enchem sua visão quando ela sente seu vestido soltar por trás. Ela retribui mexendo no suéter de couro, que esconde muito dele.

Sua barriga voa, batendo em antecipação, o que é estranho. Eles fizeram isso várias vezes, de vários ângulos, em uma variedade de superfícies.

Ela já ficou nervosa com ele?

Sim. Mas nunca tão nervosa.

Ela nunca fez amor com Malice - *apenas* com Malice.

Wonder chicoteia o suéter por cima da cabeça, jogando-o em algum lugar, em qualquer lugar, em outro lugar. As alças do vestido caem sobre os ombros, a roupa pronta para escorregar completamente dela.

Eles afundam na grama, suas costas reclinadas, as lâminas de verde fazendo cócegas nos cotovelos e calcanhares. Malice cai no espaço entre as coxas dela, seu peso é um delicioso alívio. As pernas dela se prendem ao redor dos quadris dele, os joelhos se agitam quando a cabeça dele mergulha E, oh, Destinos, ele suga a pele flexível de seu pescoço, bem onde encontra suas clavículas.

Wonder geme, e ele cantarola, aumentando a pressão. O resultado é quase alucinante, eletrificando seus sentidos.

Arrastando o decote do vestido, ele descobre um seio inchado à sua vista. "Essa pequena pérola." Ele murmura. "Eu preciso ter isso."

Seus lábios encontram o centro, desenhando o mamilo atrevido entre seus dentes. Wonder contorce. Sua língua é um tormento, puxando-a para dentro de sua boca, circulando e lambendo enquanto suas garras traçam as tiras do vestido.

Ela protesta quando ele muda de ideia e se afasta alguns centímetros, o que apenas incita uma risada negra. Amaldiçoe-o.

Suspendendo-se acima dela, Malice lança a Wonder um sorriso torto e perverso enquanto ele aprecia os arrepios ao longo de sua pele. Sem aviso, essas unhas se mexem, cortando os fios. Limpo, o vestido cai em seu corpo.

Malice joga a roupa de lado e avalia Wonder como se ele nunca tivesse visto seus seios, barriga e coxas, nem o centro privado de seus membros. A expressão grossa e pesada em seu rosto faz com que esse ponto palpite. Ele pulsa, ficando úmido com seu olhar.

Uma linha de tecido elevado percorre seu coração, onde uma flecha de rocha de lava o perfurou. As mãos dela mapeiam a polpa acidentada da pele, de um roxo orquídea a um rosa, enquanto o pulso dele bate nas pontas dos dedos. Então ela

continua com os contornos do torso dele, a extensão dos músculos e a mecha dos cabelos no umbigo.

Ele é duro e suave em *todos os lugares*. Ela vê isso quando o jeans sai. Ele se inclina para tirar o material grosseiro de seu corpo, chutando a roupa de lado, expondo-se a ela.

Rastejando de volta a Wonder, Malice planta beijos dos tornozelos, das costelas e dos mamilos. Então ele inala as flores ao redor do pulso dela, o único adorno que ela está usando.

Deslizando em seus braços e membros, sua pélvis se instala na dela, rigidez afundando contra a umidade. É divino, esse deslizar de pele em pele.

Wonder prende as coxas em volta da cintura dele, os pés enganchando nas costas dele. Ela penteia os cachos dele, e ele inclina o queixo, querendo mais. Ele a olha com reverência selvagem.

"Eu vou assistir você." Ele murmura. “Vou assistir tudo o que meu corpo faz com o seu. Vou assistir tudo o que você sente.”

Ela morde o lábio superior. "Então me faça sentir."

"Vou estudar cada olhar, cada som, cada movimento." Ele entoa. “Vou aprender tudo de novo. Vou desvendar todos os segredos.”

"Então me desvende." Ela sussurra.

Eles estão ofegantes, trocando respirações abatidas. Suas garras deslizam sobre as maçãs do rosto, os quadris avançando contra os dela, uma moagem sutil que empurra um gemido para fora dela, um estrondo dentro dele.

"Com uma condição." Ela geme.

"Uma barganha?" Ele levanta uma sobrancelha. "Eu gosto de barganhas."

"Só se eu conseguir conquistar você também."

"Ahh, mas você já fez isso."

"Então eu farei isso de novo."

"Essa é minha rainha egoísta e curvilínea." Ele brinca, sua cintura tocando nela, empurrando-a para a loucura. “Então me faça sentir, Flor Selvagem. Desvende-me.”

Ela assente, começando com o seguinte: "Eu te amo".

As pupilas de Malice incham. E isso: "Eu te amo mais."

Não é verdade. Nisso, a pontuação é igual. Ela diria isso, mas então a pélvis dele balança para frente, seu comprimento dobrando dentro dela, enchendo-a até a borda.

A cabeça de Wonder bate para trás, sua espinha estalando. "Uh ..."

Ele não lhe dá chance de se recuperar, empurrando completamente e sem reservas. O ritmo mata o debate deles, roubando-lhes a lógica. Suas coxas se espalham ao redor dele, balançando cada

passagem de seu corpo contra o dela. Todos os sentidos giram para onde estão unidos, e unidos, e unidos.

Eles cambaleiam sobre a grama, esmagando as flores, cantando sob o céu, explodindo sob as estrelas. Ele geme de êxtase, e ela chora de prazer.

"Quem está dentro de você?" Ele pergunta. "Quem está bombeando em você?"

"Você está." Ela geme. "Você está Malice." Ela aperta seu traseiro dolorido. "E quem está cercando você?"

“Você está, Wonder. Você."

Quem é você?

Aquela questão. É a pergunta mais vital que eles já encontraram, a resposta mais esquiva que eles já perseguiram.

Isto é quem eles são. Wonder e Malice.

Ela é uma deusa das bibliotecas e flores, uma divindade errante que brinca com lendas e desafia as

probabilidades. Ela é uma pessoa que deseja, uma que medita, uma lutadora que deu seu coração a um demônio.

Ele é um deus das páginas e das romãs, uma divindade ardilosa que mexe em segredos e amaldiçoa as probabilidades. Ele é um conspirador, um pensador, um ofensor que ofereceu seu coração a uma arqueira.

Juntos, eles são tentadores do destino.

Erguendo-se para olhá-la, Malice se apoia em seus antebraços, a tatuagem se alongando e esticando seu bíceps. Ele se move dentro dela, e ela o envolve profundamente, seus corpos se mexendo em união. E eles observam um ao outro, estudam um ao outro e se desarmam.

Agarrando um dos membros dela, ele muda o ângulo, fodendo-a docemente. Seu pulso dispara, sua voz flutuando para o firmamento, prestes a se desfazer - para acompanhá-lo. Mas não é até que ele

rouba uma das mãos dela, não é até que seus lábios esboçam suas cicatrizes, não é até que ele beija as explosões de estrelas que ela realmente faz.

Esforço produz gotas de suor. Seus corpos ficam tensos como fontes, depois se quebram em mil fragmentos de luz, o som disso sacode dois reinos. A boca de Malice volta para a dela, abrindo com a dela enquanto eles gritam através das colinas, sacudindo as raízes e constelações. Agarrando-se nua a ele, ela explode para a vida, e ele a segue até lá.

Quando o frenesi desaparece, eles ficam moles. Malice aterrissa e ela o pega. A brisa agita pétalas sobre o panorama.

Ele levanta a cabeça, uma esfera dourada contra a tinta da noite. Seus estômagos esfregam enquanto procuram por ar, olhando um para o outro com espanto. Isso foi ... Isso foi ...

Eles riem. Ele acaricia seus seios, depois beija seu rosto, depois flerta em seu ouvido, murmurando trocadilhos íntimos.

“Temos séculos para compensar. Sabe o que isso significa?” Ele pergunta, apoiando a bochecha na palma da mão enquanto eles ainda estão enredados.

"Isso significa que é melhor você se sentir confortável." Diz ela, bicando os lábios dele.

E ele concorda: "Por que ainda não terminamos."

E, finalmente, eles não precisam.

Epílogo

Malice

As estrelas estão fora.

Mais ou menos como mágica, as nuvens passam, expondo uma gangue de constelações. Os celestiais brilham, as luzes sorrindo e batendo a escuridão fora do caminho. Humanos e divindades os chamam de coisas diferentes, o que é bom para ele. Há muito espaço para todas as ideias.

Qualquer um que diga diferente pode ir para o inferno, o que não pode ser tão ruim assim. Ele ouviu que o tempo está fantástico no inferno.

Faz meses desde sua segunda ressurreição. Esta noite, ele está sentado nu no topo de uma colina, com uma voluptuosa flor selvagem reclinada nos braços. Enrolada na grama, ela coloca os ombros nus no torso dele e descansa a cabeça no peito dele. Isso por si só o deixa louco. Mas então, ela sempre o deixou louco.

Desde o início, ela o afetou. Essa deusa, com sua coragem e generosidade, sua inteligência e determinação. Esse espírito, com sua mandíbula de força de vontade que ele costumava lamber, sua voz errante que transformou seu coração em um aríete, sua veia competitiva que o deixou tão duro quanto uma chave de fenda e o cabelo de calêndula que ele constantemente tinha vontade de enrolar em torno de seu dedo... Às vezes puxar, às vezes acariciar.

Tão fácil apertar seus botões, mas tão difícil. Ela entrou em conflito com ele, o encarou, adormeceu com ele. Ela o torceu e o encheu de adrenalina, rivalidade e raiva, inundando-o de confusão e desejo.

E sim, desejo. E afeição.

E depois mais. Muito mais.

Mas foda-se, aqui e agora? Este é um novo tipo de loucura, com uma nova forma. É uma loucura pacífica e feliz.

Por que o destino fez tudo isso? Por que as estrelas permitiram nada disso?

Talvez ele tivesse reencarnado por causa de sua carta a Wonder, quando expressou o desejo de saber como era a imortalidade. Talvez o céu tivesse escutado. Talvez as constelações tivessem concedido esse desejo como compensação pelo que uma de suas deusas havia feito, tendo interrompido o caminho de sua vida.

E na câmara oca? Ele poderia ter liberado Quill, mas ainda havia levado um tiro no coração. Então, talvez ele tenha recebido essa nova chance de imortalidade por causa da lenda, porque ele apenas conseguiu recuperar seu coração, porque ele apenas ganhou a recompensa. E talvez o destino quisesse se desculpar pelo governante que o derrubara durante um cessar-fogo.

Talvez tudo isso tivesse acontecido por causa de uma coisa. Ou uma merda de coisas.

Talvez um monte de estrelas tivesse se alinhado.

Não importa o quê, um fato é claro: Destino esperava isso. Foram necessários passos cruciais para unir Malice a Wonder, sabendo o que eles significariam um para o outro, sabendo que ele faria sua parte no quadro geral, na balança do destino e do livre arbítrio.

Oh. A ironia.

Malice sorri. Ele abaixa a cabeça, roçando a nuca de Wonder com os lábios, saboreando os arrepios que percorrem sua carne. Seus membros se dobram dos dois lados da rainha da biblioteca e os braços a rodeiam. Conjurando um cobertor, ele os envolve no material, suas bochechas se tocando enquanto observam a paisagem prosperar.

Faz apenas alguns minutos, e seu corpo já está fervendo. Quantas colinas eles batizaram até agora, desde que ele voltou para ela pela segunda vez? Ele perdeu a conta.

Ele morde o ombro dela. "Rawrrrr;"

Ela ri. "Novamente?"

"Isso é uma pergunta? Eu gosto de perguntas."

"Isso é perigoso." Ela suspira quando ele pega os seios dela debaixo do cobertor e lambe no pescoço. "Nós devemos nos preparar."

"Onde está a diversão nisso?" Ele faz beicinho.

"Não acredito que você me convenceu disso."

"Se bem me lembro, foi você quem arrancou minha blusa. Nós não conversamos muito desde então."

Também não é verdade. Ele geralmente tem muito a dizer quando está no meio disso.

Quanto à sua localização, com certeza. Ela está certa em fazer isso aqui, em todos os lugares. Mas, na verdade, ele gosta de pensar nisso como um ritual de passagem dos rebeldes.

Por que não abençoar o campo de batalha, dar uma dose de amor?

Malice murmura algo, ganhando uma risada aérea que desliza direto para seu abdômen, a alegria balançando através de seu sangue. É o melhor som do universo, exceto quando ela está lendo em voz alta ou gemendo o nome dele.

O nome dele.

"Malice." Diz ela, torcendo-se para receber seu beijo ganancioso.

"Wonder." Diz ele, saboreando sua língua.

Uma garganta limpa, seu tom agudo salta pelo cume. Por outro lado, uma garganta menos discreta. "O que Destino?"

O som tempestuoso percorre a atmosfera. Wonder espreita e se afasta. Malice geme, reconhecendo aquela voz trovejante.

Ótimo. Apenas quando ele estava prestes a levar sua flor selvagem para uma volta da vitória.

Droga, Anger.

Os seis rebeldes se reúnem na colina, graças a Flora de Asterra , de Malice. As constelações se agitam no cenário e os penhascos se erguem como punhos atrás da tropa.

“Vocês chegaram cedo, amigos.” Malice zomba. “O que eu te disse sobre chegar cedo? Más, divindades ruins.”

Com o rosa manchando sua tez, Wonder mexe nos braços dele. “Queridos! Nós estávamos apenas ...”

"Por favor, não esclareça." Resmunga Anger.

"Fale por si mesmo." Diz um timbre ostentoso. "Eu quero detalhes."

Malice ri quando uma pilha de roupas pretas voa para ele. O grupo deles não é tão condenador quanto Wonder, que aceita suas calças e blusa, ambas estendidas pela mão delicada de Merry, que sorri para eles.

Que ela pode falar com Malice depois de tudo? Que ela realmente aceitou seu pedido de desculpas quando ele apareceu na Stargazer Hill com Wonder, chocando todo mundo? Deve ser a antiga deusa do amor em Merry. Ela é uma romântica que confia em redenção e merda.

Tudo bem, ele levanta a boca e embota as bordas ... talvez um pouco.

Os outros permanecem cautelosos. Ele não os culpa, considerando que passaram apenas poucos meses desde o desaparecimento da Câmara oca, desde que ele se juntou ao bando celestial de renegados. Embora ocasionalmente ele faça uma piada que fará um deles bufar. Ou eles olham para ele em busca de ideia enquanto discutem táticas de conflito.

Para dizer o mínimo, o sexo no território inimigo não faz parte da estratégia. Mas talvez eles estejam se acostumando com Malice, porque no momento eles

não clamam, apenas esperam em silêncio enquanto ele e Wonder se vestem, o que leva um milésimo de segundo.

Envy assombra a cena pós-coito, sorrindo como um babaca. Ele se posicionou no extremo oposto da linha, mais distante de Sorrow, que revira os olhos para ele. Tem sido assim desde que Wonder compartilhou a última lenda com eles. Acho que os tempos quentes e pesados acabaram entre os dois, desde que neguem o que lhes foi dito.

Mas essa é a escolha deles. E é a história deles.

Andrew desvia o olhar enquanto aperta o punho na boca sorridente. Ao lado dele, Love bate o pé com impaciência, dando a Malice seu olhar padrão - aquele que afirma que ela o castrará se ele decepcionar Wonder.

Ela não precisa se preocupar. Nenhum deles tem.

Ele está aqui para ficar.

Merry aperta a mão de Anger, impedindo-o de apressar Malice. Que pena. Foder com o deus é divertido, e divertido é muito engraçado.

Mesmo assim, Anger o zangado abre a boca.

"Ah-ah." Malice bate o dedo, sua unha afiada cortando o ar. “Não vá lá, companheiro. Seria a panela chamando a chaleira de preta.”

"Você não podia esperar até chegar em casa?"

Ahh. A casa deles, longe de casa, longe de casa. Ele e Wonder compartilham um anexo na biblioteca da Cidade Celestial, um pequeno refúgio acolhedor que ela prefere ao cofre.

“Ficamos sem superfícies - e morros.” Defende Malice, arrancando seu arco de nogueira da grama e amarrando-o nas costas. “Precisávamos de opções extracurriculares. E não me diga que o resto de vocês evita ser brincalhão em público. Eu vi cada um de seus brilhos. Além disso, quem não gosta de experimentar... ”

Wonder bate uma palma na boca. Brincalhão, ele morde a mão dela.

É bom que a Guia dela não esteja aqui. Se Harmony estivesse, ela teria palavras para eles. Em vez disso, ela está de volta ao reino mortal com seus aliados, reunindo exilados e desertores.

Malice recolhe as armas de quartzo de Wonder e as entrega a ela. Juntando-se aos arqueiros, eles caminham para a beira do penhasco, onde contemplam a cordilheira coberta de púrpura, as cachoeiras enevoadas e as poças de água ao longe. No vale abaixo, uma floresta aglomera as profundezas, com os pontos prateados de libélulas jovens correndo pelas faias e salgueiros, enquanto seus gigantescos pais habitam à beira-mar.

Encobertos na floresta do vale, estão os Arquivos e as ruínas de um repositório proibido. Felizmente, eles vão reparar o dano algum dia. Eles vão refazer a

Câmara oca, porque se algo deve ser imortal, são livros.

Além disso, ele deixou seu alforje e envelopes lá. Ele os quer de volta? Eh. Não é mais necessário.

Enquanto Malice olha para o perfil de Wonder, fica claro que ele tem tudo o que precisa.

Além disso, eles conseguiram salvar a cópia de sua primeira carta para ele. Isso é bastante.

Enfim, eles não vão para os Arquivos desta vez. Não, eles têm um destino diferente em mente.

Todo mundo olha, o momento está chegando. Eles concordaram em se encontrar nesta colina e seguir em frente. A merda está prestes a se tornar real. Hora de colocar o plano em ação. Este não é mais um esquema; é o começo ou o fim.

"Estamos fazendo a escolha certa?" Anger pergunta.

"Não saberemos até tentarmos." Diz Merry. "Mas como é emocionante ter uma escolha."

"O que estamos esperando?" Love exige. "Um de nós deve dar o primeiro passo."

Malice se voluntariaria, mas ele duvida que eles o querem liderando o grupo.

Andrew fala quando ninguém mais responde. “Você sabe o que eu nunca entendi? Por que diabos o amor é o resultado de apenas cinco emoções? Se é o mais complexo que existe, não deveria haver um monte de outros sentimentos? Sentimos uma tonelada de coisas quando estamos com alguém que importa, e eu não dividiria isso em apenas um punhado. E a felicidade? E a confusão? E o *medo*?”

“Além disso, Merry sente amor, e Malice sente isso, não apenas o Infame quinteto Original. Quero dizer, nós estabelecemos que é possível que todas as divindades possam sentir isso e só precisam ser convincentes, certo? Tudo o que eles precisam são

exemplos que provem isso. Então, talvez... Eu não sei, mas talvez toda divindade seja o próprio amor.”

Bem, inferno. Para um companheiro que não pode calar a boca, ele tem algo lá.

Todo mundo para. Eles se entreolham, como se o discurso de Andrew nunca tivesse ocorrido a nenhum deles. Definitivamente não era para Malice.

Love sorri para Andrew. "Suponho que somos o núcleo."

“É por isso que a evolução começa aqui. Cabe a nós dar o primeiro salto.” Acrescenta Wonder.

Malice pode engolir isso. Parece plausível, se for pesado.

Andrew assente. "Então eu vou fazer isso."

Ou seja, ele é o primeiro a agir. Feito olhando para a paisagem, ele manca pela encosta enquanto armado com sua flecha de gelo. Love pula atrás dele, unindo seus braços.

Anger e Merry trocam olhares furiosos e seguem. A deusa pula em seu skate imortal e cruza à frente, as rodas girando suavemente pela grama, como se em terra firme. O deus da raiva caminha ao lado dela, acompanhando o ritmo enquanto cada um deles equilibra armas de néon e ferro.

Envy e Sorrow desviam o olhar um do outro, como se isso fosse fazer uma diferença danada. Até que eles tirem a cabeça da bunda e experimentem a lenda final, essa classe tem um plano de contingência para agir.

O deus arrogante e a deusa azeda entram na floresta, marchando ao lado de sua classe, formando uma linha insurgente.

Wonder olha para Malice enquanto ajusta as tiras de seu arco e flecha de quartzo. "Pronto?"

"Estou sempre animado para criar o inferno com você." Diz ele. "Ah, e quando isso acabar, estamos voltando a esse lugar."

Ela joga a cabeça para trás e ri, um som barulhento que ele nunca se cansará de ouvir. "Estou contando com isso, Demônio." Diz ela.

"Então mostre o caminho, Flor Selvagem." Ele convida.

Wonder o beija e enfia os dedos nos dele, as mãos com cicatrizes apertando as garras. E diabos, essa fêmea é sexy quando ela se arma enquanto usava um buquê. Sua deusa florescente, livre e fictícia.

Sim, ele tem isso mal. Para sempre mal.

Malice belisca a base da palma da mão, amando seu rubor alegre - amando tudo.

Que esperto. Aqui estão eles, descendo para o desconhecido, retornando ao terreno mortal. Mas desta vez, ele está inteiro. Ele se conhece, e ela o conhece, e eles ainda estão aqui.

E agora ele sabe como é isso.

***

Obrigado por ler a história de Wonder & Malice!

Pronto para Envy e Sorrow?

